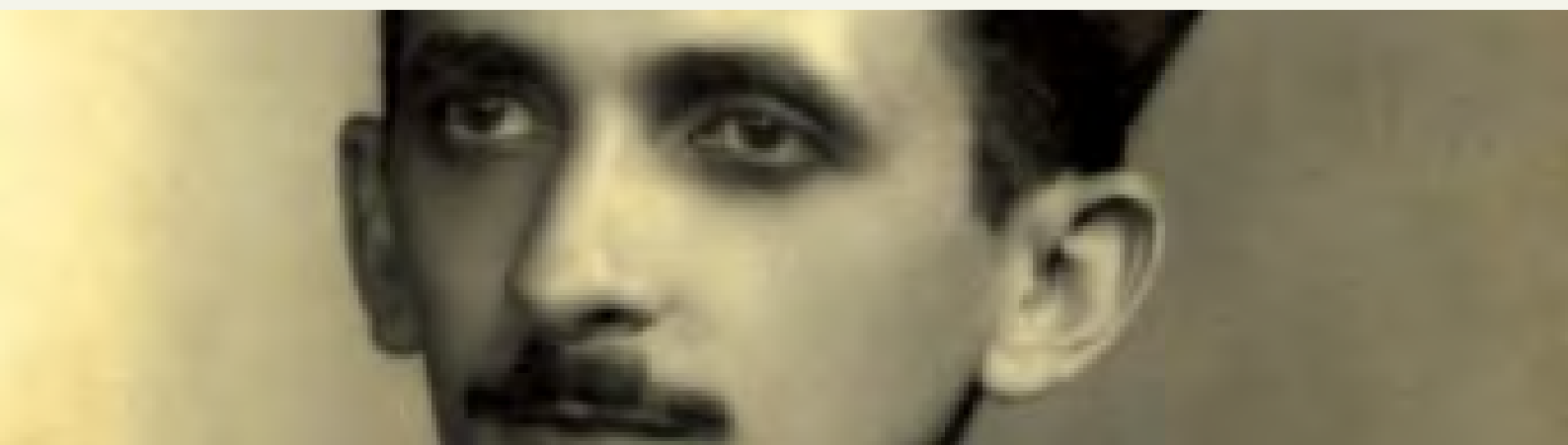


[www.coletivopaulofreire.org](http://www.coletivopaulofreire.org)

Paulo Freire Vive!



CEM ANOS DE  
PAULO FREIRE,  
CEM VOZES DE  
CORACOES E  
MENTES.



CEM ANOS DE  
PAULO FREIRE.  
CEM VOZES DE  
CORAÇÕES E  
MENTES.



## Guia de Leitura

1. Apresentação
2. Conversas de bastidor
3. Destaque - Luiza Erundina
4. Destaque - Nita Freire
5. Memórias que a vida lembra
6. Cartas em louvor à esperança e à docência
7. Depoimentos de práticas preservadas no box do afeto
8. Álbum de retratos
9. Escritas diversas iluminadas pela afetuosidade
10. Cartas de encantos com a rebeldia
11. Imagens de saborosas lembranças
12. Cartas de elogio ao diálogo e às mudanças
13. Classificados poéticos freireanos
14. Traçados de mãos encantadoras
15. Anotações e lembranças de alcance teórico
16. Para daqui a pouco
17. Currículos



*Paulo Freire Vive!*

**Coletivo Paulo Freire SP**

Queridos amigos  
Jacques e Anania Edy.

Faz este mês que, quatro anos que  
cheguei a Elza, deixava os pi-  
lhos nossos, alguma coisa ante  
o que me pa- l compreender. Deixa-  
va o Recife, seja nos  
de nomes, "7 pecados";  
para de- mesmo, tua  
da. deixava o  
me- gas, e copiei-  
a baba e goiba!"  
nês do Tropic.  
mhecidas. Deixava  
va sofrimento a  
profeta do men

Com prometi-  
AP fui voce

manuscritos

das que  
tudo nos

de um livro  
escriu.

Paulo

São Paulo  
Primavera  
68.

# Paulo Freire Vive!

"Uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível.. A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isso faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo."

(Paulo Freire)



## CEM ANOS DE PAULO FREIRE. CEM VOZES DE CORAÇÕES E MENTES.

*Nesta homenagem não perguntamos quem foi, mas quem é Paulo Freire. Fundamentalmente, como Patrono da Educação Brasileira, ele é a nossa grande referência de luta por uma educação pública inclusiva, popular, laica e de qualidade. Pensamos em Paulo Freire no presente, na ação, no vir a ser, na resistência ao contexto neoliberal que pensa a educação como formação parcial de sujeitos voltados para a exploração, não para a libertação.*

*Ao nos deixar, há algumas décadas, ele nos legou uma obra definitiva, da qual constam alguns dos livros sobre educação mais lidos e citados no mundo todo. Suas reflexões sobre o ensinar e o aprender se mesclam com projetos desenvolvidos tanto no Brasil como em outros países, mundo afora. Nesses projetos todos ficaram marcas definidoras, como a prática da liberdade, a luta contra a opressão e ao lado dos oprimidos, e acima de tudo, a esperança que vira verbo na ação – e sperançar.*

*Paulo Freire nos sustenta na afirmação de que educar é um ato político, e que, portanto, a educação é um ato transformador, libertador, que conduz à autonomia. Embora limitado por situações concretas da realidade, o homem não é determinado por elas, e pode, por sua ação, mudar o mundo. Ao tomar consciência de si mesmo e de sua realidade, ele pode agir no sentido da ação, da transformação do mundo.*

*Portanto, a educação verdadeiramente popular deve ser forjada com as camadas populares, e não para elas. A educação não se faz como algo abstrato, gestado por e para seres igualmente abstratos. Ela se faz como construção de uma relação dialógica entre quem ensina e aprende com quem aprende e também ensina, relação essa mediatizada pelo mundo. O motor que explicita os fundamentos dessa concepção é a prática ativa e reflexiva, que se configura no movimento ação-reflexão-ação. Educador e educando estão frente a um mundo que deve ser conhecido - e transformado*

*Desde as primeiras experiências em Angicos, a trajetória de Paulo Freire se realizou na direção de mostrar que essa utopia pode ser realizada. Definindo os rumos pelos quais a educação libertária e libertadora pode e deve caminhar, ele não desconsiderou o chão no qual a prática educativa se concretiza. Respondeu a chamamentos os mais diversos, mesmo na situação de exílio. Andou por muitos países e respondeu aos desafios colocados por países africanos libertados então do colonialismo. Assumiu funções como Secretário de Educação, não desconsiderando nunca sua atuação como professor formador de educadores.*

*Paulo Freire se presentifica nos grandes desafios que se colocam à educação pública nos nossos dias, no enfrentamento ao silenciamento, ao racismo, à censura, às discriminações as mais diversas, a tudo aquilo que coisifica os homens, que os transforma em meras engrenagens de um sistema econômico injusto que muitos não querem que se modifique. Paulo Freire nos convida à ação, à transformação, à mudança.*

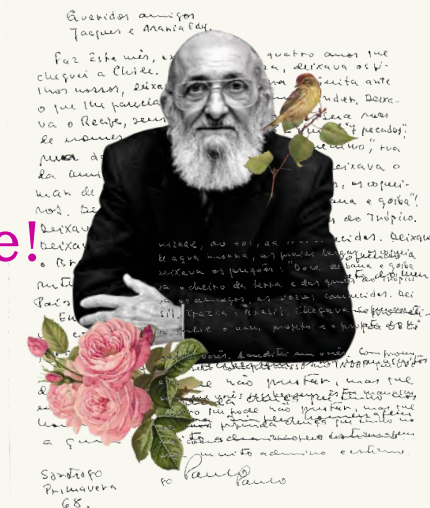
*Neste ano de 2021, muito se escreverá sobre Paulo Freire. Ele será lembrado, homenageado, sua obra será discutida, analisada. Mas nós quisemos que este livro fosse diferente. Ele foi gestado, organizado e editado para mostrar o quanto Paulo Freire foi importante nas nossas vidas. O quanto ele representou nessa nossa travessia no mundo, nós que trabalhamos, estudamos ou convivemos com ele. Nós, que de diferentes formas, compartilhamos com ele uma história, feita, como ele afirmava, de possibilidades, não de determinismos, de coisas de antemão estabelecidas.*

*E é pelo muito que ele significa para nós que organizamos este volume como um presente de aniversário, neste ano em que comemoramos o centenário do seu nascimento. Aqui essas nossas vozes se colocam em diálogo com o mestre, contando sonhos e desejos, relatando, em palavras, sons ou imagens, lembranças saborosas e memórias significativas. Aqui nossas vozes expressam compromissos sempre necessários com a utopia, com a liberdade, com a transformação, com a ética, com a esperança, com a rebeldia. Nesse pensar, fazer, escrever e lembrar, o fazemos com muito afeto e com muito carinho, por tudo aquilo que Paulo Freire representou e representa nas nossas vidas. Esta, em suma, é a nossa maneira de nos dirigirmos a ele e dizer: Parabéns, mestre!*

**Coletivo Paulo Freire - SP** 17/09/21

**Paulo Freire Vive!**

**CONVERSAS DE BASTIDOR**



Carlos Drummond de Andrade, nosso poeta maior, escreveu uma vez sobre essa incrível invenção que é dividir o tempo, fatiá-lo em calendários, dias, meses, anos, décadas, séculos... e no meio disso tudo, completando a invenção, vamos cravando datas comemorativas, festivas, memorativas, etc...Faz um bem danado à me mória.

É nesta esteira memorativa que se inscreve a comemoração dos cem anos de nascimento de Paulo Freire, nosso mestre inesquecível. Comemorar os cem anos de seu nascimento é mantê-lo vivo entre nós, sua vida e obra. Neste percurso, o Coletivo Paulo Freire, para além de apoiar muitas iniciativas e participar de outras tantas, também quer marcar sua alegria por este evento. E o grupo destacado para esta tarefa, formado pela experiência de velhos amigos e pela pronta navegabilidade tecnológica de novíssimos outros amigos, começou a pensar sobre isso logo nos janeiros e fevereiro deste ano.

Consideramos inicialmente que muitos livros serão publicados, discutindo as ideias e as propostas de Paulo Freire. Muitas revistas acadêmicas propuseram e proporão dossiês esmiuçando os mais variados aspectos da obra e do que foi realizado com base nas suas ideias. Afinal, ele é o patrono da educação, nossa referência maior. Mas nós quisemos focar um outro perfil de Paulo Freire: aquele que compartilhava esperanças, rebeldias, aquele que ouvia, que trocava impressões, que contava “causos”, que se sentava com os educadores e construía laços que iam muito além dos livros, muito além das teorias. E por isso escolhemos um caminho banhado de afetos.

**Foi de uma conversa, lá nos idos de março, com a Meyri Venci Chieffi que o Edson Gabriel Garcia apresentou a ideia de se fazer um e-book. E foi criando, lindamente, como só ele sabe fazer, seu corpo e sua alma.**

*Assim pensando, tantas sugestões apontadas depois, chegamos a uma proposta: editar um e-book com depoimentos de pessoas amigas do mestre, companheiros de trabalhos, sonhos e projetos, professores das universidades daqui e de outros países, estudiosos de sua obra e admiradores. Conversa vai, conversa vem, chegamos ao título: PAULO FREIRE VIVE - CEM ANOS DE PAULO FREIRE - CEM VOZES DE CORAÇÕES E MENTES.*

*O próximo passo foi desenhar e sugerir, para facilitar aos convidados, tipos de homenagens, algo parecido como gêneros textuais, ainda que as sugestões abrissem para outras possibilidades, tais como fotografias, vídeos, desenhos, bordados etc. Elencamos centenas de nomes para serem convidados, sempre com o temor de esquecer alguém, escrevemos uma carta convite, explicando do que se tratava o evento "e-book" e começamos, em meados de março a distribuir os convites. Deu de tudo: gente que respondeu de imediato, gente que precisou ser convidado/a pessoalmente por telefone, gente que pediu para ser lembrado/a, gente que indicou outros nomes... Sinalizamos uma data fim para receber as homenagens: inicialmente 31 de maio, depois prorrogada até 15 de junho e ainda agasalhamos uma ou outro até dia desses.*

*E as homenagens foram chegando, superando muito a nossa modesta previsão de cem homenagens, já que estávamos festejando um centenário! Recebemos quase duzentas homenagens...E tão interessante quanto esta superação numérica, foi, bem ao estilo freireano, ter recebido produções que não se encaixavam nas sugestões que fizemos na carta convite. E aí, ao sabor do "caminho se faz ao caminhar", redesenhamos o formato do e-book, ajustando-o à maravilhosa produção recebida. Das sugestões iniciais saltamos para uma estrutura maior, mais diversificada, mais saborosa. Não foi fácil, mas foi muito bom recriá-la à luz da variedade criativa e de transbordante afetuosidade. A beleza indicou o caminho da estrutura.*

*Lembranças pessoais, memórias de trabalhos parceiros, ensaios acadêmicos, poemas de carinhosos versos, cartas e bilhetes com refrescantes mensagens, imagens povoadas de afeto, tudo realçando a presença de alcance mundial de sua vida e obra.*

**Essa imensidão de tarefas foi dividida e compartilhada pelo grupo todo, formado por Antonio Gil Neto, Caue Fernandes, Diego Vieira da Silva, Edson Gabriel Garcia, Fernando Chieffi Moraes, Geni Rosa Duarte, Luzia Suely Bernardi, Maria José Reginato, Meyri Venci Chieffi, Olga Kalil Figueiredo, Regina Célia Santiago Carvalho, Ricardo Costa Dobrowisch, Roseney Rita Teggi Kotait, Samantha Meconi e Victor Almeida Compani Garcia. Nos debruçamos nas mais distintas tarefas, muitas vezes aprendendo com o próprio andamento da montagem do e-book: convidar pessoas para participar, cobrar a produção, decidir sobre alterações em textos e na estrutura do e-book, palpitar sobre o projeto de arte, diagramação, tipos usados e ilustrações, escrever pequenos textos de ligação entre uma parte e outra, ler e revisar tudo o que escrito, desenhado, bordado e falado, amarrar as pontas e cortar arestas... Voluntariamente, por compromisso com a educação pública brasileira, pelo prazer da aprendizagem em comunhão e pela certeza da homenagem merecida. Nosso pedido antecipado de desculpas por eventuais desacertos cometidos por nós, amadores da tecnologia da informação que somos. Os desacertos e desvios podem ser apontados e enviados para nós pelo e-mail: [ebookcoletivopaulofreire@gmail.com](mailto:ebookcoletivopaulofreire@gmail.com)**

**Num caminho longo, há sempre o que suprir na demorada lista de detalhes. Um deles, encontrar pessoas, buscar contatos, sugerir nomes e grupos e estabelecer ligações foi desempenhado com maestria, rapidez e alegria pela Olga Kalil Figueiredo. Ninguém escapou da sua lupa.**



*Paralelamente à organização estrutural fomos alinhando uma ilustração sensível, delicada e complementar. Ornamentos aos olhos, casamento perfeito com as homenagens. E, alguns de nós, que nunca havia passado perto dessas inovações tecnológicos, foram descobrindo ou reforçando sua veia artística na condução do trabalho ilustrativo.*

**Nesse pedacinho especial que foi dar imagens bonitas ao e-book, casando palavras sensíveis e bonitas com imagens de fino visual, destacamos o bom gosto irretocável do Antonio Gil Neto. No que foi acompanhado pela Samantha Meconi e pela juventude do Caue Fernandes, do Diego Vieira da Silva, do Fernando Chieffi Moraes, do Ricardo Costa Dobrowisch e do Victor Almeida Compani Garcia nas decisões da diagramação e escolha de tipos.**

**Impossível passar batido sem citar o trabalho pesadíssimo – que quem o faz, sabe do que estamos falando – assumido pela Maria José Reginato e Roseney Rita Teggi Kotait de ler e reler tudo, enquadrar nas categorias, revisar pequenas instabilidades da criação e propor correções ou alterações quando isto se fez necessário**

*Dezenas de reuniões virtuais, sempre às terças-feiras, depois da ideia inicial, em que discutíamos semanalmente, desde a dúvida entre usar "freireano ou freiriano", questão resolvida com o uso democrático de ambos, e a escolha final do título, das ilustrações e da distribuição definitiva da estrutura, passando pela pesquisa sobre a data real de sua volta ao país, 1979 ou 1980, e por sucessivas decisões de ajustes na combinação das ilustrações e diagramações, chegamos ao momento de disponibilizar para todos e todas este e-book, neste setembro de 2021.*

**Registramos agradecimentos pela consultoria precisa e confortante do Jefferson Silveira Gomes com suas dicas. Também cabe um agradecimento às leituras comentadas solicitadas e feitas pela Sonia Maria Madi Resende e Ana Maria Valente Roveran. Os olhares de fora focando eventuais desvios internos. E especialmente a Jose Luiz Primo Dias por seus comentários pertinentes e esclarecedores e por colocar sua competência técnica à disposição de nosso trabalho.**

E... sobretudo e principalmente, reverenciar a coordenação de todas as atividades e de todas as reuniões virtuais das terças-feiras feita pela Meyri Venci Chieffi, rigorosa e minuciosamente coadjuvada pelo Edson Gabriel Garcia e pela Luzia Suely Bernardi, artesãos que foram costurando nossos fragmentos, desejos, propostas e realizações, acompanhados de perto, pela Geni Rosa Duarte, com seu olhar histórico dando posturas e legendas para as imagens, bordados e áudios, e pela Regina Célia Santiago Carvalho, sempre na escuta próxima.

*As intempéries, alucinações e desastres políticos que vêm nos atribulando nos últimos anos não poderão embaçar a emoção, o prazer e o mérito dessa homenagem àquele que foi, é e continuará sendo o maior educador brasileiro de todos os tempos: Paulo Freire. Com vocês, por vocês e para vocês, para leitura virtual, sem compromisso com rituais formais, nosso evento de comemoração do centenário do mestre: **PAULO FREIRE VIVE CEM ANOS DE PAULO FREIRE - CEM VOZES DE CORAÇÕES E MENTES.***

**Grupo Coordenador do e-book**



**Coletivo Paulo Freire - SP**

# Paulo Freire Vive!



*Erundina: um sopro de  
compromisso no caminho da  
educação paulistana*

Souhar o sonho impossível  
Lutar contra o combatível inimigo  
Tolerar com insuperável tristeza  
Correr até onde o bravo não te atreves  
Justificar o erro injustificável  
amar puro e virtuoso, de longe





## Paulo Freire Vive!



Queridos amigos  
Jacques e Anania Edy.

Faz 23 anos que  
cheguei exatamente  
1 hora e 15 minutos  
deixa a  
o que eu  
va o Rel  
de  
anos que  
va os bi-  
ta ante  
Deixa-  
a mes  
"7 pecados";  
"

Pais.  
Encontrei vocês. Descobri  
um amor e seu compromisso  
para a vida.  
Gracia que vocês receberam  
de um livro que pode não muito  
descobrir a profunda criação  
humana, como em a simples história  
a quem muito admiramos e amamos.

Santiago  
Primavera  
68.

Paulo

Da Nita pro Paulo: uma  
carta com cochichos de um  
coração apaixonado



## Paulo, meu querido Paulo

Faz tempo que você se foi, me deixando saudosa e triste. Sem saber o que fazer de minha vida sem você. Por muitos anos me perguntava: o que faço no mundo sem você? Foi um dois de maio que ainda provoca sentimentos fortes de perda e dor, 24 anos depois. Coisas sem explicação e sem decisão nem minha e nem sua. O que queríamos, na verdade, era que os últimos 10 anos continuassem por mais um longo tempo de cumplicidade, enlevo e amor. Que a alegria continuasse fazendo parte de nossa cotidianidade.

Estivemos juntos no dia 1º, fazendo projetos de vida, de viagens e trabalhos. A amiga nos disse “marquem a viagem para a lua, só lá vocês ainda não foram.” Respondemos que falávamos de amor e fazíamos conjecturas de como seria um semestre em Cambridge. Você dando aulas na Universidade de Harvard e eu aprendendo um bom inglês para não ter mais medo de falar, em público, a língua de Tio Sam. Queria aprender coisas boas e bonitas, que, lá as tem, embora muitos duvidem.

Você sonhava em sentar-se na praça em frente à livraria da Harvard, como tantas vezes você fez em 1979, quando lecionou na famosa universidade norte-americana pela primeira vez, onde se aglomeram professores e alunos/as do mundo todo. Conversas em tom muito alto e rádios portáteis com rock and roll agitando a juventude. Conversas ao pé do ouvido entre casais enamorados. Homens de saias compridas, brincos e colares coloridos, aos bandos chamando a atenção. As garotas felicíssimas com a nova moda, a de Mary Quant, que introduziu verdadeira revolução no estilo de vestir que, conseqüentemente, teve grande repercussão nos novos comportamentos femininos. Cada uma delas queria mostrar suas pernas e coxas, partes do corpo feminino proibidas, historicamente, de serem expostas pela censura religiosa e moral até os anos 1960.

Paulo, você foi um dos que ficaram espantados, mas sem nunca condenar a ousadia delas, sempre em competição, “ficava muito bem-comportado como foi durante toda a sua vida”. Assim, elas nunca perceberam seu interesse em conjecturar os efeitos na sociedade dos novos costumes nunca antes pensados, olhando-as, observando-as.

A pílula anticoncepcional e as minissaias imaginadas pela estilista inglesa dividiram o mundo feminino “do antes” – recatado, de valorização da virgindade e da mulher no lar – e o mundo contemporâneo do - ninguém me controla, ninguém tem nada com o que faço e eu sou livre e não abro mão. O feminismo surge com força contra o machismo exacerbado então vigente.

*Coloquei nesta carta de amor nossa foto em frente da casa na qual você morou enquanto lecionou em Harvard. Foi aí que você escreveu o seu livro Ação cultural para a liberdade, que você desejou que se chamasse Ação cultural para a libertação, mas que optou pelo 1º título porque certamente a censura da ditadura civil-militar iniciada em 1964, proibiria.*

*Paulo, tenho muitas fotos suas e nossas sobre a cômoda em meu quarto e sempre, através delas, converso com você. Mirando sua imagem, olhos brilhantes, rosto manso, sorriso contido, postura elegante. Sinto falta de você, mas me iludo sentindo que você está ali em corpo e alma. Fico imaginando o dia de sua volta. Não sei aonde, mas como você, sei que um dia vamos nos unir para continuar a vida interrompida em 2 de maio de 1997.*

*O amor pode derrubar barreiras, e imaginarmos o que nossa vontade quer, nossa imaginação sonha e nosso corpo sente como verdade. O amor é capaz da destruição da realidade em nossa mente. Isto não é esquizofrenia, é saber que nosso desejo, a nossa paixão tem o sabor e o gosto de nos “enganar”, mesmo que seja apenas para garantir o sonho, a vontade e o querer. O amor.*

*noite de 3 de junho de 2021*

*Nita*



*Ano do Centenário do nascimento de Paulo Freire, o Patrono da Educação Brasileira.*

..Deixava o Brasil. Trazia o Brasil.  
Chegava sofrendo a ruptura entre meu  
projeto e o projeto do meu País. E encontrei  
você. Agora eu e você. Comprometi-me

Atividade

esses m

f.

cre.

simple

veia de 68

Paulo,

# Memórias que a vida lembra



# Memórias que a vida lembra

- 1. Paulo Freire: Patrono da Educação Brasileira**  
*Luiz Gonzaga de Oliveira Pinto*
- 2. A dor do exílio**  
*Elvira de Souza Lima*
- 3. Um educador sempre presente**  
*Lisete Regina Gomes Arelaro*
- 4. (Re) Encontrando Paulo Freire**  
*Josafá Rehem Nascimento Vieira*
- 5. Ao espírito de Paulo Freire, o abraço afetuosos de um itaquerense**  
*Valter de Almeida Costa*
- 6. Evocações - Encontros com Paulo Freire**  
*João Carlos de Souza*
- 7. Lembranças das minhas interações pessoais com Freire**  
*Demétrio Delizoicov*
- 8. Lições de Afeto e Amorosidade**  
*Sandra Greco da Fonseca*  
*Antonio Carlos Machado.*
- 9. Memórias**  
*Marisa Garcia*
- 10. Memórias de 1997**  
*Laura Cymbalista*
- 11. A memória modula a emoção**  
*Laurinda Ramalho de Almeida*  
*Jeanny Meiry Sombra Silva*
- 12. Quando tudo começou**  
*Natalia Figueiredo Goncharenco*
- 13. Memória, consciência e afeto**  
*Marcos Barreto*
- 14. Paulo Freire Vive**  
*Carmem Silvia R. Taverna*
- 15. Paulo Freire, patrono da minha educação!**  
*Celso Vaconcellos*
- 16. Paulo Freire, um pouco**  
*Antonio Carlos Fester*
- 17. Professor Paulo Freire**  
*Antonio João Thozzi*
- 18. Rascunho e café naquela manhã com Paulo Freire**  
*Antonio Gil Neto*
- 19. Um sonho que se tornou realidade**  
*Marivaldo Costa Moreira*
- 20. Valmira viu a água**  
*Rui Alves Grilo*
- 21. Vida, morte, Vida**  
*Manoel Romão de Souza*
- 22. A máquina fotográfica**  
*Vânia de Azevedo Lage*
- 23. A presença do Mestre**  
*América dos Anjos Costa Marinho*
- 24. Minhas lembranças imaginárias ao pé de Paulo Freire**  
*Fernanda da Silva Ribeiro*
- 25. Depoimento**  
*Iraci Ferreira Leite*
- 26. É preciso saber viver**  
*Anna Helena Altenfelder*
- 27. Em celebração à natalidade**  
*Edna Domenica Merola*
- 28. Memória de uma São Paulo feliz**  
*Pedro Paulo Chieffi*
- 29. Memórias que a vida conta – Paulo Freire na minha história**  
*Rosaura Aparecida de Almeida*
- 30. Os sentidos de mundo que vem do mestre**  
*Celso João Carminati*
- 31. Paulo Freire ralhou comigo!**  
*Luciana Vitor Cury*
- 32. Paulo Freire na minha vida**  
*Cassiano Alves Macedo*
- 33. Paulo Freire, professor amoroso**  
*Eulina Pacheco Lutfi.*
- 34. RAP...Ensando a Educação**  
*Maria José Santos Silva*
- 35. A tarde da despedida**  
*Regina Estima*
- 36. Tatuagem**  
*Sidnei Dalmo Rodrigues*
- 37. Uma entrevista com Paulo Freire**  
*Mário Bonciani*
- 38. Uma experiência significativa com o Educador Paulo Freire**  
*Moacyr da Silva*
- 39. Em uma cena, uma aprendizagem para a vida**  
*Vera Maria Nigro de Souza Placco*
- 40. Breve Relato de Longa Amizade**  
*Luís Carlos de Menezes*



# Paulo Freire: Patrono da Educação Brasileira

**Luiz Gonzaga de Oliveira Pinto**

Há muitos anos, tive a oportunidade de participar de reunião com o educador Paulo Freire, homem de grande sabedoria educacional. Na ocasião, a muitos de nós, iniciantes diretores de escola pública estadual, passou-nos importantes mensagens que nos serviram de guia para iniciativas fundamentais na condução do processo pedagógico de nossas unidades escolares, na perspectiva de uma escola democrática e participativa.

Nesta comemoração dos 100 anos de Paulo Freire, nos juntamos àqueles que sempre o respeitaram como o grande educador, elegendo-o **Patrono da Educação Brasileira**.





# A dor do exílio

**Elvira de Souza Lima**

Conheci Paulo Freire numa noite gelada do inverno, na Suíça, em 1975. Estava ele na mesa de jantar, em seu apartamento, rodeado por D. Elza, filhos e amigos dos filhos. Lá cheguei por ter um amigo em comum com os filhos dele.

Ao saber que eu acabara de chegar do Brasil, me fez muitas perguntas. Vi sua satisfação ao saber que eu conhecia e acompanhava o Movimento Armorial: sim, eu conhecia bem o Quinteto Armorial e Suassuna, e por aí foi a conversa. A um determinado momento me perguntou se eu ficaria na Europa para estudar ou se iria regressar ao Brasil. Nem me passava pela cabeça, na época, sair do Brasil para fazer o mestrado, que eu iniciaria em breve na PUC de SP. Eu disse, enfaticamente, que voltaria.

Foi aí que mudou sua expressão, com olhos fixos num ponto qualquer do infinito, provavelmente em seu Pernambuco distante, separado pelo oceano, disse com uma dor infinita “eu não verei mais as palmeiras de meu país”. Quase um sussurro, uma dor pungente. A dor do exílio. Caiu um silêncio na sala.

Muitos anos depois, já no Brasil, fui apresentada a ele. Quis dizer no momento “que bom que você voltou a ver as palmeiras de nosso país.” Não ousei. Mesmo porque havia uma felicidade incontida em seus olhos.





# Um educador sempre presente

**Lisete Regina Gomes Arelaro**

No início da década de 80, Diadema era considerada a “cidade vermelha”, não só pela cor de sua terra, mas porque foi a 1ª cidade no Brasil a ser governada pelo PT, já em 1983, e permaneceu com o mesmo Partido por 25 anos ficando conhecida como a cidade de maior participação popular. A razão disso foi a extensa participação da população nos mutirões para construção de casas, o que possibilitou que cada morador/a que havia ocupado um terreno público conseguisse sua moradia.

No mês de outubro de 1995, foi realizado o 2º Congresso de Educação de Diadema, na 3ª gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade (1993/96), quando eu respondia pela Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECEL).

Esse dia foi muito importante porque o Ministro da Educação ouviu que ele ia aprender como se organizava um movimento de alfabetização de jovens e adultos que fosse competente, estimulante e libertador.

A secretária de educação estadual (Tereza Roserley Neubauer da Silva – gestão Mário Covas I - 1995/98) não pôde ser convidada porque foi vetada pelos/as professores/as, uma vez que ela havia feito uma reorganização da rede de ensino separando escolas, grupos de alunos/as, visando a uma municipalização acelerada e sem planejamento da rede estadual de ensino. Alegou até a existência de alunos “fantasmas”, em cerca de 100 mil, só para aumentar o número de alunos/as por sala.

Os congressos eram espaços político-pedagógicos para a troca de experiências entre professoras/es, alunos/as, especialistas em educação. As conferências diziam respeito às diretrizes da SECEL e os problemas candentes da conjuntura local e nacional.

Paulo Freire, naquela ocasião, além do lançamento das bases do Movimento de Alfabetização de jovens e adultos (MOVA) no ABCD, discutiu sobre a importância da atuação em diversas áreas sociais, razão pela qual considerava interessante a união da cultura, do esporte e da educação, na mesma secretaria. Ponderava que as atividades que se desenvolviam na Cidade poderiam contribuir para não só uma maior participação popular, mas, e principalmente, uma visão menos fragmentada do ato educativo.

Ficou entusiasmado com as atividades do Mulheres em Movimento, conjunto de mais de 500 mulheres que além de fazerem ginástica, duas vezes por semana, em espaços públicos, com professor/a especializado/a, participavam dos Conselhos de Saúde e dos Conselhos de Escola.

Achou importante o projeto Pé na Rua que levava o governo municipal, de 15 em 15 dias, a estar num bairro da cidade e possibilitar que o povo tivesse acesso direto ao Prefeito e seus secretários para fazerem (e cobrarem!) as suas reivindicações para melhoria das condições de vida no bairro.

Tivemos o privilégio de contar com a presença do professor Paulo Freire nos 3 congressos de educação que promovemos e onde pudemos ressignificar a missão do/a professor/a na teoria e práxis freireanas, tanto em relação à importância fundamental da gestão democrática no cotidiano escolar e ao nos lembrar que “ninguém luta contra coisas que não conhece”. Por isso, a necessidade de conhecermos a história de vida e de trabalho dos nossos/as alunos/as

para que nossa função de mediadoras do conhecimento possa ser efetivada e a transformação social, o objetivo de uma educação crítica e libertadora!

Que saudades de Paulo Freire!! Paulo Freire vive!!

Viva o centenário de Paulo Freire!!



Foto da abertura do 2º Congresso de Educação de Diadema em 1995

Estão presentes o então Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza (Governo FHC I - 1995/1998), na última vez que ele participou de algum Ato público com a esquerda; José de Filippi Júnior, prefeito de Diadema, eu, na condição de Secretária de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECEL), nosso querido Professor Paulo Freire, Nita (esposa de Paulo Freire) e representante do Sindicato de Trabalhadores Metalúrgicos de São Bernardo e da CUT.



# (Re) Encontrando Paulo Freire

**Josafá Rehem Nascimento Vieira**

Paulo Freire para mim é um catalisador, uma síntese de trajetórias.

Quais trajetórias?!

A multiplicidade de caminhos, certezas, dúvidas, medos, necessidades. Nenhuma possibilidade de atuação no singular. E a carga, a potência e a complexidade das (con) vivências proporcionaram as experiências mais extraordinárias desse nosso arranjo possível e aí sim, singular.

Tentarei traduzir.

Para um ser humano nascido em 1969, morador de cortiço, familiares migrando do nordeste, Paulo Freire sempre aparecia disfarçado (ou seria sintético?)...

Pouco falávamos de política em casa. Tampouco de Educação, o máximo foi celebrar a aprovação de minha mãe no Movimento Brasileiro de Alfabetização (1973).

A escola, espaço encantador e aterrorizante nos idos dos anos de 1976, 1977, 1978, 1979, 1980; práticas contraditórias conviviam numa disputa velada sobre seus rumos. Os ventos de liberdade e democracia pediam passagem.

E a alegria, o protagonismo das crianças e dos jovens; o engajamento das mães, as associações de bairro comprometidas com a luta e com a vida iam criando o mosaico qu'eu criança de pouca idade não sabia reconhecer racionalmente, mas os sentidos todos captavam.

Paulo Freire chamava-se Thozzi, semeador de sonhos, letras e vida.

Paulo Freire chamava-se Luzia, jovem educadora que se importava com o que pensávamos, dizíamos e principalmente sentíamos!

Nanci, Leide, Nádia, Valter, Augusto, Jorge, todas essas pessoas eram Paulo, pois tentavam fazer com que a escola não interrompesse a vida.

Professor Otto e seu canto coral - era como se rezássemos por liberdade.

Qualquer possibilidade de sair da fila e de nos colocarmos em pé, era saudada como a própria vida!

E a cada momento e movimentos, Paulo ia se apresentando em outras experiências.

No ensino médio, com a necessidade de reorganizar as forças progressistas do país, confesso que contraditoriamente Paulo Freire deu uma sumida da minha vida.

Ou será, estaria ali novamente disfarçado?

Manuel, Dogival, Adélia e outros tantos porta-vozes de liberdade e alegria.

Greves, manifestações e debates. Agora os professores eram mais firmes, duros até... Mas isso tinha relação com o nosso amadurecimento.

O repertório de expoentes da luta política dos séculos XIX e XX apresentava novos nomes: Lênin, Trotsky, Rosa; contribuições muito importantes, mas sentia falta de algo mais parecido com minha mãe e com meu pai.

Sentia falta de uma Dandara, Zumbi, Lampião, Sepé Tiaraju, Che, Ana Néri, Darcy Ribeiro, Boal, Glauber; e ao sentir falta de algo mais original, sentia a presença novamente do professor Paulo Freire.

Na fase acadêmica o meu (nosso) Paulo Freire foi novamente silenciado. A Escola de Educação Física da Universidade de Mogi das



Cruzes, técnica e eficiente, jamais daria vida mansa para essa "conversa mole" de democracia, diálogo, povo, alegria. Mas vou dizer, já estava ficando tarde, até a educação física tendo como uma das parideiras as experiências de Esparta, nem ela se sujeitava a certos arroubos antívida.

E eis que conheço Celi Taffarel, Lino Castellani, João Paulo Medina, Manuel Sérgio, cada um e cada uma mais sedento e sedenta desse Paulo Freire que vem buscando habitar o Brasil.

Conheci Luiza Erundina antes de conhecer Paulo Freire!

Conheci a favela e a alegria antes dos bancos escolares.

Tenho a impressão de compor uma turma a qual o abandono da escola era uma questão de tempo. E cá estou há 46 anos reencontrando cada um e cada uma que compõem esse lindo painel que é a luta progressista de nosso povo.

Os nomes são pequenas pistas para apresentar esse catalisador que é a luta pela educação pública socialmente referenciada, que tem na figura do professor Paulo Freire uma referência internacional, mas que é esparramada e potencializada no seio da população mais simples que persegue condições mais decentes e íntegras de vida.

E que de alguma forma são os protagonistas dessa caminhada.

Depois de muito tempo, descobri que Paulo Freire inspirava e hospedava meus familiares quando apontavam que a educação poderia proporcionar um ir além.

Professor Paulo Freire Presente!





# Ao espírito de Paulo Freire, o abraço afetuoso de um itaquerenense

**Valter de Almeida Costa**

Quando ingressei, em 1990, na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, como professor de História, em cargo de comissão (somente em 1992 tomei posse pelo Concurso Público), o Secretário era Paulo Freire.

Na época, eu militava no PCB (Partido Comunista Brasileiro) e não era tão atraído, como sou hoje, pela obra desse educador pernambucano. Sabia que ele era da esquerda católica e meu anticlericalismo juvenil da época mais a simpatia pela corrente histórico crítica da turma do Dermeval Saviani me mantinha meio distante da corrente freiriana.

Mas sua gestão foi me conquistando, pois à teoria somou-se sua prática de estimular o estudo da realidade local, o trabalho interdisciplinar, a gestão democrática e meu preconceito caiu por terra.

Na época, eu morava na Cidade Líder e um amigo que militava comigo, no antigo PCB, o pedreiro Sebastião Francisco, o Negro, tinha falecido e com um grupo de amigos, após percorrer todas as ruas do bairro com um abaixo assinado, conseguimos que fosse dado o nome do Sebastião para uma escola que foi inaugurada com a presença da Prefeita Luiza Erundina. O Coordenador do NAE 9 (Núcleo de Ação Educativa que abrangia as regiões de Itaquera, São Mateus e Guaianases) era o Marivaldo.

Em 1991, conseguimos que a vida do Sebastião Francisco fosse transformada numa peça de teatro ensaiada no Parque Raul Seixas e encenada em frente ao Teatro Municipal. Nesse mesmo ano, conseguimos que o grupo de Rap Racionais MCs visitasse meus alunos, para uma conversa na escola onde lecionava em Itaquera. O sucesso foi tão estrondoso dessa passagem do Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e K L Jay, por Itaquera, que no ano seguinte, ao entrar para a equipe Multidisciplinar do NAE 9, a convite da Albanize, a primeira coisa que fiz foi propor a criação de um projeto de visita desse grupo de Rap, os Racionais, às escolas municipais.

Após conversar com a Sueli Cham, que trabalhava em SME, foi criado o projeto Rap...Ensando a Educação que percorreu 39 escolas municipais em todas as regiões da cidade. Nesses encontros, os rappers conversavam com os alunos e professores sobre os temas da violência policial, do racismo, das várias formas de discriminação, da ausência da história da resistência negra e indígena nos livros didáticos e currículo escolar. Esses encontros foram memoráveis e hoje percebo que tudo aquilo somente foi possível porque aquela administração tinha iniciado pela figura de Paulo Freire, que em 1992 já tinha saído, mas em seu lugar estava Mário Sérgio Cortella, e a equipe de SME bancava essas ousadias. Terminado o governo, o projeto não teve continuidade.

Também me recordo, dessa época, de um clima único que, hoje atribuo à influência de Freire, que reinava na equipe multidisciplinar, dentro do NAE. Eu era formador para a área de História e o trabalho interdisciplinar me colocava em contato com as ciências das outras disciplinas. Me maravilhava e não me cansava com as longas reuniões com os (as) colegas das disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências, Geografia e até uma disciplina que meu bolchevismo até então desprezava, o Inglês, que era conduzido pela maravilhosa Aldacina. Ela

era tão dedicada que até me fez gostar da língua inglesa com seu entusiasmo contagiante.

Trabalhamos muito naqueles meses, mas era com alegria, emoção, afeto. De alguma forma, sabíamos que estávamos fazendo história. Uma parte da histórica passagem de Paulo Freire pela educação paulistana. Um abraço apertado, querido Mestre.





# Evocações - Encontros com Paulo Freire

**João Carlos de Souza**

A fala do conferencista tinha sotaque nordestino. Agradecia o convite para a palestra dizendo que se sentia feliz pelo reconhecimento. Logo emendou a reflexão sobre modéstia de alguns conferencistas ao dizerem que outra pessoa poderia estar em seus lugares. Isso já me impressionou de cara. Algo que parece corriqueiro, a falsa modéstia, nele adquiria uma dimensão de aprendizagem. Essa franqueza - expressar sentimentos de felicidade e tirar lições do cotidiano - foram experiências que naquele momento não sabia que iriam se repetir e me marcar. Era a aula inaugural do ano letivo de 1981, na então Faculdade 9 de Julho em São Paulo. Estava ali, meio “de bicão”, a tiracolo da Tê, minha namorada, que iniciava então seu curso de Letras.

Já tinha alguma ideia de quem era Paulo Freire, pelas leituras vinculadas aos trabalhos nas CEBs. Na palestra ele abordou a falta de reconhecimento de sua obra no nosso país, dificuldades de atuação em universidades brasileiras, exigências burocráticas etc. Enquanto no estrangeiro era convidado e recebia títulos honoris causa, por aqui, eram poucos os convites.

Inevitável a ressignificação daquela fala com o que assistimos nos dias atuais. Associo essa rejeição ao educador em tempos contemporâneos, ao que amplos setores da elite e parte da classe média temem, ou seja, qualquer fluorescente despertar da população que exploram e oprimem. Essa rejeição já era percebida naqueles tempos, ainda de ditadura, e nos quais se clamava pela democratização

do país. Eram dias que vivíamos sob o impacto positivo do movimento pela Anistia, e muitos exilados políticos começaram a retornar ao Brasil, em fins de 1979. Paulo Freire foi um deles.

Não imaginava que oito anos depois reencontraria pessoalmente Paulo Freire, já Secretário de Educação da prefeita Luiza Erundina. Foi em 1989, na inauguração do Núcleo de Ação Educativa (NAE-7), na Vila Matilde, uma das regiões da Zona Leste de São Paulo. Tenho fotos do evento, junto com ele, com o amigo Antonio Thozzi e colegas das equipes do Núcleo, as quais guardo com carinho. De fato, alguns objetos adquirem um poder, uma energia de ativação de sentimentos e memórias. Nesse sentido, o documento de minha contratação como Assessor de Atividades Culturais no NAE carrega a assinatura desse grande educador. Adivinhem, acho que é um bom ano para fazer um quadro e compor com as fotos.

Festa é sempre bom! Contudo, outros encontros foram mais marcantes. Por exemplo, acompanhei uma de suas visitas a uma escola. Ao conversar com as educadoras e educadores, falou do conhecimento. Seu ponto de partida foi uma trepadeira que havia na entrada da escola. Referiu-se à trepadeira que vai crescendo, engrossando o tronco, contornando dificuldades, se espalhando pelo caramanchão, subindo pelo telhado, buscando maior luminosidade. Assim, também acontece com o conhecimento, dizia. Uma fala simples, mas sempre muito articulada com informações. Nesse dia, tive a nítida sensação de estar com um sábio, que extraía lições fáceis do cotidiano, fluindo com naturalidade. A conversa sobre o conhecimento voltou-se para o foco da educação, as crianças. A escola deveria ser um lugar prazeroso, bonito, onde a curiosidade das crianças fosse valorizada, o medo dos castigos eliminado. Toda energia voltada para o despertar da curiosidade.

As imagens, para mim, têm um poder muito grande de conexão com sensações vividas. Associo a ideia de sábio a uma situação que vivi na minha adolescência em companhia do meu Nono. Ele trabalhava em uma pequena área arrendada onde plantava tomates e batatas. Num período de férias, eu o acompanhei. Certo dia, na colheita das batatas, ao arrancar um pé, ficou com as duas mãos cheias de torrões de terra e batatas penduradas. Ele parou pensativo, a olhar, a apreciar. Eram batatas miúdas. Pensei que iria jogá-las fora. Mas ele suavemente balançava e esfregava as mãos, deixando lentamente que a terra caísse por entre os dedos, com todo cuidado. Notei que olhava para as batatas, como se fosse uma preciosidade. E eram! Assim, vi que o tratamento que meu Nono dava às batatas, mesmo que miúdas, era o mesmo que Paulo Freire dispensava ao cotidiano, às coisas simples e ao conhecimento. O gesto revela a importância da existência, do cuidado, do olhar. Nisso está a sabedoria.

Foi assim, também, em uma atividade em que rolou a conversa sobre tomada de consciência da realidade, ouvi Paulo Freire contar que quando estava na prisão, um soldado lhe pediu que o ensinasse a ler. Olhou admirado e respondeu que era exatamente esse o motivo pelo qual estava na prisão.

Voltamos, assim, ao tema inicial, o porquê de Paulo Freire não ser muito convidado no Brasil para conferências logo depois de seu retorno do exílio. O maior desejo dos setores oligárquicos é aprisionar as mentes, acorrentar a sabedoria, o pensamento, submeter à força. Mas, as trepadeiras, os torrões nas raízes, o conhecimento se esgueira pelos vãos. Ocorre-me que isso foi expresso de outra forma pelo poeta Manoel de Barros: “Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras - liberdade caça jeito.”, que se aplica ao nosso mestre da educação.

A vida tem sua dinâmica e um dos encontros com Paulo, que me marcou muito, foi uma visita a sua casa. Formamos uma Comissão para solicitar que ele permanecesse na Secretaria de Educação de São Paulo. Visualizo a cena, ainda, como se fosse hoje, - uma sala ampla, ele sentado em uma poltrona, ao centro uma mesa de madeira escura e os colegas todos ao redor. Ficou muito feliz com nossa presença. Embora tenha manifestado descontentamento com a burocracia, o motivo principal se tornou irrefutável. Queria aproveitar o tempo que tinha de vida para escrever. Tinha alguns projetos e conhecia as limitações de sua saúde.

Consciência dos limites. Eram os idos de 1991. Deixou a Secretaria, mas suas ideias continuaram a nortear os trabalhos. De quebra, ganhamos outras excelentes obras depois disso. Foi, também, a última vez que desfrutei de sua presença pessoalmente.







# Lembranças das minhas interações pessoais com Freire

**Demétrio Delizoicov**

Naquela manhã de 1982, eu estava preparando a apresentação da minha dissertação de mestrado. A defesa ocorreria dali a uma semana, em 22 de maio, nas dependências do Instituto de Física da USP (IFUSP), no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, uma iniciativa conjunta do Instituto de Física e da Faculdade de Educação da USP. Nadir, minha esposa, educadora como eu e lecionando Biologia, após atender o telefone, informou-me que Paulo Freire desejava falar comigo! Total surpresa, uma vez que não supunha que isso pudesse ocorrer! De fato, apesar de esse ter sido o meu terceiro contato pessoal com ele, os dois anteriores caracterizaram-se pela minha formalidade e reverência. Mais devido ao meu comportamento do que, propriamente, às ações e falas dele.

O segundo havia ocorrido no apartamento dele em São Paulo, cerca de 40 dias antes desse telefonema. Ele e Elsa, muito afáveis comigo e com Luís Carlos de Menezes, meu orientador, receberam-nos na sala. Alojamo-nos nas poltronas individuais alocadas em torno de uma mesinha de centro, onde Elsa serviu café e biscoitos. Pude observar parte da biblioteca de Freire que estava exposta em uma enorme estante na parede em frente à poltrona na qual me sentei. Fiquei ao mesmo tempo impressionado e inibido em solicitar uma vista d'olhos naquele maravilhoso acervo! Sentia-me emocionado e profundamente valorizado. Afinal, o motivo da nossa visita ao casal era entregar a versão impressa da minha dissertação de mestrado, datilografada em uma máquina elétrica, da qual foram providenciadas

cópias eletrostáticas. Algo que já não se faz atualmente. Devo destacar que, naquele momento, senti-me relativamente tranquilo com a breve conversa que tivemos, tal a condução dialógica de Freire nesse encontro.

Paulo Freire havia sido convidado para constituir a banca da minha defesa, tendo se disponibilizado a participar. Menezes, como é conhecido meu orientador, já havia estabelecido contato com ele, em várias ocasiões, desde 1980, quando Freire retornou ao Brasil após a Lei da Anistia. Por conta disso, Freire tinha informações do grupo de pesquisa em ensino de Física/Ciências do IFUSP que se dedicava ao estudo da sua obra, desde 1975, na perspectiva de contextualizar a concepção de educação dialógico-problematizadora no ensino escolar das Ciências da Natureza, particularmente da Física. Esse grupo era coordenado por Menezes e João Zanetic, também professor do IFUSP e congregava alguns dos alunos do programa. Ambos, no início da década de 1970, já haviam lido o livro *Pedagogia do Oprimido*. Menezes em alemão, quando realizava o seu doutorado na Alemanha, e Zanetic em inglês, na Inglaterra, quando estava concluindo da sua pós-graduação em Ensino de Ciências. Só posteriormente esse livro foi publicado, em português, no Brasil.

Tão logo foi oficializada a participação de Freire como um dos componentes da banca examinadora, como também a de Celso Beiseigel, então professor da Faculdade de Educação da USP, considerado um especialista em Freire, conscientizei-me do compromisso que estava assumindo! Além disso, a situação que vivi foi potencializada pela expectativa da presença de Freire numa banca na USP, por mim avaliada pelos contatos e manifestações dos colegas e de alguns docentes. Meus entendimentos com a secretária da pós-graduação do IFUSP no sentido de evitar que a defesa fosse realizada em algum dos amplos anfiteatros existentes para a realização da defesa

pública deram certo. Minha intenção era evitar a ocorrência de um grande público, devido à presença tanto de Freire como de Beiseigel. Ainda que estivesse seguro da pertinência do trabalho realizado, e também Menezes, não conseguíamos dimensionar, com nitidez, qual seria a avaliação de ambos os examinadores a respeito da implementação na educação escolar de uma perspectiva educacional cuja práxis advinha de um contexto de educação não-escolar.

Nesse sentido, no item *Apresentação* da dissertação, confessamos a nossa parcimônia em afirmar se havíamos, de fato, efetivado uma “transposição” da concepção de Freire para um contexto distinto do inicialmente por ele focado. Não obstante, havia elementos que nos davam alguma certeza de termos efetivado uma práxis que estava em sintonia com a proposição de Freire no livro *Pedagogia do Oprimido*, relativa ao processo da *Investigação Temática*. Esse aspecto da nossa “dúvida” foi assim apresentado na dissertação:

A dissertação é uma descrição sistemática e uma reflexão crítica sobre o trabalho que desenvolvemos na Guiné Bissau, numa tentativa de pôr em prática uma proposta pedagógica inspirada na que Paulo Freire chama de “educação problematizadora”. Isto num contexto muito particular: o da educação escolar, no nível de 5a e 6a séries do ensino fundamental. [...] amalgamaram-se de tal forma as ideias que propúnhamos com os conceitos de Freire que é perfeitamente possível que estejamos extrapolando a utilização das ideias do conhecido educador para além do domínio e do contexto que se possa julgar pertinente e adequado.

Pois o telefonema que Freire me fez, anunciado no primeiro parágrafo, foi para me tranquilizar. Menezes, sabedor do meu sentimento, havia notificado Freire. Ele, então, após a leitura da dissertação, fez a deferência da chamada telefônica. Informou-me que havia lido e gostado da dissertação e que considerava pertinente e

consistente o que havíamos feito! Contudo, não deixou de fazer uma apreciação crítica: o texto precisava de uma revisão, ainda que não de grande monta. Naquela época não era hábito que textos de dissertações e teses fossem enviados para algum revisor especializado.

Nessa retrospectiva, volto atrás no tempo para relatar o meu primeiro encontro pessoal com Freire. Nadir e eu já estávamos na Guiné Bissau, em 1979, iniciando o nosso trabalho junto ao Ministério da Educação para a formação de professores e a implementação da disciplina de Ciências Naturais nas 5ª e 6ª séries. Com a lembrança um tanto ofuscada, creio que tenha sido Ladislav Dowbor quem nos informou que Elza e Paulo estariam na Guiné e, também, propiciou um encontro para almoçarmos com o casal no restaurante do hotel em que estavam hospedados. Dowbor, genro de Freire e economista, naquela época vivia na Guiné Bissau e trabalhava no Ministério do Planejamento do país. Era, como nós, membro da cooperação internacional. O governo guineense, pós-independência, necessitava dela enquanto estava formando seus próprios cidadãos para a reconstrução do novo país que estava nascendo.

Também estavam presentes naquele almoço mais algumas pessoas, dentre elas, lembro bem de Miguel Darcy de Oliveira e Claudius Ceccon. Eles, junto com Freire, estavam no país para reuniões de trabalho com a equipe de formadores locais dos educadores que se dedicavam à alfabetização dos adultos.

Almoçamos todos juntos. Nadir e eu, diante de tanta novidade acontecendo naquele momento, apenas mencionamos “*en passant*” o que fazíamos no país. Diante do fato de estarmos compartilhando um almoço com personalidades históricas, pareceu-nos mais importante ouvir o que tinham a dizer, do que detalhar o trabalho que pretendíamos fazer. A oportunidade de detalhá-lo, *ex post facto*, para Freire, foi efetivada quando ele aceitou participar da banca

examinadora da dissertação! Foram raríssimas as vezes em que, eu mesmo, mencionei o que deporei agora, ainda que isso seja reconhecidamente público. Freire iniciou a sua arguição na banca informando que havia consultado tudo o que conseguiu localizar de trabalhos nos quais ele fora referência. Afirmou que não encontrou nada parecido ao que tínhamos feito! E, arrematou: “Demétrio me reinventou”!

Para finalizar parte da memória dos meus contatos pessoais com Freire, relembro o dia 03 de janeiro de 1989. Menezes, Marta Pernambuco e eu estivemos no Gabinete de Paulo Freire, então recém-empossado pela prefeita Luiza Erundina, como secretário de educação do município de São Paulo. Freire convidou-nos para uma conversa. Conhecedor do trabalho do grupo do IFUSP, pretendia estabelecer uma parceria. Outros potenciais colaboradores também foram convidados. As relações construídas como decorrência dessa conversa inicial foram potencializadas e culminaram com o estabelecimento de um convênio que a prefeitura celebrou com a USP, UNICAMP, UNESP e PUCSP. Equipes de docentes dessas universidades, em conjunto com educadores da SME-SP, tanto os que lecionavam nas escolas da rede municipal de ensino, como os que atuavam na Direção de Orientação Técnica (DOT) e nos recém-criados Núcleos de Ação Educacional (NAEs), construíram e implementaram o que foi designado como Movimento de Reorientação Curricular. Esse movimento teve seus desdobramentos em muitas outras redes públicas de ensino, conforme registro em ampla bibliografia.





# Lições de afeto e amorosidade

**Sandra Greco da Fonseca  
Antonio Carlos Machado**

Conviver com o professor Paulo Freire na gestão da prefeita Luiza Erundina foi uma experiência que marcou nossas vidas, nossas visões, concepções de mundo, de educação e nos tornou pessoas melhores.

Durante o período em que estive na Secretaria, transformações e mudanças tiveram início e marcariam para sempre a educação na cidade.

Como não lembrar as rodas de conversas ao lado dele nos NAEs?

O professor dizia com sua fala tranquila: “estou secretário, mas quero dialogar e estar com vocês”. Em seguida comentava: “em nossa gestão os meninos não vão mais ficar olhando a parede, vão sonhar”!

E mandava também um recado: “vai ter bolinho de chuva”?

Para além dos ensinamentos ficaram as lições de afeto e amorosidade, por isso quando ele deixou a Secretaria, nós do NAE 3 resolvemos retribuir com um agradecimento em prosa e cantoria.

Tivemos o apoio e a cumplicidade da querida professora Anita Freire, pois queríamos surpreender o professor, mas no dia tão esperado começou a garoar, o tempo mudou e recebemos a informação de que o professor não poderia sair na chuva!

E agora o que fazer? Serenata com chuva? Mas nós do NAE 3 tínhamos como referência a resiliência e a criatividade, então resolvemos criar um céu estrelado para o professor Paulo Freire. Fizemos adereços com papel e surgiram estrelas, lua e até sol, porque o céu era nosso e nele cabia toda a nossa gratidão.

O companheiro Antônio Carlos Machado, coordenador da CONAE, violonista e cantor potente, escolheu as músicas e levou o violão!

Chegamos de mansinho e a serenata começou, a chuva foi apertando e todos na varanda escutamos o professor:” entrem, entrem”. É impossível esquecer a imagem daquele professor, reconhecido internacionalmente, sentado próximo da lareira, com uma manta xadrez sobre as pernas e muito feliz entre os companheiros, dizendo: “Ana traz um vinho! Tonhão toca mais uma”!

Noite inesquecível. Voltamos molhados, com frio, mas com o coração quente, repleto de amor e gratidão.



Foto: Reunião Pedagógica no Núcleo de Ação Educativa 3, 1º semestre de, 1991 - Paulo Freire, Sandra Greco, Mariane Mendonça e Antonio Carlos Machado. Acervo de Sandra Greco



# Memórias

**Marisa Garcia**

Vivi uma oportunidade única para a minha formação pessoal e profissional quando Luiza Erundina ganhou a eleição para a Prefeitura de São Paulo (1988). Uma mulher, nordestina, assumindo a prefeitura de uma das cidades mais importante do país, foi um marco histórico. Mas, esta oportunidade se amplia mais quando a prefeita eleita convida o Professor Paulo Freire para ser secretário da educação e ele aceita. Caminhar para um período tão único. Como fazer para trabalhar junto com eles, durante estes quatro anos?

Neste período, eu era professora em uma Escola de Educação Infantil (EMEI), na zona oeste da cidade de São Paulo. Inquieta e querendo cada vez mais seguir em frente com a minha formação, a vitória da Luiza me trouxe, na época, uma vontade imensa em colaborar para que a gestão desse certo e eu queria estar junto nesta história. Afinal, era o que eu acreditava. E, resolvi, humildemente, conversar com a coordenadora do NAE 4 (hoje DRE PJ): sai da escola e fui procurar a responsável pela Diretoria e disse que gostaria de compor a equipe desta gestão, que eu considerava histórica. Expus este desejo com sinceridade, certeza e compromisso. Conversamos muito e depois fui embora. Depois de alguns dias, recebo um telefonema na escola, da própria coordenadora, dizendo que eu começaria a trabalhar num órgão central compondo a equipe de Educação Infantil. Imaginem a minha felicidade!!!

E foi neste lugar (Diretoria de Orientação Técnica) que começa toda a minha formação profissional e política. O contato, com o nosso patrono maior Paulo Freire, dava-se em algumas situações, que para mim, eram especiais e com uma aprendizagem diferente a cada



momento. Nessa Diretoria de Orientação Técnica (chamado de DOT-Ed Infantil), me constitui como profissional da educação crítica, convivi com grandes profissionais e muitos ainda convivo atualmente e com os quais continuo aprendendo. Lá estudei muito, ampliei meu universo cultural, pedagógico e político, me constituindo uma educadora de caráter humanizador, crítico e transformador.

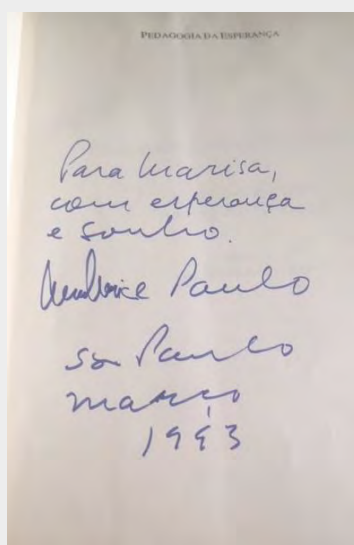
Os encontros com o Professor Paulo Freire, as visitas às escolas feitas por ele e sua equipe, traziam esperança de que era possível ter a escola dos sonhos. Pauta esta que discutíamos não só com a equipe de DOT, mas com a equipe dos NAEs. E os encontros de formação me proporcionaram tantos aprendizados, tais como: uma ampliação da leitura de mundo, o compromisso com a escola pública de qualidade, a amorosidade, a generosidade, a gestão democrática, formação do professor: ação-reflexão-ação, reorientação curricular, teoria e prática (como ficou claro!!), reconhecer que a educação é ideológica, rigorosa, e que todo o professor é e deve ser um pesquisador... Poderia aqui enumerar listas e mais listas de aprendizados oriundos do pensamento Freireano, que ao contrário do que se divulgou de maneira deformante, não é fácil, mas precisa de muito estudo e disciplina. Ouvi muito isso do próprio Paulo Freire, quando ele foi meu professor no curso de pós-graduação na PUC-SP.

Toda a equipe garantiu a qualidade da escola pública municipal e realizou políticas públicas diferenciadas com muito compromisso. Isso é possível!! Sim. Basta ter vontade e colocar em prática os três princípios básicos que regiam a gestão Paulo Freire: participação, descentralização e autonomia. Dentro destes princípios, na época, foram eleitas quatro grandes prioridades: Democratização da Gestão, Democratização do Acesso, Nova Qualidade do Ensino, Política de Educação de Jovens e Adultos. Documentos comprovam sua efetivação.

A esperança e o sonho foram se concretizando e foi por este período tão significativo de convivência múltiplas que, ao término da gestão Luiza Erundina – Paulo Freire\Mario Sérgio Cortella, continuei minha formação entrando no ano seguinte no mestrado na PUC/SP e sendo, nos anos seguintes aluna de Paulo Freire. Às quintas-feiras, das 14h às 17 h, era um momento muito amoroso e de muito rigor acadêmico, além de muito conhecimento. Passei um semestre todo participando de suas aulas, sem faltar a nenhuma, nas tardes ensolaradas, chuvosas ou nubladas.

Período inesquecível e de muito agradecimento por ter tido este privilégio de, além de conviver com Paulo Freire e seus seguidores numa gestão pública, desta imensa cidade que é São Paulo, ainda continuei tendo oportunidade de estar com ele, num espaço acadêmico, ouvindo suas histórias e seus imensos conhecimentos de mundo e de educação.

Hoje afirmo que os encontros profissionais e acadêmicos me formaram a pessoa que sou hoje e a profissional que me tornei. Em março de 1993 Paulo Freire autografou meu livro *Pedagogia da Esperança* e lá ele diz: para Marisa com esperança e sonho.



*“sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições*

*materiais necessários sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste". Paulo Freire*

E é isso que levo para a vida: Esperançar.





# Memórias de 1997

Laura Cymbalista

1997. Na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Turma da Pedagogia, período noturno. Centro Acadêmico Paulo Freire – CAPF, com a foto do professor sentado no surrado sofá do C.A. numa visita recente. Referência no movimento estudantil e distância de léguas da identidade institucional daquele lugar.

60 estudantes na turma. Levanta a mão quem cursou magistério. Levanta a mão quem já trabalha na escola. Levanta a mão quem acabou de sair do Ensino Médio. Eu me encontrava com as pouquíssimas mãos levantadas na terceira pergunta, percebendo os inúmeros privilégios que me levaram até lá. Tantas mulheres, tanta gente que veio do CEFAM, tanta gente que já vivia a escola e buscava essa formação. Tanta gente que vinha no ônibus lotado e entrava atrasada na aula sem jantar. Tantos saberes e experiências nessa sala. Tantas vezes o aprendizado era fruto do olhar para o lado, e não para frente.

02 de maio. Falecimento de Paulo Freire. Fazia muito frio em São Paulo e também nos corações de quem acreditava na educação como prática da liberdade. Recém-eleita para participar do CAPF sentíamos o tamanho da perda e lidávamos com o silêncio ensurdecido da normalidade burocrática daquele dia. Fomos a sala pró-aluno e digitamos o anúncio da triste notícia e uma singela homenagem. Afixamos em cada sala da Faculdade. Dias depois, a convite da nossa querida professora Lisete Arelaro, fomos a uma belíssima homenagem realizada no TUCA.

A homenagem era também ato político, havíamos perdido um dos maiores educadores brasileiros. Que acreditava nos direitos dos

meninos e meninas do povo. Que reconhecia os saberes dos jovens e adultos do povo. Que lutou por toda vida por democracia e nunca deixou de aprender. Que ousou ocupar espaços que lhe traziam menos certezas e mais contradições. Dizia que a escola deveria ser espaço cheio de bonitezas, construída por tantas mãos.

Naqueles dias frios de 1997, com 17 anos, eu vivi a dor dessa perda ainda aprendendo sobre as formulações, conhecendo os embates na academia e o enorme legado político de resistência. O movimento estudantil fez a escolha dessa referência e isso alimenta e segue formando gerações de estudantes. Eu e minhas colegas de gestão no C.A. vivemos a perda do patrono da nossa entidade. Era triste e trazia um compromisso com o futuro. Nossas professoras do primeiro semestre também nos acompanharam nesse processo. Talvez elas nem saibam disso, mas Lisete Arelaro e Sonia Kruppa nos abriram tantos caminhos e representavam na carne a luta e o compromisso com a escola pública. Com elas, as arenas da luta política pela escola pública se abriram. E elas também nos levaram a homenagear e chorar por Paulo Freire. Sem o convite da Lisete não estaríamos no TUCA. E sem suas aulas e abertura de tantos espaços, não teríamos compreendido a dimensão da militância no chão da escola, nas ruas e universidade.

O descompasso que senti nos corredores da FEUSP nesses dias só pude compreender anos mais tarde. E acredito que a FEUSP realizou homenagens importantes buscando acertar contas com o passado. Anos mais tarde, em 2013, em companhia dos educandos da EJA da escola pública que trabalho, fomos a uma belíssima homenagem, a entrega do título de Professor Emérito da FEUSP à Paulo Freire. Momento em que a FEUSP era dirigida pela profa. Lisete. Me recordei daquele maio de 1997 e aqueci meu coração.

Hoje atuo na rede municipal de educação de São Paulo. Encontro e reencontro colegas que passaram pelo Centro Acadêmico Paulo

Freire, hoje com a palavra professor no seu nome. E as encontro em cada luta por direitos, nos Conselhos de escola, nas greves, na organização dos territórios, dividindo o brilho no olhar a cada passo dado, na labuta de todo dia, rumo a educação que ajude a construir esse país democraticamente. Muito obrigada professor Paulo Freire por ser referência para tantas gerações que entraram na militância política nesse espaço com seu nome e legado. E certamente tantas outras ainda vão entrar.

E a rede municipal de educação de São Paulo carrega Paulo Freire em sua história. Secretário de Educação na gestão de Luiza Erundina, deixou marcas nos prédios e nos processos de reorganização curricular, gestão democrática, ciclos de aprendizagem e educação de jovens e adultos. Tantos reencontros com o mestre nesse percurso. Reencontros conceituais e práticos, nas leituras, momentos de formação presentes na minha carreira, lutas para manter vivo esse legado e também na manutenção dos princípios que orientaram a militância de Paulo Freire.

De 1997 para cá pude aprender mais sobre tantas coisas. Hoje, 2021, estou em greve pela vida, num dos momentos mais dramáticos da história do Brasil. Lutamos contra o vírus, a fome e o verme. Hoje as escolas e as educadoras resistem para que as escolas possam seguir sendo espaços de vida e luta. Como nos ensinou e praticou o mestre Paulo Freire.





# A memória modula a emoção

Laurinda Ramalho de Almeida  
Jeanny Meiry Sombra Silva

Querido mestre, duas lembranças distantes uma da outra por mais de meio século.

## **Estamos em 1962**

Com os olhos da memória, registro uma cena que vivi quando o método Paulo Freire já chegara até nós. Cursava o 2º ano de Pedagogia na USP. Naquela altura, alguns cursos já estavam funcionando na Cidade Universitária, porém muitos prédios estavam nos acabamentos e outros ainda em construção.

Final da aula do dia, correria até a Avenida na esperança de pegar um ônibus menos apinhado, ou sorte grande, conseguir uma carona. Uma colega permanece tranquilamente sentada. Pergunto: “você não vai?”. Estou esperando meus alunos, eu e uma amiga estamos alfabetizando os candangos da Cidade Universitária (era uma analogia aos candangos de Brasília). Com brilho nos olhos, Mercês me conta:

- Eles saem do trabalho e fazem questão de se arrumar para vir para aula. Estão aprendendo a ler e a escrever nas mesmas salas que são usadas pelos alunos da Pedagogia. Sentem-se valorizados! Trazem os cadernos que lhes demos, embrulhados em folhas de jornal para não sujar. Sabe o que discutimos com eles para tirar as palavras geradoras? A carteira de trabalho para lhes falar dos direitos.

Hoje, maio/2021, converso com aquela jovem, que é minha amiga até hoje, para checar se minha memória não me traíra, e juntas, eu e Mercês, ao lembrarmos daquele momento, nos emocionamos muito e nos sentimos gratas à vida que nos presenteou com tão boas

experiências, principalmente Mercês que participou do esforço para que muitos dos candangos aprendessem a ler, escrever e conhecer seus direitos. Um dos quais, o direito de seus filhos virem a frequentar os cursos da Cidade Universitária que estavam construindo.

### **Estamos em 2021**

O cenário é a promulgação do Decreto N° 65.596, de 26 de março de 2021, em que o governo do Estado de São Paulo autorizava a abertura das escolas num período em que o Estado registrou a média de mil óbitos diários devido a pandemia de Covid-19. Diante desse quadro, um grupo de professores de uma escola particular manifestou sua opinião, decidindo permanecer em trabalho remoto até a Capital retroceder no número de casos e diminuir a superlotação dos leitos dos hospitais. A situação era crítica para ambos: gestores e docentes. De um lado, gestores sendo pressionados pelas famílias e pelos compromissos financeiros, do outro, professores com medo de contágio e preocupados com a eficácia metodológica das aulas, que aconteciam concomitantemente para alunos conectados em casa e para aqueles que estavam presencialmente. O que teria feito nosso mestre Paulo Freire nessa ocasião?

Independente do lado que estivesse, certamente estaria aberto ao diálogo. Como gestor, convocaria os professores e ouviria seus medos, os acolheria, além de expressar abertamente as fragilidades da gestão. Como professor, seria empático na escuta e negociaria possibilidades de enfrentamento do problema.

Mas o que a escola em questão fez? Preferiu desligar do quadro docente os professores considerados como "líderes de uma rebelião" e, nos bastidores, entrar em contato com os demais para transmitir o posicionamento da gestão. Pode-se considerar que, em ambos os casos, houve um silenciamento intencional da voz do professor.



“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão [...] (FREIRE, 1987, p. 121). O silêncio é uma forma de proibir o homem de ser. Professores silenciados formam alunos críticos?”

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.





# Quando tudo começou

Natalia Figueiredo Goncharenco

Na década de 90, eu era estudante do Ensino Fundamental de uma escola da Prefeitura de São Paulo, situada na região de Pirituba.

Embora muito nova, lembro-me de muitos detalhes desse período, pois como estudante pude sentir as mudanças positivas que a escola sofrera na gestão de Paulo Freire e sua equipe.

Era nítida a alegria dos professores em dar aula, de serem ouvidos e amparados. Isso refletia na sala de aula.

Nós, alunos, tínhamos uma qualidade de ensino equiparada à muitas escolas particulares da região. Diria que tínhamos muito mais conhecimento, pois além de aprendermos as matérias que o currículo escolar exigia, aprendíamos a ser humanos, a ser cidadãos.

Éramos respeitados, éramos motivados a pensar e a conhecer o mundo. O sistema de ensino servia para nos transformar e não mecanizar o conhecimento.

Isso tudo aconteceu porque Paulo Freire trouxe, junto de sua equipe, toda sua sabedoria a respeito do educar. Ele deixou marcado, para nós, alunos, o quão importante foi aprender em uma escola mais humanizada, mais criativa e mais feliz.

Hoje me tornei professora, e levo para minhas aulas tudo o que aprendi com o legado de Paulo Freire. Tento levar um pouco de luz, liberdade e criatividade para cada aluno. Tento mostrar a eles o quanto são importantes para a formação de nossa sociedade.

Sonho em ver uma educação igualitária, justa, onde nossos alunos não sejam prisioneiros de sistemas de ensinamentos e sim, sejam livres para criar, buscar conhecimento, que sejam tratados como seres humanos e não como números.

Paulo Freire vive naquela criança dos anos 90 e na adulta sonhadora de 40.

Memórias que a vida lembra





# Memória, consciência e afeto

Marcos Barreto

O convite para participar desse e-book coletivo do centenário de nascimento do educador Paulo Freire me chegou por meio de outra educadora, a Maria José. Educadores populares, como meus pais, Vera Lucia e José Carlos Barreto, mais conhecidos apenas como Vera e Zeca ou Vera e Barreto (para alguns Barretão) se qualificavam. Na militância de anos por uma educação libertadora, meus pais, embora dois sujeitos, eram mencionados como se fossem apenas um indivíduo. Seus interlocutores falavam em Vera e Barreto como se mencionassem apenas uma única pessoa, tamanha a união e identidade de ambos. Isso porque fizeram da vida profissional uma parceria, uma comunhão tão forte e semelhante à que fizeram na vida de casados.

Eu, minha irmã Andréia e meu irmão João somos frutos desse casamento, da mesma forma que somos frutos da militância e das caminhadas que ambos fizeram ao longo da vida pelas periferias, sobretudo de São Paulo, para formar educadores e divulgar o pensamento freireano. Gosto de dizer que minha consciência política foi construída a partir do afeto. Como meus pais dedicavam inicialmente às noites e finais de semana para os trabalhos na periferia, para estar com eles era preciso acompanhá-los e, dessa forma, fui descobrindo uma cidade diferente daquela que ficava na zona oeste onde vivia. Uma cidade mais distante, onde as carências se manifestavam, onde a vulnerabilidade social era uma realidade, a carestia se impunha, mas também uma cidade com muito vigor, organização e desejo de transformação.

Meus pais se conheceram no início dos anos 60 no movimento estudantil católico. Minha mãe estudava pedagogia na USP e meu pai Ciências Sociais na PUC. Ambos desde cedo tinham consciência da luta de classe e queriam, como milhares de estudantes, ajudar a transformar o Brasil num país mais justo. Participavam de atividades, manifestações, mas queriam ir além, queriam “colocar a mão na massa” e partir para ações mais concretas. Junto com companheiros e companheiras mais próximos resolveram partir para uma empreitada de alfabetização em Vila Jardim Helena Maria em Osasco, cidade da Grande São Paulo. Viam no processo da alfabetização uma forma de contribuir para expandir a consciência de classe dos trabalhadores, tão importante para movimentar as transformações necessárias. Alguém no grupo sugeriu conversar com um professor pernambucano que havia desenvolvido um processo que aliava a alfabetização com a tão desejada conscientização: Paulo Freire.

No início foram várias trocas de carta que, para surpresa inicial dos estudantes, eram respondidas prontamente por Paulo Freire, até que conseguiram, com o patrocínio da UNE (União Nacional dos Estudantes), trazer o professor para São Paulo para um diálogo mais profícuo. Na época, Vera e Barreto não namoravam, mas a convivência, a rotina de encontros, trabalho e militância fez florescer uma paixão, que levou ao namoro, noivado, casamento, filhos e uma vida dedicada à educação popular. Meu pai, com o bom humor de sempre, dizia que o casamento de ambos foi o primeiro realizado pelo “método Paulo Freire”. Desse encontro com Paulo Freire nasceu também uma identidade de ambos com o professor e um relacionamento profissional e de amizade que os acompanhou a vida toda.

Minha primeira memória de Paulo Freire, a quem só chamava de Paulo, é de 1979. Lembro do entusiasmo dos meus pais com sua chegada ao Brasil, após a aprovação da anistia, e da ida de ambos ao

aeroporto de Viracopos para recepcioná-lo em seu retorno ao Brasil. Para mim, um menino com seus 10 anos, Paulo era uma figura muito simpática, o sotaque nordestino e o jeito calmo de falar, misturado ao dom em contar “causos”, fazia dele uma figura muito divertida e agradável. Ademais, a barba longa e já grisalha me lembrava a figura do Papai Noel, vejam só!

Outro episódio marcante para mim foi sua ida ao TUCA no mesmo ano que retornou ao Brasil. Para mim, até então, Paulo era apenas mais um amigo dos meus pais, não tinha nenhuma dimensão de seu tamanho, representatividade e importância. Lembro de que fui a esse evento com meu pai, mas quando chegamos não era possível entrar porque o teatro estava completamente lotado. Sem possibilidade de entrar, ver e ouvir o professor, lembro de uma cena marcante: as pessoas que estavam na frente e dentro do teatro iam narrando para os que estavam atrás, até o hall do TUCA, o que o professor dizia e até mesmo como ele era fisicamente. Nesse dia, nesse momento, pensei “nossa, esse amigo dos meus pais realmente é imenso e tem algo especial”.

Apesar da figura pública ser tão requisitada e bajulada, dentro de casa ele seguiu sendo o Paulo, do falar cantado, das reflexões, casos e forte afeto pelos meus pais. Quando Paulo vinha jantar em casa, não raras vezes minha mãe preparava um lombo assado, um dos poucos pratos que ela, pouco íntima da cozinha, sabia fazer. Para nós, na família, havia até uma brincadeira porque quando sabíamos que algum convidado viria comer em casa, o prato seria lombo. Um dia o próprio Paulo, sem conhecer a galhofa familiar, disse: “Vera, vamos debater esse assunto num jantar na sua casa, convidamos as pessoas e você prepara aquele seu lombinho seco”. Pronto, a gargalhada foi geral. Lembro ainda do Paulo que tinha gosto popular, talvez acentuado pelos

anos de exílio, o Paulo que gostava de ouvir Cauby Peixoto e ria ao assistir os personagens de Chico Anysio.

É esse Paulo Freire, que conheci por meio dos meus pais, Vera e Barreto, que era ao mesmo tempo um intelectual refinadíssimo, provavelmente o pensador brasileiro mais reverenciado no mundo, e um ser humano divertido, empático e com modos e um viver simples, que levo para minha vida e quis dividir com vocês.





# Paulo Freire Vive

**Carmem Silvia R. Taverna**

Paulo Freire, educador reconhecido internacionalmente e, nestes tempos, insultado pelo governo brasileiro, nasceu no Nordeste, em Pernambuco e é Patrono da Educação Brasileira. Defensor da liberdade. Da Justiça e dos Direitos Humanos. E da esperança!

Convivi pouco tempo com ele, quando foi secretário da educação na prefeitura de São Paulo, há 30 anos. Esse convívio foi suficiente para compartilhar da sua “humanidade”. Eu era uma psicóloga escolar em serviço na Divisão de Orientação Técnica. Já o conhecia por suas ideias e pelo estudo do livro *Pedagogia do Oprimido*, ainda em espanhol, no período da ditadura. Desde então, Paulo Freire é grande referência na minha vida profissional.

De coração aberto, a experiência de vida de Paulo Freire se revela também na sua proposta de alfabetização. Ele foi alfabetizado pela mãe à sombra das árvores no quintal de casa. Ali ela o ensinou a escrever com pequenos galhos no chão de terra, as palavras que lhe eram familiares.

E é assim que o poeta, neste tempo presente, anuncia novos tempos que certamente, virão.

...

Escolhi a sombra desta árvore para

repousar do muito que farei,

enquanto esperarei por ti.

Quem espera na pura espera

vive um tempo de espera vã.

Por isto, enquanto te espero

trabalharei os campos e conversarei com os homens



[...]

Estarei preparando a tua chegada  
como o jardineiro prepara o jardim  
para a rosa que se abrirá na primavera.

(Trecho do livro: “À sombra desta mangueira” – *Paulo Freire*, 1995)





# Paulo Freire, patrono da minha educação!

**Celso Vasconcellos**

No ano de 1983, eu cursava as últimas disciplinas do curso de Filosofia na Faculdade Nossa Senhora Medianeira, em São Paulo. Trabalhava, pela manhã, como coordenador pedagógico no Instituto de Ensino Imaculada Conceição-Imaco e, à noite, como orientador educacional e professor no Colégio São Luís. Fazia uma disciplina optativa, no curso de Pedagogia, com a Professora Selma Garrido; numa das aulas, ela trouxe a divulgação de um curso com o Professor Paulo Freire (e professores convidados): “Dimensões Políticas, Sociais, Econômicas e Culturais da Educação através da leitura do Cíço”. Fiquei muito interessado!

Tinha tido conhecimento da obra de Paulo Freire em 1977, através de textos da “Pedagogia do Oprimido”, mimeografados a álcool, que líamos em conjunto na OAF-Organização de Auxílio Fraternal antes das rondas pelo centro de São Paulo (onde levávamos chá, sanduíche e, dependendo da época, cobertores para os moradores de rua), aos sábados à noite. Eu era um jovem produto do “milagre brasileiro” (técnico em eletrônica pela ETI Lauro Gomes e aluno de engenharia eletrônica da Escola Politécnica da USP) e, como tantos outros, não tinha a menor noção do que se passava efetivamente na sociedade. Mais tarde um pouco, com uns amigos que faziam o curso de Teologia para Leigos no CEVAM-Centro de Evangelização Missionária, na Vila Carioca, voltamos a ler “Pedagogia do Oprimido”. Diante desta trajetória, o convite da Selma foi, por mim, aceito prontamente.

O curso, de 03 de maio a 14 de junho, foi fantástico! Íamos lendo o texto “Ciço”, de Carlos Rodrigues Brandão, e a cada trecho, parávamos para dialogar. Numa das noites, a surpresa foi a presença do próprio Brandão. Imaginem a magia de um encontro como este!

Pois bem, num dos dias do curso, Paulo Freire falou que estavam precisando de um lugar para o CEEed-Centro de Estudos em Educação (logo em seguida denominado Vereda) que ele e alguns amigos tinham fundado recentemente. Falei com o diretor do Imaco, Professor Luiz Pierre, que cedeu uma sala do colégio para o Vereda.

Foram vários anos em que tínhamos, de quando em quando, Paulo Freire circulando pelos corredores do colégio. Participei de diversas atividades de estudos no Vereda, com intelectuais de muitas áreas do saber. Foram vários os encontros de Paulo Freire com nossos alunos do Ensino Médio, bem como com nossos professores e comunidade educativa.

A foto anexa foi de um destes maravilhosos encontros, eu já como diretor do colégio, na noite de 8 de outubro de 1985, com a temática “Educação enquanto Ato de Conhecimento”, na Semana de Educação, em comemoração ao aniversário do Imaco e ao dia de São Francisco de Assis (os Frades Capuchinhos eram os mantenedores do colégio).

Paulo Freire, patrono da minha educação!



Memórias que a vida lembra



# Paulo Freire, um pouco

**Antonio Carlos Fester**

Não desejo o exílio ao pior dos meus inimigos! Paulo Freire me disse isto com tanta ênfase, com tanta mágoa, que me marcou como ferro em brasa. Às vezes, contava coisas, dos filhos passando frio no Chile e do brasileiro, também exilado, que mandou agasalhos para as crianças, ainda que fossem politicamente divergentes. Não tenho certeza de quem foi.

Dom Paulo visitou-o, creio que em Genebra. A conversa foi tão animada que o pontualíssimo germânico perdeu o avião em pleno aeroporto e pernoitou na sua casa. Me disse mais de uma vez que ao ver seus livros, em inúmeras línguas, na sala da sua casa, pensou: “o lugar deste homem é no Brasil”. E fez as tratativas para a sua volta, inclusive contratando-o para lecionar na PUC.

Foi quando o conheci. Margarida Genevois e Marco Antonio Rodrigues Barbosa tinham lançado o Projeto Educação em Direitos Humanos da Comissão Justiça e Paz, a partir de suas ideias e da Teologia da Libertação, idealizaram um ciclo de palestras e fui o executante. Creio que fomos apresentados na sala dos professores da Faculdade de Direito do Largo, atrás do salão nobre. Havia uma multidão querendo ouvi-lo, ônibus vindos do interior, caravanas, tiveram que abrir os mezaninos do salão, as janelas, Paulo Freire de volta ao Brasil! Era a noite de 2 de junho de 1988.

E o senhor disse que estava com medo, era muita gente, e que era bom que soubessem que o Professor tinha medo, simples mortal como todos. Segurou a transcrição da palestra. Publicamos dois livros com as palestras. E a sua, nada. Direitos Humanos e Educação Libertadora, a palestra foi finalmente publicada em 2001, em livro organizado pela

sua viúva Ana Maria Araújo Freire, intitulado Pedagogia dos Sonhos Possíveis, pela UNESP.

Mas quando começamos a frequentar a sua casa, Professor, em concorridos e agradáveis almoços ou jantares, o senhor ainda estava viúvo, triste e saudoso, de Elza, falecida em 1986, sua mulher por 42 anos e mãe dos seus cinco filhos. Sua tristeza era tanta que comentei com o Professor Alfredo Bosi que me contou que não havia um dia, estivesse o senhor onde estivesse, que não telefonasse para sua mulher, num tempo de interurbanos difíceis e caros, sem celular, sem nada dessas novas tecnologias. Ele é profundamente dependente dela, me disse Bosi, o roto falando do esfarrapado porque ele, Bosi, como escreveu Frei Betto, morreu de amor, não mais quis viver depois que perdeu sua amada Ecléa.

Nas reuniões/comilanças na sua casa, íamos Margarida, Marco Antonio, eu e outros companheiros da Comissão, para discutir as estratégias do nosso projeto e conhecer seus/nossos colaboradores, José Carlos e Vera Barreto. Entre muitas outras ideias, foi assim que nasceu o caderno popular de Direitos Humanos, sob o título A Força do Povo, em 1990, elaborado pelo casal e por Domingos Zamagna, ilustrado por Sebastião Xavier de Lima, com apresentação de Marco Antonio Barbosa e prefácio de José Carlos Barreto.

Telefonou a mim, tesoureiro municipal, depois das onze da noite porque acabara de falar com Erundina ao telefone – ela estava no Nordeste – e aceitara ser o Secretário de Educação da prefeita recém eleita. Quando lhe disse quanto ganharia, lamentou-se, muito menos do que ganhava e precisava, talvez não devesse ter aceitado o convite. Quem não dormiu, fui eu.

Uma vez Secretário deixou de nos assessorar e nos tornamos seus assessores, informais, amigos. Lembro-me bem de uma das primeiras atividades de que participei, Ana Maria Saul num salão com

inúmeros professores, passamos o dia redigindo uns dois parágrafos na lousa. Comentei com ela a perda de tempo, qualquer professor ali seria capaz de redigir sozinho aquele parágrafo. Sim, mas agora são todos coautores, corresponsáveis, uma comunidade inclusiva. Das primeiras das muitas lições que aprendi.

Foi dos melhores e mais estimulantes trabalhos de que participei na vida, o da educação em direitos humanos na Prefeitura de São Paulo. Trabalhávamos como nunca, aos sábados e domingos inclusive, com alegria, com prazer. Ver a adesão dos professores ao projeto, inicialmente desconfiados, presos às suas práticas. Meyri Venci Chieffi, Edson Gabriel Garcia, tantos nomes, tantos cursos, tudo melhor contado nos livros *Justiça e Paz – Memórias da Comissão de São Paulo* (Fester, Loyola, 2005) e em *Ousadia no Diálogo*, organizado por Nidia Nacib Pontuschka, com diversos autores do grupo de trabalho, com o subtítulo *Interdisciplinaridade na escola pública* (Loyola, 1993).

Mudei como pessoa, mudei como professor, não se conhece Paulo Freire impunemente. E mudei para melhor, dizem até meus alunos. Inclusive como ele só, de uma amorosidade a toda prova, alegre, muito alegre, Paulo Freire. Quando soube que ele ia deixar o cargo, em 1991, não acreditei. Enquanto fui criticado por todos, segurei, mas agora que estou sendo criticado até pelo meu partido, estou saindo, foi o que me disse. Um partido que, no meu entender, sofre de soberba e de tendências ao suicídio ao perder nomes como ele, Erundina, Chico Alencar, Chico Whitaker e outros.

Em 18 de setembro de 1996, Paulo Freire e Dom Paulo foram dois dos integrantes da mesa que encerrou o Seminário sobre o Simbólico e o Diabólico, no TUCA. Insistiu que a história não morreu, muito menos os sonhos e a utopia, e que somos seres em busca, em busca de ser mais, com a coragem de correremos os riscos.

Em 2 de maio de 1997, o coração o levou. No velório, Maristela Grasciani e eu choramos um no ombro do outro, o padre Júlio Lancelloti encomendou o corpo e José Carlos Barreto me apoiou no cemitério,

Deixou, para mim pessoalmente, como conceitos básicos:

- Opressor introjetado, que reconheço a cada momento, até em mim mesmo;

- Dialogicidade, a capacidade humana de um diálogo de fato, onde um escute o outro e ambos recriem seus próprios discursos, produzam novos conhecimentos, deixem-se transformar, renascer;

- Um profundo amor e fé na pessoa humana, qualquer que seja ela, mas especialmente na mais oprimida, inteligente e amorosa como toda e qualquer pessoa, capaz de tornar-se sujeito de sua própria história, através da indignação, da tolerância, rumo à autonomia em uma coletividade onde impere a justiça e a paz, em plena vigência dos direitos humanos.

- Dar voz ao oprimido, não falar por ele.

Paulo Freire, uma saudade imensa!





# Professor Paulo Freire

Antonio João Thozzi

Não me lembro o mês, muito menos o dia! Mas era 1990, no então NAE 7, uma das escolas, Assad Abdala, funcionava dentro do Lar Sírio, no Tatuapé. Era uma escola municipal que funcionava em período integral e cuja maioria dos alunos era interno do Lar Sírio, uma instituição beneficente.

A direção promoveu uma grande reforma. Construiu cozinha nova, refeitório moderno, instalações reformadas.

No dia da inauguração vieram Paulo Freire e Mário Sérgio Cortella.

Houve discurso, lanche e música árabe (ou seria síria?).

De repente o professor Paulo Freire me pega pelo braço e me diz “Vamos ver as classes!”

Entramos na primeira sala, professor Paulo Freire fala com a professora, diz algumas palavras aos alunos. E assim fomos de sala em sala.

As crianças não sabiam quem éramos. Secretário da Educação e Coordenador do NAE 7. As professoras nos recebiam gentilmente e nos apresentavam. As crianças não entendiam bem quem estava ali...

Aí chegamos à última classe, as crianças mais novas, seis ou sete anos. Entramos. Antes que abrissemos a boca um garoto encarou-nos. Olhou ambos barbudos. Professor Paulo Freire já de barbas brancas.

Questionou-nos: “Vocês são Papai Noel?”

Sorridente, Paulo Freire respondeu: “Sim!”

Única palavra. Não tivemos tempo pra mais nada!

O garotinho nos agride: “Fora daqui, eu odeio o Papai Noel!”



Eu ia argumentar. Paulo Freire tocou meu braço e saímos rapidamente da sala. “Outra hora você vem aqui e conversa com ele!”

No corredor Paulo Freire tira o lenço do bolso e enxuga as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto! Isso marcou-me profundamente. Não tocamos mais no assunto. Também não voltei lá pra conversar com o menino. Falha minha! Deveria ter voltado.

Eu também não gosto dessa figura do Papai Noel da Coca-Cola, americanizado. Ele nunca entrou na minha família, nem na minha casa. Mas eu deveria ter voltado lá, aquele garotinho merecia um carinho especial!

Mas até hoje guardo a emoção e as lágrimas do Professor Paulo Freire como mais um ensinamento: a humanidade!

Boa noite, gente amiga querida, espero que ele não se magoe comigo por contar da emoção dele que só eu assisti!

Minha contribuição para o livro comemorativo, afinal fui o único a ver as lágrimas do Professor!

Afinal, Paulo Freire vive em cada um de nós, seus discípulos!





# Rascunho e café naquela manhã com Paulo Freire

**Antonio Gil Neto**

*“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.*

**Paulo Freire**

Quantos talentos adormecidos moram em cada um de nós? Como desabrocham ações, circunstâncias ao nascimento de um livro, seu autor? Ponho-me a pensar como se configurou em mim o ato de escrever. O escrever para o outro.

Desde os escritos escolares - composições inspiradas por tantas gravuras impregnando caderninhos encapados com papel manteiga azulado - até este texto que ora se faz, fica difícil precisar a passagem entre o escrever por escrever e o escrever para o outro. Alicerçe fundo. O melhor da gente é onde o outro se instala.

Por um instante, dessas coisas que faz a memória brincalhona, visito no calendário do sentimento o impulso quanto à profissão de professor agregou-se o valoroso exercício de escritor. Com outras cores e melodia, este sopro de lembrança resplandecerá como simples homenagem. E me certifica de ter vivido um momento mais que precioso. Singular.

Relembro acontecimentos marcados pela presença insólita de Paulo Freire, não apenas os florescidos de seu ideário educacional. Não tive com ele convivência pessoal, mas posso contar de um encontro inusitado, inesperado. Amorosamente especial, tem a ver com o meu primeiro livro. Suspeito, só posso contar do que sinto: tive a graça de

tê-lo publicado com generosa apresentação de Paulo Freire. Audaz filósofo ou lírico educador?

Na época, início dos anos noventa, ele era o Secretário da Educação da nossa Cidade. Naquele ensejo de fervura profissional, Edson e eu escrevíamos ao bel-prazer sobre nossa mais recente vivência: diretores de escola. Escrevíamos em pequena brochura, a duas mãos, feito impulso instigado de realizar mudanças. A nosso ver, urgentes, imprescindíveis.

Nosso escrito era o de uma professora, figura central na escola, rastreada pelas suas mazelas e acontecimentos vivos, por vezes surpreendentes. O caderninho ia e vinha de um ao outro em compasso de alegrias. Despretensioso, valseava por nossas mãos em compartilhada autoria. Ia ganhando corpo um diário do convívio escolar revelado por Carolina, a professora ficcional, dona de nossa voz, da indignação acumulada. E do nosso sonho também.

Nascia sem se saber, o rascunho da posterior publicação. Tínhamos dado forma à necessidade de um grito de liberdade e de proclamar a autonomia almejada nas escolas, após tantos tempos de autoritarismo e burocracia, perseguições e individualismos. Chegara a hora de transformar a vida da escola. O coletivo teria vez e compromisso.

Num zás - trás, corações amigos fizeram com que o esboço quase irreverente chegasse a um editor que inaugurava a sua editora. E, nessas costuras entre sintonias e ideias, em tempos tão esperançosos, o caderninho maltrapilho acabou acolhido pelas mãos mais que preciosas de Paulo Freire. Melhor ainda: seu olhar generosamente perambulou pelo nosso escrito.

E lá fomos nós numa manhã comum e ensolarada conversar com o mestre inspirador sobre a provável publicação. O que diria nosso digno e amado Secretário de Educação? Talvez ainda sentisse na pele

as nuvens negras ressoando das ações punitivas então sofridas. Na verdade, não sentia firmeza em mim. O receio e o orgulho se debatiam em mesmo tom.

Chegamos à sua agradável casa no Sumaré. Rua íngreme, arborizada. Nos recebeu amavelmente a sua esposa. Sentamo-nos no sofá. Ao lado, feito abraço antecipado, a bandeja com o café. Cuidadosamente desceu as escadas o nosso mais que admirado anfitrião. Vestido impecavelmente, sentou-se à nossa frente, limpidamente. Falou das coisas mais simples, também sobre nossa ação na escola. E do jardim que floria e víamos da janela. Mas, do caderninho escrito a mão livre, nada. Fundiam-se em mim admiração e nervosismo. Prendi-me no ritual da visita. Paulo Freire saboreava o café vagarosamente como se fosse o único de sua vida. A voz sempre serena, melodiosa, pequena no tom e grandiosa nos efeitos. Sua força vinha da delicadeza e da verdade mais íntima, precisa. Vi a dignidade e a paciência, sábias, centradas no presente da vida que corria. Sem mistérios.

De vez em quando desabrochava na sua prosa expressões as quais ainda nem sequer sonhara ouvir. Elas mudavam completamente o sentido de tudo. Deixavam no ar notas de indagações e belezas a descobrir, sentidos por desvendar.

Percebi, de travessa curiosidade, junto à porta, ao chão, uma pequena maleta de viagem em ponto de espera. Soubemos que nos próximos instantes ele seguiria para um compromisso profissional na Europa. Foi então que como num passe de mágica, retirou de uma gaveta o caderninho, rascunho de alguma possibilidade. Veio mais uma xícara de café plenamente saboreada como poesia na manhã. E em meio a ela, a promessa de que o nosso escrito seria um companheiro de viagem. Poderia ler com toda a atenção merecida. Folheou-o

impensadamente com o afeto das mãos e meticulosamente abrigou-o na maleta prontinha para a partida.

O fato maravilhoso é que nosso escrito acompanhou o mestre mais admirado. Nossas palavras visitaram seu lugar de ler o mundo. Seu olhar filosófico e literário abrigou o nosso exercício promissor. Nosso despretensioso texto foi acolhido amorosamente pela nobreza de um verdadeiro e genuíno educador. E assim o nosso rascunho voou nas asas da aventura em virar livro.

Pude então inaugurar-me escritor por esse acontecimento a que chamo de experiência mais que prazerosa. Mais: por ter a graça sublime de ver estampado na capa do “Brado Retumbante” o dizer mais que generoso de Paulo Freire.

Paro por aqui esse brincar da memória que ilustra passagem mais que genuína na minha trajetória. Por ela, algumas palavras refulgem. Brilham no agora. Como paisagens: inacabamento, boniteza, reinventar, exercício da curiosidade e tantas outras do universo freireano. E por assim dizer, talvez você esteja pensando e revelando-se nesse silêncio leitor alguma palavra recriada por Paulo Freire e que faz parte da sua vida.





# Um sonho que se tornou realidade

**Marivaldo Costa Moreira**

No início dos anos 60, eu, adolescente, li uma matéria em um dos jornais de São Paulo, onde um professor pernambucano alfabetizava em 40 horas, de nome Paulo Freire e que o mesmo foi nomeado pelo Presidente João Goulart, Coordenador Nacional de Alfabetização. Despertou em mim a esperança que em breve o analfabetismo no Brasil seria banido.

Para a minha decepção, imagino de muitos, com o Golpe de 64 o projeto de alfabetização foi extinto e Paulo Freire foi preso e exilado.

Eu me perguntava: quem é realmente Paulo Freire?

A imprensa em geral nos anos 60, devido à ditadura militar, não publicava sobre Paulo Freire. A curiosidade aumentava em mim, foi quando a revista Paz e Terra teve a “ousadia” em publicar em outubro de 1969, um extenso resumo das palestras proferidas por Paulo Freire no Chile sobre o Papel da Educação na Humanização, sob o patrocínio da OEA. Essas palestras foram o embrião do livro Pedagogia do Oprimido. Eu sentia e sinto-me um privilegiado de ter me inteirado das ideias gerais deste livro, antes da sua publicação.

Comecei a lecionar, oficialmente em 1970, sendo que a publicação da Revista Paz e Terra, sobre as palestras de Paulo Freire, serviu de inspiração para a minha prática docente.

Com o retorno dos anistiados em 1979, entre eles Paulo Freire, alimentava em mim um sonho, confesso, de conhecê-lo, não só pelos livros e sim pessoalmente.

Luiza Erundina, eleita Prefeita da cidade de São Paulo, convidou Paulo Freire para ser o Secretário da Educação. Fui indicado para fazer parte da equipe do Professor e nomeado por ele Coordenador do Núcleo de Ação Educacional NAE 9, que abrangia uma das regiões mais carentes da cidade, composta pelos bairros de Itaquera, Guaianazes e São Mateus, no total de 105 escolas.

Em nossas reuniões na Secretaria de Educação, Paulo Freire com o seu jeito terno, carregado de humildade, sabedoria e esperança, nos inspirava para levarmos avante o projeto de construção de uma educação pública, popular e democrática.

Particpei com ele na inauguração de algumas escolas na Zona Leste, como também de palestras e encontros, onde a sua presença encantava as pessoas que ficavam embevecidas diante de alguém que realçava a importância da busca da felicidade em uma prática libertadora.

O privilégio do seu convívio me leva a dizer: Um sonho que se tornou realidade!



Foto: Entrega do Prêmio Moinho Santista ao Prof. Paulo Freire, no Palácio de Governo de São Paulo, 1995. Acervo de Marivaldo Costa Moreira



Foto: Paulo Freire com os Coordenadores dos Núcleos de Ação Educativa (NAEs) - 1990: Da esquerda para a direita, em pé: Helena Guiro Pacheco Pinto Coelho (NAE-3); Ivone Camilo (NAE-8); Anna Maria Bozzo (NAE-5); Antonio João Thozzi (NAE-7); Prof. Paulo Freire; Ana Maria Araújo Freire (esposa de Paulo Freire); Waldir Romero (NAE-2); Olga Kalil Figueiredo (NAE-4); Maria Nilda de Almeida Teixeira Leite (NAE-6); Josefa Estela Titon Garcia (NAE-2). Agachados: Marcos Mendonça (NAE-10); Marivaldo Costa Moreira (NAE-9); Max Ordonez Fernandes de Souza (NAE-1); Antonio Carlos Machado (Coordenador dos Núcleos de Ação educativa - CONAE). Acervo: Marivaldo Costa Moreira



Foto: Aniversário do Pro. Paulo Freire - 1990. Prof. Paulo Freire e Marivaldo Costa Moreira





# Valmira viu a água

Rui Alves Grilo

Fevereiro de 1971. Estava na sala dos professores da Escola Municipal “Dr. Miguel Vieira Ferreira” quando apareceu a Irmã Madalena, uma americana do Colégio Santa Maria.

Ela procurava um professor para dar aulas do Mobral na Favela do Rio Bonito. Cada morador, para receber uma cesta básica e ajuda, precisava participar do curso de alfabetização, de pedreiro ou algum outro curso rápido.

O Mobral “domesticou” a proposta de Paulo Freire, unificando os temas geradores para todos os núcleos de alfabetização. O primeiro tema era tijolo, pois supunha-se que grande parte dos que vieram morar em São Paulo e em suas favelas eram trabalhadores na construção civil.

Não se partia da frase “Ivo viu a uva” mas do debate sobre as representações da palavra tijolo, da percepção que cultura é o trabalho de transformação do mundo natural. Da percepção e manipulação do barro, através do trabalho, há a transformação do barro em tijolo e em outros utensílios e a transformação do ser humano pelo conhecimento e prática adquiridos.

Após o debate havia a etapa de decomposição da palavra em famílias silábicas e a composição de novas palavras que revelavam o universo vocabular e cultural dos alfabetizandos.

Vivia-se sob censura e, obviamente, era arriscado desenvolver uma discussão profunda como a proposta na Educação como Prática da Liberdade numa sala de aula de um programa oficial como o Mobral. Mesmo assim, era uma prática mais avançada e progressista do que a prática desenvolvida com as crianças no período da manhã. Muitas

práticas desenvolvidas com os adultos também funcionavam com as crianças, especialmente a observação e o debate de diferentes pontos de vista.

Mais tarde, uma questão me incomodava: como trabalhar e incorporar a noção de que todos fazemos história.

As crianças conheciam o bairro como estava e não sabiam como era antes. Comecei a levar pais e moradores à sala de aula para contar como era o bairro antes. Fui formando uma coleção de fotos e documentos de como o bairro foi se transformando.

Nessa época, a região da Capela do Socorro era um verdadeiro barril de pólvora devido à luta por várias melhorias: construção de escolas, hospitais e creches, transportes, regularização de documentos.

Mas uma luta que foi mais intensa e vitoriosa foi a luta pela água encanada. Foi aí que conheci a Valmira. Ela conta que veio da região de Canudos devido à falta d'água e da miséria e começou a sofrer o mesmo problema no bairro do Cocaia. O Movimento da Água chegou a levar 40 ônibus à sede da Sabesp em Pinheiros

Dentro dessas lutas, conheci muitas pessoas e fatos importantes da região, os quais usava para trabalhar em sala de aula.

Uma das lições de casa era entrevistar os pais e perguntar de onde vieram e quais os motivos. Em seguida, elaborava uma síntese na classe. Assim os alunos iam recolhendo dados e percebendo fatos e problemas além do bairro e do município.

Na administração de Paulo Freire tivemos muito mais condições para expandir esse tipo de trabalho. Na Escola Municipal “Paulo Setúbal” trabalhamos dessa forma mais intensamente com sete classes de quarta série. No entanto, alguns professores de quinta a oitava também acompanhavam nosso trabalho e participavam da assessoria

que o Laboratório de Ciências Humanas da Faculdade de Educação fornecia.

Próximo à escola havia o Mutirão IV Centenário, no qual os alunos conversavam com os mutirantes e com o engenheiro responsável. A Secretaria de Habitação também nos forneceu várias fotos da região para podermos trabalhar em classe. Assim, ampliamos o alcance da Campanha da Zona dos Mananciais. A água se tornou o nosso grande tema gerador porque estávamos entre as represas Billings e Guarapiranga e não tínhamos água encanada.

Grande parte do material recolhido por nós, serviu como recurso para cursos de reciclagem de professores da região.

Hoje, quando vou de Pinheiros ao Jardim Primavera em 30 minutos e desço do trem e tomo a escada rolante, parece que foi um sonho.

A luta valeu a pena.





# Vida, morte, Vida

Manoel Romão de Souza

No dia 2 de maio de 1997, estava tranquilo em minha casa, quando fui avisado que Paulo Freire morreria, depois de um terrível choque o que acontece quando perdemos um ente querido, dirigi-me à PUC: onde ocorrera seu velório, passei aquela última noite ao lado daquele homem que muito havia me ensinado.

Ao lado daquele corpo, refleti sobre o significado de nossa passagem efêmera por esse mundo. Ali estava um homem com o qual eu havia aprendido e vivenciado conceitos essenciais para minha atividade de educador: O estudo da realidade, a interdisciplinaridade e a dialogicidade.

Ali estava apenas um corpo, sereno, quieto no mais absoluto silêncio. Que trágica essa vida! O que seríamos nós, educadores progressistas, sem aquela luz tão potente que nos guiava, que nos impulsionava a operar transformações radicais em nossa prática cotidiana e em nossa vida. Eu estava completamente desolado, como se o futuro de um mundo melhor - um sonho, uma utopia - de uma só vez fosse totalmente dilacerado: Paulo Freire havia ido embora.

Olhei em torno de mim, estavam Lula, Milton Santos, Mário Sérgio Cortella e outras centenas de educadores que lutaram e que estavam dispostos a lutar para divulgar, expandir os conceitos que há pouco me referi.

Calmamente, uma nova luz foi se apossando e iluminando o meu coração. Resignado e um pouco mais tranquilo percebi que aquele homem não morreu. Sua visão de mundo, que de uma maneira profunda indicava novos caminhos para uma prática revolucionária na relação de educador entre e educando, permanecia em cada um de nós.

Tenho a mais absoluta certeza de que Paulo Freire não morreu e não morrerá: seus ideais de humildade, de compreensão da realidade e de diálogo permanente estão em nossas mentes e em nossos corações PARA SEMPRE.

Que saudades de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação! Foi um período luminoso na história do ensino municipal. Quanta vida, quanta alegria, quanta aprendizagem! Quanta luta que gerou e gera esperança que jamais se apagará! Apesar de vivermos, nesse exato momento, um tempo de dor e uma tristeza difusa.

VAMOS EM FRENTE!





# A máquina fotográfica

Vânia de Azevedo Lage

Durante o governo de Luiza Erundina, havia um frenesi que sempre acompanhou os professores universitários e os servidores municipais que participaram com seu trabalho e conhecimento da elaboração e organização dos cadernos pedagógicos de formação e de avaliação da gestão e que orientavam as ações dos educadores das escolas do Município de São Paulo.

Para o genial Paulo Freire, nosso Secretário de Educação à época, a vivência escolar deveria ser o fio condutor que orientaria a produção dos conteúdos dos cadernos das várias áreas do conhecimento e também dos cadernos que auxiliariam as escolas a fortalecer os organismos de participação popular em seu interior. Haveria ainda a ser produzido cadernos com os resultados das ações da própria Secretaria Municipal de Educação.

Essa produção teórica e prática, envolvendo tantas realidades e atores com papéis e responsabilidades tão diferentes e tão conectadas pelo desejo e impulso na construção de uma Escola Popular para todos, alimentava o frenesi: em criar, sonhar e realizar.

Vivíamos todos, escolas, NAEs, DOTs, SME numa condição de felicidade, alegria e pertencimento que nos permitia usufruir o conhecimento muito progressista e transformador.

Um dia do ano de 1990, um dos caderninhos das Salas de Leitura, saiu da gráfica da DOT. Era lindo! A capa branca do papel A4, vinha grafada com o desenho em vermelho de um aluno lendo um livro e as letras também em vermelho indicando - Sala de Leitura. Foi a festa! Seu conteúdo, resultado das reflexões sobre a leitura, os livros e as ações

que contribuiriam para a compreensão da interdisciplinaridade nas escolas.

A diretora da Diretoria de Orientação Técnica, a professora Ana Maria Saul, trabalhava conosco e algumas vezes o professor Paulo Freire, após uma de suas visitas às escolas, nos visitava no prédio da Vila Clementino.

Ainda não tínhamos enviado o livrinho da Sala de Leitura para as escolas da Rede Municipal e Paulo Freire estando em DOT, quis conhecer o caderninho. Fui chamada a apresentar a produção, resultado do trabalho de pesquisa e reflexão dos NAEs com os professores das Salas de Leitura das escolas e com as DOTs. Foi uma sensação! Parei entre o professor Paulo Freire e a nossa diretora, tendo à minha frente o Edson Gabriel Garcia, assessor de Ana Saul e Meyri Venci Chieffi, minha chefe na DOT II. Eu me senti como uma aluna muito responsável, caprichosa e competente, afinal naquele momento eu representava os professores dos NAEs e das Salas de Leitura das escolas municipais.

Paulo Freire, com seu jeito elegante e caloroso, foi virando lentamente as páginas do livrinho e ao final disse: - Parabéns a todos! Um dia tu irás comigo e com a Ana às escolas, para visitar as Salas de Leitura nos NAEs.

Depois, pediu uma caneta e fez algo inusitado e maravilhoso, autografou aquele caderninho! A professora Ana, olhou e disse de uma maneira a congratular e a lamentar: - Vânia, só faltou uma máquina fotográfica!

Depois, vivenciamos um momento de outro grande frenesi, que foi a organização e comemoração, no dia 26 de outubro de 2019, dos 30 anos do governo da Prefeita Luiza Erundina.

A alegria, a vivacidade, o reencontro emocionante tomou conta de todos e todas que 30 anos antes estavam juntos construindo o melhor governo que esta cidade conheceu.

Guardei comigo como recordação alguns livrinhos produzidos naquele período e com eles o caderninho da Sala de Leitura autografado por Paulo Freire. Foi programada uma exposição desta produção para o dia da comemoração das festividades dos 30 anos do Governo Democrático e Popular. Então, pensei em também oferecer os cadernos que havia guardado comigo por tantos anos.

Para minha surpresa e pesar o caderno da Sala de Leitura não estava entre os outros livrinhos e após procurar em minha casa com uma certa ansiedade, entre os meus livros de leitura e estudo, não encontrei a recordação que o professor Paulo Freire com tanta atenção e delicadeza autografou.

Enquanto escrevo este rápido relato sou tomada por uma certa tristeza e por um desejo em rever e tocar naquele tesouro que ficou guardado por tanto tempo e que eu sem saber como explicar desapareceu, impedindo que eu num frenesi de alegria e felicidade pudesse mostrar a todos e todas, no momento da festa dos 30 anos, a preciosa recordação que o professor Paulo Freire teria deixado para as Salas de Leitura das Escolas Municipais.

Fez falta uma máquina fotográfica!







# A presença do Mestre

América dos Anjos Costa Marinho

Toda a minha vida de educadora foi fortemente marcada pela presença do Mestre Paulo Freire, cujo pensamento fui conhecendo a partir de textos “clandestinos” contrabandeados por amigos do exterior, em plena ditadura militar.

Com ele aprendi muitas coisas, mas duas me marcaram profundamente: amorosidade e respeito pelo educando, sobretudo aprendendo a escutar atentamente o outro. Isso significa que há sempre o que ensinar e o que aprender e é nessa troca de saberes que todos crescemos. São saberes que partem da realidade, do vivido e sempre é preciso refletir sobre eles, aprofundá-los, para que façam sentido e possam adquirir novos significados.

Esse aprendizado se concretizou, quando me formei professora de Português e fui lecionar no Jardim Ângela, para crianças de 5ª a 8ª série – como se dizia na época. Em 1974, era uma região muito pobre e as crianças, encantadoras. Em menos de um mês, estava perdidamente apaixonada por elas e elas, por mim. Posso afirmar que tudo o que sei sobre ensinar e aprender devo a elas e aos seis anos em que passei naquela escola.

Para trabalhar com elas, estudei e pesquisei muito, porque elas exigiam isso de mim e eu queria dar a elas o melhor possível. Tenho orgulho de dizer que, depois de quatro anos, os textos que elas escreviam eram melhores que a maioria dos textos dos alunos do meu marido, da Faculdade de Letras!

E tenho certeza de que, o tempo todo, não só lá, mas durante toda a minha longa carreira – como professora, coordenadora pedagógica e formadora de outros educadores – estive sob as asas de Paulo Freire.





# Minhas lembranças imaginárias ao pé de Paulo Freire

**Fernanda da Silva Ribeiro**

Eu olhava para ele de baixo para cima. Concentrado, calmo; ficava completamente mergulhado em suas leituras. Eu ficava embaixo, imaginando o que tanto lhe intrigava naquele amontoado de folhas. Quando mexia na barba branca e longa é porque tinha parado para refletir sobre algo que a leitura lhe trazia. Eu gostava de ficar ao seu pé, brincando. Me sentia acolhido, seguro. Sabia que aquele momento era importante para ele. E para mim também era. Apesar de, na época, eu não ter consciência de sua importância e obra, a maneira como me acolhia e me explicava suas leituras, o mundo, a vida, me mostravam o quão grande e generoso ele era. E, mesmo eu olhando-o de baixo para cima, ele me olhava na mesma perspectiva. Fazia na prática aquilo que sorvia de seus estudos. E foi assim que aprendi sobre respeito, empatia, direitos, e, também, sobre pensar. Foi assim que aprendi com Paulo Freire.





# Depoimento

**Iraci Ferreira Leite**

Mulher, negra, educadora popular

Comecei a trabalhar com educação de adultos quando estava no segundo ano do Curso Normal, substituindo uma prima que dava aulas numa igreja adventista. Foi com um misto de euforia e medo que enfrentei a tarefa de alfabetizar homens e mulheres muito mais velhos que eu.

Primeiro foi a desconfiança – será que essa menina sabe ensinar? – depois vieram a conquista da confiança e a alegria deles por dominar a leitura e a escrita. Desde então, continuei a alfabetizar crianças e adultos.

Na eleição de 1988 fazia parte da equipe que estava na mesa de uma seção eleitoral. Tive que pedir várias vezes que os fiscais dos partidos de direita saíssem da sala porque queriam acompanhar quase que até a cabina de votação os eleitores. Lembro que um deles atrevidamente me entregou um cartão com o endereço de um bar da Vila Madalena, onde pretendiam festejar a vitória de Paulo Maluf, dizendo que a cidade de São Paulo iria tremer. Grande engano, ao final houve um silêncio ao redor do posto de votação, pela primeira vez uma mulher, Luiza Erundina, representando o Partido dos Trabalhadores ganhou a prefeitura de São Paulo.

Houve na cidade uma lufada de esperança de mudança e com enorme satisfação eu soube da indicação de Paulo Freire para comandar a Secretaria de Educação e no dia da posse lá fui eu. Como estava atrasada, peguei um táxi e quando disse onde ia, o taxista que era pernambucano, me disse – mande um abraço meu para aquele velhinho e diga que gosto muito dele.

A sala estava repleta de muitas professoras e professores, alguns eu conhecia só por seus livros. Eu contei o ocorrido com o motorista para algumas pessoas amigas e elas insistiam que eu deveria dar o recado desse homem do povo para o mestre Paulo Freire. Foi muito timidamente que me aproximei dele e dei o recado e, para minha surpresa, ele me abraçou para literalmente receber o reconhecimento do taxista.

Na secretaria Paulo Freire foi procurado pelos movimentos populares que sempre alfabetizaram adultos para a elaboração de um projeto conjunto entre governo e movimentos populares para alfabetização de jovens, adultos e idosos. Esse foi um processo de ampla discussão junto aos educadores da rede, movimentos populares e educadores ligados às mais expressivas experiências de educação de jovens e adultos. Assim surgiu o MOVA SP, com os objetivos de assegurar aos jovens e adultos não escolarizados o direito à educação, cumprir a meta educacional de erradicação do analfabetismo e incentivar a participação popular e o fortalecimento dos movimentos sociais.

Coincidiu com minha posse como Coordenadora Pedagógica da EMEF Plínio Salgado, no Jardim Eliana, zona sul da Capital. Estando na escola recebia as educandas e educandos do MOVA SP e acompanhava o movimento em suas discussões sobre a prática, sobre a mudança de paradigmas, na ação-reflexão-ação.

As reuniões, na secretaria, com Paulo Freire eram momentos de grande aprendizado e a partir de exemplos simples e claros ele transmitia sua visão de mundo e de sociedade. Os críticos de sua filosofia/pedagogia o acusavam dizendo que quem o seguisse não tinha rumo, não procurava fazer da educação um dos elementos da transformação, um verdadeiro vale tudo.

Ao término de uma dessas reuniões ele nos disse: Agora vou a uma escola conversar com a diretora e uma professora. Um menino na hora da aula resolveu jogar bola na sala e a professora tirou-lhe a bola. Ela estava certa, na hora da aula não é o momento de jogar bola, os meninos vão à escola para construir conhecimento, entrar em contato com aquilo de foi produzido coletivamente por homens e mulheres. Ela usou sua autoridade. Só que num momento depois, ela furou a bola e isso é autoritarismo. Esse era o Paulo Freire que com exemplos do cotidiano conseguia discutir conceitos tão complexos.

Lembro que havia em todas nós uma vontade de realizar um trabalho que marcasse a Rede, uma proposta de trabalho que pudesse concretizar uma pedagogia que centrasse sua visão no ser humano, que considerasse a realidade, os saberes dos educandos e educandas, seus tempos e espaços.

Nesse sentido o trabalho desenvolvido era interdisciplinar procurando fazer com que a educação não fosse compartimentada, mas entendida como um todo, onde as diversas áreas de conhecimento serviam para desvelar essa realidade e dar pistas para modificá-la.

E Paulo Freire foi ver esse trabalho e lembro que depois de ouvir a todos ele me abraçou e disse – O que você fez não é Paulo Freire, você recriou Paulo Freire. Se meu diploma não tinha validade, neste dia, ele foi validado.

Esse era o mestre generoso que primeiro valorizava o trabalho das pessoas e depois com sua fala mansa e baixa nos fazia refletir sobre nossa ação para ressignificá-la e agir de modo diferente no sentido da emancipação e conscientização de mulheres e homens trabalhadores.





# É preciso saber viver

Anna Helena Altenfelder

“Pode um educador não estar à altura do seu tempo?” No registro das minhas lembranças, foram essas as palavras com as quais Paulo Freire iniciou sua fala em um congresso no SENAC de São Paulo, sobre Educação e Novas Tecnologias, entre o início e meados dos anos 1990.

Um ou outro equívoco em relação à data precisa, à natureza do encontro, até mesmo se as palavras foram proferidas no início da fala e se foram exatamente essas, podem advir das falhas da minha memória, mas a emoção de ouvir o Mestre e a lição aprendida ficaram vivas no meu coração e na minha razão.

Era uma época na qual a educação passou a ser objeto de discussão e reestruturação e pensada em relação às mudanças sociais, culturais e econômicas. A Conferência Mundial de Educação para Todos, de 1990, e o Relatório Delors tinham grande influência sobre o debate.

Já tendo aprendido com Paulo Freire que toda educação é política e que nunca é neutra, analisávamos o contexto de modo crítico, mas havia animação e um clima de possibilidades, vivíamos o período de redemocratização do Brasil, no qual havia espaço para se pensar uma educação como ato político emancipatório.

A fala do Professor, como sempre em diálogo com o contexto, parecia conversar com os versos de Cazusa, cantados, na época, por Cássia Eller, na música Malandragem: “Bobeira é não viver a realidade”. Por outro lado, suas ponderações de que as tecnologias precisavam estar a serviço da democratização do conhecimento, possibilitar a expressão criativa e colaborativa e despertar a curiosidade epistemológica conversavam com os versos de outra música, de

Erasmus e Roberto Carlos, que fazia sucesso nos anos 90, na voz dos Titãs: “Se o bem e o mal existem, você pode escolher. É preciso saber viver.”

Hoje, vivemos um momento no qual a ameaça à educação como ato político, emancipatório, dialógico, capaz de incentivar a capacidade crítica dos estudantes, não é mais uma possibilidade, mas um fato. Vivemos também um retrocesso nos valores democráticos e republicanos, inimagináveis nos anos 90. A pandemia da COVID 19, escancarou e acirrou as desigualdades sociais e educacionais que não conseguiram ser superadas nos últimos 30 anos.

A promessa da democratização do acesso e a revolução da educação pelo digital não aconteceu. Reconhecido hoje, como direito fundamental, esse acesso é desigual, e essa desigualdade tem marcadores de nível socioeconômico, raça, cor e território.

Sabemos porque aprendemos com o Mestre que a realidade opressiva age para submergir a consciência dos seres humanos. Assim, Paulo Freire, mais do que nunca, precisa estar vivo na certeza de cada um de nós que educar é um ato de amor e de coragem e que exige esperança do verbo esperar, que demanda ir atrás, não desistir, juntar-se como os outros para uma ação criadora e modificadora da realidade.





# Em celebração à natalidade

Edna Domenica Merola

Pedro pedreiro esperava o trem. Freire, obreiro de saberes, esperançava o hoje. Olavo oleiro entregava seu tijolo ao alfabetizador brasileiro.

Eu apenas seguia em páginas impressas os rastros do pesquisador Paulo Freire. Eu, (órfã?) exilada na própria pátria desamada, (des) almada da presença/ausência do professor pesquisador e de seus companheiros.

Os fuzis apontavam para nós, e erguíamos livros como escudo, em nossos locais particulares de estudo.

Depois houve o tempo bom da euforia, da anistia. O retorno de Paulo Freire nos unia sob o governo municipal de Luiza Erundina. Eu, coordenadora pedagógica, tinha pai e mãe na práxis e me despedia do sentimento do “eu menos-valia” nos momentos de encontros “convocados” pelo mestre, no projeto interdisciplinar da nossa escola, no parto do tema gerador. Findo o mandato de Erundina na “pauliceia”, minha memória registra-a novamente “desvairada”. Vieram tantas políticas públicas em “déjà vu” e até passou um trem que “há pitta” e meu Pedro Pedreiro chorou, na estação, novamente.

Hoje registro, em bravo protesto, repúdio ao opositor de Paulo Freire que “dá ares”, “dá mares”, na sonegação dos direitos constitucionais. E evoco Pedro pedreiro, Olavo oleiro... E (quer saber?) até Jesus carpinteiro... em celebração “à natalidade” da qual nos fala Hannah Arendt PELO CENTENÁRIO DE PAULO REGLUS FREIRE.







# Memória de uma São Paulo feliz

**Pedro Paulo Chieffi**

Paulo Freire mudou minha vida, embora não o tenha conhecido pessoalmente. Na verdade, estive junto dele uma vez: em seu velório no saguão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ocasião em que Luiza Erundina me apresentou a Vitor Buaiz, médico como eu e ex-governador do Estado do Espírito Santo. Já então terminara a gestão de Luiza Erundina que tão profundamente transformou a educação pública na cidade de São Paulo. Porém, isso somente vim a perceber em toda sua dimensão quando, muito depois, comemoraram-se os 30 anos daquela que foi a melhor performance da Prefeitura Municipal de São Paulo, especialmente nas áreas de educação e saúde. Nessa ocasião, em ato com a presença de mais de 600 participantes, chamava atenção a emoção de quem atuara na administração Erundina. Ficou evidente, ainda, como essa administração deixara marcas no ensino público municipal, mesmo decorridas três décadas, pela presença significativa e entusiasta de jovens docentes, alguns não nascidos na época do governo Erundina.

Quero, porém, explicitar como Paulo Freire alterou minha vida que, após um tempo agitado em que exerci a direção do Instituto Adolfo Lutz, estava me readaptando prazerosamente à docência e pesquisa na rotina acadêmica.

Minha mulher e algumas de suas amigas, ligadas orgânica ou emocionalmente ao Partido dos Trabalhadores aceitaram convite (ou foi convocação?) para cargos de direção na Secretaria Municipal de

Educação. Foi um tempo de árduo trabalho coletivo e solidário que exigiu, também, grande esforço individual.

Seguiram-se quatro anos de intensa atividade em que, de pai pouco atuante, me transformei em gestor de casa onde viviam um casal de adolescentes e uma criança de 9 anos. Quase toda rotina estafante de uma família de classe média recaiu sobre mim, pouco habituado a tais tarefas. Meyri, minha companheira, estava sempre ocupada “full-time”, inclusive nos finais de semana.

Nossa vida tornou-se de tal maneira agitada que ansiávamos pelo fim da gestão, sem perceber que estávamos vivendo talvez o período mais rico em experiências gratificantes de nossas existências.

Hoje, passados muito tempo, esperando que ventos democráticos tornem a soprar em nossa seara, temos saudades da época em que a cidade foi feliz.





# Memórias que a vida conta – Paulo Freire na minha história

Rosaura Aparecida de Almeida

Tive contato com os escritos de Paulo Freire durante o meu curso de Magistério, habilitação profissional no 2º grau, entre os idos de 1984 a 1986.

O país vivia seu período de abertura e efervescência política, movimentações em torno de eleições presidenciais pelo voto popular e consequente democratização da sociedade.

A escola na qual estudava, impregnada neste momento histórico, trazia às salas de aulas as leituras de uma profusão de produção literária sobre educação. E, principalmente, educação na perspectiva libertária.

Minha memória afetiva me traiu por um bom tempo, pois Cuidado: Escola! de Claudius Ceccon e equipe IDAC trazia tamanho destaque à apresentação escrita por Paulo Freire à época que, por um bom tempo, atribui a ele sua autoria.

Antes de completar vinte anos de idade, já tinha lido Educação como Prática da Liberdade e Educação e Mudança, do grande mestre. Mas também As Belas Mentiras<sup>1</sup>, Uma escola para o Povo<sup>2</sup>, Fala Maria Favela<sup>3</sup>, Educar para quê?<sup>4</sup> obras que marcaram minha formação docente inicial nesta perspectiva crítica, de forte compromisso político e classista. Retratos de uma época de forte produção inspiradas na Educação Popular de Paulo Freire, enquanto intenção e formato.

<sup>1</sup> Maria de Lourdes Chagas Deiró

<sup>2</sup> Maria Teresa Nidelcoff

<sup>3</sup> Antonio Leal

<sup>4</sup> Reinaldo Matias Fleury

Não há como não reconhecer a influência da Pedagogia do Oprimido, naquelas publicações, naquele momento histórico, no “esperançar” educativo da época.

E não há como não reconhecer, na construção da minha identidade docente (e de agente social no movimento popular e na ação sindical) sua influência: na preocupação constante da coerência entre o discurso político e a prática pedagógica e social; no privilégio de momentos para a troca de saberes entre educandos e entre esses comigo numa relação afetuosa; na busca pelo desvelar, partilhado, das intenções e do conhecimento no mundo; na autonomia do estudante; no fazer da educação – e da ação política – um ato carregado de afetividade. E de acreditar na mudança possível pela educação.

O reconhecimento da educação, e do ensino, como um ato político, evitou em minha trajetória, a falsa premissa da neutralidade nas minhas experiências profissionais, mas consolidou em mim o forte compromisso com a escola e a educação pública e com a transformação social, em prol das classes populares.

Em tempos de “Escola sem Partido”, da mercantilização do conhecimento (ou de quase tudo), do avanço do neo tecnicismo curricular que instrumentaliza e torna a coisificar o aprendiz; celebrar o centenário de Paulo Freire é um ato de resistência.

Resistência que se dá nas salas de aulas, nas instituições de ensino, nos encontros de formação compartilhada e na luta sindical... Nessa luta que empreendemos cotidianamente para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, que humaniza e liberta. E que busca barrar o avanço (ou retrocesso?) antidemocrático no país.

Estar, hoje, à frente do Sindicato APASE de Supervisores de Ensino do Magistério Oficial do Estado de São Paulo é continuar a trajetória daquela jovem que tentou apreender os significados dos

ensinamentos amorosos e densos do mestre nos anos 80 e que refletem no seu fazer sindical em 2021.

Viva Paulo Freire!





# Os sentidos de mundo que vem do mestre

**Celso João Carminati**

As ideias iniciais do pensamento de Paulo Freire me chegaram pelas mãos de Carlos Rodrigues Brandão, ou melhor, das suas palavras, no clássico livro sobre “O que é Método Paulo Freire”. Com palavras simples, mas carregadas de mundo, como nos diz o Mestre, fui levado ao encontro e à compreensão das nossas ações junto às comunidades de periferias, onde atuava como voluntário por via da pastoral da juventude estudantil, ainda no então segundo grau e da pastoral universitária, anos mais tarde.

As palavras do mestre faziam ecoar e reverberar os sentidos reais dos sonhos na transformação do mundo, no alívio da fome para as comunidades, nos mutirões de solidariedade e de formação, na esperança de um lugar melhor para se viver.

A compreensão do método abriu caminho para ações em regiões equidistantes no interior do país, onde nossas visitas atestavam os sentidos e a importância do fazer popular.

Ter lido outras obras do mestre, seus intérpretes e seus críticos, possibilitou a ligação dos sentidos das palavras com a realidade, que numa hermenêutica do tempo, nos ensinava, nos entrelaçava como numa ciranda de roda, com as belezas da vida, os amores e encantos da natureza, ao brilho das estrelas e a dimensão infinita do existir.

O leitmotiv dos grupos de estudos de seus textos foram sempre se constituindo numa espécie de bússola para o caminhar. Os conflitos entre as diferentes teorias e os fundamentos entre a teoria e a prática, alcançavam em seu pensamento uma alternativa muito simples, a

práxis. Se recebíamos orientações de partirmos sempre da teoria para conhecer o mundo, Freire nos mostrava ser possível e necessário, viver com o outro, mundanizar-se, teorizando a prática, como condição importante do compromisso engajado, traduzido na ação-reflexão-ação e não mera contemplação.

Viver com o povo, com suas palavras, lugares, seus fazeres e reproduções de seus mundos, na maioria das vezes ingênuas, eivadas de senso comum desafiava-nos a compor e recompor as teias de interpretação de seus sentidos. As categorias analíticas do Mestre, carregadas de mundo, diferenciavam-se das interpretações dadas pela filosofia e a sociologia clássicas, no âmbito social, afetivo e político.

A cultura popular presente e necessária na consolidação de seu pensamento, de suas andanças pelo mundo, de suas interações em nível nacional e internacional, hoje manifesta na sua obra traduzida em diversos países, mostra a importância de suas ideias entre nós, que já caminham com nossos passos e voam com nossos pensamentos, como marcas indeléveis de sua perpetuação no tempo.

O vazio de sua partida vem sendo preenchido pelo reconhecimento de sua obra, principalmente no exterior. Em alguns momentos, pude inclusive vivenciar isso na Itália e em outros países da Europa, mais do que propriamente no nosso país, naquele período. A força de suas ideias por lá, tenho confiança, possibilitou uma espécie de pressão para reconhecimento de sua importância entre nós brasileiros.

A dor da perseguição política e da diáspora intelectual nos anos da ditadura no Brasil, aos poucos frutificaram e reverberaram sobre nossa cultura e nossa arcaica sociedade, que carece de transformação, de perceber e compreender o outro, de partilhar os bens, os frutos do trabalho e da justiça social.

Hoje, nossas práticas e nossas teorias, em constantes simbioses, se alimentam da universalidade de seu pensamento para a construção de um mundo mais justo e solidário. Paulo Freire presente.

Memórias que a vida lembra







# Paulo Freire ralhou comigo!

Luciana Vitor Cury

Ah, Professor!!!

Desculpa, mais uma vez!? Eu sei que não deveria estar correndo pelas escadas da faculdade, mas o senhor compreende as urgências que temos aos 20 anos de idade, não é?

Não lembro ao certo o que me urgia tanto naquela manhã... Talvez a vontade do dia era correr atrás de livros, atrás de professores, atrás de minha constituição como pedagoga, talvez tudo junto ou apenas o horário do almoço se esgotava. Sei que descia muito rapidamente as escadas e, em um dos patamares, dei de encontro com o senhor que se desequilibrou. De modo nada cortês, nem delicado, nem sutil o segurei pela camisa para que não se desequilibrasse por completo nos degraus.

O senhor se lembra? Com as duas mãos o puxei pelos colarinhos de volta para o equilíbrio do degrau. Que ironia essa da vida, eu reequilibrando Paulo Freire!!!

Ah! que vergonha senti! No mesmo exato segundo o reconheci, o escutei perguntar, entre bravo e assustado: O MUNDO ESTÁ ACABANDO LÁ EM CIMA, MENINA? Veja que coisa, de tudo o que eu poderia ouvir direto de Paulo Freire, do que eu poderia ter recebido exclusivamente naquela escada eu recebi de Paulo Freire foi uma reprimenda! Eu posso dizer com certeza que o senhor me viu, olhou, me ouviu e me deu uma bronca. Chega a ser um privilégio.

De que mais me arrependo? De não ter lhe dado um abraço, de não ter lhe dito obrigada pelo que o senhor representa, obrigada por me constituir melhor na pedagogia. Não fiz discurso, não agradeci pelas grandezas e gentilezas, não pedi autógrafo, apenas o coloquei no

prumo e sussurrei: “não professor, o mundo tá acabando é lá embaixo!”  
E corri de novo.

Eu ainda me sinto correndo, sabe? Atrás da escola pública de qualidade, pelo direito a aprender de todas e todos, perseguindo políticas equitativas e inclusivas e muitas vezes ainda o seguro pelos colarinhos e o trago de volta pro patamar a que o senhor pertence. Às vezes preciso me puxar pelos meus próprios colarinhos e me colocar de volta... anda muito difícil, professor, muito difícil.

É Professor, naquele dia, naquela época, naqueles anos o mundo não parecia estar acabando em lugar algum, em nenhum aspecto. Já hoje...





# Paulo Freire na minha vida

**Cassiano Alves Macedo**

Em 1989, quando Luiza Erundina assumiu a Prefeitura do Município de São Paulo, minhas duas filhas estudavam na EMEF Wanny Salgado Rocha. Nos primeiros dias de aula, elas chegaram encantadas com as mudanças, contando que alguns professores estavam entusiasmados e tiveram uma longa conversa com os alunos, fazendo pesquisas e sondagens, algo que elas acharam inusitado e, eu como pai e professor, adorei.

Eu sabia que Paulo Freire era o Secretário da Educação da Luiza Erundina, mas como passei praticamente um terço da minha vida sob o período da ditadura, confesso que meu conhecimento sobre ele era parco.

Foi ouvindo um programa do serviço brasileiro da BBC de Londres em ondas curtas, no final dos anos sessenta, que ouvi falar pela primeira vez de Paulo Freire, suas obras e a prisão durante a ditadura. Seu nome ficou na minha cabeça. Os anos se passaram, até que em 1978, cursando Estudos Sociais, uma professora de nome Antonieta, com um posicionamento político muito claro, falou sobre nosso mestre. Vivíamos na chamada abertura política. Ela deixou um exemplar da “Pedagogia do Oprimido” no xerox da escola, para quem tivesse interesse, pudesse fazer uma cópia e ler o livro.

Fiz uma cópia e fiquei encantado, era algo novo para quem fazia uma simples faculdade de Estudos Sociais, quando praticamente eram inexistentes os cursos de História.

Nos estertores da ditadura começou a surgir um movimento para acabar com Estudos Sociais e voltar o ensino de História na Rede Estadual, onde eu tinha começado a trabalhar, e alguém até comentou

na sala dos professores sobre o nosso mestre, mas como professor ACT (admitido em caráter temporário) - eu não tive oportunidade de participar dos debates.

No final de 1989, entrei para a Rede Municipal e comecei a trabalhar em uma escola onde a direção era bastante contrária a administração municipal e praticamente não se falava nada do movimento de reorientação curricular que começava na Rede.

Em 1990, fui para uma escola onde estava começando o projeto da Interdisciplinaridade. Conheci várias pessoas do então Núcleo de Ação Educativa 10 e comecei a trabalhar no projeto, mas eu estava substituindo uma professora e logo fui para outra unidade. Mas tomei contato com os documentos que a Rede Municipal já estava publicando e conheci pessoas da SME envolvidas no projeto da Interdisciplinaridade.

Passados tantos anos desde a primeira vez em que tinha ouvido falar de Paulo Freire, eu estava tendo um contato mais próximo com suas ideias, que acompanham minha vida até hoje.

Fui convidado pelo coordenador do Projeto da Interdisciplinaridade do então Núcleo de Ação Educativa 10, professor Manoel Romão, para integrar como professor de História a equipe, algo que não esperava, pois ele não conhecia meu trabalho anterior. Mas fiquei muito feliz de fazer parte da equipe da interdisciplinaridade.

Trabalhar no grupo da Inter, como nós chamávamos o projeto, foi como cursar uma pós-graduação de alto nível, e no meu caso me proporcionou um conhecimento que está presente tanto na minha mente como no coração. Exigiu muito estudo, leituras e reflexão sobre a minha prática pedagógica, e como acumulei durante um período as redes do Estado e do Município, exigiu muito esforço, pois chegávamos a trabalhar algumas vezes por volta de 10 horas por dia.

O que mais me encantava durante esse período eram os cursos, seminários e palestras com renomados historiadores, filmes com debates após a exibição, organizados pela nossa coordenadora do DOT 2, Geni Rosa Duarte, e muitos deles aos sábados no período da tarde.

As reuniões, na Diretoria de Orientação Técnica (DOT) com todos da equipe da Inter com o professor Marcos A. da Silva e demais colegas, proporcionavam uma integração muito grande, entre nós e com as escolas da Rede, além da troca de informações. Assim, quando falávamos nas escolas da importância do trabalho coletivo, nós dávamos o exemplo em nosso coletivo na SME.

Não posso deixar de mencionar os Cadernos de Relatos de Práticas, pois eles apesar de não serem receitas, apresentaram uma nova relação entre currículo e mostravam que os professores podiam produzir conteúdo.

Os professores tiveram a oportunidade de escolher o conteúdo a ser ministrado. Mas no caso da nossa disciplina, História, foi um desafio, pois a maioria dos professores havia sido formada dentro da tradicional periodização da História, que até hoje predomina nos livros didáticos. Mas nas escolas que adotaram o projeto, eu não encontrei resistência dos professores de História.

Para encerrar eu gostaria de citar o breve e único encontro que tive com o Paulo Freire e lhe disse que a primeira vez que ouvi seu nome foi numa emissora de rádio e ele respondeu que gostava muito de rádio e sempre ligava seu aparelho na Rádio Cultura de SP, pois podia ouvir MPB de qualidade e ao mesmo tempo trabalhar.

Outro caso interessante foi quando me pediram para acompanhar, nas escolas do NAE 10, um jovem americano que estava fazendo um mestrado em uma Universidade Americana e que falava muito bem o idioma português. Ele me contou que ficava indignado porque visitando escolas no Brasil, via que os professores

desconheciam a obra do Paulo Freire, algo que no curso que ele fez lá nos EUA, equivalente à nossa pedagogia, os alunos da sua turma tinham que ler pelo menos uma obra do mestre.

Passados todos esses anos, quando alguns que trabalharam no projeto da Inter não estão mais entre nós, me sinto privilegiado de ter trabalhado no Movimento de Reorientação Curricular e poder deixar esse simples registro. Foi como já citei acima, uma pós-graduação, na verdade uma libertação e o rompimento das amarras do ensino tradicional baseado no acúmulo de informações. Como dizem os versos de uma canção do Dudu Nobre, repetindo um hino pátrio: “Liberdade!, Liberdade! Abre as asas sobre nós.”





# Paulo Freire, professor amoroso

**Eulina Pacheco Lutfi**

Escrever sobre a competência profissional de Paulo Freire tem sido tarefa de pesquisadores importantes de sua obra. Nesta pequena homenagem, gostaria de registrar sua delicadeza afetuosa, no contato com os professores de escolas públicas. Sou professora aposentada e posso assegurar que essa categoria profissional, em nosso país, tem sido desprestigiada tanto economicamente, como em relação ao valor de seus conhecimentos, criatividade e reinvenção de suas práticas. Em geral, são isolados da academia, que não os vê como pesquisadores e sim como executores de orientações pedagógicas, mesmo que, vez ou outra, seu trabalho sirva para produções universitárias.

Se escrevo esse prólogo, é pelas fortes lembranças que tenho de momentos com o professor Paulo Freire, em que seu vivo interesse pelo trabalho do professor de escola pública se manifestava com profundo respeito e valorização do que era feito, no dia a dia das aulas do ensino fundamental e médio. Pouco depois de sua volta ao Brasil, 1979, Paulo Freire comunicou-se com associações de professores e diretores de escola e outros grupos que discutiam o trabalho escolar. Assim conheci Paulo Freire pessoalmente, quando desejou encontrar-se com professores das escolas da região do Jaguaré, bairro da Zona Oeste de São Paulo. Surpreendi-me, diante daquele pensador, respeitado no mundo, que afetosamente ouvia cada um, na reunião organizada, no Externato Jaguaré, ligada à igreja católica, em que funcionava Educação de Adultos. Eu havia lido a *Pedagogia do Oprimido*, uma cópia, em espanhol, no final da década de sessenta e

procurava pôr, no meu trabalho, o que dele aprendia. Porém, não foi impossível a surpresa daquela simplicidade, daquela aproximação, como se fôssemos, todos nós, seus antigos companheiros.

Nossos encontros mensais continuaram, durante alguns anos, na Igreja São Domingos, bairro de Perdizes. Fazia-se uma programação para que professores, em bairros distintos, se organizassem e apresentassem o que haviam planejado para seus alunos e como realizavam suas práticas. Nessas ocasiões, após a fala dos apresentadores e comentários entre os assistentes, o professor Paulo, tendo, atentamente, ouvido tudo, apontava o valor de cada item, enquanto tornava claro os possíveis caminhos de aprofundamento.

Compreender melhor os alunos, propor o máximo possível de trabalhos conjuntos e relacionar teoria e prática, na pedagogia desses professores, tornavam-se mais necessários; leituras e debates cresceram entre eles e alguns procuraram a pós-graduação. Em decorrência desses encontros inesquecíveis, tive segurança para apresentar, em minha tese de mestrado na UNICAMP, 1982, a análise de língua portuguesa, no ensino de pescadores e lavradores do Médio Amazonas e na escola em que lecionava.

Esse foi o motivo para outros momentos preciosos com o professor Paulo. Ele fez parte da banca examinadora e, como eu escrevi acima, na universidade, nem sempre um trabalho realizado por professor de ensino fundamental e médio é considerado assunto para teses. Assim era naqueles anos oitenta. Porém o professor Paulo, ao comentar meu trabalho, ofereceu aos assistentes uma aula magnífica, sobre a importância do que se faz na escola e em movimentos sociais de educação. Foi uma explanação plena de sabedoria e afeto. E, quando fui à casa dele levar o livro que havia sido publicado a partir da tese, recebeu-me com sua singeleza e prazer em conversar com uma



professora como eu e sempre querendo ouvir e fazer perguntas carinhosas e de encorajamento.

Recordo emocionada esses momentos, tendo diante de mim um sábio que amava as pessoas e que fazia, nelas, florescer um desejo de ternura pelo outro, de ser professor estudioso e amoroso, especialmente aos injustiçados.





# RAP...Ensando a Educação

**Maria José Santos Silva**

Meu primeiro contato com o RAP se deu no final de 1990, na Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), no bairro do Campo Limpo, onde o Núcleo de Ação Educativa 5, NAE-5, realizava uma exposição de escolas da região. Um grupo de garotos da EMPG Prof. Levy de Azevedo Sodré participou do evento com o nome Posse Conceitos de Rua. Estávamos, Anna Bozzo, Marcia Trezza e eu, acompanhando a apresentação quando eles subiram ao palco.

Aquele nome, Posse Conceitos de Rua, nos chamou a atenção. Ao final do evento, conversamos com os rapazes. Descobrimos que “posse” é o nome dado por eles quando duas ou mais bandas de RAP e seus amigos se reúnem, formando uma turma para realizar ações sociais na comunidade. O Conceitos de Rua, liderado pelo rapper Carlos Alberto de Souza, o MC Kall, reunia jovens ligados aos rappers do grupo Racionais MC’s, formado no entorno da EMPG Prof. Levy de Azevedo Sodré.

Após aquele primeiro contato, os jovens passaram a frequentar o NAE à procura de livros para leitura e sempre nos colocavam a par dos bate-papos que mantinham com os colegas da escola. A partir dessas conversas, fomos desenvolvendo a ideia de levar o RAP às demais escolas do Campo Limpo. Com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, foi montado o projeto RAPensando a Educação em nossa região. O RAP era um estilo musical já conhecido pelos jovens e, desse modo, o projeto foi recebido com entusiasmo pelos alunos.

Passamos a contar com a presença dos grupos Racionais MC’s e DMN (Defensores do Movimento Negro), que iam às escolas participar de debates sobre as letras de suas músicas. Nessas ocasiões eram

abordados temas até então inéditos no espaço escolar, tais como a questão racial, a desigualdade social, gravidez precoce, a Aids, o uso indevido de drogas e a violência policial. Todos esses encontros contaram também com a presença de uma representante da Secretaria Municipal de Educação, Sueli Chan, assessora especial do Secretário de Educação Paulo Freire.

Visitávamos as escolas, conversávamos com a Equipe Técnica, professores e o Conselho de Escola. Informávamos sobre o projeto e sobre como seria a palestra dos grupos de RAP. Distribuíamos cópias de algumas letras desses grupos. Deixávamos também orientações que as escolas deveriam seguir no dia do evento, como evitar a solicitação de reforço policial, manter os portões abertos e preservar a rotina da escola (aula até o intervalo, o lanche e, em seguida, o início do debate).

Algumas escolas acolhiam a proposta, outras a rejeitavam. No final, sete unidades abraçaram integralmente o projeto: EMPG Euclides da Cunha, EMPG Mauro Faccio Gonçalves-Zaccaria, EMPG Cruzeiro do Sul, EMPG Procópio Ferreira, EMPG Jorge Americano, EMPG Otoniel Mota e EMPG Palimércio de Resende.

Um fator que favorecia a realização das palestras é que os grupos de RAP já eram muito conhecidos entre a juventude da região. Em geral, os alunos sabiam de cor as letras discutidas. Durante as apresentações, não houve nenhum tumulto e foi possível manter os portões, assim como os corações e mentes, abertos, mesmo numa região reconhecidamente de muita violência. Outro aspecto relevante do projeto foi o significativo retorno à escola de alunos que já haviam abandonado os estudos.

A página oficial na internet do Racionais MC's, que se tornou o mais importante grupo de RAP do país, registra esse momento de sua trajetória com as seguintes palavras:

## RAP...Ensando a Educação

Em 1992, deram um importante passo ao fazerem palestras a alunos e professores em escolas públicas, num projeto criado pela Secretaria da Educação intitulado “RAP...Ensando a Educação”. No projeto, se discutia a violência policial, racismo, miséria, tráfico de drogas, enfim, o cotidiano da periferia. O Projeto repercutiu bem, principalmente nas comunidades em que as palestras aconteceram, e com certeza mudou a perspectiva de vida de muitas pessoas.

(Site oficial dos Racionais MC's:  
<http://www.racionaisoficial.com.br/timeline/?p=518>)



**RAPensando a Educação**



# A tarde da despedida

Regina Estima

Era um fim de tarde de 1996, lançamento de seu livro *Pedagogia da Autonomia*.

Saí um pouco mais cedo do trabalho e fui ao seu encontro. Em um salão imenso e lotado formou-se uma fila para que pudéssemos ganhar um autógrafo no livro adquirido.

Muitos companheiros e companheiras da secretaria, do partido político, das universidades, dos sindicatos. Foi uma alegria e uma emoção rever tanta gente com as quais dialogamos e nos associamos em função de uma trajetória comum na educação!

Estávamos todos ali para revê-lo e homenageá-lo!

Ouvimos um aviso dos organizadores que pelo adiantado da hora e pela quantidade de pessoas, você só faria uma assinatura em cada livro, para encurtar o tempo do evento que se alongava!

Você, sempre atencioso com todos e todas, assinava, mas não deixava de ter um olhar e uma palavra de gratidão.

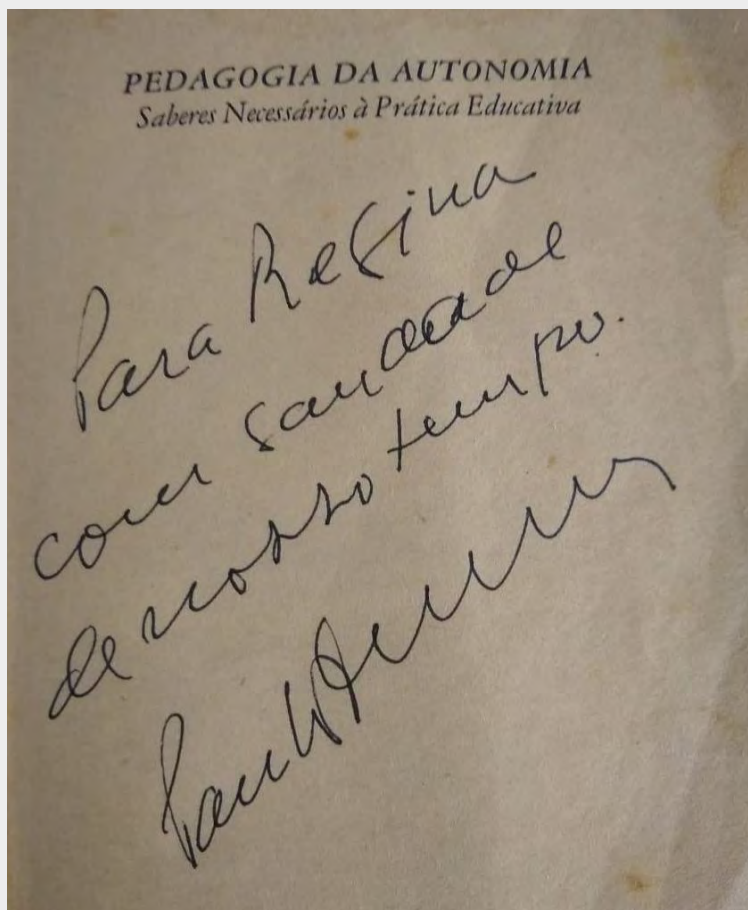
Até que chegou a minha vez e eu, emocionada, pude abraçá-lo e entreguei meu livro sem dizer palavra. Você o pegou com carinho e fez uma linda dedicatória ... pra lembrar do nosso tempo.

O nosso tempo a que se referia, foi o tempo na secretaria municipal de educação que estivemos juntos, implementando a política de educação de jovens e adultos.

Fiquei impressionada e mais emocionada pela atitude generosa de lembrança da minha presença em sua vida, naquele período curto, mas intenso, vivido há mais de seis anos, quando você foi Secretário de Educação.

Mesmo exausto, naquele fim de tarde, você fez questão de registrar essa dedicatória no exemplar que eu tinha em mãos!

Foi nosso último encontro e trago essa lembrança, como um grande presente!





Escrevo este texto no dia de minha aposentadoria. Ele me veio, quase pronto, no espaço entre a saída da escola na EMEF do CEU Aricanduva e o portão pelo qual cruzaria, em instantes, pela última vez, enquanto docente.

Iniciarei por um clichê: passou um filme na cabeça naquela curta caminhada. Para ser mais preciso, toda uma filmografia percorreu comigo o trajeto. Afinal, foram 34 anos e 4 meses participando de filmes de vários gêneros. Toda professora sabe que, nesses filmes, somos protagonistas e plateia simultaneamente. Participamos ativamente, também, da produção, divulgação, roteiro, montagem, fotografia, som e vendemos os ingressos na bilheteria. E por melhor que seja nosso filme, não seremos indicados a nenhum festival. Se tivesse que dar um título para minha filmografia seria algo assim como “Em busca da assinatura perdida”.

Explico o título plagiado. Uma das primeiras imagens que me veio foi de 1989, quando aconteceu nosso único encontro. Foi na sala que o senhor ocupava na Secretaria da Educação. Eu coordenava, então, um grupo de alunas que produzia um jornal na escola Teodomiro de Toledo Piza, Grajaú. Por intermédio do NAE 6 (Capela do Socorro), foi organizada uma entrevista na qual as alunas o entrevistariam e assim foi feito. Sem dizer diretamente, o senhor deixou bem evidente que eu não deveria falar muito, porque queria mesmo era conversar com as crianças. Achei ótimo!

Fiz só uma perguntinha bem breve. Era sobre a situação da PUC-SP, onde eu estudava. Época de crise aguda, havia greves semestrais. Perguntei o que o senhor pensava e me respondeu, não sem antes dizer

para as crianças não escreverem a resposta. E nas entrelinhas, pra eu não sair contando por aí. Foi uma resposta surpreendente, que obviamente, não direi aqui, porque promessa é dívida. E pode ser que alguém leia este texto, não é?

Ah, sim. Também lhe entreguei um livro que eu comprara uns anos antes. Entreguei para o senhor autografar. Não demonstrei, mas fiquei emocionado com a preciosidade que eu tinha comigo. O livro, Educação e Mudança, havia adquirido antes de me tornar professor, e seu título foi o fio condutor em minhas errâncias na educação. Imagine o senhor, um jovem professor que, quando comprou o livro, nem imaginava que seria docente, muito menos que Paulo Freire o assinaria dedicando a mim, comigo presente...

Bem... perdi o livro.

Não direi como foi, porque não faço ideia. Mas, procurei. Forcei a memória, busquei situações em que pudesse ter sumido. Em vão.

Educação e Mudança, Educação como Prática da Liberdade, Pedagogia do Oprimido e várias outras obras me deram, ao longo dos anos, o Sul para que eu não perdesse o fundamental, a prática dialógica. Foi meu alimento principal.

Mas aquela assinatura... nunca me saiu do horizonte. Sempre a procurei. Fico chateado até hoje quando penso.

Procurei mudar a atenção para outras coisas e vieram algumas situações, que me deram a certeza de que tudo valeu a pena. Em 2018, durante uma greve, um aluno, Francisco, da escola Teodomiro e que fazia parte do grupo do jornal, me procurou e nos encontramos na greve. Ele hoje é advogado, professor da rede pública, professor universitário e me disse que fui muito importante na formação dele como cidadão. Foi emocionante.

Daí, vieram outras situações. Como de uma aluna da EJA da EMEF Antônio Sampaio Dória, Jardim Miriam que, depois de uma



atividade, leu um livro (segundo ela, o primeiro que havia lido sem figuras). Além de ler, fez questão de contar para a sala. E contou maravilhosamente como só o povo sabe contar. Penso que até Kafka ficaria surpreso ao ouvir A Metamorfose ser contada daquele jeito. Algo semelhante aconteceu quando outra aluna, já no CEU, também da EJA, que fingiu uma bronca deliciosa. Disse ela, mais ou menos assim: “onde já se viu, me fazer ler um livro inteiro pela primeira vez, depois de 50 anos?”. Sônia não parou mais.

Quase chegando ao portão, lembrei de um aluno da EMEF Rodrigo Mello Franco, São Mateus. Eu era presidente do Conselho de Escola e organizei a eleição para a escolha de novos membros. Penso que foi em 1998. Entre o segmento discente um dos vencedores - acho que o mais votado -, foi um aluno que não era pra ter sido, segundo as reclamações que ouvi. Colocava a escola de cabeça pra baixo. Recebi certa pressão pra ele não assumir. Obviamente ele assumiu.

No dia da posse e primeira reunião, ele aparece (desculpe, mas não lembro o nome) vestindo calça e camisa social, gravata, banho recente e bigode aparado. Oposto ao cotidiano. E assim foi nas reuniões restantes do ano. E pela primeira vez, aquele rapaz ergueu os olhos, não para confrontar como de costume, mas para participar.

A última imagem me veio quase no mesmo instante em que ultrapassava o portão de saída. Acho que foi porque aconteceu ali. Foi em 2005. Eu trabalhava manhã e tarde.

Estava muito triste e angustiado porque o trabalho da manhã não dava certo. O CEU, por ser recente, não tinha constituído uma história. Eu não conseguia me aproximar das adolescentes. Sentia tudo caótico. É daqueles momentos em que pensamos em desistir. Penso que muitos profissionais passam por isso. O fato é que estava com estes sentimentos confusos, cruzando o portão, quando, no sentido

contrário, uma aluna da quinta série ao me ver, correu em minha direção, pulou no meu pescoço e me abraçou. Só disse: “professor!”

Naquele dia, Ana Cláudia me fez desistir de desistir.

Ao lembrar a situação novamente, meu corpo sentiu seu abraço e a “ficha caiu”. Quase eu caio junto, pois, minha visão das coisas se ampliou. Enfim, compreendi.

Cada criança, adolescente, jovem e adulto com os quais compartilhei experiências nas escolas, trazia consigo a assinatura de Paulo Freire e generosamente me cederam. Tatuaram em mim.

No dia de minha aposentadoria, entendi que sua assinatura, professor, não preciso mais procurar, porque sempre morou em mim.

Obrigado, Mestre!





# Uma entrevista com Paulo Freire

**Mário Bonciani**

Em 1983, o Brasil, ainda sob regime militar, tinha João Figueiredo, o último presidente imposto pelo golpe de 1964. Havia na sociedade civil uma efervescência de movimentos pela redemocratização do país.

Nessa época eu e dois amigos, João Carlos Balda, jornalista, e Paulo Cezar Balda, residentes em Perdizes, na cidade de São Paulo, resolvemos lançar um jornal de bairro com o objetivo de contribuir para aglutinar forças de organização popular e instigar o desenvolvimento da consciência crítica dos moradores. O jornal se chamava O Papiro, era de distribuição gratuita e abrangia os bairros de Perdizes, Pompeia, Sumaré e Pacaembu. O primeiro exemplar saiu em três de setembro de 1983.

Em seus dois anos de existência e 22 edições, O Papiro tratou de temas importantes que ainda hoje seriam atuais como questões de gênero, questões ambientais, respeito ao patrimônio do bairro, violência no trânsito, organização de conselho comunitário e política. O número 3 relata a primeira manifestação do movimento das Diretas Já.

Além de matérias sobre os temas citados, várias entrevistas foram realizadas com moradores da região, que tinham contribuições importantes para a cultura local e nacional: escritores, artistas, políticos, educadores.

No segundo número do jornal, foi entrevistado o Professor Paulo Freire. A entrevista foi motivada, entre outras coisas, pela crise da

educação brasileira no governo militar de João Figueiredo, tendo como ministra da educação Esther de Figueiredo Ferraz. Freire fala sobre os 15 anos de exílio, a crise na educação brasileira e a importância de um jornal de bairro como expressão e espaço para a voz da comunidade.

Seguem trechos da entrevista:

**O Pa – Em linhas gerais, fale de seu exílio e de seu trabalho no exterior.**

**Paulo Freire –** O exílio de ninguém é uma opção. Eu não deixei o Brasil. Eu fui deixado pelas condições políticas do país na época de 64, quando fui violentamente aposentado, com 40 anos, na Universidade de Pernambuco. (...). Fui primeiro para a Bolívia, em La Paz e segui para Santiago do Chile onde fiquei 4 anos e meio. Saí em 1969 indo com a família para os Estados Unidos, onde fui professor na Universidade de Harvard durante um ano, e depois fui para Genebra onde trabalhei durante 10 anos no Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas. No exílio percorri o mundo. Eu virei um andarilho da obriedade. Como a educação não é neutra, não se pode pensar em educação sem pensar na questão do poder.

Senti muita saudade da terra da gente, do cheiro da terra, do povo, do gosto da comida, mas o exílio também me ensinou a abrir meus olhos. (...). Escrevi meus livros que se difundiram pelo mundo. Me acostumei a entender as diferenças culturais. Tive a alegria de participar de momentos de restauração dos sistemas educacionais de sociedades que fizeram a libertação. (...)

Assim que foi possível vir para o Brasil, eu vim imediatamente. (...). Voltei para o nosso país cheio de vida, cheio de esperança. (...). Não é possível matar esse país.

**O Pa – E a crise educacional, teria alguma sugestão?**

**Paulo Freire** — Mas a crise é do sistema, do regime que suporta o sistema e não da educação em si. (...) A sociedade é organizada por quem tem poder nela, e que faz da educação correspondência com a manutenção deste. (...). É preciso dizer que há espaços dentro do sistema educacional profissionalizado, que podem e devem ser aproveitados no sentido e na possibilidade da mudança, na possibilidade da transformação. Se a gente cruza os braços e diz que a educação só pode ser mudada depois da sociedade, a mudança não vem. É preciso dizer sobretudo aos jovens, para que compreendam que a transformação social é dialética e não tecnicista; é histórica, é política e não mecânica.

(...) Toda a transformação pedagógica é um ato político. A transformação em si mesma é um ato pedagógico. (...). Um governo de oposição não pode alegar que não dá para fazer alguma coisa no campo da educação. (...). Ouvir os pais, os alunos, professores e serventes, afinal precisamos começar a acreditar na democracia, que não é coisa para tapear, e o brasileiro é profundamente autoritário.

**O Pa — O que um jornal de bairro, como o nosso, pode oferecer para melhorar a consciência crítica das pessoas?**

**Paulo Freire** — Não é possível pensar que a partir do jornal podemos operar modificações ou transformações para melhoria da vida ou mesmo do desenvolvimento crítico desse bairro. (...). É preciso que desafie o leitor para que tenha uma leitura crítica do bairro, sem, contudo, perder de vista a totalidade maior, da qual a realidade do bairro é uma dimensão. Não pode se tornar tão focalista a ponto de se perder no próprio bairro, o que, em vez de desenvolver consciência crítica, estreita os horizontes dos moradores. Deve partir da análise da realidade local e dar um salto para a compreensão e para a problemática mais geral. O jornal é uma expressão e um espaço para a voz da comunidade.

Entrevistar Paulo Freire foi uma experiência muito especial para nós, editores de O Papiro. Ouvir esse grande educador brasileiro falar de sua vida no exílio, de sua trajetória, do papel dos governos de oposição na transformação da educação e dos limites e possibilidades de um jornal de bairro foi muito enriquecedor.

Em março de 1984, houve uma tentativa de incêndio na sede do Papiro, feita provavelmente por um vizinho que era militar. Foi feita queixa policial, mas não houve qualquer investigação. Estávamos no auge do movimento pelas Diretas Já. Outros veículos de comunicação sofreram intervenção ou atentado nessa época.





# Uma experiência significativa com o Educador Paulo Freire

**Moacyr da Silva**

Na década de 1980, logo após a sua vinda do exílio, Paulo Freire foi professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), no Programa de Pós-Graduação: Educação (Currículo). Nessa época, eu também cursava a pós-graduação, em outra área, mas sempre tinha a oportunidade de encontrá-lo e conversar com ele nos intervalos ou na saída do período de aulas.

Lembro-me de que ele falava que “quando as pessoas vão envelhecendo, gostam de contar casos”. Assim, ele me contava suas diversas experiências em universidades europeias e africanas.

Nessa mesma época, eu lecionava Psicologia da Educação na Faculdade de Guarulhos, hoje Universidade de Guarulhos, no curso noturno. Era uma classe numerosa e muito diversificada, com alunos trabalhadores. Dentro da programação, os alunos estavam lendo a obra de Paulo Freire, “Educação e Mudança”, que havia sido publicada recentemente (1979). Os alunos faziam um seminário sobre o livro e tive a ideia de convidar Paulo Freire, sem muita expectativa de que ele pudesse comparecer. Contei-lhe sobre o trabalho, fiz o convite e, para minha surpresa e alegria, ele aceitou prontamente e disse que gostaria muito de conhecer um curso universitário noturno, voltado para alunos trabalhadores.

No dia combinado, fui buscá-lo e quando cheguei na sala dos professores já havia uma grande agitação por parte dos docentes, por receber um educador tão ilustre. Uma professora, que era da mesma cidade natal de Paulo Freire, emocionou-se e não conseguiu controlar

o pranto. Todos os professores quiseram que seus alunos também participassem do seminário que, até então, era de uma única turma. Paulo Freire conseguia, assim, unir todo o curso noturno da Faculdade em torno da discussão de seu livro Educação e Mudança.

Mas o alvoroço maior estava por vir.... Uma rádio da cidade que, não sei como, ficara sabendo da vinda de Paulo Freire, noticiou sua presença na Faculdade. Diretores das escolas do município dispensaram as aulas e uma multidão começou a chegar. Até o padre da paróquia local compareceu e também Frei Ailton, que era diretor na escola do bairro Jardim Gopoúva e que, aos domingos, fazia trabalho com jovens da comunidade, inspirado em Paulo Freire.

Quando me dirigi ao auditório com meus alunos, deparei-me com o espaço já completamente lotado e com muitas pessoas do lado de fora.

Paulo Freire dialogou com os presentes por uma hora e lamentamos não termos colocado um telão para que as pessoas fora do auditório pudessem acompanhar. Eu não imaginava que, depois de anos fora do Brasil, ele fosse atrair tantos professores e estudantes ávidos por sua sabedoria.

Na volta, ele veio me perguntando sobre as condições de trabalho dos alunos, quantas horas trabalhavam, o que restava para a frequência às aulas, leituras e o aproveitamento do curso. Disse-lhe que os alunos trabalhavam o dia todo e só tinham o fim-de-semana para as leituras. Muitos usavam o trajeto de ônibus, do trabalho para a Faculdade, para fazê-las.

Foi uma noite memorável e aprendi muito com Paulo Freire, não só no seu diálogo no auditório, mas também no trajeto em que ele demonstrava real interesse pelos alunos trabalhadores e me contou mais algumas passagens de sua trajetória, sempre com humildade, bom humor, otimismo e esperança.







# Em uma cena, uma aprendizagem para a vida

Vera Maria Nigro de Souza Placco

Minha admiração e carinho pelo Professor Paulo Freire é antiga, e minha mais recorrente lembrança dele está associada a uma cena, na qual a reflexão sobre um dos seus conceitos que me é mais caro – a **coerência** a valores associados à vida e à Educação –, me sustenta até hoje, em meu agir como professora e formadora.

Eis a cena. Quando de seu retorno à PUC-SP, em 1979, de volta do exílio a que fora constrangido, Paulo Freire estava em uma reunião da Faculdade de Educação, a qual estava vinculado, com muitos de seus professores e gestores, dentre os quais eu me incluía.

Eu era professora do curso de Pedagogia, na chamada Habilitação em Orientação Educacional, e tinha acabado de defender meu mestrado em Educação: Psicologia da Educação, na mesma Universidade, com o tema “Um Estudo Teórico do Conceito de Congruência em Carl R. Rogers”. Assim, o conceito de congruência ou autenticidade tinha para mim um significado muito forte e uma aproximação teórica e vivencial à minha busca pessoal de professora iniciante no Ensino Superior. Eu via esse conceito muito próximo ao conceito de **coerência**, presente nos escritos e, principalmente, na vida e ação de Paulo Freire.

Nessa reunião, nós nos agrupávamos ao redor do mestre e nos alimentávamos de sua clareza, de seu carisma e, principalmente, de sua sabedoria.

Na conversa amigável e informal, lhe foi perguntado sobre a coerência – como ele a tinha e mantinha, em sua vida, assim como em

seus escritos? Como a conservava tão presente e tão espontânea (a nosso ver), em seu cotidiano? Sua resposta, com humildade e simplicidade, foi sobre sua luta diária e constante em buscar e sustentar sua coerência, não sendo esta, portanto, um atributo pessoal, mas uma conquista, uma construção.

E essa fala repercutiu intensamente, em mim, me ensinando que, em sua humanidade e em sua grandeza, como pessoa, Paulo Freire depositava em si e em cada um de nós a sua confiança na potência de sermos, cada ser humano, construtores de nós mesmos e uns dos outros. A mim, particularmente, impactou a responsabilidade dessa autoconstrução de minha profissionalidade e de meu compromisso com a formação de meus alunos, compromisso sempre presente em minha vida pessoal e profissional, numa luta contínua pela coerência com os valores que defendo quanto à educação brasileira.

Em uma fala do grande mestre, uma grande aprendizagem para a vida!

Obrigada, Paulo Freire!





# Breve relato de uma longa amizade

**Luís Carlos de Menezes**

Meu primeiro contato com o pensamento de Paulo Freire se deu no início dos anos 1970 em Regensburg na Alemanha, onde eu era professor universitário e encontrei numa livraria o “Pädagogik der Unterdrückten”, versão alemã da Pedagogia do Oprimido. Foi emocionante experimentar tão completa identidade conceitual e ética com um brasileiro distante, em idioma estranho. Possivelmente, minha transição de físico teórico para educador prático em parte tenha a ver com essa identificação. Desde então acompanhei sua obra e sua vida com grande interesse e, pouco anos depois, pude encontrá-lo pessoalmente em circunstância também casual.

Quando voltei ao Brasil, em meados dos anos 1970, a ditadura ainda persistia, mas seu enfrentamento era ostensivo. Estava eu acompanhando um comício sentado em um meio-fio, quando comentei em voz alta como era absurdo, em um evento democrático, ver um certo grupamento político cercar um bebedouro para que seus militantes se servissem antes dos demais. Alguém ao meu lado concordou, e assim começamos uma boa conversa sobre aquela e outras contradições, quando nos apresentamos e descobri que falava com Paulo Freire. Começou assim uma longa amizade.

A redemocratização foi acompanhada pela emergência do chamado sindicalismo autêntico dos movimentos operários que não se confundiam com o peleguismo, alinhado aos interesses patronais e contando com a benção oficial. E foi em um encontro, a convite de oposições sindicais, que nos encontramos novamente, reforçando

nossa convergência de percepção do mundo, graças à qual passamos a desenvolver fazeres conjuntos.

Não raro estivemos juntos em atividades educacionais e políticas, como nos anos em que integrei diretoria de entidade presidida por ele<sup>i</sup>, quando discutimos a importância de defender práticas de formação democrática não doutrinária. Aliás, a consciência da democracia como essencial, tanto como fim quanto como meio, era algo que nos aproximava em embates contra o que se chamava de “aparelhamento” institucional, que era um emprego de meios impróprios a serviço de fins eventualmente defensáveis. Isso dá oportunidade a um comentário sobre a personalidade daquele meu amigo. Ele era em geral delicado e mesmo amoroso no trato, mas duramente intransigente com qualquer injustiça ou desrespeito humano.

Talvez a primeira vez em que Paulo Freire tenha vindo formalmente à Universidade de São Paulo tenha sido em uma defesa de tese, trabalho decorrente de atividades intensamente “freireanas” realizadas por dois de meus orientandos na Guiné-Bissau. Em parte, por conta dessa nova aproximação, houve um período curioso, em que estávamos muito próximos em termos de nossas funções, mas fisicamente distanciados pela mesma razão. Foi quando ele se tornou Secretário de Educação no município de São Paulo e eu dirigia um órgão de extensão na USP. Minha cooperação foi em parte institucional, mas especialmente por ter partilhado com ele meus orientandos<sup>ii</sup> que, por um bom tempo, se dedicaram a apoio direto aos trabalhos da Secretaria.

Um período de grande intimidade foi em seguida à morte de Elza, sua companheira de tantas décadas, que o deixou em profunda tristeza e algum isolamento. Foi quando passei a visitá-lo com frequência em sua casa no bairro paulistano do Sumaré, e experimentei um novo

privilégio que foi uma vivência emocional tão próxima com aquele sábio, em que devaneávamos por veredas quase místicas da penumbra de nossas almas.

Alguns anos depois, me lembro da última vez que ouvi sua voz e foi pelo rádio, ele lamentando e dizendo que precisaria entender melhor incidentes, reportados por seu interlocutor, de agressões a professores por seus estudantes. Pensei então que precisava voltar a conversar com ele, mas não deu tempo, pois na semana seguinte ele morreu. Me faz falta até hoje e às vezes me ocorre evocá-lo, me perguntando o que diria Paulo em certas circunstâncias.

<sup>i</sup> Instituto Wilson Pinheiro, então órgão de estudos do Partido dos Trabalhadores, nomeado em homenagem a seringueiro morto a mando de latifundiários no Acre.

<sup>ii</sup> Demétrio Delisoicov e José André Angotti.



"É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança o

verbo esperança, que te mantém gente que em

verbo espera

que

atrás,

de

le de

Esperança

precis

Boniteza

... e ...

Paulo Freire (Pedagogia da Esperança)

# CARTAS EM LOUVOR À ESPERANÇA E À DOCÊNCIA

# Cartas em louvor à esperança e à docência

1. **Querido professor**  
*Laurizete Ferragut Passos*
2. **Querido Mestre !**  
*Cleide Cabral Alvares*
3. **Querido Paulo Freire**  
*Alex Trajano*
4. **Querido Paulo Freire**  
*Renata Dias*
5. **Querido Paulo Freire**  
*Tereza Herling*
6. **Meu querido Paulo**  
*Pedro Pontual*
7. **Caro professor Paulo Freire**  
*Alexandre Saul*
8. **Professor Paulo Freire**  
*Celina Benedetti*
9. **Olá mestre!**  
*Solange Oliveira Ferreira*
10. **Caro Mestre**  
*Crispina Gomes*
11. **Professor Paulo Freire**  
*Ana Maria Roveran*
12. **Meu caro amigo**  
*Yves de La Taille*
13. **Mestre Paulo Freire**  
*Karina Zucchi*
14. **Caro Paulo Freire,**  
*Lara Santos Rocha*  
*Bruno Neves Sampaio*
15. **Oi, Paulo Freire!**  
*Lúcia Makena*
16. **Ao querido mestre**  
*Maria Cristina de Campos Pires*
17. **Estimado Paulo Freire**  
*Fabiane Lopes de Oliveira*
18. **Caríssimo Mestre Paulo Freire**  
*Rosaura Soligo*
19. **Caro Professor Paulo Freire**  
*Bernadete Benetti*



## Querido professor

*Foi a sua escuta, professor, que permitiu que eu saísse do mundo da ingenuidade para o mundo da crítica. Há trinta e sete anos atrás, eu, uma professora da Escola Normal e de classes de alfabetização na escola pública, tive a coragem de bater à sua porta da sala de aula na Unicamp e pedir para ser ouvinte no seu curso. Muito tímida, contei que iniciei minha trajetória em 1970, em classes de alfabetização de adultos e que lá, em pleno ano de chumbo, um amigo repassou uma apostila sobre seu método de alfabetização e me fez jurar que o queimaria após a leitura. E assim o fiz, dado o medo e a opressão que tanto nos assustavam. Você ouviu a minha história e, naquele mesmo dia, estava eu como aluna em seu curso.*

*E, assim, o senhor continuava mais vivo que nunca na minha trajetória e, certamente, na dos mais de cinquenta alunos daquela sala. Pessoas de várias áreas vinham para a Faculdade de Educação em busca de compreensão e esperança, com muitas perguntas e, pacientemente, o senhor ouvia cada uma delas. Todos eram importantes naquele momento, naquela sala de aula. Nunca mais esqueci disso, a importância da escuta!*

*Discutir a vida, o mundo que queremos, a solidariedade, a ética e o diálogo como princípio, significou, para mim, acolher um processo de mudança, significou compreender o que é um intelectual, o que é aquele que se preocupa com os rumos da sociedade. Mesmo sem ter isso muito claro naquele momento, senti que alguma coisa mudava em mim. Senti que a conversa iniciada com a leitura do seu texto nos anos de 1970 continuou nesse curso e não parou mais. Não poderia imaginar lá atrás que estaria trabalhando hoje na PUC-SP com uma das maiores pesquisadoras da sua obra, a professora Ana Maria Saul e que, com suas pesquisas, vem assegurando o seu legado. Sua parceria com ela na secretaria da educação de São Paulo deixou marcas nos educadores que estão voltando para a universidade vindo fazer seus mestrados e doutorados e querem recuperar esse período, dispostos a tornar vivos seu pensamento e sua ação, especialmente em relação aos quatro eixos que balizaram a política educacional da sua gestão iniciada em 1989: currículo, gestão democrática, formação de educadores e educação de jovens e adultos. Seu pensamento está mais vivo que nunca!*



*Para finalizar, quero lembrar do churrasco oferecido por nós no último dia do curso da Unicamp. Foi lá na casa de um dos alunos que conheci Elza, sua primeira esposa, e aí entendi tudo. Carinho, atenção, escuta, sensibilidade era um modo de vida, uma política de vida. Obrigada por nos ensinar que tudo isso tem que ser vivido sem abandonar a crítica e o olhar para o outro e para o mundo! Mais do que nunca, agora em 2021, tempo de uma política autoritária e opressiva no nosso país, não quero mais esconder ou queimar textos. Quero seu pensamento humanista dialógico que clama por justiça social vivo entre nós. Vou lutar por isso na escola e na vida!*

*Laurizete Ferragut Passos*



## Querido Mestre!

Gostaria muito que você estivesse aqui para que eu pudesse confessar a gratidão que sinto por tudo o que me ensinou, mas a vida é assim, nos dá apenas um átimo de tempo para vivermos uma grande experiência. Você foi o grande responsável por minha transformação pessoal e profissional quando abriu os meus olhos para a valorização do outro como um igual. A partir de você, passei a hospedar esse outro em mim, a compreender o real sentido da Educação humanitária que transforma, edifica e constrói o bem comum.

Ao supervisionar as salas do MOVA – Movimento de Alfabetização de Adultos, vivi todas as sensações, percepções, emoções e saberes advindos de um trabalho com o adulto que não teve, na época devida, a oportunidade de estar nos bancos escolares. Compreendi os princípios da equalização, qualificação e reparação histórica como ninguém. Entendi profundamente o papel do professor que aprende na troca de saberes com seus aprendizes; percebi o quanto a escola é excludente e não considera os saberes de quem está na lida da vida; observei o quanto há supremacia das pessoas letradas sobre as demais que possuem os saberes da vida.

Apreendi a ouvir o nordestino com suas dores, lamentos e saudades. Entendi que os sotaques, as palavras, a forma de ser, constituem o que há de mais sagrado e precioso em uma nação.

Foi você, grande mestre, quem me ajudou a ressignificar os conceitos sobre a comunidade em aprendizagem, aprofundar minhas pesquisas sobre o ato de ensinar e aprender, trazer para o espaço educativo uma visão inclusiva, participativa e democrática. Você desnudou o educador que eu era e mostrou meu compromisso e responsabilidade com a alteração do status quo.

Tornei-me mais sábia após sua entrada em minha vida. Você fez de mim a educadora que sou e chegou assim, de mansinho, através de suas palavras, textos, livros. Chegou e tomou conta de meu ser. Para sempre!

Gratidão mestre querido!

Cleide Cabral Alvares





## Querido Paulo Freire

Carta relato-vida àquele que denunciou e anunciou a opressão de sua gente e possibilitou sua libertação por meio de uma alfabetização político-conscientizadora-ética

*É com imenso carinho e alegria que lhe escrevo para dizer o quão importante foi em minha vida, o seu dignificante exemplo de Mestre. Por meio de suas obras e ensinamentos que se mantêm vivos e atuais até os dias de hoje fui levado a uma tomada de consciência sobre aquilo que esperam de mim como educador-formador de opinião, consciente do meu papel e me senti estimulado a lutar pela construção de um mundo mais justo e igualitário, onde todos e todas pudessem ter a oportunidade de gozar dos seus direitos como cidadãos e cidadãs, bem como compreenderem os seus inerentes deveres.*

*Já faz 24 anos de sua partida e sua obra nunca foi tão viva e sua figura como notável, Mestre, tão marcante quanto a encontramos hoje, como lembrança viva ecoando em nossos corações e inspirando os nossos caminhos- por vezes tão espinhosos- em direção à construção do saber e coexistência com novos conhecimentos, como significativa contribuição e inestimável legado, na formação de novos discípulos conscientes e comprometidos com uma educação libertadora, transformadora, emancipadora, ontológica, peremptória, pragmática, política e ética, de maneira não paradoxal, fazendo descortinar-se, à sua frente, um novo horizonte, superando sua “visão acrílica” despertando sua curiosidade, senso crítico, postura pesquisadora e questionadora não aceitando “saberes” prontos, valorizando a construção coletiva, por meio da prática da dialogicidade e da escuta, como você menciona em seus escritos.*

*Sua célebre obra Pedagogia do Oprimido, pela grandiosidade e riqueza do seu conteúdo, me levou a uma profunda reflexão daquilo que você mesmo propõe sobre a “opressão de nossa gente” que sofre com todo tipo de injustiças cometidas por aqueles que estão no poder, e que com pulso de ferro governam com severidade abusiva e ganância desmedida, satisfazendo o seu próprio ego e alimentando esse sistema capitalista, egocêntrico e desumano que impera em nosso País, muitas vezes mascarado por uma falsa ideologia democrática que oprime a classe mais pobre, desassistida e menos instruída que lhes serve de massa de manobra, sem direito à voz e vez, direito esse tão veementemente defendido por você.*

*Essa narrativa diz muito ao meu coração de nordestino nascido no estado da Paraíba, no Agreste, na cidadezinha de Água Branca, atualmente com aproximadamente 10.500 habitantes. Vivia isolado, no sítio Filipe, afastado da*

*cidade, onde moravam poucas famílias, e a nossa única distração era ver o nascer e o pôr do sol em meio aos mandacarus, ao lado dos animais dos quais cuidávamos na roça, onde nos dedicávamos exclusivamente ao plantio de milho, algodão, fava e palma.*

*Sou o filho mais velho de Ivam Trajano da Silva e Maria José Barros dos Santos, e o segundo neto mais velho de Manoel Barros de Lima e de Cícera Tereza dos Santos (in memoriam) que tiveram dez filhos e desde criança pude presenciar a dura e árdua luta e sofrimento, tanto de minha família, quanto daqueles que batalham por sua sobrevivência, exaurindo-se no trabalho braçal, na roça, sob o calor impiedoso do sol, sendo como companheiros, mãos calejadas, o cabo da enxada e um solo por muitas vezes castigado e seco, ao invés do lápis e do caderno e da tão sonhada sala de aula, não tendo sequer a possibilidade de escolher entre trabalhar e estudar.*

*O estudo está fora do alcance daqueles que só contam com o trabalho para não morrer de fome, enfrentando a inclemência da seca que assola o sertão e que muitas vezes devasta o nosso sonho, pois a falta de água faz secar a plantação; mas a nossa força motriz sempre foi a esperança, e a de outros tantos milhões de analfabetos de que tudo, um dia, pudesse mudar!*

*Devido à escassez de trabalho, minha mãe, minha irmã e eu viemos para São Paulo, no ano de 2002, em busca de melhores condições de vida. Eu era ainda uma criança de apenas sete anos de idade que mal entendia os inúmeros conflitos familiares que presenciei e que foram cruciais para o retardamento do meu processo de alfabetização, escolaridade e compreensão do mundo ao meu redor, onde outras crianças já compreendiam e decifravam o real sentido do código da escrita e da leitura.*

*Fui alfabetizado aos nove anos de idade e aos quatorze anos tomei ciência da importância do “ato de ler e escrever”, por observar que em minha comunidade o analfabetismo imperava, entre as muitas pessoas, migrantes de outros estados, em sua maioria das regiões norte e nordeste que vieram, assim como nós, em busca dos seus sonhos e melhor qualidade de vida.*

*Já conhecedor e inspirado por sua Filosofia humanista, libertadora e conscientizadora, me propus, com o auxílio de minha família, fundar uma associação que desse suporte e atendimento aos moradores da região em que morávamos, e adjacências, oferecendo aulas gratuitas, por meio de uma alfabetização à semelhança de tudo aquilo que tão avidamente aprendi com você, Mestre Paulo Freire!*

*Em verdade, esse começo foi sacrificado, mas muito gratificante pelos ótimos resultados obtidos com a edificação de um pequeno espaço, improvisado no quintal de nossa casa, construído rusticamente em madeira, com uma modesta sala de aula, e mesas de tábuas para acolher apenas um pequeno número de sete educandos e educandas.*

*Aos poucos, os bons resultados conseguidos nessa pequena sala de aula foram notícia! Consequentemente, novos interessados se inscreveram para engrossar o número de educandos, e a pequena sala tornou-se pequena demais para a grande demanda; e minha família, já bastante envolvida nessa causa, cedeu mais uma parte de nossa residência para a ampliação do espaço que agora se formalizava juridicamente, como uma organização da sociedade civil, com atuação nas áreas: educacional, social, cultural e congêneres, sendo fundada com o nome de Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, em homenagem a minha avó materna, pessoa que muito me inspirou pelo seu dignificante exemplo de amorosidade e solidariedade, dentro de uma singela e comovente simplicidade.*

*Querido Mestre Paulo Freire, em tempos tão difíceis como os que hoje vivenciamos, em que o ato democrático, tão defendido por você está estremecido, sofrendo ataques por parte daqueles que, desconhecendo as raízes do enorme e importantíssimo legado que você nos deixou, que transcendeu o Brasil e chegou ao mundo e foram até capazes de injuriá-lo e difamá-lo, pois a eles, os escolhidos para representar o povo em seus anseios, não interessa que os cidadãos recebam uma educação, conscientizadora-político-reflexiva, que os leve a realizar uma “leitura crítica de mundo”, tornando-se protagonistas atuantes de sua própria história, por meio da história de outrens, reafirmando as suas palavras: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.*

*Felizmente, ainda há como eu mesmo, os que lutam e acreditam piamente em suas propostas, defendendo o seu legado por uma escola e educação pública de qualidade, que valorize os saberes de sua gente. Incansável na minha estrada de educador, me orgulho por já ter alfabetizado, até o momento, cerca de 500 pessoas na faixa etária de 60 a 85 anos de idade, idosos que hoje podem se sentir pertencentes e inseridos no contexto da sociedade, tendo uma visão mais ampla do mundo que os cerca e que antes para eles era obscuro, sem entendimento e/ou compreensão. Ensinar não é transferir conhecimento, seres inacabados que somos, necessitados de conhecimentos em nossa incessante busca pelo saber e renovação do ato de mover-se como gente!*

Homens e mulheres “fazedores de culturas”, não podem se sentir oprimidos, haja vista a ênfase libertadora evidenciadas nas suas obras, Mestre, e se sentirem livres é um direito adquirido pela conscientização de sua própria autonomia geradora de uma postura pesquisadora, crítica e questionadora, por meio da indagação quanto ao seu papel na sociedade que lhes dá o direito de indignarem-se perante as desigualdades e injustiças sociais, todavia, sendo tolerantes, respeitando a história uns dos outros, sem nunca perderem a esperança- esperança do verbo esperar- numa constante ação de não estarem estáticos frente às inúmeras e complexas problemáticas, sendo que esses homens e mulheres terão suas vozes enunciadas, denunciadas e anunciadas, tal qual nos disse você, Paulo Freire: vozes que darão vez e voz ao oprimido e que farão calar a voz do opressor!

Diante de tão gloriosa e importante trajetória de vida, que tanto valorizou a “cultura e os saberes” de sua gente, transformando vidas no que concerne à **educação libertadora**, que todos por direito devem ter, nasceu em mim um imenso desejo de que tudo isso continuasse e se perpetuasse em atos enaltecidos. Destarte, no ano de 2019 criei o **Prêmio Medalha Educador Paulo Freire**, que foi oficializado por meio do decreto municipal 8597/2019, da cidade de Mauá e na ocasião foram laureados com a medalha 40 educadores e educadoras, entre elas sua digníssima esposa, Educadora Nita Freire, e contamos com o apoio fundamental de sua grande amiga e aprendiz Lisete Arelaro. Perpetuando a sua memória, idealizei e fiz nascer, com júbilo, numa solene cerimônia, a **Academia Mauaense de Letras e Artes Paulo Freire - AMLAPF**, segunda a ser fundada no Grande ABC Paulista, no dia 08 de agosto de 2020.

Poderia ainda muito me alongar, dando maior ênfase a tudo aquilo que você nos ensinou e ensina, pois suas obras falam por você aos nossos corações ao nascer das auroras de nossas vidas, mas aqui deixo o meu carinhoso abraço e imenso apreço a sua eminente figura de Mestre inigualável, plenamente consciente em sua afirmativa de que “A educação não muda o mundo, a educação muda pessoas e pessoas mudam o mundo”.

**Carta relato-vida àquele que denunciou e anunciou a opressão de sua gente e possibilitou sua libertação por meio de uma alfabetização político-conscientizadora-ética**  
Mauá, São Paulo

Alex Trajano, eterno aprendiz e

No seu noturno e gelado outono de 2021, às 19h07m do dia 25 do mês de maio

admirador dos escritos de Paulo Freire



## Querido Paulo Freire

Nos encontramos nesse ano repleto de desafios e dificuldades ocasionados pela pandemia de COVID 19 e unidos pela alegria da celebração dos seus CEM anos.

Parabéns, querido Freire ! Quantas saudades sentimos de você!

Não nos conhecemos pessoalmente. Quando você era Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, eu estava na escola, como estudante, e hoje sei que desse modo já me beneficiava com seu legado.

Mas veja que coisa linda, embora nosso encontro pessoal não tenha acontecido durante sua vida, nosso encontro real ocorre quase todos os dias e vou te explicar: **todas as vezes em que me encontro com os bebês, também me encontro com você.** Sou educadora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, coordeno um CEI na periferia da zona Sul. Lá temos a felicidade de estar, cotidianamente, interagindo e aprendendo com mais de 200 bebês e crianças pequenininhas.

Sabe, Paulo, os bebês têm nos provocado e nos convocado a sermos freirianas de corpo inteiro. A corporificar as palavras com os exemplos, a pensar a prática de forma reflexiva, ativa, dialógica, para aprender a pensar certo, a ter consciência do nosso inacabamento, a escutar para além do audível e a exercitar os saberes necessários à prática educativa como você nos ensina em cada página do *Pedagogia da Autonomia*.

No chão da unidade educativa, junto aos bebês, aprendemos que esses atores sociais de pouca idade não se submetem a pedagogia bancária, pouco se envolvem com as propostas de natureza transmissiva e tampouco é possível consolidar no coletivo de bebês a pedagogia homogeneizante onde “todos fazem tudo igual, ao mesmo tempo, o tempo todo”.

Com os bebês, Paulo, somos desafiadas a pensar e propor contextos educativos significativos, interativos que envolvam a curiosidade e o maravilhamento como fontes de aprendizagem, pois caso contrário, eles não se envolvem e rapidamente, com muita sabedoria, partem para novas aventuras, desbravando outros espaços e materiais, criando brincadeiras e interagindo com seus companheiros e companheiras da mesma idade ou de outras. Bebês descobrem o extraordinário no ordinário, são surpreendentes e muito potentes! E assim, ao seu modo, colocam em questão as formas de pensar e fazer a educação infantil.

Ao resistirem à educação bancária, fragmentada, conteudista, de um jeito próprio bebês erguem suas vozes e dizem: “somos indivíduos”.

E assim, vamos aprendendo com eles sobre a inteireza, conceito presente em sua vida e obra, né, Paulo, e na vivência com os bebês.

**Está vendo, quando me encontro com eles também me encontro com você!**

E nesse encontro trans-formativo vamos desconstruindo as lógicas adultocentradas que ainda estão tão presentes entre nós, naturalizando a desigualdade etária, colonizando os modos de ser bebê e desqualificando os aspectos singulares da infância.

Há ainda quem conceba os bebês como seres pautados em negatividades, que não andam, não falam, não pensam, você acredita?

Pois bem, estando com os bebês percebemos que não há negatividades e sim infinitas potencialidades. Como assim, bebês não falam? Você, Paulo, nos ensinou que a escuta é obviamente algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro.

E é justamente essa escuta sensível, disponível e intencional que tem revelado o quanto bebês se comunicam, pensam, descobrem e constroem culturas infantis, histórias e aprendizagens.

Falam o tempo todo, com o corpo todo, de forma espontânea, inventiva, inusitada e por vezes surpreendente; bebês falam através dos gestos, olhares, expressões, palavras, desenhos, silêncios, envolvimentos, distanciamentos e brincadeiras. Fato que corrobora e evidencia as inúmeras potencialidades do bebê, real, concreto, vivo, contextualizado, esses com os quais me encontro.

Nesse contexto de escuta, o que está em jogo não é a falta ou a inabilidade da fala dos bebês, mas da escuta dos adultos, muitas vezes incapazes de captarem a polifonia das vozes infantis e de reconhecerem seu real significado. **Paulo, é assim que me encontro com os bebês e você**, no desafio dessa escuta sensível, dialógica, amorosa, que me transforma como educadora e como gente.

De encontro e encontro estou engatinhando nessas aprendizagens, feliz por ter você e os bebês como companhia, na luta permanente por uma educação infantil emancipatória, humanizadora e libertária.

Termino aqui esta carta sem despedidas, por você nunca estar ausente em minha vida, mas com uma imagem-presente, desejando mais uma vez: Parabéns! Uma flor nas mãos da bebê, para ornar com a boniteza da celebração de sua vida –resistência- centenária cuja obra é muito, muito atual e incrivelmente necessária.





*Gratidão, querido Freire, por sua sabedoria  
que tanto nos inspira.*

*Viva Paulo Freire ! Presente Sempre!  
Com todo carinho*

*São Paulo, outono  
pandêmico de 2021.*

*Renata Dias*



## Querido Paulo Freire

Saudade.

Você não pode imaginar como nosso mundo e nosso Brasil caminhou de braços dados com a ganância de uns poucos bilionários, que imaginaram poder devorar água, terra, bichos, gente, vidas como se fossem magicamente descartáveis e como se não houvesse amanhã. Mudanças climáticas, guerras e êxodos humanos agravados de forma brutal pela pandemia de uma doença causada por um vírus banal coloca toda a humanidade numa encruzilhada entre a vida e a morte. Parando pra pensar: se tantas dessas mortes são evitáveis por ciência, vacinas, sistemas públicos de saúde, comprometimento político e solidariedade, por que tanta desigualdade e destruição?

Tenho pensado muito em você e me feito acompanhar de suas palavras, sua memória, sua experiência, seu compromisso com a educação para a liberdade, com a consciência contra a alienação. Isso porque sabemos já, há muito, o que hoje se coloca como inexorável: não há saída civilizatória que não seja coletiva, amorosa, democrática e profundamente baseada no respeito ao outro, ao diverso, ao humano. Trata-se de um projeto político, que precisa ser radicalizado para vencermos a barbárie que avança pelo planeta e pelo Brasil.

Tenho lembrado especialmente de experiências fundantes de minha visão de mundo, ligadas à produção de espaços educativos. Junto com a querida arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima, durante a gestão municipal de Luiza Erundina (1989-1992), pudemos trabalhar com a reforma de escolas públicas municipais e a construção de tantas outras, retomando ideias de Aníbal Teixeira e Hélio Duarte e sua herança no Convênio Escolar. A primeira escola que reformei, com a ampla participação das crianças e professores/as, foi a EMEI Santos Dumont. Iniciar a carreira profissional com esse projeto foi um privilégio. Mas a participação não se resumia à comunidade escolar. Mayumi radicalizou ao propor que a fábrica de equipamentos públicos, implantada com apoio do João Filgueira Lima – o Lelé – trouxesse o debate sobre a alienação do trabalho para os operários da fábrica e fomentando a formação de cooperativas de trabalhadores para a implantação dos equipamentos nos territórios periféricos da cidade. Tudo isso com você à frente da Secretaria Municipal de Educação. Que privilégio!

*Essa experiência fundou o posicionamento político que orienta minha atuação profissional e humana, como professora de projetos, como militante do direito à cidade e como ativista antirracista. Com uma rede de ativistas de várias gerações, aglutinados no BrCidades, desenvolvemos ações conjuntas entre educadoras/es e urbanistas para desenhar cidades mais justas.*

*Paulo, seu projeto educador está mais vivo do que nunca, porque não há caminho transformador sem consciência e liberdade. Em um mundo no qual tiranos já não precisam de robôs para dominarem mentes incautas, pois seus fantoches lobotomizados já se tornaram seus próprios robôs, lutar contra a alienação é fundamental. Como recuperar as primeiras palavras? A primavera? As primeiras verdades? As respostas estão nos seus escritos, querido Paulo. Trazê-las comigo, trazê-las conosco nos ajudam a prosseguir.*

*Um grande abraço afetuoso,*

*Tereza Herling*



## Meu querido Paulo

Escrevo-lhe esta carta no ano em que celebramos o Centenário do seu nascimento. Você não imagina a atualidade e força de suas idéias e de reconhecimento de sua busca incansável pela coerência entre o que você propunha e o que você vivenciava como educador e como ser humano.

Vivemos no mundo hoje um momento histórico inédito com uma pandemia do COVID-19 que dizimou milhares de vidas e aprofundou a pobreza e a fome em muitos países, fruto das políticas neoliberais contra as quais você se insurgiu desde os anos 80 e 90. No caso do nosso país, o Brasil vive hoje uma situação extremamente grave com um governo mais preocupado com a defesa do mercado do que da vida, promovendo um conjunto de políticas genocidas e negacionistas e acarretando milhares de mortes, hoje 450.000 que poderiam ser evitadas. A direita e a extrema direita realizam cotidianamente uma verdadeira guerra cultural contra todas as formas de resistência, de ativismo social e de pensamentos críticos progressistas. Para esta gente malvada você é um ícone que deve ser destruído e combatido a cada momento: imagina que querem até tirar de você o título de patrono da educação brasileira.

Mas eles não passarão! Como você sempre destacava, desde a Pedagogia da Esperança, a história não é inexorável mas, um tempo de possibilidades, em que não podemos perder de vista nossas utopias transformadoras do mundo. Temos que buscar a construção dos inéditos viáveis no presente, que nos aproximem e nos conduzam ao futuro desejado.

Você nem pode imaginar quantas iniciativas vêm crescendo nesta direção: agroecologia, economia solidária, feminismos, lutas contra o racismo, e novas manifestações culturais de todo tipo, cursinhos populares, práticas de educação popular emancipadoras, no campo e na cidade.

Seu pensamento e prática profundamente humanistas e radicalmente democráticos consistem em fermento para o “esperançar” de milhares de ativistas em todo o mundo e no Brasil. Aqui, os fascistas de plantão no governo e a elite do atraso que os sustentam, tremem de medo diante de suas ideias e das novas práticas sociais que têm sido recriadas, cada vez mais potentes.

O nosso querido CEAAL- Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe- do qual você foi um dos criadores e inspirador até hoje, está promovendo junto com movimentos sociais e coletivos diversos, instituições universitárias, ONGs, uma linda Campanha em todo nosso Continente, intitulada “Paulo Freire Vive”. Inúmeras atividades: seminários, lives, Cafés com Paulo Freire, círculos de cultura, cordéis, diálogos, rodas de conversa, saraus e lutas pelo “Direito à Vida, Trabalho, Pão, Vacina e Educação”, dialogando com seu pensamento e com a força criadora do seu legado.

As incertezas sobre o mundo pós-pandemia são muitas. Como você nos ensinou, para encontrar respostas é preciso fazer boas perguntas a respeito do atual momento e das projeções de futuro. Quais aprendizados e lições podemos extrair deste momento histórico inédito que podem apontar ações no sentido de construção de um outro mundo possível e necessário?

Paulo, você está fazendo muita falta por aqui, mas saiba que sentimos sua presença com muita força a iluminar nossas práticas por uma educação crítica, transformadora, libertadora e emancipadora. Tenha certeza, quanto mais batem, muito mais gente é instigada a querer conhecer e reinventar as suas idéias e práticas que se multiplicam e se espalham por todo o nosso país e pelo mundo afora. Mais do que nunca “Paulo Freire Vive” entre nós.

Com carinho de seu amigo

São Paulo, 20 de maio de 2021

Pedro Pontual



## Caro professor Paulo Freire

Escrevo-lhe, sobretudo, para agradecer. Sou grato porque sua prática e seu testemunho de vida possibilitaram e inspiraram muitas pessoas, assim como eu, a ingressarem na carreira docente, movidas pelo desejo de tornar a escola um lugar mais alegre, democrático e justo. Quero, também, cumprimentar-lhe, antecipadamente, pelos seus 100 anos, e dizer que sentimos muita falta de sua presença física conosco.

O cenário atual está difícil e desafiador. Há milhões de vidas perdidas ao redor do mundo, em função da pandemia de COVID-19, muitas delas no Brasil, e dessas, milhares que poderiam ter sido salvas se tivéssemos governos democráticos, populares, orientados por princípios de justiça social. Em meio a isso, ampliam-se, aprofundam-se e ficam mais evidentes as diversas formas de desigualdade.

O acirramento das crises sanitária, econômica e política tem mostrado, de forma aguda, possibilidades de desumanização, que se traduzem no desrespeito à coisa pública, no autoritarismo, em violências, no individualismo, mas, também, de humanização, que se fazem visíveis em diversas práticas e iniciativas solidárias que se voltam para devolver alguma dignidade à vida, onde ela parece quase se extinguir.

Atuar como docente, em tempos assim, vem requerendo especial atenção a algo que aprendi em seus escritos, que é a importância de sermos vigilantes e fiéis aos nossos sonhos. Pois que o sonho do qual você fala é expressão dos projetos e das práticas que realizamos, e se constitui em uma dimensão fundamental do processo de vir-a-ser, de existir, individual e coletivamente.

A Universidade, que é hoje a minha principal esquina de luta por uma sociedade mais fraterna, segue sendo, para mim, um contexto de sonho, brincadeira e curiosidade. A PUC-SP, onde lhe conheci quando era menino, nas muitas visitas que fiz à sala dos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, para ir ao encontro de minha mãe, a professora Ana Maria Saul, e onde, mais tarde, completei minha formação acadêmica, permanece sendo um espaço no qual busco forças, aliados para bons combates, e posso dialogar abertamente sobre as opções político-pedagógicas que estamos fazendo. A Cátedra Paulo Freire da PUC-SP preserva a sua história e o seu pensamento.

Entendo, hoje, com a sua ajuda, que a opção pela carreira docente é, também, um passo especial em nosso processo de formação permanente, sobretudo para aqueles e aquelas que estão comprometidos com a humanização, com a valorização de diferentes saberes, com a construção rigorosa de conhecimentos e com a consideração e respeito a diferentes formas de viver e interpretar o mundo.

Contudo, vale lembrar, com o crivo de sua pedagogia crítica, que diplomas e graus acadêmicos, em si, não nos tornam mais democráticos, solidários ou justos, pois, não há curso de graduação ou Pós-Graduação capaz de conferir diploma de autonomia, de consciência crítica, de “ser humano melhor”. Em atenção às suas lições, somente nossa decisão diária, nossa reflexão constante e coletiva sobre nossas práticas, em direção ao diálogo, à recusa por qualquer tipo de preconceito, discriminação ou opressão, pode nos tornar, de fato, “seres humanos melhores” e, em consequência, professores melhores.

Por isso, não é possível querer transformações, se não estamos dispostos nós mesmos a mudar e a intervir nos processos de mudança da realidade, desde a sala de aula. E, para isso, não podemos prescindir da esperança, do verbo esperar, nem de suas filhas mais diletas, para usar uma expressão de Santo Agostinho, a indignação e a coragem. A indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão, e a coragem, a agir para mudá-las.

Tê-lo conhecido marca minha trajetória pessoal e acadêmica, e reforça meu compromisso com a perspectiva libertadora de educação. Considero você, professor Paulo Freire, muito mais do que uma referência teórico-metodológica ou um eminente colega de profissão. Você é presença viva nas trincheiras da educação, um interlocutor e um companheiro que está cotidianamente ao nosso lado, ombro a ombro, nas reflexões e nas ações que visam a mudança da cara da escola.

Muito obrigado por tudo, um saudoso abraço!

São Paulo, 23 de maio de 2021

Alexandre Saul



## Professor Paulo Freire

A sua obra foi uma das bases teóricas do que foi planejado, vivido e realizado na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, na administração Luiza Erundina. Um dos documentos produzidos foi a Visão da Área de História, onde afirmamos: “ (...) não é o passado, por si mesmo, que coloca questões, que dá lições ao presente, mas o presente que coloca questionamentos frente ao passado”.

Nessa direção, o momento atual da Educação paulistana nos faz perguntar:

- A Educação tem sido uma prática de liberdade?
- Que História é trabalhada na sala de aula? Há discussões sobre isso? Os professores refletem, trocam experiências sobre as suas práticas? A teoria é ferramenta para entender e aprimorar as práticas pedagógicas?
- Como acontece a formação continuada do professor? Além das reuniões pedagógicas acontecem encontros entre os professores de História? O professor é visto e incentivado a ser protagonista do seu trabalho pedagógico?
- Os oprimidos são levados em conta na pedagogia que se concretiza na sala de aula?
- A realidade dos alunos é ponto de partida do fazer pedagógico? O aluno é sujeito ou objeto? E o professor? E as Equipes Pedagógicas?
- De que modo acontece a relação com a comunidade em que a escola está localizada?
- As histórias das famílias dos alunos são incorporadas ao ensino da História?
- O trabalho é coletivo?
- De que modo é tratada a relação aluno-professor?

As respostas que a história da SME nos anos 89-92 fornece a essas perguntas, têm a marca dos seus ensinamentos. O desafio de fazer da educação um braço da construção do mundo mais justo está presente em tudo que o senhor escreveu e viveu. “Esperançar” é tarefa atual, com as implicações devidas. E completamos, citando ainda a Visão de Área de História: “O ensino da História deve estar comprometido com seres humanos”. Sempre.

Obrigada, Professor Paulo Freire.

Saudades

Celina Benedetti







## *Olá mestre!*

*Tudo bem? Por aqui os dias não têm sido fáceis... o que nos encoraja para a luta é a esperança de esperar na resistência de seus verbos, na utopia realista de suas palavras, trilhando e ampliando a leitura de mundo através de suas lentes tão precisas, verdadeiras e contundentes nos posicionamentos ao mesmo tempo afetuosa. Fazendo-nos entender o tempo de cada qual para agregar-se na construção de uma pedagogia que não oprime e ao mesmo tempo seja humanizada em sua plenitude e respeitada em todos os seus sentidos.*

*Não me esqueço, e o mestre também deve lembrar-se da efervescência na cidade de São Paulo após sermos vitoriosos(as) com a eleição de um Governo Popular Democrático, tendo então como prefeita Luiza Erundina e com ela companheiros e companheiras valorosos(as), entre eles, você, o “Mestre Paulo Freire” reconhecido internacionalmente por suas obras grandiosas e proposições, desconhecido até aquele momento por uma parcela significativa dos(as) educadores e educadoras. A partir desse momento, lembro que nossos encontros e diálogos tornaram-se efetivos na reconstrução literal em todos os âmbitos de uma escola pública de qualidade em busca da boniteza dos espaços e das relações afetuosas.*

*Estava colocado o desafio freiriano do “Movimento de Reorientação Curricular”, confesso que ficamos assustados, diante de movimentos que ainda não havíamos nos permitido experimentar como as vozes que deixaram de ser sons descontextualizados, abrindo espaço para a escuta e a fala que expressava desejos, sonhos, expectativas, angústias, curiosidades, tristezas, alegrias, histórias, sentimentos que compõem a vida que pulsa dentro e fora da escola. Compreendemos que os diálogos são plurais, ao mesmo tempo em que todas as faixas etárias, iniciando com os bebês, são portadoras de saberes diversos, sendo esses elementos fundamentais para buscarmos caminhos para uma educação transformadora.*

*Espero que esteja presente em sua memória a revolução provocada pela diversidade de projetos que provocavam a reflexão acerca das nossas práticas e nossa visão de mundo nos diversos aspectos. Foi assim meu (re)encontro, por meio do Projeto de Orientação Sexual, com a sexualidade na adolescência e entender que ela não precisava ser escondida, pecaminosa, cercada de dúvidas e certezas errôneas, proibida de ser verbalizada e vivenciada.*

*Revelo depois de tanto tempo, que foi neste contexto que vivenciei uma das experiências mais transformadoras como educadora e mulher, aos poucos me despi, sem vergonha nenhuma, da professora de ciências, que apresentava a anatomia de um corpo humano sem vida, sem emoções e privado de desejos.*

*Se você tivesse tido a oportunidade de participar dos encontros com os(as) adolescentes proporcionados pelo Projeto vivenciaria a concretude de suas palavras, a vida pulsava e a palavra sexualidade em sua abrangência era liberta de suas amarras. Sua agenda atribulada não afastou você do projeto, mas pensando bem, mesmo que pudesse o combinado entre nós, era que só poderia participar quem efetivamente fazia parte do projeto. Mas quero que saiba que foram tempos especiais onde famílias e a sociedade em geral compreendiam a importância dos(as) adolescentes refletirem e compreenderem a respeito de seus corpos não apartados de seus sentimentos, como processos integrantes das diferentes fases da vida.*

*Hoje, remexendo nos guardados, encontrei as fotos que retratam momentos preciosos como o grupo de adolescentes, com os formadores e os(as) professoras, duas delas são muito especiais: o dia que nos encontramos pessoalmente no auditório da Getúlio Vargas (pelo despreparo do fotógrafo é preciso fazer esforço para me visualizar ao seu lado) recordo da suavidade de sua voz sobre a descoberta da sexualidade e suas subjetividades de uma criança aos pés da mangueira e seus intempéries da adolescência. A segunda foto retrata um encontro com cerca de mil adolescentes participantes do Projeto de Orientação Sexual de São Miguel, que verbalizaram através das suas diversas linguagens, como foi importante participar destes encontros onde podiam conversar e refletir livremente sobre os conflitos, prazeres e valores a respeito de sua sexualidade.*

*Pois é, hoje uma parcela da sociedade vestiu-se de uma capa de hipocrisia, negando a sexualidade como inerente a pulsação da vida, tentando acorrentar os corpos. Mas aprendemos, há muito tempo atrás, com suas sábias palavras que isso não é fácil assim. Já deve ser do seu conhecimento que as suas palavras têm causado horror àqueles e aquelas que ignoram suas sábias reflexões.*

*Escrevo também para dizer que todas as pretensões de apagar de nós as suas memórias, reflexões, seus pensamentos, são atos inúteis, pois se encontram encarnados em nós, educadoras e educadores através das nossas práticas cotidianas, transformadoras, criadoras, defensora da escola pública de qualidade, balizada pela escuta e os diálogos fluídos com os bebês, jovens, adultos e as famílias. Parabéns, mestre, pelo seu centenário! No mais, fique tranquilo que por aqui continuamos na luta pela autonomia e liberdade de nossos corpos, como você diz: “Não podemos assumir com êxito, pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política sem que estejamos, mais ou menos em paz com sua sexualidade”.*

*Até breve, nos encontraremos nas lutas, por uma educação humanizadora, libertadora, onde o amor se faça presente! Um forte abraço.*

São Paulo, 19 de maio de 2021.

*Solange Oliveira Ferreira*



Encontro de Formadoras e Formadores do Projeto de Orientação Sexual dos Núcleos de Ação Educativa com o mestre Paulo Freire e Marta Suplicy.  
Local: Auditório da Fundação Getúlio Vargas



I Encontro de Alunos do Projeto de Orientação Sexual – NAE-10 (São Miguel)  
Local: Clube da Nitroquímica. Outubro/1992



## Caro Mestre

Mal sabia eu que naquele longínquo ano de 1979, eu iria ter uma das experiências mais emocionantes e fascinantes da minha vida, o meu encontro consigo.

Hoje, sei que a conversa amena que mantivemos durante esses escassos dias em S.Vicente, a minha ilha natal, me marcaria para sempre.

Recém-saída dos bancos de uma das Universidades portuguesas, uma coisa eu tinha aprendido e bem. Cabo Verde, o meu pequeno arquipélago perdido no imenso Oceano Atlântico e governado por uma das potências coloniais europeias mais retrógradas, não passava de uma mera colônia até julho de 1975 do século passado.

Trazia ainda bem presente na memória as diferenças abismais entre a situação vivida nas minhas ilhas e a na chamada “Metropole”.

Territorialmente pequeno e sem recursos naturais, o meu país era, sistematicamente, fustigado por secas cíclicas que provocavam a morte de milhares de pessoas.

Além disso, sem escolas e sem hospitais, as ilhas foram voltadas ao abandono praticamente desde o seu achamento. O povo, esse sofredor, mas esperançado, chegou até hastear a bandeira negra da fome pelas mãos do mítico, “Capitão Ambrózio”, um dos que na minha ilha se negaram a aceitar, pacificamente, a situação.

Amílcar Cabral, o Herói da nossa independência, cedo compreendeu que o futuro seria sempre sombrio para as gentes das ilhas se soluções rápidas e radicais não fossem encontradas.

A verdadeira solução passava, estava ele convencido, por uma luta que permitisse a libertação das terras das mãos dos colonialistas e pela sua expulsão das nossas terras. Uma vez donos do seu próprio destino, os ilhéus podiam decidir por si o que melhor lhes servia construir sem ingerências externas a verdadeira pátria, baseada nos valores próprios da africanidade e da cultura autóctone.

Lembro-me, Mestre, que nesses primeiros anos da nossa independência não faltou vontade nem entrega de quantos amavam a sua terra.

E então, um dia, você chegou à Capital do país, vindo do outro lado do mundo. Na sua bagagem, você trazia a arma capaz de nos trazer de volta à nossa história, a arma da educação e da alfabetização, a arma que nos iria ensinar a trilhar o caminho da dignidade e da liberdade, com os olhos postos num futuro promissor.

Você chegou, Mestre, e, imediatamente, se apercebeu de que a hora não era de grandes discursos, mas de ação. Era hora lançar os alicerces para a consolidação do processo de desenvolvimento das ilhas.

As estratégias deviam ser claras, como claros os planos, os programas e as prioridades. Estava em jogo a sobrevivência de um povo que havia sido martirizado durante séculos por um sistema colonial atroz e desumano!

O Governo de então estava consciente e totalmente de acordo consigo, Mestre. Uma das pedras basilares desse processo de consolidação da nossa independência e uma das principais prioridades do país se assentava na alfabetização de todos os ilhéus sem exceção, que os ajudaria a despertar as consciências e as mentes para a nova realidade que se impunha.

O Projeto de alfabetização que você trazia na bagagem era audacioso, mas, ao mesmo tempo, generoso e solidário. Tal como se veio a demonstrar, ele não defendia apenas um simples aprendizado mecânico da leitura e escrita. Mais do que isso, era um verdadeiro ato político.

A sua proposta ensinava-nos o caminho para a liberdade real, trazia-nos a esperança num mundo melhor e nos conduzia de forma segura na batalha da construção de um país próspero e livre. Estava, assim, em curso a concretização daquilo que o primeiro Presidente do meu país livre, Aristides Maria Pereira, afirmara: “um novo homem está em vias de nascer no solo de Cabo Verde ...” E eu acrescentaria, ...e uma nova mulher!

Caro Mestre, devo dizer que o seu projeto foi um êxito e ajudou a abrir as portas para o surgimento de uma nova forma de estar no mundo e uma forma de pensar e de agir com as nossas próprias cabeças, como nos dizia o nosso saudoso Amílcar Cabral.

É, pois, com muita emoção que aqui me despeço, aproveitando para deixar bem expresso, o meu reconhecimento por tudo aquilo que aprendi consigo e que trago ainda bem presente na minha memória.

Caboverdianamente

*Crispina Gomes*



## Professor Paulo Freire

*Saudades da inteligência humilde das tuas palavras. Volto às tuas frases e reflexões e procuro no mundo o teu olhar de paz que compreende as minhas indagações. Queria segurar tuas mãos e te pedir: fala de novo do verbo esperar, quem sabe eu acredite que será possível erguer novamente a boniteza da escola? Quem sabe tua voz suave, musicalizada pelo teu sotaque tão nordestino, me faça refazer o desfeito daqueles que não nos acreditam? Dizem eles que somos utopia, e eu respondo: e quem não seria conjugando o verbo educar? Quem te leu e quem te viu jamais deixará de trilhar, por mais que tentem nos impedir, os caminhos da liberdade do pensar. Somos artistas, como um dia nos contou, andantes e transformadores, mediadores do saber trazido da casinha mais humilde dos confins. Queria também te contar que somos resistência, por mais que insistam em nos impedir. Somos muitos, espalhados pelos cantos, pelos matos. Chegamos silenciosos, na mais calada da noite, não roubarão a última flor do nosso jardim. Ela é resiliente, aprendeu a dançar com o vento, tomar banho na enxurrada e florescerá, resplandecerá como a estrela que, por mais distante que esteja, nunca perderá seu brilho. O teu lugar será sempre honrado pelos saberes deixados, pelo riso dado, pelo legado jamais esquecido.*

*Um sopro de outono, uma pluma no ar, uma lágrima de saudade.*

*Ana Maria Roveran*





## Meu caro amigo

Amigo! Não nos conhecemos pessoalmente. Nunca nos encontramos. Nunca trocamos uma palavra. Então, como assim, amigo! É que assim considero amiga, mesmo que eu nunca a tenha encontrado, toda pessoa que admiro, que tenha contribuído para meus pensamentos e afetos, enfim que tenha importância na minha vida. Gosto muito de uma música do cantor francês Renaud, intitulada 'Boteco dos amigos', na qual ele se imagina feliz num boteco celestial rodeado de artistas já falecidos, mas que, para ele, **"estão muito mais vivos, na minha memória pelo menos, que a maioria de meus contemporâneos"**. Nunca me imaginei num lugar desses, mas, para mim, muitas pessoas que nunca encontrei e nunca encontrarei são, de fato, mais vivas e próximas do que muitos dos meus contemporâneos. Assim considero amigas pessoas como John Lennon, Leonard Cohen, Érico Veríssimo, Albert Camus, Simone Veil, Nara Leão, Denis Mukwege, Jean Piaget e várias outras, entre as quais você (posso chamá-lo você?).

Convidaram-me para lhe escrever uma carta para celebrar os 100 anos de vida que você alcançaria neste ano de 2021. Eu teria gostado de lhe dizer que o Brasil contemporâneo está próximo dos ideais humanistas que sempre inspiraram as suas ações e sua obra.

Teria gostado de lhe comunicar que os sentimentos de justiça e dignidade nunca foram tão fortes entre nós e que as desigualdades sociais são apenas exceções pontuais.

De lhe dizer que a fome de autonomia e de liberdade move a grande maioria dos nossos contemporâneos e que praticamente não se ouvem vozes que elogiam a heteronomia e a repressão, vozes que prezam o 'quem manda aqui sou eu', que entonam o 'falou, tá falado'.

De o informar que a busca minuciosa da verdade inspira a quase totalidade da sociedade e que esta valoriza a racionalidade e o conhecimento.

De o confortar sobre o estado de saúde dos brasileiros, que nunca foi tão vigoroso.

Finalmente de lhe dizer que a educação brasileira é de causar inveja aos nossos países vizinhos e que o Ministério da Educação é reconhecidamente o mais importante e valorizado de todos os ministérios, sendo o nome do seu Ministro conhecido de todos os brasileiros.

Porém....

Sou obrigado a confessar que as coisas não estão bem assim... Longe disso. Sou obrigado a pensar que uma letra de Chico Buarque (mais um amigo), escrita na década de setenta e que você certamente ouviu, ainda faz sentido entre nós. A canção intitula-se, justamente, 'Meu caro amigo' e nela se ouve:

**Aqui na terra tão jogando futebol**

**Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll**

**Uns dias chove, noutros dias bate sol**

**Mas o que eu quero lhe dizer que a coisa aqui tá preta**

**Muita mutreta pra levar a situação**

**Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça**

**E a gente vai tomando e que, também, sem a cachaça**

**Ninguém segura esse rojão**

Mas, caro amigo, não fique demasiadamente triste. Apesar de alguns incompreensivelmente o considerarem um 'inimigo público', um 'elemento nocivo', ainda tem centenas e centenas de milhares de cidadãos (sim, cidadãos) que não deixam a sua chama apagar, que divulgam os seus feitos e escritos, que lembram e defendem incessantemente o seu nome e que sabem que você permanece incontornável para 'segurar esse rojão'.

Grande abraço

*Yves de La Taille*





# Mestre Paulo Freire

*Não sou expert em pedagogia, nem possuo vasta experiência na área de educação infantil (atuo na área há apenas dez anos), mas venho por meio dessa breve mensagem, por ocasião das homenagens de seu centenário, transmitir a gratidão imensurável por seu olhar atento e afetuoso ao processo pedagógico, que propiciou a inclusão dos saberes e conhecimentos do educando, somados aos do educador, para que juntos construam novos saberes e conhecimentos.*

*Eu o parablenizo, especialmente, por permitir ao educador liberdade de criar, juntamente com cada educando, um processo de aprendizagem individualizado e específico às suas necessidades, tornando o aprendizado prazeroso e diversificado, longe do modelo massificador de outrora.*

*Abraço afetuoso,*

*Karina Zucchi*





## Caro Paulo Freire,

Sobre a prática que nos faz ser quem somos

*Há anos simulamos esta conversa com o senhor. Como educadores formados na atuação em um cursinho popular, sua obra guia diariamente nossa prática pedagógica e concepções políticas: não há um dia que entremos em sala de aula e não nos lembremos do senhor. Então, poder falar de toda admiração e compartilhar algumas histórias seria a concretização de um sonho. São muitas as perguntas e reflexões que precisam ser divididas.*

*No ano em que comemoramos os cem anos de sua chegada ao mundo, parece que nosso coração se apertou ainda mais. Se lhe contassem o que vivemos hoje, talvez o senhor não acreditaria. As ficções científicas viraram realidade e um vírus vem assolando nossa gente, sobretudo os mais pobres, mais uma vez. Nesse momento de angústias e apreensões diversas, esta carta é também um suspiro, um pedido de ajuda, guiado pela vontade de seguir atuando em nosso sonho compartilhado de uma educação livre, emancipadora para todas e todos.*

*Cá estamos nós, então, Paulo, abrindo as portas de um projeto que por muito tempo construímos e de onde partiram grande parte de nossas angústias e aspirações como educadora e educador.*

*Provavelmente, o senhor assistiu ao surgimento de alguns cursinhos populares ao longo dos anos 90, como o do Núcleo de Consciência Negra (SP) ou o Pré-vestibular Steve Biko (BA), precursores desse movimento de luta pelo acesso amplo e democrático às universidades. O Cursinho Popular Florestan Fernandes surgiu um pouco depois, por volta de 2007, à princípio como unidade de uma rede, e depois como movimento popular independente, articulado a outros espaços de luta por educação. Lá, atuamos por muitos anos como educadores e coordenadores pedagógicos junto a um grupo amplo, diverso e potente, com quem aprendemos e dividimos conhecimentos e afetos. Assim como o senhor, acreditamos na educação como forma de compreensão e transformação do mundo, e lutamos para que nossa(o)s estudantes – a quem historicamente tem sido negado o direito à educação de qualidade, à cidade e, em muitos casos, à existência plena e saudável – possam acessar todos os espaços, inclusive a universidade.*

*Falar do Cursinho Popular Florestan Fernandes é falar de nossa(o)s estudantes. Já que não há docência sem discência, não há Florestan sem alunas e alunos. Todos os sábados, acordam antes do sol nascer, atravessam a cidade e passam o dia estudando em salas da Universidade de São Paulo. São ela(e)s que nos faziam trabalhar sem salário; levantar cedo para organizar o espaço do Cursinho; dormir tarde preparando aulas; reinventar nossas práticas e descobrir novidades a partir da troca cotidiana que nos faz ser quem somos.*

*Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e é a partir desta construção coletiva que pensamos nossas práticas dentro e fora da sala de aula. O currículo para nós é ainda um grande desafio. Os processos seletivos para as universidades determinam o que deve ser estudado e por isso nos encontramos sempre à beira desta armadilha. Não é o saber de nossa(o)s estudantes que aparecem nas provas, mas tentamos constantemente amarrá-lo, incorporá-lo e confrontá-lo com o 'saber hegemônico' que ainda prevalece.*

*Nos perguntamos muitas vezes se, ainda assim, levando para a sala o que pedem os vestibulares, em aulas de 50 minutos, com estudantes enfileirados em salas lotadas, o que fazíamos seria educação popular. Virou clichê nos olharmos e perguntarmos "O que Paulo Freire faria?"*

*Tudo piora nesses últimos tempos. Uma tela tem nos separado. A aproximação com estudantes, do jeito que conhecíamos, já não existe. Às vezes, falamos sem nem ver seus rostos... Cada um em sua casa, com tantas dificuldades... Ainda assim, seguimos acreditando no afeto como caminho, recriando as relações, reforçando o cuidado com o outro e nos reinventando na educação popular.*

**Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática** e assumir que somos contraditórios e inacabados é consequência deste processo. Sabemos que muito do nosso fazer não casa com nossa utopia de educação popular, mas sabemos também que **ensinar exige apreensão da realidade** e por isso dialogamos com educadores e educandos sobre os desafios e estratégias para encarar o que temos à frente. O vestibular é uma barreira imponente e é contra ele que temos brigado incessantemente, na busca de um sonho coletivo por uma universidade democrática e popular. E é tão lindo quando vemos nossa(o)s jovens chutando a porta desse espaço que lhes é tirado e reafirmando sua presença com orgulho. Acredita que vária(o)s retornam para o cursinho como educadores? E é aí que vemos que faz sentido. É a superação dela(e)s por ela(e)s. A retomada do que lhes foi negado e a vontade gigante de compartilhar todo o conhecimento com os seus.

É risco ocupar a universidade, afirmá-la enquanto direito de todas e todos, sobretudo dos grupos marginalizados, ainda mais em tempos sombrios como o que vivemos. Vale ressaltar que o contato com o senhor é estímulo para seguirmos apesar do obscurantismo e violência que tem nos cercado. E é porque sabemos que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação que nos mantemos fortes e inspirada(o)s, apesar do cansaço, e repetimos para nós mesmos a relevância do que temos feito, olhando para nossas meninas e meninos e percebendo o fruto da luta que buscamos plantar.

Hoje, atuantes na educação básica, herdamos seus princípios e nosso legado enquanto educadores do Florestan Fernandes. Acreditamos que não só os espaços de educação não formal devem ser críticos e comprometidos com a mudança, mas todas as escolas, acreditando nas crianças como agentes transformadores.

**Ensinar exige consciência do inacabamento**, então reconhecemos avanços, contradições e buscamos, a partir da construção coletiva, aprimorar estratégias e reorganizar o que é horizonte. **Ensinar exige alegria e esperança**, e por isso não nos falta o riso, o amor e uma convivência que se torna amizade, parceria, companheirismo. É em grupo que reforçamos a convicção de que a mudança é possível e buscamos força para continuar, inspirados por sua história.

Agradecemos o suspiro de força e resistência que o senhor, mesmo que fisicamente distante, nos proporcionou com essa carta. Sabemos que a resposta não virá por escrito, mas temos certeza de que ela está presente em cada conquista de nossa(o)s estudantes.

Um abraço fraterno,

Lara Santos Rocha

Bruno Neves Sampaio

---

1 - Embora as palavras aqui compartilhadas partam do trabalho coletivo, foram escritas por uma professora e um professor que por anos participaram do CPFF, o que não representa a integridade do projeto ou dos olhares sobre ele.



Oi, Paulo Freire!

Tudo bem?

Só queria dizer que desde que conheci seu trabalho no meu curso de Magistério em 1993, o meu DNA alterou e nunca mais fui a mesma.

Parabéns pelos seus 100 anos!

Obrigada por tudo!

Beijos ancestrais!

Lúcia Makena





## Ao querido mestre

Tenho pensado muito no que dizer nesta celebração dos teus cem anos de vida e de compartilhamento de ideias, reflexões e ensinamentos além de gratidão por ter te conhecido através dos livros e depois, pessoalmente, durante o governo de Luiza Erundina, em São Paulo (1989- 1992).

No entanto, meu coração está pedindo para te contar que a música sempre fez parte da minha vida, porque não deves lembrar, afinal éramos tantos educadores, não é mesmo?

Desde bem pequenina nos encontros de família na casa da minha avó, nas aulas de piano que meu pai me colocou para frequentar aos 5 anos no bairro Cidade Ademar, zona sul. Desde então, percebi que a criança é curiosa de nascença. É cientista querendo descobrir o mundo, desvendar o funcionamento das coisas, dos bichos, de tudo que a cerca. O problema é que os adultos daquele tempo não dialogavam com a gente. Educavam para a obediência, como lhes fora ensinado pelos mais velhos, assim como me ensinaram que eu era uma menina moreninha linda, de cabelos de índia. Ah! O branqueamento.... numa outra oportunidade te conto este outro lado da minha história.

Minha mãe sempre ralhava comigo porque eu desmontava os bichinhos, por exemplo, abria os sapos para ver o que tinha dentro, contava as patinhas das aranhas, arrancando-as uma a uma, encarava-as para saber se tinham olhos e assim por diante. Sou do tempo em que a obediência aos mais velhos era lei, porém o que fazer com minha curiosidade?

Assim, meu querido professor, mesmo sem saber, eu já estava vislumbrando e aplicando teus conhecimentos, muito embora à minha maneira.

O tempo passou, estudei, mudamos de Cidade Ademar para o Belenzinho, na zona leste e esta curiosidade de criança nunca me abandonou, pois quando a professora de piano, Dona Iolanda, virava as costas, eu rapidamente subia em seu piano, abria a tampa e ia tocar as cordas e verificar como as notas tocavam quando eu mexia no teclado. Que milagre era aquele?

Estudei em um colégio religioso só para meninas. Lá, o chão brilhava como se dizia antigamente “podia-se lamber o chão” de tanto brilho. Mas, como aquelas freiras mantinham aquilo tudo? Fiquei chocada ao saber que eram as alunas internas que tinham que fazer esse trabalho para pagar a moradia no colégio. E aí eu pensava: em que horário aquelas meninas faziam seus deveres? Descansavam? Brincavam?

A realidade foi se descortinando ao meu olhar curioso e fui percebendo o preconceito e as diferenças existentes naquele espaço. Até que no ensino médio, o jovem Pe. Júlio Lancellotti foi terminar o curso de magistério lá e nos direcionou o olhar para a favela do Tatuapé, uma das maiores da cidade. Ela estava do outro lado do muro do colégio e não nos era apresentada, ou melhor, não nos deixavam vê-la.

Fui juntando todos esses aprendizados e desgostando daquele colégio. Parti para a universidade sem saber direito o que fazer, como muitos jovens, e, para não me alongar muito, cheguei à Faculdade de Artes. Isso em meio à ditadura, busca policial por colegas de classe e manifestações nossas para que saíssem da prisão. Aquilo tudo, o espaço jovem, a força jovem, me levaram a escolher a música para minha profissão. Apesar de tudo a que eu assistia, da agressão e das maldades dos militares, estar num espaço de música cheio de pianos de todos os modelos (armário, cauda, meia cauda) e outros instrumentos, me fazia muito feliz, mesmo sendo proibida de tocar música popular lá, o que era a minha preferência. Este detalhe me fez sentir mais forte ainda o que estava acontecendo e a incerteza do que estava por vir.

Em meio a tudo isso, a LDB 5692/71, instituiu o curso de Educação Artística, com a possibilidade de licenciatura plena em música, dança, teatro e artes visuais. Fomos todos transferidos à revelia para este curso que nos encaminhou para a educação.

Mesmo assim, cursando Educação Artística à noite e trabalhando para me sustentar durante o dia, não desisti de ser uma musicista. Só que a surpresa foi o encaminhamento para a educação e o meu encantamento com as crianças durante o estágio obrigatório. A partir daí, busquei a SME/SP e fui contratada como Assistente de Atividades Artísticas, cargo em comissão (não existe mais) E assim, na EMEF Esmeralda Salles Pereira Ramos, no Tremembé, juntei minhas memórias de infância com as infâncias que encontrei lá. Tornei-me uma professora que apresentava projetos para poder conversar com a comunidade e especialmente com as crianças carentes daquela escola. Foi lá que descobri que a escola se fechava dentro do seu espaço e não sabia da favela (ou a ignorava) que também estava do outro lado do muro e onde as crianças sofriam tanto que não tinham forças para cantar e dançar comigo. Não tinham saúde, energia para aprender.

Foi no chão daquela escola e no seu entorno que vi o quanto o cenário era próximo do meu quando aluna do colégio de meninas.

Esse estranhamento me impulsionou a buscar conhecimentos outros, de maneira que a arte integrasse a vida das crianças de forma criativa, produtiva e alegre, até que ingressei na Prefeitura como professora efetiva de Educação Infantil e de Primeiro Grau (como se falava naquele tempo) e tive a honra de trabalhar na SME, durante a tua gestão. Foi lá, ao teu lado e também junto das assessoras de Artes, convidadas por você, que fui resolvendo as minhas primeiras curiosidades de infância, fazendo as minhas pesquisas até me tornar uma criançóloga, como dizia Mário de Andrade, dando continuidade aos teus ensinamentos lutando pela boniteza da escola, pela valorização das composições infantis, ouvindo os sons experimentados pelas crianças desde bebês... E assim, construí minha pesquisa de mestrado com as perguntas: Que sons são esses? Barulho? Ruído? E estudei Murray Schafer, músico e educador musical canadense, que na busca por “limpar” os sons do planeta, valoriza cada descoberta sonora de seus alunos, dialoga com eles, para que escolham os sons e formulem suas melodias; construam instrumentos e os exibam nos Parques Sonoros da rede.

Outra face do meu trabalho, baseado nas tuas ideias, foram as formações para professores orientando a abertura do espaço e do tempo com os pequenos para a escuta, a pesquisa, a variedade de repertório e a composição. Tudo isso devo a ti, querido mestre Paulo Freire!

Trabalhar com educação é trabalhar com alegria, amor, estudo, intencionalidade, respeito por todos e, acima de tudo, sendo uma profissional e não a tia da escola.

Muita gratidão, mestre!

26/maio/2021

Maria Cristina de Campos Pires





## Estimado Paulo Freire

Paulo Freire: um sinônimo de amorosidade, boniteza e utopia!

*Escrevo essa carta, no intuito de poder demonstrar o quão importante é seu legado para a educação. A forma pela qual você vislumbrava o mundo, mesmo na adversidade, é uma fonte de inspiração para os educadores e educadoras no nosso país. País este que não sabe ou não quer valorizar os profissionais que se dedicam à educação e às suas garantias, inclusive esta como direito fundamental da população.*

*Não conheci você pessoalmente, infelizmente. Mas a cada livro que leio, cada menção feita a você (posso lhe chamar assim?), cada vídeo que assisto e até mesmo nesse ano da comemoração do seu centenário, em que muitas pessoas estão falando sobre tudo o que você nos deixou, aprendo algo novo, redescobrendo novas nuances, novas facetas nas suas palavras doces, amorosas e cheias de bonitezas e profundidades.*

*É inegável que tudo o que foi pensado, articulado, vivenciado e relatado por meio de suas experiências, nos deixou com muita bagagem para que possamos propor ações que realmente insiram as pessoas que são invisíveis na sociedade, conseguindo colocá-las no seu devido papel: o de cidadãos e cidadãs que são importantes e imprescindíveis na comunidade, na sociedade e no país em que vivem, aliás, em que vivemos.*

*As desigualdades são inúmeras no nosso país. Sobretudo, em relação ao acesso aos bens de produção e aos bens de consumo e, por que não revelar aqui, com relação à educação. Há uma grande disparidade de oportunidades, em que aqueles menos favorecidos têm retirados seus direitos. Vivemos um momento de pouca esperança, sobretudo na educação, que deveria ser tão cara e inclusiva. A educação é uma forma de resgatar a dignidade das pessoas, mas também de demonstrar a capacidade criadora de oportunidades e de esperanças.*

*Contudo, é difícil não desanimar nesses tempos. A sociedade está adoecida, polarizada, demonstrando a cada dia quão difícil será retornar a uma convivência amistosa, equilibrada. Penso que nem nos momentos pelos quais você passou na década de 1960, não houve uma polarização social tão arraigada, com tantas pessoas demonstrando ódios no lugar do amor, e com tanta falta de esperança. A esperança – se mpre ela! – havia apesar de tudo.*

No entanto, eu acredito que é na adversidade que uma sociedade pode ressurgir. São nos momentos em que a sociedade precisa se rever, se [re]enxergar, é que está a oportunidade de fazermos algo novo, de nos reinventarmos. Acredito que estamos num desses momentos, do ciclo da história, muito próximos das décadas da ditadura civil-militar, em que a educação passa a novamente ser atacada e vilipendiada e em quem atua e defende a sua forma de ser e estar no mundo. Mais uma vez, temos pessoas que negam a ciência em detrimento de crenças e falácias.

Lendo e relendo seus livros – sobretudo “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”, temos a chance de refletir sob o ponto de vista que você nos coloca como observadores de uma história pujante, que é preciso que haja menos conformidade e mais atitude, criando amplitude de discussões e pensamentos, no intuito de permitir que as pessoas se sintam mais partícipes da sua história, que, somada às demais, terá uma diferença no mundo e para o mundo.

Quero falar com você sobre algumas dessas questões. Mas sobretudo, sobre algumas de suas palavras que me acompanham diariamente: amorosidade, boniteza e utopia.

Sobre a amorosidade: tive a oportunidade de fazer uma conversa muito linda com a Nita em abril desse ano do seu centenário. O tema da nossa conversa foi “A amorosidade em Paulo Freire” e foi transmitida por meio de streams que podem ter alcances muito interessantes. A fala que Nita trouxe em relação a você foi esplendorosa! Foi regada de muita admiração, amor e cumplicidade. Nos trouxe um Paulo da intimidade, dos detalhes, da vida cotidiana. E é exatamente essa a noção, para mim, sobre a amorosidade que você tão bem falava nas suas entrevistas e em suas obras.

Esta palavrinha nos faz ter um turbilhão de formas de enxergarmos as pessoas e o nosso entorno. Nos coloca num papel em que o amor, enquanto sentimento, fique ainda maior, que inunde as nossas fronteiras e que delas seja possível que transbordemos. No entanto, é relativamente fácil sentir amor por alguém que conhecemos, convivemos. Mas a amorosidade que você propõe sobrepassa as relações afetivas. Diz respeito à amorosidade em relação ao desconhecido, ao meio ambiente, à natureza, mas sobretudo às pessoas que, na sua incompletude, podem ser amadas até pelas formas mais adversas. A educação pressupõe amorosidade. As relações que precisamos, enquanto professores e professoras, estabelecer com os e as estudantes vão além da cientificidade. Elas precisam arraigar confiança, estima, pareceria e, por que não dizer, cumplicidade. Por essa razão, um professor e uma professora precisam estabelecer sua docência com amorosidade intelectual mas também afetiva. Extrapolar os muros da ciência para a consciência e para a significação do que está sendo compartilhada, é preciso

que haja contexto no que se ensina e no que se aprende. Foi essa uma das lições que aprendi com você.

Sobre boniteza: a forma pela qual Nita falou sobre a boniteza e como esta surgiu entre vocês foi muito inspiradora. No entanto, a boniteza está presente na sua obra de forma ampla e irrestrita. Quando se fala sobre tal questão, é possível observá-la no comprometimento que você relevou com relação à verdade, ao respeito, à ética, à autonomia, ao bom senso, à tolerância e tantas outras formas de obter essa relação amorosa e bonita que tanto está presente em tudo o que foi escrito e vivido por você! Que exemplo de pessoa você nos deixou, sempre se colocando no lugar do outro e revelando que o ser humano é inacabado, mesmo assim, vive em busca incessante por uma forma de melhor se desenvolver no mundo e para o mundo. Outra lição importante de vida.

Por fim, sobre a utopia. Essa palavra nos revela tanto de Paulo Freire. Pensar em ser professor ou professora sem ser utópico é não conseguir perceber-se como um agente de transformação social. A educação, como você tanto nos mostrou, é política. E como tal é algo que precisa demonstrar esperança. A utopia é exatamente essa esperança de conseguir alcançar um degrau a mais na escalada da vida, em que além de vivermos nesse mundo, possamos sonhar com algo melhor, buscar desenvolver algo que contribua para que as pessoas, sim, no plural, possam ser melhores entre si e com o mundo.

Utopicamente a educação se mostra como uma forma de ascender socialmente, mas na verdade, você nos ensinou que ela proporciona um olhar para si e uma maneira de agir que na mais simples atividade manual está contido o poder de transformação. Ou seja, as pessoas são capazes de realizar transformações de muitas formas, que beneficiam a si mesmas e aos outros, por meio de uma ação que modifica e amplia a natureza, mas a partir dela.

Devido a utopia, temos a esperança sendo reacendida a cada dia. A esperança enquanto verbo, de esperar e não se esperar. Então posso dizer que a utopia tem uma relação muito estreita com a esperança, a amorosidade e a boniteza, palavras simples mas de um significado tão grande que vão além de simples ações.

É essa uma das lições que eu levo de sua obra. E é devido a essas palavras simples – amorosidade, boniteza e utopia – que eu sigo lutando e acreditando, utopicamente, numa educação mais justa, socialmente abrangente e humanamente incluyente. E carrego comigo a esperança de dias melhores!

Despeço-me com amorosidade e seguindo utopicamente seu legado, regado de bonitezas!

*Fabiane Lopes de Oliveira - Professora, mas sobretudo uma pessoa que tem a esperança de dias melhores!*



## *Caríssimo Mestre Paulo Freire,*

Há mais de vinte anos Paulo Freire se foi...  
A despeito de tudo e de todos, Paulo Freire  
será sempre o educador brasileiro mais  
conhecido e citado no mundo. Viva!

*Diante do convite a escrever sobre tua importância em minha formação, não resisti ao ímpeto de me dirigir diretamente a ti porque, ao reunir fragmentos de meus “encontros” contigo, tomei consciência de que ela é muitíssimo maior do que eu imaginava.*

*Primeiro porque tu me ensinaste uma lição inclusora de outras tantas: que respostas para perguntas que não foram feitas são, por assim dizer, uma falta de juízo pedagógico.*

*Essa lição ancorou alguns pressupostos que orientaram minha prática profissional como professora, como coordenadora pedagógica, como formadora e como autora de material de subsídio para professores e material didático para alunos. E também, e talvez principalmente, minha militância na vida.*

*O primeiro pressuposto é que o destinatário de nossa ação, que se pretende formativa, é um sujeito constituído por sua história pessoal, que constrói seu próprio conhecimento e, portanto, nossas respostas bem-intencionadas a perguntas inexistentes revelam um método autoritário, por mais éticos que sejam nossos propósitos.*

*Outro pressuposto é que, para conhecer o sujeito real que está diante de nós, é preciso tentar se pôr em seu lugar (apenas tentar, porque esse deslocamento, concretamente, é uma impossibilidade) e, para tanto, há que se ter um olhar sensível, uma escuta atenta e paciência suficiente.*

*Um terceiro é que, se as perguntas não existem conforme nós, educadores, esperamos, o desafio é gestá-las para que nasçam e se multipliquem de modo que nossas desejadas respostas passem então a ser respostas a necessidades que em princípio não existiam, mas passaram a existir para os sujeitos com os quais trabalhamos. “Partir da realidade”, “considerar a história” e “valorizar os saberes” nada tem a ver com práticas espontaneístas e ausência de intervenção pedagógica.*

*E, por fim, o quarto deles: por tudo isso, seja com os alunos na sala de aula ou com os profissionais nos espaços formativos, o “x” da equação pedagógica é quando problematizar e quando responder de pronto, ou, dito de outro modo, quando ajudar a construir soluções pessoais e quando informar diretamente.*

*Há muitas outras lições, evidentemente, mas destaquei essas aqui porque, até onde pode chegar minha consciência, elas são mais constitutivas da profissional que hoje sou.*

*E quero falar da enorme satisfação de poder me encontrar pessoalmente contigo várias vezes: uma na escola de pais em que fui coordenadora, numa tarde deliciosa, e outras tantas na Secretaria de Educação de São Paulo durante alguns anos – tu, secretário e eu, aprendiz de formadora.*

*Tive o privilégio de participar dos encontros que tu fazias com as equipes e dos diálogos que esses encontros sempre representaram. Tive a responsabilidade de compor a equipe que editou aquele vídeo em que tu falavas com todos professores da rede municipal de São Paulo e que foi passado em todas as escolas logo no início de tua gestão. Tive também a petulância de brigar bastante com certos “companheiros” que, segundo eu mesma, não agiam de acordo com os princípios que tu sempre defendeste, e também eu. Quero que saibas que meus cabelos brancos começaram a teimar desde aí. Foram tempos ao mesmo tempo férteis e difíceis para mim. Porque o exercício do poder é uma prova inequívoca dos valores que de fato se tem, e não gostei do que vi em uns e outros com quem me desencantei eternamente.*

*Depois dessas últimas lembranças, para mim bem tristes, fui dar uma espiada no youtube – é... agora temos esse recurso que é um poderoso paliativo em certas circunstâncias. E qual não foi minha surpresa quando, já logo de cara, acho dois filmes mais ou menos breves (sim, porque contigo nenhuma conversa era breve!) de encontros em que estava eu lá te ouvindo, um deles justamente no núcleo onde eu trabalhava. Grata surpresa, Professor!*

*Ao assistir a esses registros, fui me dando conta de que talvez eu tenha aprendido mais te ouvindo do que te lendo... É certo que talvez eu já tivesse uma tendência a fazer falas e escritas mais ou menos irreverentes, atravessadas por histórias vividas e por algum humor, mas, pensando agora, acho mesmo que foi tu a me “autorizar” a fazer essas graças, como acho que foi tu que me inspiraste a falar publicamente de amor. O exercício desta escrita agora me fez desconfiar disso tudo – veja só que produtiva boniteza, como tu dirias, é esta brincadeira de escrever.*

E, vejas que coisa... quando defendi minha dissertação de mestrado, foi uma surpresa e uma emoção ouvir de uma das docentes da banca que o meu estilo de escrita revela um grande cuidado com o leitor e uma amorosidade que ela reconhecia como semelhante à que se atravessa pelos teus escritos. Para mim, avaliação melhor impossível! Não bastasse isso, tempos depois, essa mesma docente me enviou o registro de uma aula dela na universidade em que comparava afirmações tuas e minhas. Mal pude crer, e de novo fiquei comovida. O fato é que em geral não percebemos o óbvio, como dizia teu amigo Darcy... e não temos consciência de certas marcas constitutivas de quem somos.

E, já que estou falando do mestrado, preciso te dizer que o registro da pesquisa foi feito na forma de cartas, que eu pretendia que fossem (e parecem que são mesmo) narrativas pedagógicas, tanto pelo conteúdo quanto pela forma. E também nesse caso me inspirei em ti. Transcrevi inclusive o que disse o Alípio Casali, na capa de “Pedagogia da Indignação”, quando te cita: “fazia algum tempo que um propósito me inquietava: escrever umas cartas pedagógicas em estilo leve que pudesse recolocar a educação no espaço do coloquial e do afetivo e reencontrar o essencial da educação – o diálogo que compartilha e provoca”. Quis fazer o mesmo e alguns dizem que consegui.

Rosaura Soligo



## Caro Professor Paulo Freire,

Depois de ler escritos de Paulo Freire que ele denominava cartas, tomei a liberdade de escrever-lhe um texto como carta, neste momento de intensa lembrança de suas ideias e trabalhos. A comemoração de seu centésimo ano de nascimento é um privilégio para todos nós educadoras e educadores, por sua instigante e generosa existência.

*Como professora de Ciências atuei em sua gestão na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, durante a administração da Prefeita Luiza Erundina (1989-1992).*

*Pude vivenciar uma gestão de fato democrática e progressista, preocupada com a aprendizagem de alunos e com a evolução de professores, uma Educação como prática de Liberdade.*

*Naquela época já atuava como professora na Educação Básica. Foi como docente da Secretaria Municipal de Educação que tive a oportunidade de conhecer e vivenciar propostas inovadoras de Educação, como o projeto da interdisciplinaridade e o trabalho das equipes dos Núcleos de Ação Educativa (NAEs) nas escolas.*

*No início de sua gestão, tive um período em duas escolas, uma na divisa da cidade de Santo André e outra perto da Serra da Cantareira, na Zona Norte da cidade. Após fui atuar no Setor de Educação Ambiental, temática inovadora para a época, e que já me interessava. Tive o privilégio de trabalhar em tal Setor da Diretoria de Orientação Técnica (DOT) da Coordenadoria dos Núcleos de Ação Educativa (CONAE). Lá convivi com colegas como Irineu Tamaio, Maria Helena, Fátima, Vicentina, Adelina e Seu José, pessoas marcantes e maravilhosas, empenhadas na construção de novas perspectivas para a temática.*

*Nos tempos do Setor de Educação Ambiental, meu expediente era em um local bastante agradável, no bairro do Sumaré, na cidade de São Paulo. O local atendia aos nascentes trabalhos dessa novidade educacional - a Educação Ambiental - em uma nova orientação, mais política, mais crítica, já no início dos anos 1990.*

*Mas esse pequeno local já existia antes. Do tamanho de uma praça havia nele sementeiras, composteiras e canteiros com algumas espécies vegetais. As atividades educativas eram com visitas de escolas, em que se recebiam estudantes da Rede Municipal para uma pequena excursão naquele ambiente,*

com orientação de duas professoras e um jardineiro. Havia também apresentações da equipe do teatro Mamulengo, em que quatro educadoras artistas encantavam as crianças com suas histórias e performances.

Os debates em torno da temática ambiental estavam se intensificando nesse período, inclusive quanto ao papel da escola nesses trabalhos. A temática também estava no centro das preocupações mundiais e logo haveria a Conferência do Meio Ambiente (ECO 92), que seria sediada no Rio Janeiro.

Pode-se dizer que – seja pela localização ou seja pelo trabalho que nos propúnhamos a fazer – o Setor de Educação Ambiental de DOT-CONAE era um pequeno oásis na cidade de São Paulo, local tranquilo e discreto.

Por isso mesmo, naquele tempo, algumas reuniões da direção da Secretaria Municipal de Educação ocorriam em um grande salão ali existente, na parte mais baixa do local.

Assim, além da convivência e experiência, o Setor de Educação Ambiental abrigava algumas reuniões em que até mesmo o senhor, prof. Paulo Freire, comparecia. Quanta satisfação e emoção encontrá-lo, sempre muito gentil, simples e atencioso com todos nós, uma pessoa de uma grandeza e força imensa.

Com uma agenda muita atribulada, e com reuniões muito demoradas, nunca consegui falar-lhe. Uma pena!

A vivência no Setor, aliada a minhas esperanças como professora, foram determinantes para continuidade de meus estudos, em meus caminhos educacionais e pessoais.

Tempos depois, posso dizer que nos conduzia e nos conduz na luta como docentes e como pessoas que desejam construir um mundo melhor.

Suas obras e reflexões acompanham meus caminhos docentes.

Lembro de ter lido algumas de suas reflexões que me remetiam a verso de Antônio Machado, que gosto muito, “caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar”. Tomo a liberdade de acrescentar outro trecho desse mesmo poema

**Faz algum tempo neste lugar  
onde hoje os bosques se vestem de espinhos  
se ouviu a voz de um poeta gritar  
"Caminhante não há caminho,  
se faz caminho ao andar"...**



*Prof. Paulo, obrigado por sua vida, propostas e coragem, poeta pedagógico que nos inspira a caminhar e fazer nossos e novos caminhos, esperando.  
Com carinho, alegria e gratidão*

*Bernadete Benetti*



*Mesmo sem ser mais secretário, continuarei junto de vocês,  
de outra forma. Vou ficar mais livre para assumir outro  
apoio e responsabilidade.*

*Acho estou deixando a lida  
frente. A briga com  
estarei me empenhan*

# Ensinar e aprender

*As pessoas gostam  
de aprender  
parte com  
este gosto*



*em  
uei  
ra  
que  
vem ele se exerci  
19910*



## DEPOIMENTOS DE PRÁTICAS PRESERVADAS NO BOX DO AFETO

# Depoimentos de práticas preservadas no box do afeto

- 1. Quanta ousadia para concretizar um projeto!**  
*Louvercy Lima Olival*
- 2. Paulo Freire vive! Paulo Freire viverá para sempre!**  
*Cecília Vasconcellos Lacerda Guaraná*
- 3. A construção de um posicionamento ativista de uma psicóloga que atua na educação: formação mediada pelas ideias de Paulo Freire**  
*Vera Lúcia Trevisan de Souza*
- 4. As ideias de PAULO FREIRE no Movimento Popular – um olhar**  
*Maria Eunice Campanha*
- 5. O que aprendi com o “jeito de ser docente” de Paulo Freire**  
*Ana Maria Saul*
- 6. Para compreender a compreensão (de um texto)**  
*Ezequiel Theodoro da Silva*
- 7. Paulo Freire: uma lembrança**  
*Adilson Citelli*
- 8. Paulo Freire: memórias e conexões**  
*Daniel Ferraz Chiozzini*
- 9. Paulo Freire na minha vida**  
*Camilo José Santos Neto*
- 10. Uma experiência marcante: os "Círculos de Cultura" com o Método Paulo Freire**  
*Helenice Maria Sbrogio Muramoto*
- 11. Alfabetização e cidadania como prioridades**  
*Marcos J. C. Guerra*
- 12. Encontros com PAULO FREIRE, mestre e amigo**  
*Marina Célia Moraes Dias*
- 13. Entre a prática e a teoria, um aprendizado**  
*Miriam Santos*
- 14. Memórias que a Vida de uma professora de História Lembra**  
*Circe Fernandes Bittencourt*
- 15. Paulo Freire me persegue desde a adolescência**  
*Mansur Lutfi*
- 16. Projeto interdisciplinar na Escola Municipal “Cândido Portinari” – vivas lembranças de duas educadoras no bairro de Perus!**  
*Regina Célia Soares Bortoto*  
*Maria Helena Bertolini Bezerra*
- 17. Planejamento Participativo na área educacional “à la Paulo Freire”**  
*Vera Lucia Vieira*
- 18. Presença de Paulo Freire**  
*Aparecida Barco Soler Huet*
- 19. Em uma cena, uma aprendizagem para a vida**  
*Vera Maria Nigro de Souza Placco*
- 20. O que perguntaria ao Professor Paulo Freire?**  
*Eugenio Maria de França Ramos*



# Quanta ousadia para concretizar um projeto!

**Louvercy Lima Olival**

Gostaria de aqui deixar registrada a história de um projeto gestado em 1964 e concretizado em 1965.

O ano de 1964, em virtude do golpe militar, foi muito complicado para nós, alunos do quarto ano de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de São José do Rio Preto, na época Instituto Isolado da Universidade de São Paulo. Alguns professores e alunos que se dedicavam à alfabetização de prostitutas, pelo Método Paulo Freire, o qual foi, na época, julgado subversivo por aqueles que haviam assumido o poder, foram presos.

Assim, foi com muito interesse, que nos deparamos com uma publicação do jornal Folha de São Paulo sobre o treinamento de universitários de todas as áreas do conhecimento para cooperarem com a Operação Ubatuba, cuja pretensão era a alfabetização de caiçaras do litoral norte.

Selecionados no final do quarto trimestre de 1964, partimos em janeiro de 1965 para o contato efetivo com os caiçaras, nossos alunos. Ficamos alojados nas praias de Perequê-Mirim, Perequê-Açu e Maranduba.

Todo final de tarde, saíamos rumo aos núcleos de alfabetização situados em aldeias de pescadores ou entre as plantações de banana onde, homens e mulheres, nos esperavam curiosos e ansiosos para o diálogo que desenvolveríamos. A escolha desses grupos se deu em virtude do estado de isolamento e atraso histórico em que viviam, muitas vezes submetidos a um processo exploratório.

O universo vocabular já havia sido pesquisado e as palavras-chaves escolhidas em função do seu conteúdo cultural e emocional. Também estavam prontos os “slides” que representavam os vocábulos. Esses eram projetados durante as aulas servindo como motivação para o diálogo sobre seu conteúdo. Como não havia luz elétrica, usávamos projetores à pilha, que se transformavam em lanterna, quando, na volta ao acampamento, caminhávamos pela mata ou pelos bananais.

Um caminhão da Força Pública, hoje Polícia Militar, recolhia, na estrada principal, os vários grupos de universitários. Universitários das áreas médicas, assim como de engenharia, também desenvolviam vários projetos relacionados a saúde e construções.

É importante explicarmos agora como surgiu a Operação Ubatuba entendida por alguns como uma “revolução em surdina”. Ela surgiu basicamente do empenho de dois personagens: Alzira Helena Barbosa Teixeira, advogada e Secretária de Educação de Ubatuba e Ewaldo Dantas Ferreira, repórter da Folha de São Paulo, que havia feito em 1963 a cobertura do trabalho de Paulo Freire em Angicos, Rio Grande do Norte.

Como a Câmara de Vereadores de Ubatuba rejeitou o Projeto de alfabetização da Secretaria de Educação dessa cidade, Ewaldo Dantas Ferreira propôs a convocação de universitários para a alfabetização, já que não poderia contar com o trabalho dos professores locais. Ewaldo entrou em contato com várias instituições particulares e públicas que deram sua adesão ao Projeto, entre elas, o jornal Folha de São Paulo e a Associação Cristã de Moços de São Paulo, que cedeu sua sede para o curso de formação dos universitários e se encarregou da parte administrativa do evento nos três acampamentos, utilizando seus próprios funcionários.

O Secretário Estadual de Educação do Estado de São Paulo, Dr. Ataliba Nogueira, endossou o Projeto definindo-o como Plano Piloto “capaz de oferecer elementos concretos para ampla ação nacional em várias frentes, tendo em vista a promoção humana do Brasil”.

Ainda restavam alguns problemas, tais como, encontrar recursos necessários e o apoio logístico. Ewaldo buscou esse apoio junto ao General Amaury Kruehl comandante da Segunda Região Militar e, após dar muitas explicações, sem nomear Paulo Freire, conseguiu sua adesão. Embora entusiasmado, o General Amaury não pôde assumir o compromisso em virtude de outras ações relativas ao cargo e transferiu para o Comando da Força Pública (Polícia Militar) do Estado de São Paulo que tomou a si a responsabilidade logística da então chamada Operação Ubatuba.

Depois desse relato, acreditamos que os leitores devem estar se perguntando: como o governo militar aceitou o método Paulo Freire de alfabetização? Porque, segundo Ewaldo, o método sempre foi tratado como “Método Audiovisual”. Esse segredo, muito bem guardado, permitiu que nossa atuação, como professores de alfabetização, fosse calcada nos princípios do Método Paulo Freire que visavam à transformação da consciência ingênua em consciência crítica, por meio do diálogo centrado em condições culturais e existenciais. Infelizmente, com a deterioração da situação política que se seguiu, esse trabalho não teve continuidade.



# Paulo Freire vive! Paulo Freire viverá para sempre!

**Cecília Vasconcellos Lacerda Guaraná**

Parabéns ao Coletivo Paulo Freire por comemorar o centenário do nascimento desse grande e querido educador, possibilitando aos que tiveram a felicidade de compartilhar de sua vida e/ou de suas ideias, prestarem a sua homenagem.

Participo do Movimento das Equipes Docentes, educadores cristãos, que atuam preferencialmente junto aos professores de escolas públicas, onde se encontram os alunos desprivilegiados.

Durante a Ditadura Militar, iniciada em 1964, no Brasil, nós, equipistas de São Paulo, vivemos um período de resistência em que, apesar da proibição, encontrávamo-nos mensalmente. Nessa ocasião acompanhamos a trajetória de Paulo Freire dentro e fora do Brasil e pudemos estudar e discutir a PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, em versão mimeografada, pois era leitura proibida.

Com a Lei da Anistia, na década de 1980, o Professor Paulo Freire volta ao Brasil, após um longo exílio, e ministra aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Como membro da Diretoria da UDEMO – União de Diretores de Escolas do Magistério Oficial levamos o Professor Paulo Freire para conversar com nossos associados. Nessa ocasião, ele manifestou desejo de se encontrar com representantes de escolas na periferia. Para tanto, as equipes docentes e a UDEMO convidaram diretores e professores que buscavam realizar um trabalho mais consciente e crítico para participar de encontros com Paulo Freire.

E deu muito certo! Reuníamos-nos uma vez por mês em dias da semana alternados, para não prejudicar as mesmas classes pela ausência do professor. Por dois anos, reunimos aproximadamente cinquenta educadores por mês e nesses encontros eram relatadas as experiências educacionais individuais e das escolas, como coletivo. O Professor Paulo Freire ouvia a todas e todos com atenção e respeito e, após comentários e indagações dos ouvintes, manifestava a sua posição. Era um momento esperado por todos nós.

Foi um período rico em reflexões, aprendizagens profundas, porque vividas, e acerto de rumos para nós. Período inesquecível, que nos marcou para a vida toda, pois vivenciamos a teoria e a prática freiriana, com a presença do próprio autor.

Alguns anos depois, quando Paulo Freire ocupou o cargo de Secretário Municipal da Educação, no Governo de Luiza Erundina do PT- Partido dos Trabalhadores, muitos de nós pudemos integrar a sua administração. Encantava-me sua coerência em todas as situações e seu respeito pelas pessoas. Seus escritos eram um espelho de seu modo de ser, de agir e de se relacionar.

Lembro-me do Concurso para a Seleção de Serventes que organizamos. Foi um trabalho muito especial e sua aplicação envolveu grande número de pessoas em todos os Núcleos de Ação Educativa (NAE). Como desejava o Professor Paulo Freire, a prova teve uma parte teórica muito pequena e a prática pode ser avaliada. Queríamos selecionar aqueles candidatos que demonstrassem experiência e capacidade de trabalho no ramo, dificultando a entrada dos que desejavam entrar para o funcionalismo por uma porta mais fácil e assumir outras funções.

Finalmente, quero destacar os Grupos de formação de vigias, coordenado pela educadora Sônia Almeida Teixeira do Projeto Pela




vida, Não à violência. Formação acompanhada com muito interesse pelo Professor Paulo Freire que fez questão de entregar pessoalmente os Certificados de participação a todos, valorizando-os e estimulando o seu trabalho.

Essa atenção pelos mais humildes foi um marco de sua administração, e a verdade, a justiça e o amor estiveram presentes em todos os momentos, para os grandes e os pequenos.

Fez-nos compreender que a verdadeira educação acontece com a Prática da Liberdade, da Justiça, da Verdade, da Autonomia, e do Amor e que o Respeito e o Diálogo constituem o caminho para atingirmos a meta da plena humanização.

OBRIGADA, PAULO FREIRE!





# A construção de um posicionamento ativista de uma psicóloga que atua na educação: formação mediada pelas ideias de Paulo Freire

**Vera Lúcia Trevisan**

Era 1984. Eu cursava o último ano do curso de Psicologia e até então não havia sido apresentada a nenhum autor da área da Educação que me impactara. Estava iniciando o estágio de Psicologia Escolar e na lista de bibliografias constava o livro: *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Eu tinha 24 anos, concluindo o bacharelado e achava que ia trabalhar como psicóloga clínica, visto minha atração pelas teorias psicanalíticas. Então, o estágio de Psicologia Escolar, obrigatório em função da habilitação que à época constava do currículo, deveria ser feito para cumprir os créditos – assim eu pensava. Mal sabia que aquela experiência seria definidora de minha carreira, e mobilizada, mediada por Paulo Freire.

A supervisora do estágio ao encaminhar o projeto de intervenção que deveríamos realizar em uma escola, recomendou que deveríamos ler *Pedagogia do Oprimido* e planejássemos as atividades de acordo com as ideias de Freire. Em casa, no final de semana, peguei o livro – hoje velhinho, todo riscado e com a capa se desfazendo – e iniciei a leitura. Não conseguia parar de ler, ia grifando quase tudo que lia, eram ideias tão significativas, relevantes, pareciam falar de mim, da minha história, da minha educação, das situações de opressão que eu vivera e

ainda vivia, mesmo no ensino superior. Terminei de ler e fiquei me perguntando por que só agora, no final do curso eu tomava contato com aquelas ideias que já compreendia como repercutindo o humano e não somente a educação.

Me reuni com meus colegas do estágio, tínhamos de fazer o projeto juntos, e propus que discutíssemos o livro. Mas não dava tempo de todos lerem antes, muitos trabalhavam durante o dia – inclusive eu – e tínhamos prazo para apresentar o projeto. Uma das etapas da intervenção era observar as aulas, o funcionamento e as atividades da escola para justificar as nossas propostas de ações. Então decidimos que começávamos as observações e íamos lendo e resumindo as partes do livro que íamos utilizar.

Primeiro dia na escola noturna, turmas do ensino médio, e o que vemos são estudantes desinteressados, professores desmotivados e a justificativa para manter as aulas daquele modo que não interessava aos estudantes era que estava no currículo, eram normas da escola e do sistema de ensino. Um ensino que não estimulava os alunos a pensarem, que focava a memória somente, tampouco estimulava a criatividade dos estudantes. Uma educação bancária, sem dúvida, cujo resultado era a alienação pela impossibilidade de compreender o porquê de as coisas serem como eram, de se assumir as práticas de ensino e aprendizagem como sujeitos, de interferir nos seus destinos. Imediatamente questionamos: o que fazer para que aqueles sujeitos tomassem consciência de suas vidas e de suas condicionantes? Que ações seriam mediadoras de liberdade?

Inspirados em Paulo Freire, fizemos o projeto de intervenção e promovemos grandes debates aos sábados na escola, com a participação de muitos estudantes e alguns professores. Os estudantes passaram a criticar a gestão, julgando que poderiam mudar aquela

situação, alguns professores também, a gestão por sua vez, que raramente estava na escola durante a semana, também não comparecia aos debates, mas soube das queixas dos estudantes e que haviam sido alvo de críticas.

Nós nos preparávamos para conversar com a gestão, produzindo um relatório cuidadoso sobre o ocorrido e sugerindo a abertura de espaços para o exercício da reflexão com os alunos e os professores, quando nossa supervisora foi chamada na escola pela direção que, alegando que nossas ações provocaram muitos aborrecimentos, que a maioria dos professores era contra nossa presença, e mesmo alguns pais haviam reclamado, cortaram nosso projeto e fecharam o campo para estágios. Naquele momento, soubemos que nossas ações tinham mexido com os profissionais e estudantes, mas também nos questionamos se fizéramos do modo correto, pois a partir dali não teríamos mais acesso aos estudantes ou aos docentes e perdíamos a oportunidade de promover reflexões e transformações.

Sentíamos, na carne, a “Pedagogia do Oprimido”. Agora, além dos alunos e de alguns professores, nós também engrossávamos a legião dos submetidos ao poder do sistema, com a possibilidade única de padecer e obedecer. Foi difícil fazer a autocrítica do que significava uma educação como prática política e de conscientização. Uma experiência que jamais esqueci.

Terminado o curso, depois de me envolver com algumas práticas, percebi que meu lugar era na educação: de algum modo sentia que poderia contribuir para a transformação da escola e das pessoas. E passei a estudar o que temos denominado de psicologia crítica, de base marxista, sobretudo a teoria de Vygotsky e seus seguidores, cujas ideias muito se aproximam de Freire. E ainda hoje, depois de tantos anos, sigo inconformada com a opressão presente na educação, e busco

formar meus estudantes para lutarem em prol da emancipação, da justiça social e da superação da desigualdade. E cada vez mais as ideias de Paulo Freire se apresentam como atuais, inspirando pesquisadores ao redor do mundo, muitos dos quais tenho o prazer de compartilhar das ideias e lutas para a promoção de uma educação emancipadora.

Hoje suas obras são leitura obrigatória por muitos de meus estudantes que atuam nas escolas e com a educação.

Obrigada querido mestre, seus ensinamentos continuam a me inspirar e mobilizar a seguir lutando, mesmo em momentos de crise e desalento.



# As ideias de PAULO FREIRE no Movimento Popular – um olhar

Maria Eunice Campanha



Quando PAULO FREIRE assumiu a Secretaria da Educação da Cidade de São Paulo houve muita contribuição de educadores provenientes das Universidades, da militância sindical e da experiência

do Movimento Popular na formulação das políticas públicas. Não é uma tarefa simples pensar e construir coletivamente a educação democrática na cidade. A clareza política e a liderança do Professor Paulo Freire foram fundamentais e decisivas para o diálogo entre esses vários saberes. Nos desafios presentes, estava a necessidade de problematizar a realidade educacional e propor políticas que considerassem a escola engajada no seu entorno, para além dos seus muros, a sua gestão democrática, a educação pública popular de qualidade para todas e todos, a formação permanente de educadores, o protagonismo de crianças, adolescentes e adultos no projeto político-pedagógico.

Certamente as experiências vividas na Prefeitura, nessas diferentes frentes de trabalho, serão relatadas por inúmeras companheiras e companheiros na comemoração do Centenário. Por isso, pensei em organizar meu texto baseado na experiência com educação popular fora da rede oficial, dentro do Movimento Popular, antes do meu ingresso como professora de Ensino Fundamental e Educação Infantil na Prefeitura.

Era início dos anos 70: ditadura militar, controle de informações, investimento nas propagandas de Brasil Gigante, Ame-O ou Deixe-O, Copa do Mundo. Os movimentos e lutas populares estavam dispersos e fragilizados. Quando iniciamos o trabalho de alfabetização de adultos na região sul da cidade de São Paulo, havia o Mobral. Para se contrapor a essa política foi fundamental a operação “periferia”, lançada pela Igreja Católica, buscando o fortalecimento das comunidades eclesiais de base e o engajamento mais efetivo de leigos e religiosos na realidade do povo. O grupo de jovens do bairro Cidade Dutra assume então a organização de classes de alfabetização de adultos. Estudávamos apostilas mimeografadas do livro “Educação Como Prática da

Liberdade” e, mais tarde, “Pedagogia do Oprimido”. Tínhamos também seminários de estudo, troca de experiências e planejamento que reunia alfabetizadores de outras regiões como Cidade Ademar, Jardim Miriam e Vila Remo.

O encantamento com as ideias de Paulo Freire não se restringia a área de Educação Popular. Alguns grupos de estudo reuniam também militantes do movimento operário, mulheres dos clubes de mães e jovens de grupos culturais de música e teatro.

Paulo Freire ainda não estava no Brasil, mas suas ideias nos ajudavam a formular uma concepção de trabalho popular que considerasse os saberes, as falas e a experiência de vida do povo. Foram feitos estudos do meio para conhecer e desvelar a realidade local, a problematização do que era observado, levantamento de temas e de palavras geradoras que possibilitaram a educandos e educadores inserção e compreensão crítica da realidade, discussão sobre que sociedade queríamos e importância de posicionamento político na realização do trabalho.

As ideias do Professor Paulo Freire, os princípios e concepções apontados em seus escritos, sempre foram inspiração nos projetos de diferentes modalidades de educação – não somente para a educação de adultos. Para além do trabalho com educação formal, contribuíram para a formulação de uma metodologia de contato e aproximação com a população dos bairros da periferia, operários das fábricas, mulheres e jovens, em um momento histórico em que ter um posicionamento e envolvimento na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores era um grande risco. A maneira de abordar as pessoas, construir uma experiência de organização e envolvê-las num trabalho coletivo que lhes possibilitasse sair do isolamento era fundamental. Diálogo, respeito pelo saber e experiência do outro, acolhimento da sua história



e visão de mundo e criatividade são princípios que vão além do processo de alfabetização e contribuíram efetivamente na formulação de uma pedagogia da organização popular e operária. Como na Alfabetização, a militância política e o trabalho de organização eram vistos como ato criador, a que os educandos devem comparecer como sujeitos capazes de conhecer e não como puras incidências no trabalho. O trabalhador, o jovem, a criança, a dona de casa, com direitos, falas, narrativas e práticas culturais que lhes são próprias devem ser respeitados, enquanto sujeitos históricos com identidade individual e coletiva.

As salas de aula organizadas nas igrejas, sociedade de amigos de bairro, comunidades, e até nas casas dos alunos, aos poucos foram rompendo os próprios limites com a organização de atividades culturais que as reunia em eventos mais amplos no bairro e na região. Havia também a necessidade de ultrapassar a sala de aula para fortalecer o movimento popular da época, como o Movimento do Custo de Vida, Movimento Operário da região sul, lutas dos bairros por creches, por ônibus, por água. Algumas demandas oriundas desses movimentos eram conteúdos de discussão nas salas de aula, o que levou muitos alunos a participar das lutas.

Quando mais tarde Paulo Freire assumiu a Secretaria da Educação, as experiências, a partir de suas ideias, no movimento operário e popular e nas classes de alfabetização de adultos muito contribuíram para a compreensão e formulação de políticas públicas mais inclusivas e abrangentes.

Vivemos hoje, na esfera do governo federal, a desvalorização das contribuições e ideias de Paulo Freire para a Educação. Estamos diante do desafio de defender o seu legado e nos contrapor com projetos político-pedagógicos consistentes às propostas educacionais

reducionistas, autoritárias e tecnicistas que negam a contribuição teórica e prática de milhares de educadores brasileiros. Que possamos prosseguir com união, alegria e esperança. Esperançar sempre!





# O que aprendi com o “jeito de ser docente” de Paulo Freire

Ana Maria Saul

Paulo Freire foi professor da PUC-SP, no Programa de Pós-Graduação: Educação (Currículo), depois de sua volta do exílio, pelo período de 17 anos (1980 -1997). Tive a grande felicidade de partilhar com ele, pelo período de quase duas décadas, o espaço da sala de aula, dirigindo os seminários das terças – feiras à tarde e por isso posso testemunhar a coerência entre o seu “fazer docente”, originado de sua reflexão sobre sua prática como educador e do diálogo constante que manteve com educadores/as e educandos/as de diferentes países do mundo, e as suas proposições político-pedagógicas.

Quero destacar, nesse relato, o que aprendi com o “jeito de ser docente” de Paulo Freire. Começo fazendo um acercamento ao tema para dizer, muito brevemente, como foi o meu primeiro encontro com Paulo Freire. Eu o conheci, provavelmente como muitos educadores/as, por meio de seus livros proibidos, no Brasil, na década de 1960, quando ele estava no exílio. Somente pude ter acesso aos seus escritos em reuniões secretas do movimento universitário. Em 1979 tive a chance de ver Paulo Freire ser recebido no teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, quando ele retornou do exílio.

Passei a trabalhar com Paulo Freire em 1980, convidado pela PUC-SP, no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Eu era responsável por uma das disciplinas obrigatórias do curso e ele ministrava uma disciplina optativa em torno da temática da Educação Popular. Fomos apresentados, formalmente, em uma reunião administrativa do Programa e, uma semana depois, quando eu me

encontrava sozinha, na sala de professores, em um horário de almoço, revendo algumas anotações para entrar em sala de aula, fui tomada de surpresa. Paulo Freire entrou na sala, cumprimentou-me e disse: - Menina, tu sabes fazer aquele plano de curso que temos que entregar à coordenadora? [Paulo Freire trazia uma ficha em suas mãos]. Os temas de que eu vou tratar, disse ele, estão aqui [mostrou-me a ficha]; não sei como colocá-los na forma do plano que foi pedido; tu podes me ajudar? Eu não sabia bem como reagir. Com um misto de respeito, distinção e timidez, disse-lhe que eu sabia o que se costumava pedir na PUC-SP como plano de curso e que poderia tentar colocar as suas decisões sobre o curso, no formato de plano; disse ainda que eu lhe mostraria antes da entrega, para que ele conferisse os registros e fizesse as alterações necessárias. Assumi essa incumbência com grande responsabilidade. Parece que eu estava adivinhando que esse encontro seria o início de uma relação privilegiada e que frutificou em uma grande amizade e possibilidade de um trabalho conjunto, singular. Passamos, então, a nos encontrar, frequentemente; o plano de curso foi um bom pretexto para isso.

Em 1983, o Programa de Pós – Graduação no qual trabalhávamos passava por uma reformulação curricular; como uma das novas propostas, foram definidos seminários para orientar a pesquisa dos alunos e alunas. Esses seminários seriam conduzidos por uma dupla de docentes, conjuntamente. Paulo Freire e eu fomos incumbidos de coordenar os seminários, com essa nova configuração. Começamos a trabalhar juntos às terças-feiras, dirigindo esses seminários.

No início de cada semestre tínhamos um longo encontro de planejamento desses seminários. Para o planejamento geral do semestre, Paulo Freire costumava me chamar para um almoço ou um café, em sua casa; depois partíamos, como dizia ele, para fazer o

planejamento. Ele procurava sempre ouvir o que eu estava pensando em relação ao próximo semestre; daí discutíamos bastante e chegávamos às propostas. Ele fazia questão de ressaltar que os nossos desejos, os nossos sonhos de professor/a seriam confrontados com os sonhos dos alunos e alunas e por isso propunha que a primeira coisa que faríamos em sala de aula seria discutir, com os/as discentes, a proposta de trabalho dos seminários. Considerávamos, para a elaboração do plano, as expectativas do alunado, as possibilidades de tratamento da temática e as avaliações dos semestres anteriores, realizadas pelos/as participantes do seminário. Esses diálogos com Paulo Freire sempre foram muito produtivos, ricos e fraternos.

No primeiro dia de aula ele se preocupava inicialmente em ouvir os/as alunos/as para que as suas necessidades e expectativas estivessem contempladas na proposta de trabalho a ser desenvolvida no semestre. Isso era feito numa sala de aula arrumada em círculo, ambiente propício ao diálogo, onde todos os participantes podiam se ver face a face e onde Paulo Freire podia “tocar” algumas pessoas da roda, que estavam à sua direita ou à sua esquerda, colocando delicadamente a mão sobre seus ombros; fazia isso em alguns momentos, num gesto muito espontâneo, como se quisesse ser melhor entendido ou, ainda, para chamar o seu/a interlocutor/a à participação. Quem conviveu com Paulo Freire e teve a oportunidade de estar mais perto dele, seguramente, vai se lembrar da expressividade dos seus gestos. Ele era um homem que falava com as mãos.

Na condução do trabalho de sala de aula Paulo Freire propunha que, num primeiro momento, ouvíssemos as preocupações de investigação, de pesquisa dos alunos/as; os seus sonhos, como ele dizia. Mesmo que esses projetos fossem embrionários, ele fazia questão de estimular seus autores/as a dizer os seus sonhos, ainda que estes não

estivessem detalhados ou totalmente claros. A partir do relato dos projetos, ou intenções de pesquisa, passava-se a um segundo momento em que se trabalhava com as diferentes temáticas que daí emergiam, encontrando-se os eixos importantes de cada um desses projetos e os “fios comuns” entre eles. Deste modo eram aprofundadas as temáticas fundamentais que contribuía para os diferentes projetos. Além de selecionar os tópicos básicos de discussão, Paulo Freire considerava importante propor aos alunos e alunas que se exercitassem na produção escrita durante o curso e discutissem as suas produções em sala de aula. Ele me dizia: Vamos propor ao grupo que, em cada sessão, a cada aula, eles/as possam reagir não só oralmente, no momento da aula, dizendo o que pensam a respeito das temáticas, mas vamos, também, desafiá-los/as para escrever pequenos textos, uma página que seja, e, na sessão seguinte nós ouvimos essas páginas e nos manifestaremos em relação a elas.

De um modo recorrente, nas análises, surgiam, com prioridade, os seguintes temas: justiça social, poder, liberdade, democracia, utopia, ética, construção do conhecimento, compromisso social, formação do/a educador/a, educação como ato político, leitura da realidade, valores do ser humano.

Paulo Freire fazia questão de insistir sobre esses temas. De modo coloquial ele nos dizia: Vocês que estão comigo há muito tempo, certamente já começam a adivinhar o que vou responder, porque faço questão de insistir sobre alguns temas.

Esse modo de “ser” e de “fazer” de Paulo Freire, centrado em proposições fundamentais de sua obra, como: o respeito ao educando, a dialogicidade, a importância de partir do conhecimento dos educandos/as no processo de ensino aprendizagem, a defesa da autoridade do professor e não do autoritarismo, a politicidade da

educação e, em especial, a seleção de conteúdos significativos na escola foram, por vezes, criticados por intelectuais que defendiam a tendência histórico-crítica na educação. Em nosso país, essas críticas foram fortemente acirradas na década de 1980. Não foram raros os momentos em que essas críticas foram trazidas para a sala de aula, por alunos/as, e mesmo por outros/as professores/as que encontravam esses questionamentos em alguns textos ou em palestras proferidas em congressos. Paulo Freire não se cansava de retomar as explicações, aprofundando os seus argumentos. Todavia, não deixava de se referir a uma justa raiva em relação às críticas que lhe faziam sem fundamentação.

A presença de Paulo Freire na sala de aula sempre foi muito querida, marcante e significativa. A sua atuação na aula era discreta. Apesar de ele saber que a sua palavra fazia diferença, com humildade autêntica, raramente era o primeiro a falar. Exercitava, assim, um dos saberes que em seu último livro apontou como necessários à prática educativa: saber escutar. Ouvia a todo/as atenta e respeitosamente e ficava à vontade para interferir, sempre que julgasse oportuno, ou quando alguém do grupo a ele se dirigia. Nesses momentos, ouvíamos sua voz mansa que revelava, porém, uma postura forte que convidava a pensar sobre os desafios por ele apresentados, na direção de uma leitura crítica do mundo, na defesa intransigente da ética do ser humano e da luta a favor dos seres oprimidos.

O clima democrático e cordial da sala de aula permitia que os/as alunos/as se experimentassem na produção da escrita e, ao mesmo tempo, pudessem dizer de suas dificuldades.

Paulo Freire, por vezes, fez exposições muito interessantes a respeito da superação das dificuldades para a produção de um texto. Ele contava como escrevia; dizia que às vezes se punha diante de uma

página e ficava tempo sem que realmente a possibilidade da escrita viesse. Com isso revelava, na prática, a coragem que o/a professor/a precisa ter, segundo ele, de se expor diante da classe, demonstrando os seus sonhos, a sua ideologia, a sua compreensão da realidade e da produção do conhecimento e também os seus sentimentos.

No penúltimo semestre em que trabalhamos juntos ele estava escrevendo o livro *Pedagogia da Autonomia*, concluído em setembro de 1996. Em uma das aulas desse semestre, uma das alunas, ao apresentar a página que escrevera para a discussão na classe, (essa era uma página da dissertação de mestrado que estava produzindo) a aluna assim se dirigiu a Paulo Freire: - Olhe, Paulo, às vezes eu tenho uma sensação de que aquilo que escrevi não vale muito a pena e tenho vontade de rasgar tudo e jogar no lixo. Paulo Freire disse a ela em tom incisivo, indignado e muito bem humorado: - Não, não faça isto! Veja bem, eu também estou escrevendo um livro; eu vou dizer para você que ele até pode ser um livro rasgável, não sei ainda. Às vezes eu também sou tomado pelo sentimento de que o que a gente está produzindo nem sempre é totalmente bom, nem sempre a gente está totalmente satisfeito com o que faz.

Em quase todas as semanas que se seguiram a esse fato, pedíamos notícias a Paulo Freire sobre o seu livro rasgável. Numa tarde de terça-feira ele chegou e disse: hoje eu quero dar uma notícia a vocês, já terminei aquele livro rasgável. Tratava-se da *Pedagogia da Autonomia*.

Ao comentar sobre a sua forma de produção, Paulo Freire sugeria ao grupo-classe alguns procedimentos para enfrentar as dificuldades da escrita. Uma das coisas que ele dizia dar muito certo era voltar, no dia seguinte, ao que se escreveu no dia anterior, reler o que já se fez, como um aquecimento para rever, reformular ou ir adiante.



Mencionava constantemente outra prática dele e que fazia questão de recomendar: o uso de bons e diferentes dicionários. Tive a oportunidade de visitá-lo em sua casa, no escritório onde ele escrevia, e observei que ele mantinha os dicionários muito próximos de sua escrivaninha, bem à mão, para utilizá-los a todo o momento. Paulo Freire não se cansava de mencionar a importância do uso dos dicionários de língua portuguesa para que a escrita fosse estética. Ele prezava muito a qualidade da linguagem e não se furtava de, no momento oportuno, sempre com muita cortesia, fazer o que chamava de certas sugestões de linguagem aos/às alunos/as. Dizia fazer isso como necessidade, como método, para garantir a boniteza da linguagem. Nessas situações ele fazia questão de dizer que a seriedade do educador não deve ser separada da alegria, não deve ser separada da estética. Ressaltava ainda que ser político, no sentido de ter um direcionamento claro, um compromisso claro com a transformação da sociedade na direção da democratização e da justiça social, não nos exime da responsabilidade de fazer isto de uma forma estética, de uma forma bonita, alegre e prazerosa. Ele dizia, ainda, que não é preciso ser sisudo para ser sério. É muito possível e desejável que se faça educação com bom humor, alegria e amorosidade.

Os encontros com Paulo Freire sempre foram reflexivos, interessantes, fraternos e surpreendentes. Era admirável a sua clareza de análise do mundo! Inquieto e instigante, buscava a coerência entre sua prática e os seus escritos, mostrando-se indignado com as injustiças sociais. Revelava constantemente, coragem, humildade e esperança.

A grande oportunidade que tive de conviver e aprender com Paulo Freire, na Universidade, ampliou-se e se aprofundou quando fui por ele convidada para dirigir a reorientação curricular da Secretaria

Municipal de Educação do Município de São Paulo e coordenar o programa de formação permanente dos/as educadores/as. Trabalhar na equipe de Paulo Freire, Secretário da Educação foi uma experiência inusitada.

Em nossos encontros de quase todas as manhãs, no seu gabinete, em um edifício da Avenida Paulista, eu encontrava um homem alto, elegante, de terno e gravata, cabelos brancos, quase sempre longos, com suaves ondulações sobre os ombros. Bem disposto, chegava com pontualidade nas primeiras horas da manhã. Mostrava sempre, em nossos diálogos, a sua preocupação com os aspectos mais gerais da política educacional. Surpreendia-me, no entanto, o modo criativo e concreto com que ele tratava o cotidiano. Quem imagina o Secretário Paulo Freire como alguém que manejava tão somente as diretrizes mais gerais da Secretaria da Educação, engana-se.

Com a experiência dos seus setenta anos e com a autoridade de um saber, reconhecido por muitos povos do mundo, tinha sempre algo novo a propor, na perspectiva concretizar, na prática, a política mais geral, avançando passo a passo, rumo à construção de uma escola pública, popular e democrática.

No dizer coloquial de Paulo Freire, era preciso “mudar a cara da escola”; no entanto era fundamental que a escola quisesse mudar a sua cara e por isso precisava ser respeitada, consultada, fazendo-se sujeito de sua própria história. Por isso ele indagava com detalhes sobre cada um dos programas que estavam em desenvolvimento, sob a minha coordenação. Ele ficava absolutamente atento à leitura da realidade, aos avanços e dificuldades, demonstrando profundo respeito pela história e vivendo um tempo de mudança com paciência/impaciente. Entusiasmava-se com cada pequeno avanço; o relato de simples ações de escolas que evidenciavam estar caminhando na direção de uma

escola séria na produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, alegre e democrática, era o suficiente para mantê-lo animado e estimulado. Desafiava-me sempre com novos projetos, quase todos, ousados. Parecia que reservava a noite para sonhá-los e explodi-los, no dia seguinte, com o raiar de um novo dia, numa atmosfera que tinha clareza de propósitos, determinação, alegria e esperança.

A cada novo projeto exibia no olhar o brilho e a excitação de um menino. Toda a sua criação ousada, todavia, era cercada por uma moldura democrática onde o diálogo sempre foi a pedra fundamental.

Paulo Freire queria ouvir sempre e atentamente a posição de sua equipe sobre todas as propostas. Ouvia ponderações, recriava suas propostas, estimulava e dava espaço a novas proposições; externava preocupações, colocava parâmetros.

Experimentei com Paulo Freire o verdadeiro sentido do que é participação. Muito ao contrário da falsa participação que manipula colaboradores, centralizando todas as decisões nas mãos do chefe e delegando apenas a execução de tarefas, a participação, na equipe de Paulo Freire, assumiu o mais radical dos significados, caracterizando-se verdadeiramente como uma participação em nível político. Isto significou, efetivamente, compartilhar decisões. E observe-se que chamar a equipe para integrar o processo de tomada de decisão implicava, necessariamente, uma divisão do poder do dirigente. É isto! Paulo Freire dividia o seu poder de Secretário de Educação com sua equipe, na Secretaria. Fazia isso com tranquilidade, mas, sobretudo, por convicção política. Importante destacar que isso não o ameaçava ou o tornava menos poderoso. Ao contrário, como ele mesmo dizia em tom muito bem humorado: sou o secretário que menos tem poder e por isso, contraditoriamente, sou o que tem mais poder.

No cotidiano difícil, demandante, desafiador da educação na cidade de São Paulo, na construção de uma gestão democrática, pude vivenciar, com Paulo Freire, a sua disposição para o diálogo, a tolerância, uma paciência/ impaciente e um toque de paixão em tudo o que ele fazia.

Convivi com Paulo Freire até poucos dias antes de sermos privados de sua presença física no mundo. Estávamos planejando, nessa ocasião, juntamente com um grupo de estudantes da PUC-SP, uma viagem ao Algarve/Portugal, onde Paulo Freire receberia mais um título de Doutor Honoris Causa. Lá faríamos um Seminário para professores e professoras, e nos encontraríamos com o professor António Nóvoa, da Universidade de Lisboa, que estava organizando a viagem, em Portugal, os contatos com a Universidade de Algarve e o lançamento de um livro para homenagear Paulo Freire. A alegria e animação de Paulo Freire, em relação a essa viagem, eram indescritíveis. Ele fazia planos, discutia o roteiro, planejava passar em alguns locais para voltar a comer algumas comidas típicas, tomar vinho do Porto e ver lugares bonitos. Enfim, seria uma festa!

Com o impacto e a tristeza pela falta de Paulo Freire, fiquei muito tempo sem poder falar sobre ele, em público, sem que as lágrimas me viessem à face.

Tenho saudade de Paulo Freire, de sua lucidez de interpretação dos fatos do mundo, de seu poder de indignação, de seu contagiante amor à vida e ao ser humano e de sua luta incessante pela justiça, pela liberdade. Sobretudo, sinto falta de sua presença solidária e amiga.

Na PUC-SP, onde hoje coordeno a Cátedra Paulo Freire, busco homenagear Paulo Freire do jeito que ele gostaria de ser homenageado, estudando e pesquisando com meus alunos/alunas, com

rigoriedade, o legado freireano, para compreendê-lo e para reinventá-lo.

Observação: A primeira versão deste texto foi publicada no artigo SAUL, Ana Maria.. ENSINO E PESQUISA NA PUC-SP MARCAM 20 ANOS DE PRESENÇA/AUSÊNCIA DE PAULO FREIRE. Reflexão e Ação v. 25 n2, p. 119-133, 2017.





# Para compreender a compreensão (de um texto)

Ezequiel Theodoro da Silva

A minha primeira conversa com o Professor Paulo Freire ocorreu através de uma carta, quando ele ainda cumpria o famigerado exílio Genebra. Enviei-lhe um exemplar do meu livro "Os (des)caminhos da escola - Traumatismos educacionais", este o meu primeiro livro, publicado pela Editora Cortez em 1979.

Pensei com meus botões que Paulo Freire, certamente com mil afazeres à época, não responderia a minha mensagem. Ledo engano - passado um tempo recebi uma carta dele, informando que tinha lido o livro e me parabenizava pelas análises da realidade escolar brasileira

Depois, com Paulo Freire de volta ao Brasil, fizemos um convite para que ele fizesse a conferência de abertura do 3º COLE - Congresso de Leitura do Brasil em 1981. Ele não só aceitou como também nos brindou com um texto espetacular intitulado "A importância do ato de ler", depois transposto para um livro com o mesmo nome pela Editora Cortez, hoje já na sua 51ª edição. Logo depois, esse grande pensador seria contratado pela Faculdade de Educação da Unicamp.

Durante a sua permanência na Faculdade de Educação, Paulo Freire e eu travamos muitos diálogos a respeito da leitura - aprendi muito com ele nesse período. Inclusive, conduzi uma entrevista com ele, que posteriormente foi publicada no número zero da Revista "Leitura: teoria e prática" (novembro de 1982), com o título "Da leitura do mundo para a leitura da palavra". Nessa entrevista, Paulo Freire me contou uma história que eu gostaria de acentuar neste texto; em

verdade, essa história era para ser publicada na referida entrevista mas não foi por questão de espaço na revista.

Contou-me que, por volta de 1979, quando orientava um grupo de professores doutores em Genebra, propôs para leitura o livro "A dialética do concreto", escrito pelo tcheco Karel Kosik. Pediu que os participantes lessem os dois primeiros capítulos da obra, intitulados respectivamente "Dialética da totalidade concreta" e "Economia e Filosofia", nas duas semanas seguintes. Devo aqui abrir um parêntese para informar que essa obra de Karel Kosik não é das mais fáceis de se entender em função dos densos conceitos e proposições que são tecidos pelo autor nos diferentes capítulos.

Passados quinze dias, o grupo novamente se reuniu para a discussão dos capítulos indicados para leitura. Foi quando ocorreu um diálogo dos mais surpreendentes e instrutivos...

- Vocês leram os capítulos que indiquei para hoje? Perguntou o professor Paulo Freire.

Silêncio absoluto na classe, com as pessoas olhando para o ar, pondo-se distraídas, esquivando-se de olhares e coisas assim. E Paulo Freire então insistiu:

- Vocês leram ou não leram os dois capítulos?

Depois de receios, hesitações e um pouco de vergonha, um dos participantes levantou a mão e disse:

- Professor Paulo Freire, ler nós lemos, mas não entendemos nada!

Ele passou a mão na sua longa barba, encarou os participantes e, meio que rindo, falou assim:

- Eu também não entendi absolutamente nada!!!

Todos se calaram e alguns até se espantaram com essa frase de Paulo Freire. E a história poderia ter terminado aqui, mas não terminou. Tomando a palavra, Paulo Freire complementou:

- Não compreendi nada mesmo, MAS VAMOS TENTAR COMPREENDER JUNTOS!

Foram lendo aos bocados coletivamente, cada qual fornecendo interpretações, construindo sentidos, e ao final da aula tinham desenvolvido uma compreensão conjunta - coerente e substancial - dos capítulos iniciais da obra.

Esta história fala por si mesma. Não creio que precise elucidar o imenso ensinamento pedagógico contido nela.







# Paulo Freire: uma lembrança

**Adilson Citelli**

Corria o ano da graça de 1989, eleita prefeita de São Paulo, Luiza Erundina de Sousa, do Partido dos Trabalhadores, Paulo Freire foi nomeado Secretário Municipal da Educação. Havia muito o que fazer nesta área depois da passagem do prefeito anterior, Jânio da Silva Quadros, executor de uma política de terra arrasada na educação paulistana: censura dos programas e materiais escolares, congelamento salarial, perseguição de docentes e funcionários, somando mais de mil processos administrativos, e mesmo demissões daqueles e daquelas servidoras e servidores engajados na luta contra o autoritarismo vigente. Aliás, o desatinado prefeito iniciou a sua caminhada dizendo logo a que vinha. Para não deixar dúvidas, convocou espetáculo pirotécnico e baixou ordem para que fosse queimado o material didático produzido para as escolas municipais, considerado esquerdizante, elaborado no mandato precedente, de Mário Covas, então do PMDB. Para se ver a que ponto as coisas haviam chegado.

Uma das primeiras providências do novo Secretário Municipal da Educação foi reintegrar 1230 dos/das demitidos/das pelos inquisitoriais processos janistas.

Havia um quadro complexo numa rede de 629 escolas, 720 mil discentes, 39 614 docentes. A cidade de 9.6 milhões de habitantes, a mais rica do país, apresentava a incrível e vergonhosa proeza de registrar um contingente de 1.2 milhão de analfabetos em idade acima dos 14 anos. Além do sucateamento da rede formal de ensino,

praticamente inexístiam ações visando a manter os jovens na escola ou dirigidas aos programas de alfabetização de adultos (o Movimento de Educação de Jovens e Adultos – Mova – foi uma das criações do período freiriano). O número de alunos e alunas da 5ª série reprovados/as chegava ao espantoso número de 30%.

Neste contexto, Paulo Freire inicia o seu trabalho na SME e agrega grupos de professores e professoras da USP, UNICAMP e PUC-SP para contribuírem no enfrentamento dos inúmeros problemas que se interpunham ao propósito de levar a termo uma educação dialógica, democrática, libertadora. Entre os vários desafios estavam os de rever a estrutura opressiva imposta às unidades educativas do município, a excessiva centralização e conseqüente burocratização do sistema, o descaso com a formação continuada docente, a rigidez dos currículos, o abandono da infraestrutura e da manutenção das escolas, para não alongarmos o tamanho da incúria.

Fiz parte da equipe direcionada ao programa de reorientação curricular, especialmente na área da linguagem. Estabelecidos alguns parâmetros, sobretudo amparados na perspectiva interacionista e dialógica, documentos foram elaborados e discutidos com a rede – que funcionava como polo ativo, sendo os/as docentes atuantes na construção curricular –, passando por revisões e ajustes para, em seguida, serem implementados segundo as realidades das unidades educativas. Falo, aqui, do Projeto da Interdisciplinaridade via Tema Gerador e que contou com a coordenação e assessoria importante das professoras Ana Maria Saul e Meyri Venci Chieffi.

Particpei de algumas reuniões com a presença de Paulo Freire, nas dependências da SME, com gabinete, ainda, na Avenida Paulista, e apresentava ele ânimo no sentido de levar a termo a tarefa político-educativa que lhe fora confiada pela prefeita Luiza Erundina. Registro

para efeito de memória – já que as questões de fundo que acompanharam Paulo Freire na gestão da Secretaria são conhecidas e vêm sendo discutidas ao longo do tempo – uma passagem reveladora. Tratávamos de pensar os vínculos entre as mudanças curriculares e a estrutura da SME (que precisava ser democratizada) quando o Secretário interveio dizendo que um pressuposto para as coisas funcionarem era não confundir os assuntos de polícia com os da educação. E enunciou, ao menos conforme o registro de uma memória que já atravessa três décadas, que era urgente mudar a designação e o conceito centralizador, hierárquico e burocrático que regia as Delegacias Regionais do Ensino Municipal – lugar de delegado é no distrito policial: foi o que disse o energético senhor de barbas brancas acentuando na afirmativa os devidos toques de ironia – para a gestão participativa nos projetos pedagógicos a ser assumida pelos Núcleos de Ação Educativa (NAEs). O que parecia simples troca de nomenclatura apontava, a rigor, para uma mudança fundamental que ocorreu e poderia ter sido aprofundada nos anos seguintes, no ensino municipal da cidade de São Paulo.





# Paulo Freire: memórias e conexões

**Daniel Ferraz Chiozzini**

A proposta de lembrar Paulo Freire fez-me voltar a uma série de inquietações surgidas no final de minha graduação e início de atuação como professor de História, ao final do ano de 1998. Eu, como muitos que se deparam com o ofício de ensinar, fui buscar em experiências históricas presentes na educação brasileira, infelizmente reprimidas pela Ditadura Civil-Militar (1964-1985), referências para minha atuação. A primeira delas foi a produção intelectual de Paulo Freire.

Não há como não ser impactado por seu método de alfabetização de adultos, imbricado com o universo da cultura popular e com a prática política. Ele foi o ponto de partida na construção de novos sentidos no processo de aprendizagem, desvelando que ensinar leitura e escrita é essencialmente ensinar a ler o mundo e escrever uma nova realidade, transcendendo o processo de alfabetização em si. Mas como pensar esses princípios aplicados à educação escolar, em uma lógica sistêmica?

Em busca dessa resposta, resolvi visitar a experiência desenvolvida pelo Serviço de Ensino Vocacional (SEV), projeto educacional idealizado pela educadora Maria Nilde Mascellani, que tinha como objetivo renovar e modernizar a rede pública paulista, existente entre os anos de 1961 a 1970. É possível dizer que a proposta dessas escolas – também devido ao contato com movimentos de educação popular, dos quais Paulo Freire foi a figura mais notória – foi tão inovadora em termos de ensino ginásial (hoje ensino fundamental II) como o método Paulo Freire em termos de alfabetização de adultos.

As escolas tinham um currículo baseado em uma premissa analítica semelhante: um dos pontos mais importantes estava no estudo da comunidade onde seriam instaladas as unidades do Projeto para elaboração conjunta do currículo escolar. A partir desse ponto, as diversas áreas desenvolviam um trabalho interdisciplinar não apenas para trabalhar diferentes conteúdos, mas também para articulá-los ao entendimento e à transformação da realidade social em que o aluno estava inserido.

Nessa época, conheci também o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, sobretudo pela participação em um projeto de extensão da Unicamp denominado Arte e Exclusão Social, que buscava nessa metodologia a referência para o desenvolvimento de pesquisas em Artes Cênicas e montagens de esquetes teatrais com a população em situação de rua da cidade de Campinas. Novamente Paulo Freire foi leitura obrigatória, pois o Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido nasceram no bojo de movimentos de cultura popular do final dos anos 1950 e início de 1960.

Hoje, na função de pesquisador, pelas coincidências da vida, na mesma universidade onde Paulo Freire e Maria Nilde Mascelani atuaram como professores, debruço-me sobre a história de uma educação que teve seu desenvolvimento interrompido pela Ditadura Civil-Militar.

Lembrar e refletir sobre a obra, as conexões e a figura do intelectual Paulo Freire, indiscutivelmente o maior nome da História da Educação Brasileira, também é tarefa fundamental. O centenário de seu nascimento é importante para que hoje e sempre renovemos a busca da educação como instrumento de construção de um Brasil mais justo e democrático.

Obrigado, Paulo Freire!





# Paulo Freire na minha vida

Camilo José Santos Neto

Em 1978 ingressei no Magistério Público do Estado de São Paulo e pouco conhecia da obra de Paulo Freire, mas o admirava e reconhecia como referência na Educação Libertadora. Com vinte anos, entrei na histórica greve do magistério, primeira durante a ditadura. Várias assembleias, comandos de greve, visitas às escolas, muita adrenalina, fugas da polícia, gás lacrimogêneo... Chegou 1979, nova greve com maior participação e organização. Greves no ABC; fortalecimento da APEOESP e de Sindicatos: dos Bancários, dos Vidreiros, dos Gráficos, da Oposição Metalúrgica em São Paulo; retorno de exilados; discussões sobre a construção de um Partido dos Trabalhadores; etc. O povo saindo da panela de pressão. Queríamos a revolução, não aceitaríamos propostas reformistas.

Em 1980 Paulo Freire voltou do exílio. Estávamos ansiosos para vê-lo e ouvi-lo: Como avançar na luta? Que contribuições teria? Como radicalizar a luta? Quais contribuições para organização dos trabalhadores?

Mas quando o vi em algumas aparições na mídia, fiquei arrasado e disse à época: -- *Esse homem parece Papai Noel, falando em amor, carinho, respeito. Que decepção!*

“Se eu não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo as pessoas, não posso entrar em diálogo.” Pedagogia do Oprimido

Nos anos seguintes, mais organização da classe trabalhadora em igrejas, sindicatos, no Partido dos Trabalhadores, na Central Única dos Trabalhadores, no Movimento Negro Unificado, em greves diversas.

Panfletar, colar cartazes, pichar, fazer boca de urna e campanhas eleitorais eram tarefas necessárias e quase obrigatórias.

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Pedagogia do Oprimido

Nesse meio tempo, participei de vários movimentos e cursos de formação. Passei a entender a argumentação de Paulo Freire e a respeitar, cada vez mais, a comunidade escolar, crianças, adolescentes, mães, pais, além das trabalhadoras e trabalhadores da Educação. O ativismo sindical, muitas vezes, nos leva a priorizar a luta corporativista, nos afastando das maiores necessidades sociais. Cheguei a ser acusado de contrário a alguns movimentos, por querer envolver estudantes e seus responsáveis nas discussões de organização das lutas por Educação de qualidade.

“Um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela. A escola decreta que antes dela não há nada.” Pedagogia da Autonomia

Chegou 1988 e numa luta heroica, às vezes “brancaleônica”, elegemos Luiza Erundina, Prefeita de São Paulo. Paulo Freire foi indicado a Secretário de Educação. Eu militava no Núcleo de Educação do PT e de um coletivo que atuava na organização da APEEM, atual SINPEEM. Na fase de preparação para assumir o governo, compareci a um encontro com oito a dez companheiros na “Casa Rosada”, que pertencia à mãe de Suplicy. Finalmente, meu primeiro contato físico com Paulo Freire. Nos sentamos em círculo e o ouvimos completamente emocionados. Na sua fala senti ternura, conhecimento,

respeito, afeto e amor imensos. Eu mal acreditava que estava ali... e de repente ouço sua voz: -- Camilo, conte-me sobre você.

Não consigo lembrar de mais nada, até hoje. Simplesmente travei. A única lembrança que tenho é na rua, caminhando. Ao chegar em casa, ainda em transe, percebi que tinha esquecido um guarda-chuva lindo que ganhei da Nina, minha companheira. Será que esqueci mais alguma coisa?

Ao longo dos quarenta e dois anos como Educador, tentei ajudar na construção de justiça social e combater desigualdades. Foram muitas experiências e nos grandes conflitos recorria ao pensamento de Paulo Freire.

“Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? "Lavar as mãos" em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele.” Pedagogia da Autonomia  
“Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia.” Pedagogia da Autonomia

Dentre tantos conflitos, um me marcou profundamente. Em 1998, era Diretor de Escola e fui procurado por uma ONG que acolhia crianças e adolescentes portadoras de HIV, órfãs ou abandonadas. Solicitava a matrícula de cinco crianças que não tinham sido aceitas em outras escolas. Naquela época, quase não se discutia inclusão de crianças com “necessidades especiais”. Seria melhor matriculá-las e ocultar que eram portadoras de HIV? Não numa prática humanizadora. Organizamos, então, uma reunião com toda equipe da Escola, embasados pelas ideias freirianas de diálogo constante, prática problematizadora e da construção da cidadania pela conquista de direitos. Algumas reações de professoras ao receberem a informação das matrículas: -- Absurdo! Você não pode! Na minha sala não entra!



Vou no SINPEEM! Vou na DRE! Eu não encosto nelas! Não pode me obrigar a recebê-las! Após longa discussão enfatizando a luta pelos direitos constitucionais conquistados, chegando às crianças e o conhecimento do trabalho realizado pela ONG, algumas professoras se ofereceram para ir ao local da ONG e “dar colo” aos bebês que lá viviam. Resistência vencida dialogicamente. As crianças frequentaram a Escola o ano todo, com afetividade de toda equipe. Abraçadas e beijadas todos os dias com muito carinho.

“Um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela. A escola decreta que antes dela não há nada.”

Pedagogia da Autonomia

No ano seguinte chegaram mais oito crianças da mesma ONG e depois outras e mais outras. Nossa Escola tornou-se referência na inclusão de crianças com deficiência na perspectiva humanizadora. Quase sempre que relato esse fato me emociono e acabo indo às lágrimas.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” Pedagogia do Oprimido

Hoje em dia penso se teria a mesma atitude se não conhecesse Paulo Freire. Como saber? Mas foi a partir dele e de seus ensinamentos que obtive embasamento para fortalecer minha prática e que consegui firmeza e segurança para não vacilar na defesa de todas e todos socialmente excluídos. E com ele a certeza de estar do lado certo da História.

“Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.” - “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam”

**PAULO FREIRE PRESENTE, HOJE E SEMPRE!**





# Uma experiência marcante: os “Círculos de Cultura” com o Método Paulo Freire

**Helenice Maria Sbrogio Muramoto**

Em 1963, entrei no curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, que fazia parte do sistema isolado da USP, Universidade de São Paulo, pois ainda não havia a UNESP. Excelentes professores, um currículo experimental, uma biblioteca extraordinária. Um movimento estudantil vigoroso que levava teses aos congressos da UEE - União Estadual de Estudantes e da UNE - União Nacional dos Estudantes e, ainda, a possibilidade de participar do CPC - Centro Popular de Cultura, com o grupo de teatro e o movimento de alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire, no qual me engajei, primeiro, como auxiliar, uma espécie de estagiária/aprendiz em círculos de alfabetização já instalados.

Depois, aprendi a organizar e aplicar os roteiros de entrevista para levantamento das situações vivenciais, dos temas geradores e do universo vocabular das comunidades em que os círculos seriam instalados. Aprendi a escolher situações vivenciais a serem problematizadas em debate, com atenção aos respectivos temas geradores, os quais envolviam as relações das pessoas com a natureza, com o trabalho para obter seu sustento, moradia, saúde, assim como suas relações sociais em geral e suas práticas culturais com lazer, arte etc. . A essas situações vivenciais, correspondiam palavras-chave com significado fortemente ligado aos temas geradores de debate, palavras essas que, em seu conjunto, deveriam cobrir os fonemas da língua.

Aprendi a preparar, em cartolina, com tinta nanquim e letra bastão, os cartazes com a ficha de cada palavra-chave, sua divisão em sílabas e as respectivas famílias silábicas, os quais eram fotografados para transformarem-se nos slides que eram colocados no retroprojeto para o trabalho de alfabetização no círculo de cultura. No trabalho introdutório, as situações projetadas em imagens serviam de apoio para conversas que abordavam os conceitos de natureza e cultura, a condição de sujeito produtor de cultura, material e imaterial, de todo ser humano, o significado e o valor de seu trabalho.

O contexto político na época era voltado a promover o desenvolvimento e, com esse intuito, em nível nacional, o governo federal apoiou a preparação de equipes de educadores sociais, de animadores dos círculos de cultura, com o objetivo de conscientizar e alfabetizar a grande massa de adultos que não tivera acesso à escolarização. Em Rio Preto, após a fase inicial das 40 horas, fazíamos encontros para incentivar a leitura e a produção escrita. Compartilho, aqui, um poema escrito por uma jovem senhora, apresentado num desses encontros:

*Rua Rubião Junior, 2734.*

*Uma casa velha está reformando.*

*Depois, vai ficar bonita.*

*A rua é de barro,*

*mas não tem importância,*

*a casa é minha.*

Em 1963, no congresso da UEE, fiz parte de um grupo de estudantes de nossa faculdade que defendeu a tese "Conscientização popular para as Reformas de Base", numa visão humanizadora, coerente com a proposta de Paulo Freire para a conscientização e alfabetização dos brasileiros, naquele contexto pós Estatuto da Terra,

no qual, pela extinção das colônias, trabalhadores rurais foram sendo expulsos do campo, onde trabalhavam, transformando-se em "boias-frias", passando a morar, precariamente, nas periferias urbanas.

Nas férias de final de 1963 e início de 1964, sob o sol escaldante da região, fizemos pesquisa e preparamos material para iniciarmos o trabalho em 20 círculos de cultura, nos arredores da cidade e em bairros periféricos. Foram muitas horas de trabalho entusiasmado pelo reconhecimento do significado da leitura de mundo e de textos na vida das pessoas. O material estava guardado na sede do Movimento Popular de Cultura.

Estourou, em 31 de março de 1964, a ditadura militar, com reflexos imediatos de perseguição e prisão de muitos de nossos professores da faculdade e de líderes estudantis, com invasão e depredação da sede do CPC- Centro Popular de Cultura. Levaram para a Delegacia de Polícia todo o nosso material, os projetores e até papel em branco. Quebraram assoalho e forro de madeira da casinha antiga, alugada para a sede, à procura de "armas e dinheiro russo" que imaginavam tivéssemos lá, não sei exatamente para quê. O ano de 1964 demorou a passar. A participação no Movimento de Ação Católica, segmento JUC, Juventude Universitária Católica, com a metodologia "Ver/Julgar/Agir", foi de fundamental ajuda para eu conseguir situar-me na realidade que parecia um pesadelo. O trabalho do MPC foi truncado, reprimido, mas o compromisso com a libertação pela conscientização e leitura de mundo e de textos, os princípios e concepções da proposta de Paulo Freire ficaram para sempre.

Em 1965, transferi-me aqui para São Paulo, onde terminei o curso, pois vim fazer parte da equipe de coordenação estadual da JUC, que também seria extinta dali a alguns anos. Durante esse ano todo, viajava para as cidades do estado que tinham equipes de JUC para as

atividades desse movimento. Mas já em 1966, como professora do Serviço de Educação de Adultos do Estado de São Paulo, SEA, trabalhei com a primeira turma de alfabetização de adultos, no Experimental da Lapa. Fui adaptando os conhecimentos que tinha do método Paulo Freire para trabalhar num contexto muito diverso, tentando preservar os princípios do diálogo, a busca de ampliação da consciência pela leitura crítica das relações vividas. Nessa turma de alfabetização, José Vicente, um cearense de 30 anos, tímido para participar nos debates em classe, me procurou uma noite, quando cheguei, para me contar uma coisa que até hoje me emociona. Nossa conversa:

\_ A senhora não sabe que faz três anos que eu passo todos os dias numa avenida, no ônibus, para ir trabalhar... e hoje, eu li o nome da avenida, na placa.

\_ Que bom, José Vicente! E qual é o nome da avenida?

\_ Avenida Angélica! E sabe? Esse é o nome da minha mãe!?

Em 1967, participei, como auxiliar, na mesma escola agora com um número maior de turmas, de pesquisa sobre a motivação mais profunda que leva adultos a procurarem cursos noturnos de alfabetização, depois de um dia extenuante de trabalho, numa cidade como a de São Paulo. À frente de motivos como arrumar emprego melhor, apareceram, nas conclusões, encontrar pessoas, fazer amigos, conversar...

O aprofundamento de meus estudos com acesso às teorias psicogenéticas sobre desenvolvimento e aprendizagem só fizeram confirmar o acerto da abordagem dialogal e problematizadora do método Paulo Freire, para construir conhecimentos.

Em 1968 e 69, na equipe de coordenação pedagógica do SEA, elaboramos projeto para as classes de alfabetização do Estado, fazendo uma aproximação com essa abordagem, o qual foi aprovado mas não

teve dotação de recursos e só pôde ser aplicado em algumas classes na capital.

Com Paulo Freire no exílio, íamos acompanhando seus trabalhos em outros países e lendo seus textos, conforme conseguíamos acesso a eles." *Pedagogia do Oprimido*", por exemplo, chegou primeiro em espanhol e de forma clandestina.

De 1970 a 1976, no MOBREAL municipal de São Paulo, conveniado com a Secretaria do Bem-Estar e não com a de Educação, trabalhei buscando defender a aplicação dos princípios freireanos, coerentes com a concepção dialética de homem e a concepção antropológica de cultura. Também participei, nesse mesmo sentido, já no início dos anos 90, de projeto de alfabetização em canteiro de obras, em São Paulo, promovido pelo SINDUSCON - Sindicatos da Construção Civil, e cuja coordenação foi sediada na instituição COLMEIA.

Com o retorno de Paulo Freire ao Brasil foi possível usufruir de suas contribuições no âmbito acadêmico, com suas atividades na PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com sua participação em congressos e encontros de educadores e à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, de 1989 a 1991, na gestão de Luiza Erundina de Souza.

Para além de um trabalho específico de alfabetização, a concepção freireana de educação libertadora, como prática de comunicação entre sujeitos que fazem história e transformam o mundo, tornando-o menos desigual e mais fraterno, marcou para sempre meu trabalho na educação. São concepções matriciais de minha atuação na vida pessoal e profissional, assim como de meus estudos pós-graduados sobre a supervisão de ensino e a formação inicial e continuada de educadores.

Com gratidão pelas aprendizagens e esperança na construção do "inédito viável", como diz Paulo Freire, minha homenagem a ele.





# Alfabetização e cidadania como prioridades

Marcos J. C. Guerra

Aproveitando o espaço da generosa iniciativa do Coletivo Paulo Freire, associe-me ao material coletado, como uma das “100 vozes de corações e mentes”. Desejando enfatizar a absoluta prioridade atribuída pelo mestre e amigo Paulo Freire ao binômio “alfabetização e cidadania”.

Com ele aprendi desde cedo porque dar prioridade à alfabetização de Jovens e Adultos. Uma clara opção política inadiável pela cidadania, a qual mais tarde Betinho carimbou com seu slogan “quem tem fome, tem pressa”. Trabalhamos juntos em Angicos no ano de 1963, laboratório experimental que ficou conhecido como as “40 horas de Angicos”, da qual fui coordenador, além de outras frentes no Rio Grande do Norte, até à brutal interrupção pelo Golpe de 1964. No exílio, nos encontramos em múltiplas ocasiões, antes da retomada dos contatos quando voltamos ao Brasil. Com maior frequência quando ambos vivíamos em países vizinhos, ele, na Suíça e eu, na França. Já quando fui para um segundo exílio na África Negra, ele e D. Elza nos hospedavam em seu apartamento de Genebra, por alguns dias, quando retomávamos nossas conversas.

Lembro-me perfeitamente quando foi para o MEC, a convite do Presidente João Goulart, como recusou a proposta do então Ministro da Educação, de alongar a escolaridade inicial de forma a cobrir os conteúdos de pelo menos as 3 primeiras séries do então curso primário, hoje chamado de ensino básico. Recusou e convenceu, advogando a necessidade de incluir no menor espaço de tempo um número maior de



brasileiros, assegurando-lhes o básico, e confiando na criação em seguida de novos caminhos que lhes seriam propostos para continuar a escolaridade, ou até mesmo criados por iniciativa própria, uma vez motivados. Daí o “grande perigo” que representou para os setores dominantes, cuja repressão violenta e imediata parece ainda hoje inexplicada. Como permanece inexplicado o abandono pelo MEC, até hoje, de iniciativas similares. No MEC, o Programa Nacional de Alfabetização criado por Decreto em janeiro de 1964 foi extinto em 14 de abril do mesmo ano, um dia antes de sua posse, por exigência de Castelo Branco.

Em Angicos, na época, o “curral eleitoral” de menos de 1.000 eleitores, recebe de repente 300 novos eleitores conscientizados. Resultado que levou o chefe político do partido do Governador Aluizio Alves em Mossoró a recusar que abrissemos círculos de cultura naquela cidade, gerando a necessidade de uma negociação entre ambos para que pudéssemos atuar na 2ª. Cidade do Estado do RN.

Parece fácil e natural identificar os pontos positivos que resultam do pleno exercício da cidadania que resgata a dignidade humana, contribui para a igualdade de oportunidades, e tantos outros que incidem na vida de cada um e do conjunto de uma sociedade sem excluídos.

Não podendo atuar no Brasil, Paulo Freire foi convidado por governantes lúcidos e conscientes destes direitos e seus resultados positivos, para orientar políticas educacionais em países africanos saídos então há pouco da colonização portuguesa, como na América Central e até países asiáticos, além da contribuição a Universidades norte-americanas e europeias.

Inexplicavelmente parece mais difícil avaliar com clareza o que representam as limitações resultantes de ser analfabeto nos dias de

hoje. Tanto que são raras as iniciativas públicas e privadas para resolver em definitivo tais lacunas. Deixou de ser tema de promessas eleitorais desde quando os analfabetos votam. Mas o cotidiano dos milhões de analfabetos marginaliza milhões de brasileiros, limitando-lhes um melhor acesso ao mercado de trabalho, a serviços públicos, e múltiplas atividades das quais não podem participar ou usufruir.

Há décadas não temos nenhuma política pública exitosa e responsável, que ofereça serviços efetivos que mudem a situação. Isto quando sabemos que soluções existem, assim como métodos e técnicas disponíveis, baratas e exitosos, – desde que exista também a vontade política, e sejam reunidas condições mínimas para implantar atividades em escala suficiente para mobilizar largos setores da sociedade, já que não restam dúvidas sobre as vantagens de uma atividade de massa, mesmo numa microrregião.

Mas os governantes preferem claramente a alternativa existente. Um eleitorado dócil, sem maiores exigências, sem criticidade, mais facilmente manipulável. Agora manipulado também através de “*fake news*”, até mesmo em discursos oficiais de autoridades no poder. Fica-me a convicção de que se trata não de omissão, mas de escolha deliberada.

Além do crime de lesa-cidadania, temos de um lado uma população a-crítica e de outro lado um governo livre da necessária crítica que resultaria de uma população conscientizada, tem seus custos econômicos. Como temos mais de 30% de analfabetos com mais de 10 anos de idade, numa população de 200 milhões, isto representa uma altíssima percentagem de marginalização, com dificuldades de acesso à inclusão diante das oportunidades econômicas e financeiras. Um dado alarmante e surpreendente demonstra quanto perdemos neste campo. O PIB dos países nórdicos, cuja população é de apenas 27

milhões de pessoas, gera um PIB superior a U\$ 1,7 trilhão de dólares. Teríamos que acrescentar a população da Suíça e da Holanda para chegar a 53 milhões de habitantes, mas aí o PIB total passa para 3,3 trilhões de dólares. É o que deixa de contribuir para a geração de riqueza no Brasil, a população equivalente prejudicada pela escolha criminosa de governantes que preferem manter estas disparidades e marginalizar essa enorme parcela da população brasileira.

Com sua visão global, acentuada pela visão adquirida com as múltiplas contribuições que fez no exílio a países de todos os continentes, Paulo Freire tinha plena consciência destes dados. Foi homenageado por políticos e universidades, mas falta-lhe o conforto de saber que existe esforço consciente para mudar esta situação. O que exigirá “tirar do papel” as diretrizes anunciadas em discursos e livros, e associar a necessária prática.





# Encontros com Paulo Freire, mestre e amigo

**Marina Célia Moraes Dias**

“Os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência: ele nunca morre tendo explicitado todas as suas possibilidades. Antes, morre na véspera, e alguém deve realizar suas possibilidades que ficaram latentes, para que se cumpra o desenho de sua vida.”

Ecléa Bosí, 1987

Conhecer Paulo Freire, pessoa querida e obra tão admirável, foi um presente que a vida me deu. Presente que se desdobrou em encontros profissionais enriquecedores e amizades memoráveis no Brasil e no exterior: Madalena Freire, Madre Cristina (Sedes Sapientiae), Maria Malta Campos (Fundação Carlos Chagas), Ana Mae Barbosa (MAC-USP), Mirian Celeste Martins (UNESP), Zoraide Faustini (SME SP), Maria Helena Pelizon (SME SP), Sônia Larrubia Valverde (SMESP), Maxine Green (Columbia Teachers College), Arthur Powell (Rutgers Univ.), Milie Almy (UC Berkeley), Constance Kamii (Alabama Univ.), Christine Pascal (Worcester School of Education, UK), Lars Gunnarsson (Gutenberg Univ., Suécia), entre outro(a)s. Como escreve Michael Apple, é preciso unir as vozes da resistência para nomear diferentemente o mundo e, nesse sentido, sou muito grata à vida e a Paulo Freire pela possibilidade da tessitura de uma rede de conexões de fortalecimento humano pessoal e coletivo, de referências teóricas e de ações necessárias para a constituição de uma educação humanista e democrática. Nesse contexto, destaco o trabalho com os Grupos de Formação em Serviço para todos os segmentos das Unidades Educacionais de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental da SME SP na gestão Paulo Freire, que tiveram papel

fundamental como rede de fortalecimento e construção do protagonismo dos educadores, da escola e de cada região da cidade. Formação realizada por agrupamento de escolas possibilitando uma perspectiva mais ampla e dentro de cada escola, fortalecendo o grupo escola e explicitando a necessidade da reflexão teórica sobre a prática, do trabalho coletivo como constitutivo da docência.

Madalena Freire teve papel crucial na construção e supervisão deste trabalho com grupos de formação merecidamente reconhecidos por seu pai como importante fortalecimento, naquele momento, da política educacional de SME SP, como colaboração indireta por limitações jurídicas (filha do secretário de educação). Paulo tinha uma admiração imensa pelo trabalho de Madalena como especialista da educação da infância, muito influenciado pela mãe, Elza, professora de rara sensibilidade e conhecimento e a quem a filha, quando criança, acompanhava no trabalho na escola primária da rede pública de Recife. Homenagear Elza e Madalena é também celebrar Paulo, que tinha a família como seu porto seguro.

Acredito que o trabalho com grupos de formação é um dos legados mais importantes da gestão Paulo Freire para a constituição de uma escola humanista e democrática que pressupõe a escuta e a participação de todos os envolvidos: uma educação dialógica no sentido pleno.

Meu primeiro encontro com Paulo Freire foi em 1978 numa palestra, durante o período em que eu fazia mestrado na Universidade da Califórnia, Berkeley. Tempos difíceis de exílio de grandes pensadores brasileiros e argentinos resilientes na continuidade de seu trabalho onde pudessem ser ouvidos. Admirado no exterior, Paulo Freire é uma referência nas universidades até hoje. Desde então suas contribuições foram preciosas e decisivas para minha formação e

atuação profissional enquanto professora, coordenadora e supervisora, e membro de equipes técnicas da SME SP, e, posteriormente, professora da FEUSP e consultora do MEC/UNESCO/UNICEF.

Meu último encontro com Paulo Freire foi em 1996 em sua casa, em São Paulo, para uma entrevista que o mestre generosamente concedeu à minha tese de doutorado. Nesta ocasião, ele autografou carinhosamente o livro *Pedagogia da Esperança*, lembrança deste encontro tão especial: “Para Marina com alegria e esperança”, palavras que me iluminam, hoje tão necessárias em nosso país, frente ao momento de desmonte de políticas públicas democráticas de Educação, Cultura e Ciência.

Termino este texto, retomando Ecléa Bosi - “os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência... e alguém deve realizar suas possibilidades que ficaram latentes para que se cumpra o desenho de sua vida” – missão abraçada pelo Coletivo Paulo Freire como fonte de resistência ao negacionismo e ideologias retrógradas que alastram no mundo e sobretudo no Brasil. PAULO FREIRE VIVE!





Paulo Freire e Marina Célia Dias. São Paulo, 1996.





# Entre a prática e a teoria, um aprendizado

Miriam Santos

Cheguei à escola. Um prédio grande, com um largo muro pintado de branco. Em cima uma placa com o nome da EMEF. Estava animada, afinal seria o meu primeiro dia como coordenadora pedagógica em uma escola municipal. Havia sido aprovada no concurso público para assumir este cargo efetivo, ficando entre as oito primeiras colocadas. Havia estudado muito para chegar até este portão. O coração batia forte. Quem encontraria lá? Como seria recebida? O que conseguiria realizar? Muitas outras questões permeavam o meu imaginário de educadora idealizadora que sonhava com uma educação pública de qualidade.

Todos sabiam que a nova CP, assim se denominavam as coordenadoras pedagógicas, chegaria naquela manhã acinzentada. Abri o portão mais pesado do que eu esperava e entrei, com o pé direito, sabendo ser uma pessoa supersticiosa.

Chegando à secretaria, me apresentei. Ninguém se dera ao trabalho de levantar da cadeira, apenas cumprimentaram com a cabeça, como dizendo, muito prazer. Aliás, um espaço que apesar de grande, me pareceu mais “cinzento” do que o dia que corria lá fora. Caminhei e encontrei a sala dos professores, me apresentei a uma ou duas que ali se encontravam, foram até simpáticas. Perguntei onde ficava a diretoria. Afinal, chegar na escola e não se apresentar à Diretora não seria de bom tom. Ali sim fui bem recebida. Uma diretora baixinha, bem vestida e com um avental cor de rosa por sobre sua roupa. Era oriental, ou melhor dizendo, uma japonesa muito simpática.



Depois de alguns dias de trabalho, se tornou aquela com quem eu compartilharia o trabalho que ali iniciava. Conversamos longamente sobre o que eu fazia antes, em quais escolas havia trabalhado, de rede pública ou particular, se tinha experiência como coordenadora pedagógica e se havia trabalhado em órgão central municipal. Em seguida me acompanhou até a sala que iria ocupar, também em tom sombrio, com dois armários grandes de ferro. Um seria o meu e o outro, da outra CP. Não gostei nada, nada, de como a sala se apresentava, já pensando em fazer mudanças. *“Aqui um belo quadro com foto da comunidade, ali trabalhos interessantes de alguns alunos, etc.”* Continuava sonhando e sonhava com uma “escola bonita”, como bem dizia o professor Paulo Freire.

Como de praxe, fui então apresentada à outra coordenadora pedagógica da escola. Logo percebi que não era bem-vinda. Ela não seria a parceira que idealizara para desenvolver o trabalho que tanto havia me preparado para pôr em prática. Eu já havia atuado como coordenadora em uma escola particular do antigo ensino primário e em outra escola, num curso de Magistério. Havia estudado muito para desenvolver um bom trabalho no qual todos os envolvidos sairiam beneficiados.

A partir do primeiro dia nesta escola, comecei a perceber que desenvolver o trabalho sonhado não seria tão fácil assim. Mas, fazer o quê? Pensei: *“irei arregaçar as mangas”* e *“botar o bloco na rua”*.

Havia chegado cheia de ideias e o que mais idealizara era desenvolver um trabalho progressista, a partir dos pressupostos daquele que era o meu mestre, o inspirador de minhas ideias e de minha prática: o professor Paulo Freire. Sonhava, como ele, com uma *“Educação como parte de uma sociedade que está em constante movimento e, por isso mesmo, não tem como ser neutra do ponto de vista político.”*

Acreditava, que “*a leitura de mundo é condição para homens e mulheres se assumirem como sujeitos capazes de intervir em sua realidade.*” Gostaria de, naquela escola, apontar a cada professor e professora de que “*não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.*”

Ledo engano. Se não fosse forte e decidida, com base sólida no que dizia e acreditava, teria fracassado e saído desta escola na primeira “remoção”, oportunidade que alguns educadores tinham ao final de um ano de trabalho, de mudar de uma determinada escola para outra. O que dependia de pontuação, de experiência no cargo, coisa que na ocasião, eu não tinha.

Ali permaneci tendo como parceira alguém que caminhava na contramão do que eu acreditava e que estava como CP há muitos anos na escola. Além disso, boa parte dos professores, acostumados a desenvolver o que queriam em suas salas de aula, não me viu com bons olhos.

Mas, a sorte logo bateu em minha porta. Já tinha a Diretora ao meu lado e a nova Administração do governo de Luiza Erundina constituíra uma equipe de trabalho na Secretaria Municipal de Educação que comungava com meus ideais. Logo tivemos como Secretário de Educação, nada mais, nada menos, do que o professor Paulo Freire! Pensei: “*Agora terei respaldo para o trabalho que pretendo realizar.*” Muitas foram às resistências lideradas pela outra CP, mas também muitas foram as formações em serviço efetivadas nos diferentes segmentos da escola.

Surgira então a proposta da Reestruturação Curricular e da Interdisciplinaridade que logo procurei implantar. Houve também incentivo à formação do Grêmio Estudantil e do Conselho de Escola. Com o tempo, aquela escola que encontrara fria, sem brilho, sem

“boniteza”, sem amorosidade foi se transformando. Pensava: *“Acho que estou sonhando”*.

Ainda outra proposta que a Secretaria da Educação implantou foi a JTI - Jornada de Tempo Integral. O que me deu suporte para propagar e incentivar os professores a aderirem aos pressupostos do nosso mestre e então ilustre Secretário da Educação.

Começamos a estudar juntos e a colocar em prática muitas de suas ideias, entre elas: *“O professor é alguém que testemunha a leitura de mundo com os alunos, o que implica em fazer sua ‘pronúncia do mundo’ e problematizá-la.”* Como a teoria freiriana é essencialmente uma pedagogia da pergunta, da busca e do diálogo, *“o professor deve ter a capacidade de lançar desafios que permitam ir à raiz das questões e a ampliar os temas abrangidos por elas”*. Passamos a discutir e a avaliar o trabalho ao longo das reuniões de JTI e nas reuniões pedagógicas. Exercitamos a autoridade do professor que deriva da capacidade de propor e conduzir a leitura de mundo, lhe conferindo um papel muito diferente daquele que o coloca como técnico que organiza os conhecimentos a serem aprendidos pelos alunos. Assim, uma grande conquista foi o entendimento e a implementação nas salas de aulas por parte de vários professores, o que a concepção freiriana propunha: *“Ensinar e pesquisar são parte de um mesmo ato de conhecimento.”*

Até então, muitos educadores bem como a minha colega CP acreditavam que Paulo Freire era contra os conteúdos na Educação. Não foi fácil convencê-los de que ele questionava o ensino dos conteúdos quando se apresentavam sem conexão com a leitura de mundo. Mas, tal compreensão foi mudando o cenário e o “jeito” de se dar aula. Assim muitos passaram a entender que o que ele queria atestar é que *“os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo*

*mundo*". Uma questão considerada obra-prima do professor Paulo Freire.

Algo que procurei ressaltar a todos sobre esse grande mestre que passou a ser não só o meu, mas o de muitos daquela escola, era o que ele próprio propagava: *"... a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si"*.

Nesta perspectiva e neste contexto cultivava a minha outra paixão na profissão: as classes de alfabetização. Por elas, cada vez mais me inteirava efetivando estudos da Psicogênese da Língua Escrita, teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, por meio da assessoria da professora e doutora Telma Weiz. Pude realizar estudos de outros pesquisadores que se debruçavam sobre o trabalho de *"descobrir como funciona o cérebro de alguém que se propõe a se alfabetizar"* e qual a prática educativa que mais favorecia avanços cognitivos neste aprendizado.

Foi assim que nesta escola, acabei sendo então responsável pelas séries iniciais do Ensino Fundamental I, pelas classes de Suplência I (atual EJA) e pelas 6as e 7as séries do Ensino Fundamental II. Na ocasião costumava-se dividir o trabalho entre as duas CPS, pois nossa escola era tida como uma escola grande, com mil e quinhentos alunos, funcionando em quatro turnos.

A partir de um árduo trabalho de estudo, troca de relatos de prática que iam se modificando ao longo do tempo, da mudança da relação professor-aluno, dos bons resultados no desempenho dos alunos passei a conquistar a confiança dos "meus" professores e também de minha colega CP. Passaram a me respeitar, não pelos meus "lindos olhos", verdes por sinal, mas pela competência que demonstrara ao longo do trabalho realizado. Quantas horas-extras,

quantas conversas paralelas, com professores, alunos, pais! Quanto tudo... Deixei de trabalhar no “atacado”, atirando para todos os lados e atingindo a poucos, para trabalhar no “varejo”, levantando prioridades, como havia aprendido em uma das formações de DOT. Após alguns anos, na “minha escola”, o tema da Esperança, do verbo esperar, esperar com ação do sujeito, passara a ter o sentido de meus ideais: alunos interessados e com desempenho escolar muito satisfatório; professores comprometidos com uma educação progressista; funcionários satisfeitos com seu trabalho, sentindo-se reconhecidos; pais acreditando e valorizando o trabalho desenvolvido; a comunidade envolvida nas decisões da escola etc. A realidade daquela escola, daquela comunidade, daquele bairro da periferia na zona norte de São Paulo, ao lado de uma grande favela, passara a ser objeto de estudo, de problematização e de persecução de soluções. E isso tudo nos aproximou mais da perspectiva freiriana da busca do “ser mais”, grande objetivo da Educação, que se dá dentro da própria história.

Após quatro anos de trabalho e dedicação, saí desta escola pelo mesmo portão que havia entrado, antes, pesado e agora, mais leve, em um dia ensolarado, com a consciência do dever cumprido, em vias da aposentadoria. Nas mãos, muitas flores que havia recebido de professores e de mães dos alunos, bilhetes de professores e alunos. No peito a emoção dos abraços e dos agradecimentos recebidos. Uma voz até hoje ecoa em mim: “CP, hoje ficarei órfã”. Na memória, a história de que conseguira e aprendera a “cepezar, cepezando”. Sendo de fato CP daquela Escola. E ao meu mestre, Paulo Freire, a reverência de alguém que ao estudar e seguir seus ensinamentos aprendeu muito na relação com o outro e na própria ação pensada e desenvolvida. O sentimento é, sempre será, de gratidão. Até hoje **Paulo Freire vive** na memória daqueles que tiveram oportunidade de aprender com ele, pois sua

concepção de Educação é atemporal, e será lembrada e utilizada por várias gerações que acreditarem em seus preceitos.





# Memórias que a Vida de uma professora de História Lembra

**Circe Fernandes Bittencourt**

Paulo Freire esteve presente na minha vida como professora em diferentes momentos. Logo após seu retorno ao Brasil em 1979, nós professores da rede pública do estado de São Paulo, iniciávamos nossa luta com os primeiros movimentos grevistas para melhorias das condições de trabalho, tanto salariais como pedagógicas. Paulo Freire, em seu retorno ao Brasil, ao se estabelecer em São Paulo imediatamente, por seus contatos junto a grupos de docentes, nos ofereceu uma série de apoio na organização de projetos para o nosso trabalho de resistência em nossas escolas públicas. Por intermédio da então diretora da rede pública, Cecília Guaraná, tivemos a oportunidade de ter encontros com Paulo Freire em escolas, momentos especiais para a reflexão das nossas práticas com os alunos, especialmente os do curso noturno, eternos prejudicados nos projetos educacionais. Estas reuniões se faziam em meio às greves que para nós sempre foi preocupante ao deixarmos nossas classes e nos empenhávamos em formas de organização de “projetos de retorno às aulas”. Assim, os encontros eram fundamentais para nossa reflexão sobre como melhorar o ensino e a aprendizagem desses alunos e as ponderações de Paulo Freire reforçavam a ideia da necessidade da reformulação de currículos pensando tanto conteúdos como métodos e tornar a melhoria do ensino público um instrumento da luta para volta de uma política democrática.

Lembro ainda que no governo de Franco Montoro, primeiro governador eleito na fase da abertura política, o Secretário da Educação de São Paulo foi o antigo Ministro da Educação de João Goulart, Paulo de Tarso que, então, buscou o apoio de Paulo Freire para a formulação de projetos, especialmente para os anos iniciais das escolas, uma vez que o grande desafio continuava sendo como vencer o analfabetismo e o abandono de alunos das escolas. Neste período foi proposto e realizado um Fórum de Educação para promover ampla discussão com professores cuja abertura contou com uma apresentação brilhante de Paulo Freire. Posteriormente, Paulo Freire, como Secretário da Educação do município de São Paulo, foi fundamental para a organização curricular no governo inesquecível de Erundina, por intermédio da Reorientação Curricular pela via da interdisciplinaridade e pude, então, participar da construção do currículo para os cursos noturnos da rede da Prefeitura e, com meus colegas Mansur Lutfi, Nídia Pontuschka, Eulina Lutfi, entre outros, propusemos, dentre outras atividades integrantes da construção curricular com os professores da rede, o estudo, São Paulo à noite e outras saídas para o curso noturno. Foi uma experiência de estudo do meio pelas praças históricas do centro de São Paulo no período da noite, com os trabalhadores da noite, com a visualização de outras atividades e outras formas de circulação diferentes da vida diurna.

Como professora de Prática de Ensino de História da Faculdade de Educação da USP, na década de 1990 especialmente, Paulo Freire passou a frequentar minhas aulas, pela leitura de alguns de seus textos. Iniciava o curso pela leitura com os futuros professores de História do instigante Capítulo 7- O sonho da transformação social. Como começar segunda-feira de manhã? do livro Medo e Ousadia- o cotidiano do professor que Paulo Freire escreveu com o educador norte-americano



Ira Shor. Este texto sempre impactou os alunos ao se depararem com a elucidação do compromisso intelectual e político da vida do professor. Passavam também a entender, invariavelmente, que ser professor exige domínios de conteúdo, mas também de método. Este texto propõe um caminho a ser realizado pelos professores ao enfrentarem o desafio de aprenderem a dialogar com seus alunos a partir do conhecimento e da cultura deles. Acredito ser esta obra, construída por intermédio do instigante diálogo entre Paulo Freire e Ira Shor, o mais esclarecedor sobre o significado do método dialógico e quais são os princípios que os professores devem adotar em seu cotidiano escolar. O professor tem compromissos com o conhecimento acadêmico, mas também precisa saber fazer uma “leitura do mundo” em diferentes tempo e espaço.

E deixo aqui uma memória deste livro para a vida futura dos professores:

Paulo Freire: *Devemos trabalhar, também, para ter algumas boas experiências em sala de aula com leituras de textos, que é algo que o professor deve considerar logo de início. Devemos continuar estudando nos livros, como outra forma de ler o mundo, além de ler o mundo sem passar pelos livros. Como é que a leitura dos livros pode dar aos alunos um contato com a realidade do país, e não apenas com a sua realidade imediata? Isto exige que se leiam livros e jornais, que se veja televisão e se ouça o rádio, que se preste atenção à fala do povo nas ruas. O professor precisa saber como ler a realidade dos estudantes através dos livros, bem como através da própria realidade. A realidade é tornar-se, e não estar imóvel.*





# Paulo Freire me persegue desde a adolescência

**Mansur Lutfi**

Nas férias de janeiro de 1964 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (estadual) de Marília-SP organizou, através de seus professores como o Quelce e Puppi, uma semana de palestras e discussões sobre a Realidade Brasileira.

Eu morava com minha família em Marília, tinha 18 anos e ia começar a cursar o 2º ano do Ensino Médio (o 2º científico, como era a nomenclatura da época) noturno no Colégio Estadual.

No ano anterior, 1963, no 1º colegial, a pedido dos alunos e com apoio do professor de História, o Francisco, realizamos uma série de apresentações no horário de aula, cada um apresentando um tema da situação do Brasil.

A mim coube apresentar o tema da fome. Eu desconhecia completamente o assunto, era frequentador da Biblioteca Municipal e me vali de uma bibliografia completamente nova para mim. Eram os livros de Josué de Castro, um ex-deputado federal pernambucano que tinha escrito Geografia da Fome, Geopolítica da Fome, Ensaio de Biologia Social. É bom que se diga que eu sempre tinha sido interessado em Geografia e ótimo aluno nesse componente curricular, de modo que o livro Geopolítica da Fome, que a apresentava em todos os continentes me tocou ao apresentar-me a fome no sul dos EUA, na América Latina, na Ásia- da China e da Índia etc. Mas, ao invés de apresentar como um fenômeno natural, como um abalo sísmico ou um tornado, mostrava que a fome tinha causas sociais e econômicas. E que tinha soluções. O próprio deputado Josué de Castro apresentou

proposta para solucionar o bócio endêmico que ocorria no interior do Brasil, propôs e foi aprovada a lei que obrigava a adicionar um composto de iodo, o iodeto de potássio, ao sal refinado consumido pela população de todo o país. E o problema foi resolvido, pois o “papo” era uma consequência da deficiência de iodo no organismo, em especial na glândula tiroide, localizada no pescoço. Josué era profundamente otimista, tinha compreensão e propostas.

Quando no começo de 1964 foi realizado o encontro na FFCL, meus colegas de classe que tinham me ouvido no 1º colegial no ano anterior (já estávamos no 2º colegial) propuseram o meu nome para abordar o tema. Eu tinha continuado a estudar por minha conta o tema, tinha lido a obra de Josué de Castro e sem nenhuma timidez ou noção da responsabilidade, aceitei e apresentei para os universitários, professores e o público.

Esse impulso foi a propulsão que me alavancou para toda minha vida. Findo o seminário, os presentes tinham que escolher dois nomes de Marília para irem a São Paulo a fim de participarem de um encontro em que seria apresentada a proposta de educação de adultos elaborada pelo professor Paulo Freire, a qual seria multiplicada pelo Estado de São Paulo. Eu e o colega José Carlos Lignelli fomos escolhidos e viemos frequentar o curso que se realizaria na futura Faculdade de Educação da USP, já localizada onde hoje está, no campus Butantan.

Aí aprendemos do que se tratava esse método de alfabetização, como tinha sido a experiência no bairro de Helena Maria, na Zona Norte de Osasco e também a do Rio Grande do Norte.

Passamos uma semana em São Paulo, aprendendo a escolher palavras geradoras, como fazer a discussão a partir das palavras geradoras, como gerar palavras a partir daquelas sílabas, como no exemplo clássico da palavra ti-jo-lo. Prestamos a maior atenção em

tudo, porque voltando para Marília, deveríamos replicar o que ouvimos.

E em fevereiro de 1964 lá estávamos nós reproduzindo as explicações que ouvimos e nos preparando para fazer as entrevistas nas residências para o levantamento dos nomes das pessoas não alfabetizadas e prestando atenção às palavras para detectarmos quais poderiam servir como geradoras.

Estávamos nesse ponto quando ocorreu o golpe de 1964, em 31 de março. Preventivamente paramos nossas atividades preparatórias. Por todo o estado de São Paulo, nas faculdades públicas isoladas, professores foram presos: em Marília, em São José do Rio Preto e em todas aquelas que mais tarde foram unificadas formando a UNESP. Entre essas arbitrariedades, também os professores Quelce e Puppi foram presos e perderam seus cargos. E o próprio Paulo Freire se exilou, só voltando com a Anistia.

Suspendemos nossas preparações e assim se passou o ano de 1964. No fim do ano, fui promovido para o 3º científico, e como grande parte dos estudantes locais também me mudei para a cidade de São Paulo para cursar o 3º ano junto com a frequência a um cursinho preparatório para a universidade, em fevereiro do ano de 1965. Como eu tinha optado por cursar Química na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (só havia curso de Química em São Paulo e em Araraquara), fui fazer o cursinho do Grêmio da FFCL-USP, dirigido por alunos da própria USP. Situava-se na rua Jaguaribe. Cursei no período diurno; de tarde trabalhava no Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, na rua São Bento; e de noite frequentava o 3º científico na Escola Estadual Macedo Soares, que funcionava no mesmo prédio da escola Conselheiro Antônio Prado, na rua Albuquerque Lins, ao lado de onde eu morava.

Com tudo isso ainda consegui entrar no curso universitário em que eu pretendia, em fevereiro de 1966. O curso era na Cidade Universitária, campus Butantan. Até o ano de 1965, o curso de Química, o de Geologia e as disciplinas de História Natural e Psicologia funcionavam na Alameda Glette com Guaianases, nos fundos do Palácio dos Campos Elíseos, sede do governo do estado. Mas, em 1966 inaugurou-se o Conjunto das Químicas onde funcionaria o curso de Química, de Farmácia e Bioquímica e o de Engenharia Química. O curso de Química era em período integral, não havia curso noturno.

Ao entrar na USP fiquei sabendo que alunos da Química, da Física, da Geologia, da Geografia etc., faziam alfabetização na zona rural da cidade de Itariri, uma das últimas cidades da linha de Estrada de Ferro Sorocabana, a famosa linha Juquiá, que trazia as cargas de banana da produção local até a estação da Barra Funda, na cidade de São Paulo, onde eram descarregadas para os armazéns nas proximidades.

Interessei-me imediatamente em participar e, através de uma veterana, a Francisca Valverde, soube que o Grêmio da FFCL-USP dava curso aos sábados de manhã, próximo ao Largo de São Francisco, onde se preparavam monitores para a alfabetização. Frequentei o curso e o professor era o próprio presidente do grêmio, o Paraense, aluno da Geologia.

No mês de julho, lá estava eu tomando o trem para Itariri cuja estação ficava logo após Peruíbe, em direção ao interior. Encontrei o pessoal da USP no endereço combinado e fui com eles nesse período para a zona rural onde viviam os plantadores de banana que à noite, com lampiões e bateria viam os slides com os temas geradores e aprendiam a ler e escrever. E a expor suas ideias. E eu apenas acompanhava as atividades, aprendendo também.

Em fevereiro de 1967, novamente acompanhei o trabalho em Itariri.

Segui meu curso de Química naqueles anos. Em 1970 a FFCL-USP se desintegrou, em diversos departamentos que se transformaram em Institutos autônomos: IQ, IF, IB, IME, IP (Psicologia), FE (Faculdade de Educação), FFLECH [Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas (História, Geografia e Ciências Humanas) ]. Graduei-me em julho de 1972, concluindo o bacharelado no IQ e também a licenciatura na FE.

De 1972 até 1978 participei de trabalho voluntário de educação na periferia sul da cidade de São Paulo. Tínhamos formado um grupo interdisciplinar e lecionávamos à noite e nos fins de semana para alunos de curso de Madureza, ou seja, curso preparatório para os exames que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo realizava anualmente para os adultos que desejassem adquirir o diploma de Ginásio ou de Colegial. Os interessados deviam se preparar por conta própria para esses exames. Só em fins da década de 70 é que foram instituídos os Cursos Supletivos de Ginásio e de Colegial, que escolas privadas poderiam dar cursos para esses exames.

Havia também cursos profissionalizantes dados por grupos de voluntários.

Normalmente eram paróquias de igrejas católicas que cediam esses espaços para aulas. Nosso grupo foi formado por professores voluntários da Química, da Física, das Letras e da História. Em 1973, ministrei Geografia na Cidade Dutra, um local após Interlagos; em 1974, Ciências. Em 1975 e 1976, ministrei Português, no Vaz de Lima, vizinho ao Jd. Ângela. Apesar de não ser alfabetização, baseávamos nos princípios da Educação Libertadora. Os professores se reuniam mensalmente no Colégio Santa Maria para discutirmos textos de Paulo

Freire que conseguíamos em xerox a álcool, pois os livros não estavam à venda.

Isso ocorria em paralelo com meu trabalho de professor de Química em escolas públicas que comecei em 1967 e continuei até 1989.

As atividades nas escolas públicas nessas décadas de 70 e 80 eram efervescentes. Muitos projetos foram surgindo, muitos grupos interdisciplinares, independentes de direção escolar se reuniam para apresentarem as inovações que estavam realizando, principalmente em pequenas escolas.

Em 1978, ingressei como professor efetivo de Química (titular de cargo) na EEPSP Prof. Architiclino Santos, uma escola recém-inaugurada no bairro em que eu morava.

Nessa escola, aos poucos, os professores foram se conhecendo e se estimulando. Isso ocorria em muitas outras escolas públicas, de modo que, nesse contexto, a diretora de escola, Cecília Guaraná, nos convidou a formar um grande grupo para que, a cada mês, uma escola apresentasse a sua proposta e atividade. O local escolhido para isso foi o convento-igreja dos dominicanos, na rua Caiubi, nas Perdizes.

E a convite da Cecília, Paulo começou a frequentar essas reuniões, a ouvir, a analisar e a estimular-nos. Isso aconteceu mensalmente durante dois anos.

Em 1982, com a eleição de Franco Montoro para o governo do estado, Paulo de Tarso foi chamado para secretário de Educação. Por sua vez convidou Cecília Vasconcelos Guaraná como assessora.

Em 1978, eu e a Eulina Lutfi concorremos ao mestrado em Educação na Unicamp e encontramos colegas que nos contaram o que estavam fazendo nos diversos estados brasileiros, do RS ao RN.

No começo de 1980, a FE-Unicamp abriu uma vaga para as disciplinas de Licenciatura: Didática para o Ensino de Química; Prática de Ensino de Química e Estágio Supervisionado I e II.

Passei nesse concurso e comecei a trabalhar nessas disciplinas, enquanto realizava a pesquisa para o Mestrado, que ocorreu em 1982. Meu contrato era RTC, ou seja, 24 h/semana.

Em 1983, abriu o Doutorado na FE-Unicamp, ingressei nesse ano, e continuei com RTC e também trabalhando em São Paulo na EEPSP Prof. Architiclino Santos.

Em 1989, concluí meu doutorado, pedi tempo integral na universidade RDIDP (regime de dedicação integral à docência e à pesquisa) e me exonerei da rede pública de ensino.

Nesse ano foi eleita Luíza Erundina para prefeita de São Paulo, a qual convidou Paulo Freire para Secretário de Educação. Este, por sua vez, formou uma equipe excelente para as Divisões de Ensino.

Como eu tinha uma grande experiência com o ensino noturno e convivência com alunos trabalhadores, bem como com a inovação pedagógica, fui convidado pela professora Regina Estima, que cuidava do Ensino Noturno a assessorar a equipe nas propostas relativas ao estímulo aos professores desse período de aula. Com a Suemi Salvador e a Beth Castelão à frente, muitas reuniões foram promovidas com os professores e dessas emergiram propostas que foram desenvolvidas e apresentadas em um Congresso do Ensino Municipal.

Pude colaborar também na escolha de material e reagentes que seriam enviados às escolas, em uma reunião com professores de Ciências.

Junto com Eulina Pacheco Lutfi, Circe Maria Fernandes Bittencourt, Nídia Nacib Pontuschka e os coordenadores do ensino




noturno, realizamos o estudo denominado São Paulo à Noite, junto com professores do ensino noturno da rede municipal.

Todos esses trabalhos foram, ao final da gestão Erundina, publicados em forma de cadernos de formação.

Agradeço imensamente a excelente oportunidade de conhecer por dentro uma administração que extrapolou os muros do fazer repetitivo, do distanciamento da escola. E conhecer pessoas com as quais nos identificamos e torcemos para que seu trabalho frutifique.





# Projeto interdisciplinar na Escola Municipal “Cândido Portinari” – vivas lembranças de duas educadoras no bairro de Perus!

**Regina Célia Soares Bortoto**  
**Maria Helena Bertolini Bezerra**

Pensando em contribuir para manter viva a memória de Paulo Freire, aceitamos o convite para sermos duas dessas cem vozes, nesse depoimento espontâneo entrelaçando e misturando vidas num tempo passado, evidentemente, mas que teima em se revelar no tempo presente com todo vigor de sua importância não só no universo escolar, de nossas carreiras no magistério, mas também no universo cotidiano, aquele de militância, luta e resistência, por décadas, buscando projetar e construir um futuro melhor.

Vale ressaltar que nossa amizade singular ganha peso nessa decisão de elaborarmos um texto conjuntamente, não só porque o vínculo se inicia ainda na infância vivida no mesmo bairro, Perus, localizado na região noroeste da cidade de São Paulo, mas também porque estudamos juntas e nos envolvemos com grupos de perseverança na igreja católica local, a qual comungava com a teologia da libertação e, jovens ainda, também iniciamos nossa trajetória em movimentos políticos, sociais e estudantis, pois as demandas em bairros da periferia, como o nosso, exigiam e exigem escolhas que podem ajudar na transformação ou na manutenção do sistema em que

vivemos. Diante da imposição de escolhas, nós optamos por transformar o que não nos fazia felizes. Então, quis o destino que nossas vidas seguissem juntas na militância. Como se não bastasse, fomos trabalhar na mesma escola e perto de onde morávamos. De lá pra cá, a amizade foi devidamente cultivada e, com nossas famílias, filhos e comunidade, permanecemos na luta por uma escola melhor, por um lugar melhor e por uma vida melhor.

Assim, como professoras novatas da rede municipal de ensino do município de São Paulo, 1989, que nossa convivência ganhou outros contornos. Tivemos a oportunidade de vivenciar os momentos em que o Professor Paulo Freire ficou à frente da Secretaria de Educação como professoras da escola básica. Cheias de entusiasmo, porque já conhecíamos as ideias de nosso querido secretário, ficamos muito entusiasmadas quando a EMEF Cândido Portinari foi escolhida para ser uma das dez escolas piloto, onde seria implementado o Projeto da Interdisciplinaridade.

O “Projeto Inter”, como ficou conhecido na rede municipal de ensino de São Paulo, chegou como proposta em um encontro com as diretoras e diretores de toda a rede municipal, no início da gestão do Professor Paulo Freire, na Secretaria de Educação do Município de São Paulo. Neste encontro, representantes da Secretaria e integrantes do CONAE (Coordenadoria dos Núcleos de Ação Escolar), à época, expuseram aos(as) diretores(as) como seria a proposta, indicando-lhes a possibilidade de se inscreverem para a participação no projeto. Uma condição foi colocada naquele momento: se a escola fosse integrar o Projeto Inter, a proposta deveria ser levada à comunidade escolar para ampla discussão entre todos(as), evidentemente, com a exposição dos objetivos e metodologia a serem empregadas. E foi assim, durante encontros subsequentes com calorosos debates, que a comunidade

escolar da EMEF Cândido Portinari tomou a decisão de participar do projeto Inter.

Muitos(as) professores(as) e demais profissionais da escola passaram a vivenciar situações de mudança na escola. Foram realizadas longas reuniões e discussões intensas para que pudéssemos compreender os conceitos em torno da interdisciplinaridade, o que envolvia mudanças de posturas diante de como se ensina, o que se ensina e como se aprende. Fomos envolvidos(as) em um movimento de constantes estudos. Queríamos saber cada vez mais, bem como praticar o que aprendíamos em nossas aulas, com os(as) estudantes. Havia, sem medo de errar, a ideia de que seria possível mudar a escola por meio da participação e do conhecimento, assim como produzir mudanças na realidade vivida por todos.

Ter Paulo Freire à frente da Secretaria de Educação significava praticar o que na Ditadura Militar não era permitido. Sem dúvida que em outros momentos - pós ditadura - houve mudanças na rede municipal em relação ao ensino. Lembremos, por exemplo, do governo de Jânio Quadros que mandou recolher livros entregues aos estudantes durante a gestão do prefeito biônico Mário Covas, pois os conteúdos eram considerados subversivos. O movimento grevista, anteriormente à gestão da prefeita Luiza Erundina, foi duramente reprimido, com a exoneração de muitos professores(as), coordenadores(as) pedagógicos(as) e diretores(as), anistiados(as) assim que o Partido dos Trabalhadores ganhou as eleições em 1988, com o início da gestão em 1989. Todos esses acontecimentos mostram que existia uma ambiência favorável às mudanças.

A organização da Rede Municipal passou por profundas alterações, principalmente em relação à valorização do trabalho docente. Foi com Paulo Freire que as Escolas Piloto passaram a ter

horas de estudo, as quais, hoje, consistem em jornada integral. Havia o entendimento que para haver as mudanças no ensino, certamente, os professores deveriam ser tratados com respeito. Paulo Freire sabia que não haveria mudanças na educação se não fossem acompanhadas de condições concretas. Muitas revisões foram feitas, incluindo salários e condições de trabalho melhores.

A oportunidade de relembrar o Projeto Inter nos possibilitou, além de abirmos o baú das memórias, abirmos nossas velhas e valiosas caixas de documentos, onde encontramos de textos mimeografados a cadernos impressos, tais como: Documento 1 - O Movimento de Reorientação Curricular na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, de 1989, o texto sobre o Projeto do Movimento de Alfabetização e Pós-Alfabetização para o Município de São Paulo, outro texto sobre O Conselho de Escola, também de 1989, o Caderno do Movimento de Reorientação Curricular, problematização da escola “A visão dos educandos”, de 1991. Aproveitamos para reler vários Boletins discutindo Estatuto do Magistério. Revimos os cadernos sobre Regimento Comum, os cadernos de Visão de Área, e muito mais. Enfim, mexemos com nossa memória afetiva, tanto com o material, guardado e preservado, que conta uma história de participação na construção de educação popular de qualidade, na maior cidade do país, onde, pela primeira vez, a periferia poderia ser vista com todo seu valor e potencial, quanto recordamos uma época de muito sonho e trabalho em busca de uma vida melhor para todos(as).

Decididamente, foi uma administração pública para o povo e não para os burocratas e tecnocratas. O próprio Decreto Nº 31.086, de 2 de janeiro de 1992, (revogado pelo Decreto nº 32.892/1992), dispendo sobre o Regimento Comum das Escolas Municipais, definiu o

funcionamento das escolas da cidade de São Paulo, dentro de padrões absolutamente democráticos.

Entretanto, para uma escola verdadeiramente democrática e popular, seria necessário, fortalecer ou criar dispositivos de participação. É imperativo lembrar que, desde a década de 1980, ou seja, mesmo antes da gestão de Paulo Freire à frente da Secretaria de Educação de São Paulo, existia um movimento considerável de agentes preocupados em tornar coletivas as tomadas de decisões no interior das escolas, reivindicando conselhos de escola deliberativos.

Diante disso, podemos afirmar que o decreto sobre o Regimento, mencionado anteriormente, torna os Conselhos, de fato, deliberativos nas escolas paulistanas, isto é, além de apenas o diretor(a) ser membro nato (os demais participantes deveriam ser eleitos, considerando a paridade quanto à representação dos seus membros), as principais decisões da escola teriam de ser tomadas coletivamente.

Nesse sentido, vale, para nós, destacar que trabalhar na escola durante a gestão de Paulo Freire e, sem dúvida, com política de educação seguida, foi um profundo movimento de inflexão que reverbera até nossos dias.

Por isso, a Reorientação Curricular e o Projeto Interdisciplinar foram aspectos relevantes da rede municipal de São Paulo de ensino, porque representaram o ideal de mudança.

Além disso, também Paulo Freire e sua equipe possibilitaram, ao menos para nós, o encantamento mais profundo pela escola, pelos estudantes, pelos nossos pares, pela comunidade toda.

Esse movimento intenso vivido por todos nós na escola motivou-nos à reflexão sobre nossa concepção de educação.

Não dá para esquecermos, no início do projeto da "Inter", dos muitos encontros reunindo educadores(as) da escola e representantes do NAE (Núcleo de Ação Educativa).

Essas reuniões eram destinadas a discutir as diversas formas de entender Educação, e, de maneira absolutamente respeitosa e democrática, conduzir na direção de compreender o porquê de ser a concepção crítica a que define uma Educação em que estudantes e professores(as) são sujeitos na construção do conhecimento.

Desenvolver a consciência crítica frente ao conhecimento significou a superação do saber de experiência, ou do saber despretensioso, aquele que simplesmente reproduz de maneira quase que automática as lições do dia, semana, mês e assim por diante, para um posicionamento rigoroso diante do conhecimento, que segundo Paulo Freire, exige: (...) “rigoriedade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (...) O que se precisa é possibilitar que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica”. (FREIRE,1996, p. 42-45).

Na mesma linha, ao assumirmos o desenvolvimento do projeto piloto, como escola, nós tivemos claramente a necessidade de tomarmos a decisão a respeito da concepção de educação que considerasse a emancipação dos sujeitos.

Das ideias de Paulo Freire, inspiradoras para nós, utilizadas nos Círculos de Cultura, no início dos anos de 1960, observamos que o Projeto da Interdisciplinaridade, trouxe o desafio de encontrarmos um tema gerador, ou temas geradores, em nossa escola, que pudesse contribuir metodologicamente para a compreensão da realidade vivida.

Durante uma semana, no início de 1989, os(as) professores(as) e demais agentes responsáveis pelo ensino, passaram a estudar, juntamente com uma equipe multidisciplinar do NAE 4 (Núcleo de Ação Educativa 4), qual poderia ser o tema gerador que pudesse desencadear os estudos nas salas de aula.

Muitas pesquisas, muitas entrevistas com moradores, estudantes e familiares foram realizadas. Todos os dados coletados foram organizados em um quadro de dupla entrada e colocados na relação com os conhecimentos escolares, de maneira que a escola pudesse trabalhar os conhecimentos considerando aspectos reais da vida da comunidade a qual os estudantes pertenciam e, na realidade injusta que muitos deles certamente viviam. Nesse sentido, a realidade local passou a ser indagada, desnaturalizada.

Os (as) professore(as) faziam um movimento incrível, envolvendo muito estudo e os pontos de intersecção entre as disciplinas escolares que pudessem juntas explicar a realidade. Desse modo, os conhecimentos escolares se juntaram aos conhecimentos sobre a realidade para a produção de novos conhecimentos com potencial transformador.

Também, para além dos conhecimentos produzidos e trabalhados na escola, aconteceu na rede um processo intenso de Reorientação Curricular, que inspirado no movimento de pensamento: ação - reflexão - ação, juntou professores(as), representantes dos NAEs, representantes da Secretaria de Educação e de universidades conveniadas para elaboração de documentos curriculares, chamados de cadernos Visão de Área, de maneira a contribuir para o aprofundamento e até mesmo a revisão de aspectos internos à própria área de conhecimento.



Em suma, para além desses e de outros momentos, vivemos ainda, na Escola Municipal de Primeiro Grau “Cândido Portinari”, pertencente ao NAE 4, o desafio de pôr em prática uma proposta que pressupunha e exigia mudanças de ordem curricular, numa perspectiva emancipadora, conhecido como Projeto de Interdisciplinaridade, ou seja, juntas vivenciamos a experiência de uma ação pedagógica fundamentalmente participativa, coletiva, dialógica, aberta, visando a formação permanente dos educadores(as).

Assim, durante a gestão municipal de Luiza Erundina, tivemos a oportunidade de experimentar, dentro e fora da escola, momentos inspiradores na vida política, cultural, sindical, social e etc no bairro. À época, por exemplo, conseguimos o tombamento, como patrimônio histórico e cultural, da Fábrica de Cimento Portland Perus. Também, apenas citando, temos de destacar a coragem da prefeita Luiza Erundina, quando da decisão de abrir a Vala Comum, no cemitério Dom Bosco, revelando mais de mil ossadas, entre elas de alguns desaparecidos políticos executados pela ditadura militar, dos anos de 1960 e 1970.

Não foi fácil! Existiram muitos obstáculos, pois nem todos os servidores da Unidade Escolar estavam convencidos do projeto, assim como nem toda a população da cidade estava convencida do projeto político de um partido à esquerda do sistema imposto. Porém, por decisão coletiva, assumimos a tarefa de tentar mudar, na escola, o que nos incomodava naquela forma de pensar e fazer educação que estávamos acostumadas, bem como tentar propor e construir outro modelo de sociedade.

Passamos a considerar, na escola, no novo processo de ensino-aprendizagem, a metodologia dialógica, onde todos eram sujeitos de suas falas. O (a) professor (a) atento (a) tinha de organizar diferentes

falas visando à construção conjunta de um “texto”, garantindo as observações feitas, sem desvios conceituais, ligando o conhecimento universal ao conhecimento que o estudante já possuía. Tudo isso só fazia aumentar o trabalho, sem dúvida, mas garantia maior riqueza no processo de construção do conhecimento.

Avançamos na compreensão da Educação de forma mais ampla, além dos muros da escola, alargando o horizonte do conhecimento. O proposto estudo da realidade (ER) estimulava a problematização dos temas e, a organização desse conhecimento (OC), buscava reunir os dados da realidade, como já foi dito, para que, por meio da aplicação do conhecimento (AC) fosse possível verificar o alcance dos objetivos propostos, ou seja, se o estudante havia conseguido estabelecer relações do conhecimento sistematizado, adaptando, complementando, reformulando e interligando conhecimentos.

Portanto, a visão de conhecimento, as questões políticas, os sujeitos inteiros e não fragmentados foram parte dessa nova maneira de trabalhar com e na Escola, numa tentativa de transformar sonho em realidade, isto é, participar da construção de uma escola pública, de qualidade e bonita, para todos.

O Projeto Interdisciplinar, mesmo com todas as críticas a que era submetido, poderia levar não só à aproximação da realidade vivida, mas à apropriação de instrumentos que permitissem a transformação da realidade, passando a escola a desempenhar muito mais que o papel de transmissora de conhecimento, isto é, a escola poderia possibilitar a formação de sujeitos capazes de participar ativamente nos processos de ensino-aprendizagem.

Por fim, à época do Projeto Inter, uma das coordenadoras pedagógicas afirmou: “cada vez mais me encanto (...) sinto-me feliz por reconhecer que o caminho é este, que tremendo esquema para o

preparo de uma cidadania consciente (...) acredito muito neste trabalho. Está levando os alunos a uma reflexão e participação maior (já notada dentro da própria escola) e a nós todos, a uma análise e mudanças de posturas.” (registro feito, após observação de uma das aulas do oitavo ano, em 1991)

Mudanças é o que precisamos urgentemente, mais uma vez, pois vivemos em tempos onde o retrocesso e o apagamento dessa e de outras memórias se tornaram o projeto político dos atuais governos.

Queremos de volta nossos sonhos! De nossa parte, seguiremos firmes não só nas lembranças, mas na luta pela democracia e pela Educação libertadora!

Paulo Freire, presente!

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 42-45)





# Planejamento Participativo na área educacional “à la Paulo Freire”

Prioridade para alcançar melhor patamar de qualidade: Relato de uma experiência na Secretaria Municipal de Educação sob a liderança de Paulo Freire, durante a gestão de Luiza Erundina.

**Vera Lucia Vieira**

## **Introdução**

Nos idos de 1989 a 1993, os profissionais da educação integrantes do sistema educacional do Município de SP atuaram em um uníssono em um movimento por educação. Talvez tenha sido essa experiência a primeira ocorrida desde a criação dessa rede nos idos da década de 1950.

Dentre os desafios que nós, técnicos em planejamento de políticas públicas em educação que, à época, integrávamos a equipe capitaneada pelo professor Paulo Freire, tivemos que enfrentar, foi o de articular todo esse movimento em um plano anual de investimentos do orçamento disponível para a área da educação. Ou seja, um plano construído à la Paulo Freire, cuja resultante espelhasse, não apenas as necessidades da rede municipal de ensino, mas a cultura dos protagonistas envolvidos direta ou indiretamente, com a educação no Município.

A primeira premissa era que esse documento fosse a resultante da contribuição de todos os integrantes do sistema educacional no Município, a saber, a administração central da Secretaria da Educação e a comunidade escolar, entendida esta, inicialmente, como o conjunto dos profissionais da educação que atuavam nas escolas aos quais,

posteriormente, foram sendo incorporados pais e responsáveis pelos alunos, representados em associações de pais e mestres.

Neste sentido, não se tratava apenas de elaborar um documento, mas que esse espelhasse o resultado da articulação dos profissionais da educação e dos conselhos de pais e alunos, assim como de representantes da sociedade civil e pessoas interessadas na questão educacional, visando, primeiro, produzir um diagnóstico dessa rede e, após, apresentar alternativas de solução que atendessem às necessidades da população.

Esse conjunto de pessoas envolvidas nesse esforço de implantação de uma educação que não tivesse um fim no próprio sistema, mas que se integrasse à cultura da população usuária daquele bem público, foi denominada - **comunidade educacional**

Mas, mesmo com tal ampliação das pessoas envolvidas na questão educacional, cada comunidade detinha o conhecimento de seu entorno, de sua região, vinculada àquela unidade escolar. Assim, era necessário garantir que cada comunidade educacional se apoderasse de informações sobre a situação do município como um todo, de forma a identificar sua posição relativa no conjunto das unidades do município.

Assim, coube ao setor de planejamento, caracterizar a situação educacional do Município de São Paulo, mapeando seu perfil demográfico, socioeconômico e educacional e democratizar as informações obtidas, visando subsidiar a definição de políticas públicas na área, tendo como princípio garantir um outro princípio freiriano, o da autonomia das escolas.

O exercício de reflexão a partir da unidade escolar, expandida para a comunidade de pais e alunos, associada ao conhecimento sobre a realidade do município todo, foi o primeiro passo nesse processo de

elaboração do Plano de Educação que espelhasse, conforme dizeres de Paulo Freire, a cultura daquela comunidade em sua potencialidade realizadora. Referia-se ele ao fato de que cultura é muitas vezes associada à tradição, ao que já está sendo praticado. Mas essa cultura possui também uma potencialidade transformadora e se tratava não só de tomar ciência dessa capacidade, mas de definir propostas e garantir as condições para a sua realização.

Com tal postura, foram criadas as primeiras condições para que cada escola, entendida como integrante de uma comunidade escola, se articulasse por região ou municípios, pudessem, a partir dos resultados de um diagnóstico e conforme diretrizes educacionais condizentes com as necessidades da população, elaborar e executar Planos Locais e Regionais, que, integradamente, compunham o Plano Municipal de Educação.

### **Primeiros passos**

Para obter as informações da comunidade educacional, a partir das escolas, a estratégia de planejamento utilizada foi a de solicitar-lhes que indicassem os problemas com os quais conviviam e as alternativas de ação para solucioná-los agregados por ordem de prioridade, assim como a indicação dos responsáveis pela sua resolução.

O conjunto das planilhas advindas das escolas caracterizou, assim, o universo dos problemas e das alternativas de ação na ótica da rede municipal de ensino a partir das diretrizes educacionais do atual governo.

Quanto às prioridades, foi solicitado que as escolas, cindidas nas comunidades educacionais, destacassem as cinco primeiras como indicativas de possibilidades de atendimento no ano em curso, na

impossibilidade de atendimento das demais, estas seriam projetadas para atendimento nos próximos anos.

Apenas a título de exemplo, no primeiro ano da gestão, esse esforço resultou em um conjunto de prioridades que foram classificadas em assembleias às quais podiam comparecer todos os interessados, da seguinte forma:

### **I - Prioridade quando ao acesso**

Foram considerados como acesso os problemas e as soluções relativos principalmente à condição física das escolas. Neste sentido, a maior preocupação demonstrada foi relativa à situação dos banheiros e dos filtros de água ou bebedouros, seguido da demanda por armários, na seguinte ordem:

- 16 escolas solicitaram intervenção nos bebedouros ou instalação ou conserto de filtros.
- 11 escolas solicitaram intervenção nos banheiros com reformas, construção ou pequenos reparos.
- 10 solicitaram colocação de armários ou consertos
- 06 solicitaram material permanente
- 06 consertos de calhas ou canaletas
- 03 solicitaram mais salas de aula para ampliar atendimento à demanda
- 03 solicitaram construção, reforma ou manutenção do tanque de areia dos parques

Outras solicitações, indicadas por apenas uma ou duas escolas, como serviços de carpintaria, aquisição de carrinhos para bebês, canalização de córrego, construção da cozinha para funcionários, cascolac no assoalho, etc..

## II - Prioridade para alcançar melhor patamar de qualidade

Desta diretriz constou a maior parte das prioridades das escolas. Dentre os itens, dois se destacaram como indicadores da quase totalidade das escolas: em primeiro lugar a necessidade de promoção de cursos, palestras, oficinas, eventos, tanto para professores, como para demais profissionais da escola e de preferência em caráter espontâneo, isto é, oferecidos a quem manifestar interesse, através de inscrições etc.

Em segundo lugar, 30 escolas indicaram a necessidade do professor substituto e 18 escolas solicitaram mudança do estatuto, seja para garantir formação permanente, seja para integrar pessoal do EJA e monitores. As propostas relativas ao Estatuto do Magistério acabaram por ser objeto de decisões à parte, porque diziam respeito à carreira do magistério vinculada à melhoria da qualidade. Mas destaca-se que, naquele momento, 09 escolas se pronunciaram visando à incorporação das regras estatutárias para os profissionais do SEJA

Sobre a necessidade de aquisição de livros e material de apoio pedagógico ou didático, 11 escolas se manifestam. O mesmo número de escolas considerou que, para haver uma nova qualidade, seria necessário ou diminuir o número de alunos por classe, ou ampliar a jornada de aulas. 08 escolas indicaram a necessidade de haver mais monitores nas creches ou mais pessoas para cuidar das crianças.

A seguir 07 escolas indicando: a necessidade de intercâmbio com outras escolas, secretarias, instituições, etc. ou integração no interior da escola, entre professores e funcionários e mais 05 incluíram aí os pais. Outras 07 escolas destacaram a necessidade de haver um dia para o planejamento pedagógico. Outras 06 escolas destacaram a necessidade de realização ou planejamento de atividades extraclasse e



04 a necessidade de aquisição de brinquedos e ou brinquedotecas. Outras 05 escolas sugeriram definição de marcos curriculares ou um currículo para consolidar a política. Outras 05 sugerem mais assessoria pedagógica ou sua presença mais constante nas escolas. Ainda sobre esta questão 03 escolas se referiram especificamente ao EJA e à Educação Especial.

É interessante observar que 16 escolas indicaram falta de condições físicas ou alguma necessidade de manutenção ou reforma como preliminares para o desenvolvimento de uma nova qualidade educacional.

Um número considerável de participantes (17 escolas) indicou a necessidade de estarem interferindo na merenda escolar, seja participando da definição do cardápio, seja solicitando sua elaboração na escola em vez de virem prontas, tendo sido indicado também, por 14 escolas, a necessidade de ações junto aos pais, para melhor entrosamento de ações educacionais.

Vários outros itens foram considerados como prioritários, mas apenas por uma ou duas escolas. Neste sentido temos: a desburocratização da rotina do professor, a descentralização do calendário da escola, a desmotivação do professor, que a semana de adaptação fosse diferenciada por faixa etária. À falta de professor substituto, foi sugerido que houvesse rodízio de suspensão de aulas.

Foi solicitada ainda maior autonomia para o professor na definição do calendário escolar, a celebração de convênios para a contratação de estagiários na área de saúde, além da preocupação com o encaminhamento das crianças excepcionais, e atendimento odontológico. Uma escola sugeriu também a mudança constante de diretor como problema e a necessidade de melhor organização do trabalho escolar. Foi sugerido também que houvesse a possibilidade de

se tirar fotos nas escolas, que os muros servissem como out doors, que houvesse esclarecimento sobre o projeto político das escolas, que se acabasse com as classes multisseriadas e fosse incentivado o desenvolvimento de um projeto de educação ambiental.

Todas essas propostas, consolidadas por prioridade tendo como parâmetro a educação, fazendo com que as discussões entre os profissionais da educação adquirissem outra dimensão para a tomada de decisões, que não a de sua única unidade escolar. A solidariedade substituiu a concorrência pelas verbas para os investimentos, ante a consciência da posição relativa de cada unidade no conjunto das escolas do município.

Tal estratégia de tomada de decisões sobre a coisa pública, resultou em uma crescente ampliação do exercício da cidadania, com o desenvolvimento de mecanismos e iniciativas que viabilizam ações e interferências da população na formulação e implementação de políticas públicas. Resultou também na tomada de consciência do poder central, da necessidade de levantar, organizar e divulgar informações que subsidiassem as decisões das bases.

Como destaque, se em um primeiro momento, conforme se observa acima, o universo das discussões dessa comunidade educacional ficou restrito ao mundo dos já atendidos, não demorou para que viesse à tona o tema do não atendimento, ou seja, da falta de vagas para a real universalização do acesso à educação. Um fator que influenciou muito para que isso ocorresse foi o fato de que o governo estadual tomou, à época, uma série de medidas que impactaram na absorção de crianças e jovens na faixa etária que se encontravam fora da escola. Essa repressão ao acesso pelos governos capitaneados pelo PMDB, impactaram a procura por vagas na rede municipal, além do

interesse dos pais em tentar matricular seus filhos em escolas públicas com melhor qualidade de ensino e atendimento.

Assim, foi necessário incorporar ao planejamento dados relativos a população não atendida e suas características socioeconômicas e demográficas; visando à adequação e melhoria deste serviço.

A peça final que se denominava Plano de Educação para o ano em questão traduzia assim um movimento engendrado por uma administração que primava por garantir à sociedade civil o exercício de seu direito de tomar decisões conjuntas sobre os investimentos públicos.

Por incrível que pareça, naquele momento de esperanças e perspectivas, atestado pela presença de Paulo Freire a garantir que tais diretrizes da participação coletiva fossem praticadas, o mais difícil foi vencer a barreira no plano orçamentário. A central de decisões sobre a distribuição dos recursos seguia outra lógica, uma catedral em que se assentavam os que entendiam da complexa equação das regras orçamentárias. Tinha calendário próprio e os recursos distribuídos em alíquotas orçamentárias que pareciam ter vida própria, prioridades pré-definidas, advindas de exercícios anteriores, imutáveis.

Em momento algum o distanciamento entre a sociedade civil organizada em prol da educação e a torre de marfim dos tomadores de decisão sobre as prioridades de investimentos públicos ficou tão evidente. Foram muitas reuniões, muitas brigas, mas muitos acordos também. Pois é tal práxis que constitui a dinâmica da história.



Material produzido, em agosto de 1992, na gestão Luiza Erundina/Paulo Freire.





# Presença de Paulo Freire

**Aparecida Barco Soler Huet**

Paulo Freire foi uma presença que me marcou (e a muitos de minha geração e de gerações posteriores) desde os tempos de faculdade. Vivíamos na FFCL de São José do Rio Preto, então Instituto Isolado Estadual, uma experiência pedagógica revolucionária.

Um grupo de professores, saídos da USP, reúne-se em uma faculdade do interior, com a intenção de dar a mesma qualidade daquela universidade, mas superando o que consideravam um entrave à melhor relação universidade – sociedade: a cátedra vitalícia. Em seu lugar, propunham a organização departamental com a participação dos alunos. No Departamento de Pedagogia era paritária – mesmo número de alunos que de professores.

Fui representante de classe no ano de 1963, estando no 2º ano de pedagogia. Articuladamente aos cursos, havia grupos, atividades artísticas, culturais, de pesquisa, completando a formação e a ação local.

Uma das mais significativas foi o CPC – Centro Popular de Cultura, coordenado por Lourdinha Heimer, esposa do professor de alemão, Franz Heimer. Ambos haviam sido da JEC Internacional (Juventude Estudantil Católica) e participavam da AP (Ação Popular). O CPC foi criado para desenvolver a alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire.

Em 1963 estava programada a criação de 20 mil núcleos de alfabetização em todo o país, tendo como coordenador, Lauro de Oliveira Lima, direto do MEC (este teria sido um dos gatilhos para o golpe de 1964, pois, como só alfabetizados votavam, a rápida

incorporação de um grande contingente de novos eleitores poderia ter influência decisiva nas eleições).

Alguns colegas e professores haviam participado do treinamento para monitores em São Paulo, com o próprio Paulo Freire e voltaram encantados, deslumbrados. Já atuavam como monitores, eu, ainda nas pesquisas de campo.

Um dos formuladores da Reforma Universitária era o professor Wilson Cantoni, que nos explicava o sentido da participação dos alunos na gestão escolar: facilitar a adequação das estruturas educacionais às mudanças em curso na sociedade, tendo nos alunos uma amostra daquela sociedade. Conduzia uma pesquisa sobre as opções políticas na própria classe, com a fundamentação em Mannheim, Octávio Ianni (o jovem radical) e outros.

O ambiente era de tamanha liberdade (e talvez ingenuidade também) que as filiações eram declaradas publicamente; eu, de JUC (Juventude Universitária Católica), outros, da AP (Ação Popular, grupo político que surgira dos quadros de estudantes cristãos, não só católicos, para uma atuação política mais livre em relação à hierarquia das Igrejas. Inspirava-se no pensamento de Padre Henrique de Lima Vaz); outros, do PC – Partido Comunista. Havia ainda os do PAI – Partido Acadêmico Independente, para os que não queriam ser daquelas esquerdas...

Finalmente, havia na classe uma senhora, membro da elite local, cujo caderno de anotações foi entregue ao Delegado de Polícia como prova de nosso envolvimento. Fomos presos, eu e mais 4 colegas, e a última a ser liberada, pois, segundo essa senhora, sendo de JUC, eu deveria ter uma atuação disfarçada. Completei meus 20 anos na cadeia! Foi o nosso batismo de fogo.

Mas o que teria essa experiência vivida na faculdade com as concepções de Paulo Freire?

O que havia em comum entre a experiência de Angicos (Paulo Freire) e a de Rio Preto? Ou ainda, com os colégios vocacionais (Maria Nilde Mascelani), com o Colégio de Aplicação da USP (Maria José Werebe), com o Experimental da Lapa (Joel Martins/Therezinha Fram), com a reforma de ensino em São Paulo (Ulhoa Cintra/ José Maria Pires Azanha), com a Universidade Federal da Bahia para onde foi Lina Bo Bardi juntar-se a tantos criadores geniais como Pierre Verger, Smetak, Maestro Koellreutter?

Havia a efervescência político-cultural, a luta pela superação do subdesenvolvimento, das desigualdades, aos quais a Guerra Fria e seu fruto, o golpe de 1964 buscou dar fim. Se em alguns casos conseguiu de forma imediata, em outros a resistência permaneceu e se reinventou de diferentes formas.

E qual foi a contribuição de Paulo Freire a essa resistência/resiliência?

Ele foi realmente genial, ao criar um método e uma concepção de educação, de homem, de cultura: o círculo de cultura, o universo vocabular, o diálogo, a horizontalidade das relações pedagógicas, a passagem da consciência ingênua à consciência crítica, o processo de conscientização. E, acima de tudo, o sentido de urgência, que fez buscar soluções práticas para integrar aqueles grandes contingentes humanos marginalizados.

Nas mais diferentes experiências profissionais de que participamos, tínhamos uma ferramenta, o seu método e um norte, dado por suas concepções. Fui aluna dele no mestrado e no doutorado, sempre com a Ana Maria Saul.

Lembro-me da última conversa com ele no corredor, ao final da aula; preocupava-me com as viagens que fazia ao exterior. Pedia a ele que considerasse a diferença de clima no hemisfério norte, para onde ia repetidas vezes. Também comentei o último livro de Albert Camus, autobiografia na qual fazia reflexões, entre outras, sobre a realidade de uma casa de família pobre. Pretendia dar um volume a ele, mas não consegui.

Podemos dizer que, em educação, Paulo Freire nos reafirmou a máxima cristã: sem caridade, não há amor; sem ações concretas, não há caridade.





# Em uma cena, uma aprendizagem para a vida

Vera Maria Nigro de Souza Placco

Minha admiração e carinho pelo Professor Paulo Freire é antiga, e minha mais recorrente lembrança dele está associada a uma cena, na qual a reflexão sobre um dos seus conceitos que me é mais caro – a **coerência** a valores associados à vida e à Educação –, me sustenta até hoje, em meu agir como professora e formadora.

Eis a cena. Quando de seu retorno à PUC-SP, em 1979, de volta do exílio a que fora constrangido, Paulo Freire estava em uma reunião da Faculdade de Educação, a qual estava vinculado, com muitos de seus professores e gestores, dentre os quais eu me incluía.

Eu era professora do curso de Pedagogia, na chamada Habilitação em Orientação Educacional, e tinha acabado de defender meu mestrado em Educação: Psicologia da Educação, na mesma Universidade, com o tema “Um Estudo Teórico do Conceito de Congruência em Carl R. Rogers”. Assim, o conceito de congruência ou autenticidade tinha para mim um significado muito forte e uma aproximação teórica e vivencial à minha busca pessoal de professora iniciante no Ensino Superior. Eu via esse conceito muito próximo ao conceito de **coerência**, presente nos escritos e, principalmente, na vida e ação de Paulo Freire.

Nessa reunião, nós nos agrupávamos ao redor do mestre e nos alimentávamos de sua clareza, de seu carisma e, principalmente, de sua sabedoria.

Na conversa amigável e informal, lhe foi perguntado sobre a coerência – como ele a tinha e mantinha, em sua vida, assim como em



seus escritos? Como a conservava tão presente e tão espontânea (a nosso ver), em seu cotidiano? Sua resposta, com humildade e simplicidade, foi sobre sua luta diária e constante em buscar e sustentar sua coerência, não sendo esta, portanto, um atributo pessoal, mas uma conquista, uma construção.

E essa fala repercutiu intensamente, em mim, me ensinando que, em sua humanidade e em sua grandeza, como pessoa, Paulo Freire depositava em si e em cada um de nós a sua confiança na potência de sermos, cada ser humano, construtores de nós mesmos e uns dos outros. A mim, particularmente, impactou a responsabilidade dessa autoconstrução de minha profissionalidade e de meu compromisso com a formação de meus alunos, compromisso sempre presente em minha vida pessoal e profissional, numa luta contínua pela coerência com os valores que defendo quanto à educação brasileira.

Em uma fala do grande mestre, uma grande aprendizagem para a vida!

Obrigada, Paulo Freire!





# O que perguntaria ao Professor Paulo Freire?

Eugenio Maria de França Ramos

Se tivesse a liberdade e a oportunidade de escrever ou falar a Paulo Freire, o que, afinal, viria primeiro?

Poderia ser: o que sentiu quando estava em mãos com aquele salvo-conduto para sair da Embaixada da Bolívia e partir do Brasil?

Ou então: como era a comida nas viagens?

Ou ainda: como mantinha suas esperanças trabalhando com alfabetização no mundo, longe do Brasil?

Acho que poderia fazer um livro apenas com minhas perguntas, que não são nem ingênuas e nem epistemológicas ... talvez criando uma categoria adicional às suas para curiosidades: as curiosidades mal resolvidas.

Enfim, seriam pequenas curiosidades ou grandes pedidos de orientação?

Hoje em dia “converso” com Paulo Freire visitando seus livros, aliás atendendo ao oportuno ensinamento e título de um de seus livros, “A importância do ato de ler”, livro em que se encontra a desafiadora afirmação de que palavras são grávidas de significado.

Atuando como professor na disciplina Prática de Ensino, na Licenciatura de Física, visito a obra de Paulo Freire com meus estudantes-professores, em geral elegendo três de suas obras:

- Pedagogia da Autonomia;
- Professora, sim! Tia, não! ;
- Paulo Freire – Uma Biobibliografia.

Sempre me surpreendo com facetas, curiosidades, dúvidas, ideias e ideais que revisito, mas há sempre novos aprendizados à minha frente, que passaram despercebidos em outras oportunidades.

Me divirto com alguns acontecimentos, como quando sem nenhuma cerimônia tratam o Professor Paulo Freire apenas como Paulo (quanta intimidade!) ou quando tropeçam nos parágrafos em que palavras como ensinar viram numa mesma frase verbo, substantivo, adjetivo, advérbio ... Sem contar os trava-línguas proporcionados pelos neologismos, como esperarçar, ensinante.

Mas há situações mais instigantes.

Certa feita, uma estudante (que agora já é professora universitária) chorou de emoção ao iniciar sua apresentação, logo no início, ao tratar do subtítulo do “Professora, sim! Tia, não!”, que é “cartas a quem ousa ensinar”. Ela falou e chorou, com uma alegria sensível àquela ideia, de que ensinar é ousar.

Aquela reação comovida foi como um carinhoso e pedagógico tapa na cara.

Até aquele momento nunca havia dado semelhante importância àquele subtítulo, que com letras menores desapareciam de minha leitura em vista da força do título principal – Professora, sim! Tia, não! - diferenciando e qualificando professora de tia, “título” que muitas vezes se induzem às crianças, para amaciar a figura “estrangeira” da professora.

Pois bem, desde então a palavra ousadia passou a ser palavra a iluminar e a instigar minhas reflexões sobre o trabalho docente.

Trata-se no caso não da petulância, mas da autêntica coragem em que docentes abraçam a tarefa da Educação.

Ao olhar a Educação dessa forma – pela ousadia como ato de coragem educacional - também é possível perceber como foi ousada e

corajosa a gestão Paulo Freire & Luiza Erundina, de 1989 a 1992, na Prefeitura do Município de São Paulo.

Naquela época, quando trabalhava na Rede Municipal e envolvido nos quefazeres das rotinas, estava perto demais para notar.

Como foi ousado o projeto de computação educacional Gênese, inspirado na nascente oportunidade de, em 1990, levar microcomputadores para educadores conduzirem ações educacionais! Como em outros projetos, esse também adotou uma estratégia de escolas-piloto e incluía assessores das Universidades, como a Profa. Sulamita Ponzo de Menezes, mas também foram considerados docentes da rede municipal que outrora estiveram em um projeto profissionalizante, oriundos de gestão anterior à de Erundina, como a Profa. Lilia Maria Faccio Huezo e outros colegas.

Mas houve outras ousadias. Algumas delas pude ver nascer no Centro de Múltiplos Meios da Diretoria de Orientação Técnica (DOT) da Coordenadoria dos Núcleos de Ação Educativa (CONAE), como:

Uma itinerante oficina de grafite (organizadas pelo artista gráfico Celso e pelo Prof. Ernani Fagundes), em que a arte de rua passava a ser tratada como objeto de ensino

Os encontros de cinema (organizados pela Cristina Padovan), em que salas escolares munidas de TV e videocassete acolhiam debates com a projeção de filmes como “Ilha das Flores” ou “O dia em que Dorival encarou a guarda”, providencialmente reproduzidos pelo Serginho e pelo Wagner no Centro de Múltiplos Meios.

Ou ainda um projeto em que estive diretamente envolvido, uma rede de oficinas pedagógicas mas com um viés muito peculiar, com a ideia de criar oficinas de produção de materiais didáticos de baixo custo em cada Núcleo de Ação Educativa, inspirados nos trabalhos do

Prof. Norberto Cardoso Ferreira com materiais experimentais para o Ensino de Física.

Nada era fácil ou simples. Mas havia uma particularidade em tais projetos, todos ocorriam por adesão e não por imposição ... isso diz muito (muito mesmo!) de uma administração democrática!

E tudo envolvia muito trabalho, muitas distâncias cobertas com apoio das kombis da CONAE, muitas caixas a serem carregadas, muitas reuniões, muitos lugares paulistanos a descobrir.

Mas, afinal, olhando agora é possível ver que nossas ousadias eram ouvidas, instigadas, questionadas nas conversas com Édson Gabriel, Kleber, Itamar, e depois disso (imagino) repassadas às diretoras de DOT - Ana Maria Saul, Meyri Venci Chieffi, Regina Inês Estima - e a uma multiplicidade de colegas.

Projetos tensionados (e exaustivamente debatidos, cobrados) mas, vendo agora com esse texto, sutilmente apoiados em suas ousadias.

Isso que estou contando é pouco, uma vez que na gestão Erundina-Freire havia muitas mais ousadias educacionais de outros setores de DOT, CONAE, NAEs, Escolas e até no próprio Gabinete do Secretário.

Um período intenso e desafiador de ousadias educacionais.

Essas são apenas pequenas lembranças, que talvez não tenham se sobressaído tanto quanto outros projetos como o Movimento de Reorientação Curricular via Interdisciplinaridade e suas escolas-piloto.

Estavam lá as ousadias de uma administração freireana, democrática, inovadora, desafiadora e comprometida com a Educação de uma cidade complexa como São Paulo.

É bem provável que Paulo Freire e Luiza Erundina, atribulados com tantos afazeres da administração pública, pouco soubessem de nós. Mas em suas Esperanças de uma Educação mais inovadora, comprometida, efetiva, feliz e democrática, nos acolhiam, nos engajavam e nos desafiavam.

Que coisa! Só consegui vê-las como tal, muito tempo depois, pelos olhos da emoção, aprendendo a olhar a Educação com minha aluna-professora, lendo Paulo Freire.

Neste ano do centenário, há grande democratização do acesso às obras de Paulo Freire – graças aos arquivos em pdf, às digitalizações e à Internet! – que me permitiram oferecer aos atuais professores-estudantes oportunidades de terem contato com todas suas obras e mais, um oportuno dicionário Paulo Freire.

Cada um pegou uma das obras para estudar e relatar aos colegas, revelando uma obra viva, presente ainda em nossos melhores sonhos educacionais e lá reencontrei a emoção em outro parágrafo que reproduzo

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. Na verdade, meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo *a* ou *b*, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descobrir a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência.

Isso diz muito do Professor que está em Paulo Freire.

Voltando ao início ... é bem possível que não conseguisse perguntar nada (ou até mesmo dizer um “a” sequer) diante de Paulo

Freire, mas se pudesse, iria agradecer a oportunidade e os desafios, com os quais convivo com meus quefazeres docentes.

Salve, Professor Paulo Freire! Obrigado pelas ousadias!





*alegria e esperança*

**ÁLBUM DE  
RETRATOS:  
DELICADEZAS  
AOS OLHOS**



# Álbum de retratos: delicadeza aos olhos

**1. Entre pessoas queridas...**

*Muna Zein*

*Lilian Contreira*

*Anna Maria Bozzo*

**2. Na luta pelos ideais da educação emancipadora**

*Douglas Mansur*

*Sergio Haddad*

**3. Na vida, nos muitos encontros de sonhos, conversas e práticas...**

*Douglas Mansur*

*Elizabeth Castellão Martins.*

*Valdeck de Garanhuns*

*Olga Kalil Figueiredo*

**4. 30 anos depois, lembranças de uma história bonita...**

*Olga Kalil Figueiredo*

*Ana Luiza Chieffi*

*Luzia Suely Bernardi*

# ENTRE PESSOAS QUERIDAS...



Nita Freire, Paulo Freire, Muna Zeyn, Iracy Ornelas, Mário Sérgio Cortella, Ferminio Fecchio, na sala da prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, 1990. Acervo de Muna Zeyn.





Paulo Freire, Lilian Contreira e Nita Freire na casa de Paulo e Nita, em São Paulo, em 1995, quando foi feita a capa do livro "Bibliografia de Paulo Freire". Acervo de Lilian Contreira.





Encontro de Paulo Freire com educadores de EJA (Educação de Jovens e Adultos), comemorando o 70º aniversário do mestre. Ana Maria Freire (esposa), Marlene Car (pedagoga do NAE 6), Professor Paulo Freire, Anna Maria Bozzo (coordenadora do NAE 5), Cecília Ayres Moreira (pedagoga da Educação de Adultos), Maria Nilda Teixeira Leite (coordenadora do NAE 6), Regina Inês Villas Boas Estima (diretora da DOT 1). São Paulo, 1991. Acervo de Anna Maria Bozzo.





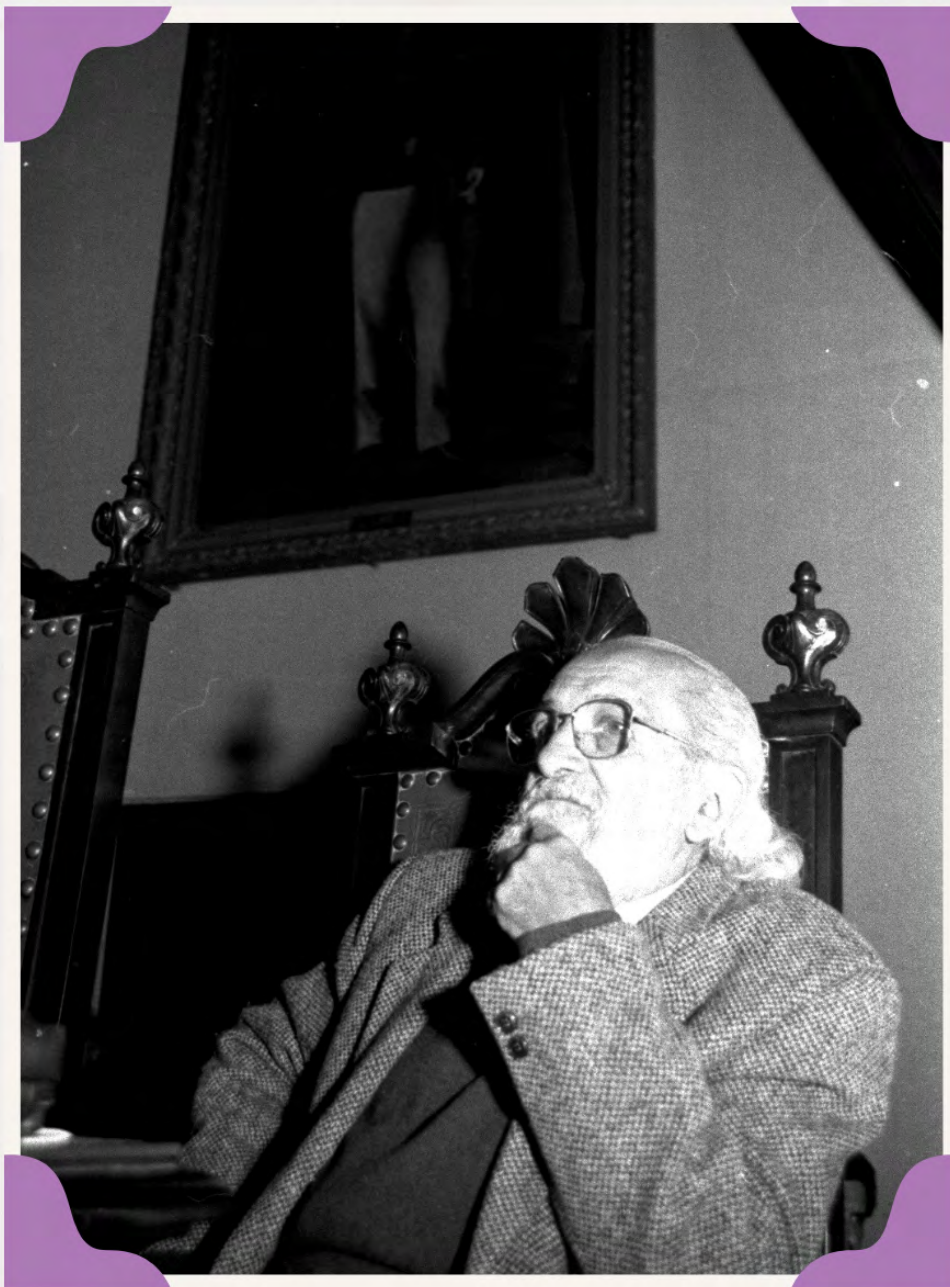
O bebê à esquerda é Gabriel, filho de Lilian Contreira e o que está à direita é Ana, a filha do caseiro do Prof. Paulo Freire. "O prof. me pedia para levar meu filho a sua casa aos sábados. E esta foi uma manhã muito agradável. Meu filho ainda não andava. E hoje é um arquiteto, de mais de 25 anos. E que tem muito carinho pelo vovô Paulo. Esta foto é do final de 1996". Acervo Lilian Contreira.



# NA LUTA PELOS IDEAIS DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA



Paulo Freire em evento na Faculdade de Direito da USP, com Marco Antonio Rodrigues Barbosa e Margarida Genevois (da Comissão Justiça e Paz de São Paulo) (1988). Acervo Douglas Mansur.

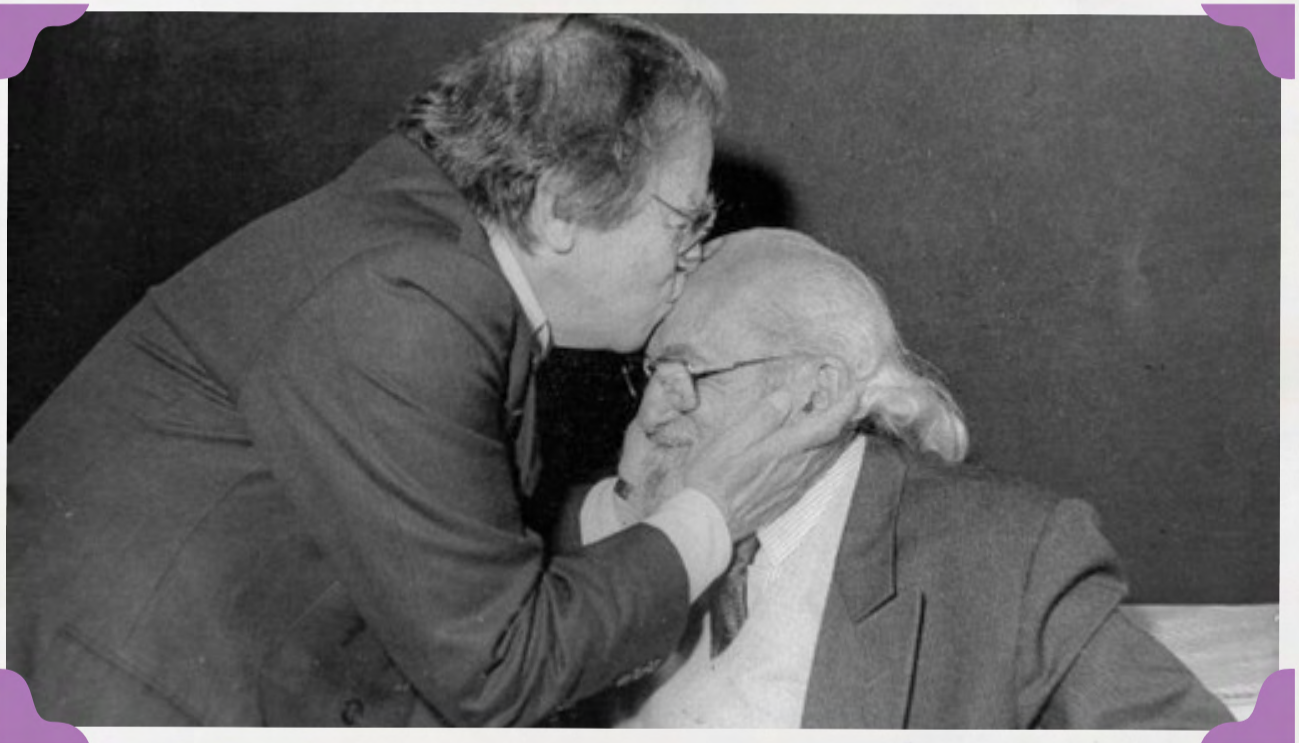


Paulo Freire em evento na Faculdade de Direito da USP, São Paulo em 1988. Acervo Douglas Mansur.

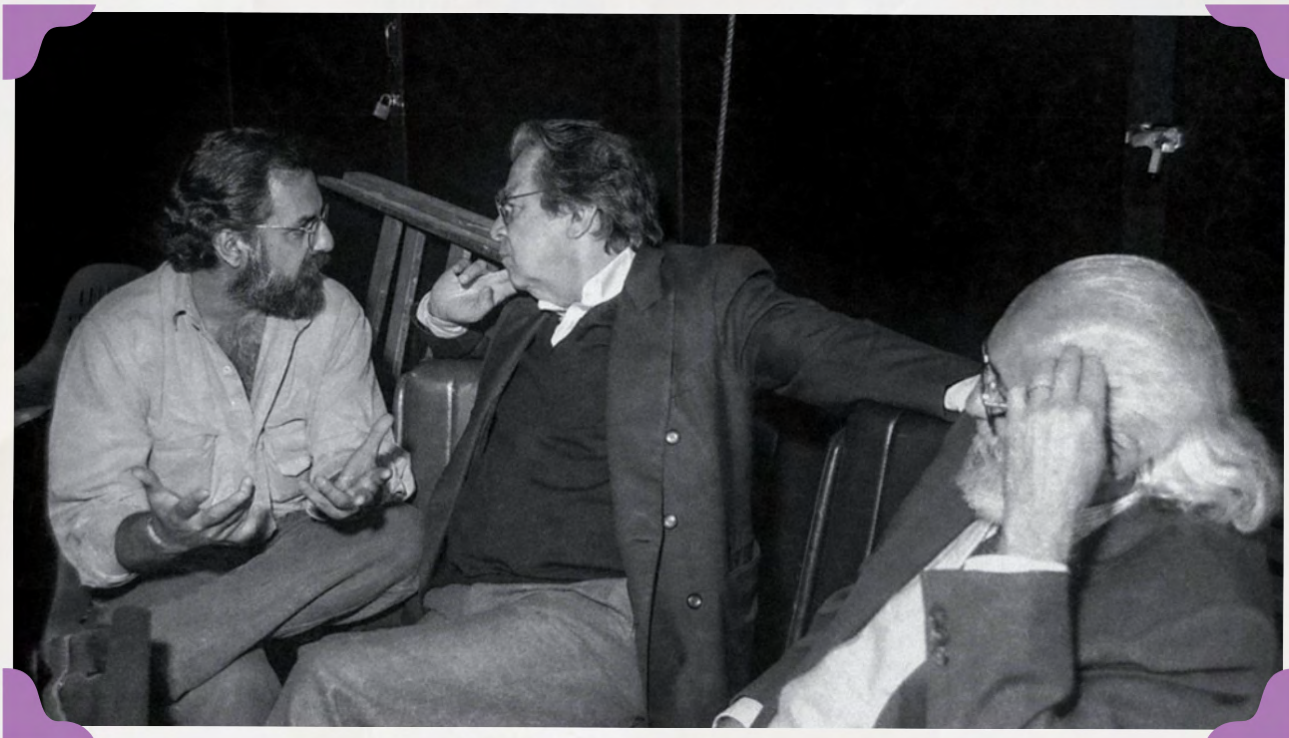


Encontro de Paulo Freire com Dom Helder Câmara, arcebispo emérito de Olinda e Recife (sem data). Acervo Douglas Mansur.





Paulo Freire com Darcy Ribeiro, durante o Congresso Brasileiro de Alfabetização (1990). Acervo Douglas Mansur.



Nos conhecemos no retorno de Paulo Freire ao país em 1980, quando pudemos conversar sobre educação de adultos e educação popular, interessado que ele estava em conhecer experiências no Brasil. Trabalhamos juntos na PUC. Depois, quando assumiu a gestão de Secretário, me convidou para assumir a responsabilidade pela EJA, não pude aceitar, mas continuei colaborando, como ocorreu na referida foto.

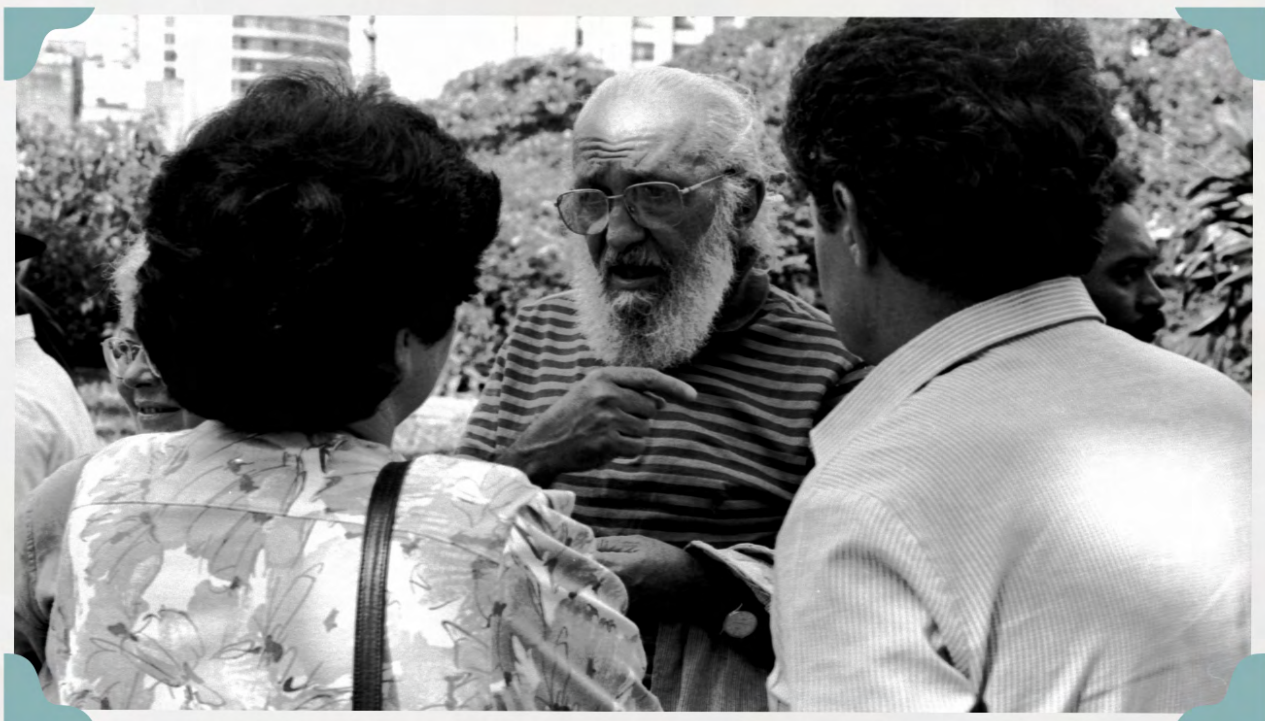
Paulo Freire com Sérgio Haddad e Darcy Ribeiro, durante o Congresso Brasileiro de Alfabetização (1990). Acervo Sérgio Haddad.





Paulo Freire com Darcy Ribeiro, durante o Congresso Brasileiro de Alfabetização (1990). Acervo Douglas Mansur.

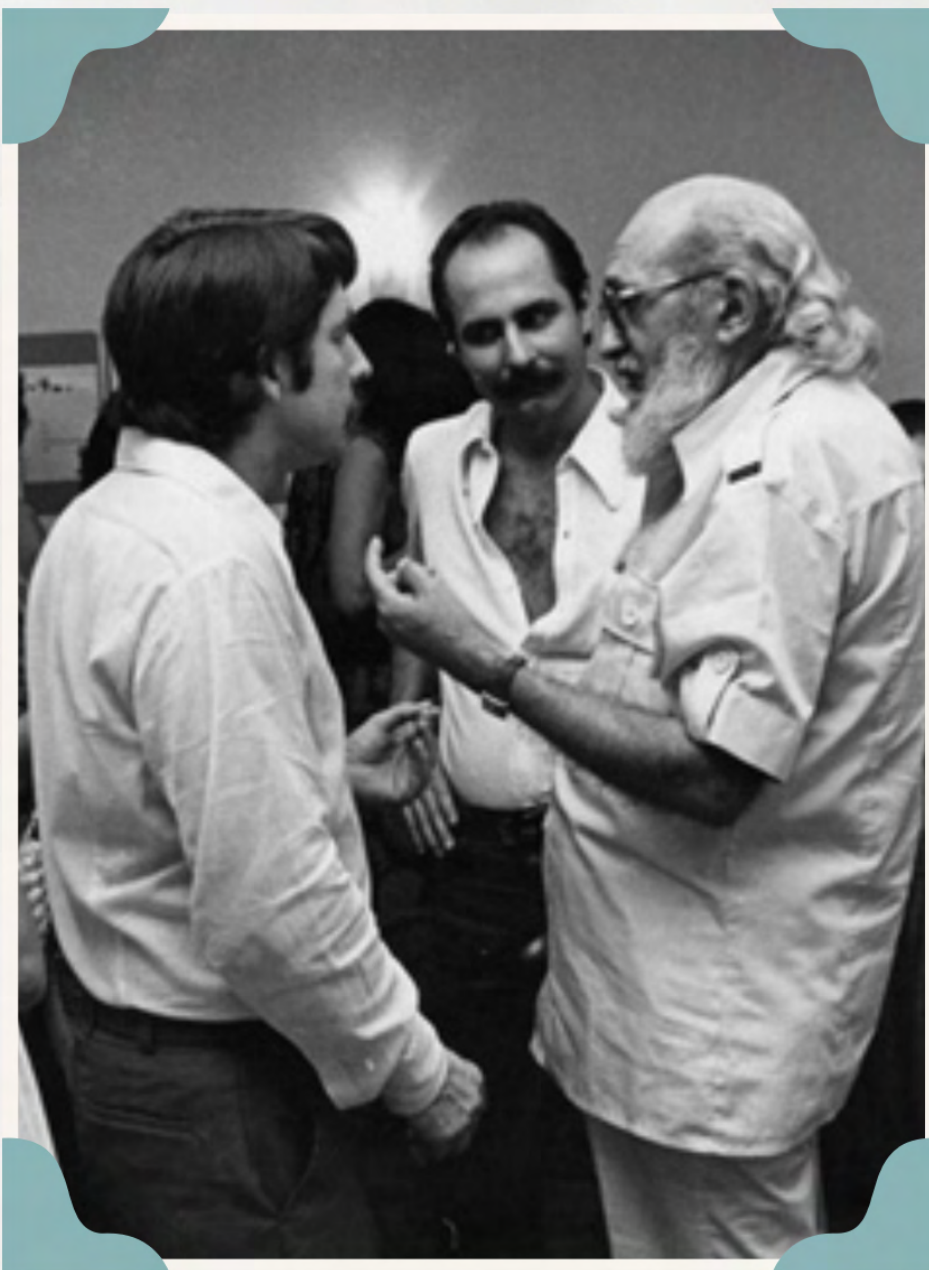
# NA VIDA, NOS MUITOS ENCONTROS DE SONHOS, CONVERSAS E PRÁTICAS...



Paulo Freire com Ana Maria Saul em manifestação de rua, São Paulo (sem data). Acervo Douglas Mansur.



Paulo Freire e Nita Freire, em manifestação na Praça da Sé, em São Paulo (sem data). Acervo Douglas Mansur.



Paulo Freire e Edson Vilela Martins (à esquerda) e pai de aluno na inauguração do “Centro de Estudos da Escola da Vila”, na Vila Madalena, São Paulo, em 1982. Acervo de Elizabeth Castellão Martins.



Paulo Freire, Valdeck de Garanhuns e Patativa do Assaré. Acervo de Valdeck de Garanhuns.



Valdeck de Garanhuns, Patativa do Assaré, Márcio D'Olne Campos e Paulo Freire. Fórum do Parlamento da Terra - ECO - 92. Acervo de Valdeck de Garanhuns.





Obrigada, por dar a mim e aos outros, meus companheiros, coordenadores de NAES, a oportunidade de conviver com você semanalmente, durante sua permanência à frente da Secretaria Municipal de Educação, para discutirmos os rumos da educação pública da Cidade de São Paulo.

Essa experiência e o carinho que você nos dispensava ficaram marcados para sempre na minha existência e na de milhões de paulistanos.

**Viva Paulo Freire!!!!!!** Meu abraço fraterno. Olga  
NAE-4



# 30 ANOS DEPOIS, LEMBRANÇAS DE UMA HISTÓRIA BONITA...

Evento realizado em 26 de outubro de 2019, no auditório da Uninove: 30 ANOS DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A EDUCAÇÃO PÚBLICA POPULAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO (1989-1992). Realização dos educadores com a Rádio Madalena.



Daniel Cara, Selma Rocha, Marilena Chauí, Luiza Erundina, Mário Sérgio Cortella, Sônia Kruppa, Nathália Villas Boas Estima e Meyri Venci Chieffi. Acervo de Olga Figueiredo Kalil.





Ivone Camilo, José Eustáquio Romão, Donizete Machado, Luiza Erundina, Mário Sérgio Cortella, Olga Figueiredo Kalil. Acervo de Ana Luiza Chieffi.



Imagem do Auditório durante o evento. Acervo Luzia Suely Bernardi.



Muna Zeyn, Meyri Venci Chieffi, Luiza Erundina, Ana Luiza Chieffi. Em segundo plano, Antonio Carlos Fester, e mais ao fundo, Eugênio Maria de França Ramos e Bernadete Benetti. Acervo Ana Luiza Chieffi.

**ESCRITAS  
DIVERSAS  
ILUMINADAS  
PELA  
AFETUOSIDADE**



# Escritas diversas iluminadas pela afetuosidade

- 1. As origens sociais e políticas do método Paulo Freire**  
*Cristina Freire*
- 2. Depoimento**  
*Terezinha A. Sebestyan*
- 3. Foi sorte...**  
*Marcelo Lellis*
- 4. Ação**  
*Roseli Franciulli*
- 5. O tempo para educar**  
*Antonio Batista*
- 6. No centenário de Paulo Freire, ocupar a cidade com educação e cultura**  
*Movimento Ocupa a Cidade*
- 7. Prefiro a cuíca**  
*Eliana Regina Salgueiro*
- 8. Paulo Freire**  
*Margarida Genevois*
- 9. As vozes dos (as) avós de bebês e crianças indígenas guarani Mbya: um diálogo amoroso com Paulo Freire**  
*Luci Guidio*
- 10. Se eu pudesse...**  
*Rosa Olívia*
- 11. Paulo Freire e o despertar de uma nova educação**  
*Maria Rosa Cavalheiro Marafon*
- 12. Homenagem a Paulo Freire**  
*Ruth Ribas Itacarambi*
- 13. Ao admirável Paulo Freire**  
*José Xavier Cortez*
- 14. Cartografia**  
*Mirian Celeste Martins*
- 15. Um gigante na educação**  
*Maria Aparecida de Aquino*
- 16. Uma luz para um mundo sombrio**  
*Marcos Paulo da Silva Conceição Bergonci*



# As origens sociais e políticas do método Paulo Freire

**Cristina Freire**

Como tudo na vida, os acontecimentos não estão isolados nem representam um só aspecto. O mesmo aconteceu com o Método de Alfabetização criado pelo meu pai. Suas origens são produtos de suas experiências anteriores à criação do método.

Meu pai já vinha desde os anos 1950, preocupado com o problema de alfabetização no Brasil, em geral e no Recife, em particular, cidade onde nasceu e trabalhou no SESI, Serviço Social da Indústria, onde foi diretor durante 10 anos, no set or da Divisão de Educação e Cultura.

Foi no SESI onde Paulo Freire teve ocasião de viver e sentir em concreto, as necessidades dos trabalhadores dessa instituição criada, na sua origem, para desempenhar uma função assistencialista e paternalista. Seu objetivo principal era justamente o contrário do que o SESI propunha. Como agir em termos práticos com os operários? Juntamente com sua equipe de trabalho, começou fazendo reuniões com os trabalhadores, nas quais discutiam e dialogavam não só sobre os seus problemas profissionais, mas também, sobre suas vidas: família, filhos, escola, salário etc. Outras instituições como o ISEBE, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, em 1955, influenciaram o pensamento político brasileiro, notadamente o da esquerda.

Surgiram muitos movimentos que valorizaram o social e o político nesse período de 50 a 64. Um dos mais representativos foi a JUC – Juventude Universitária Católica. Os relacionados à Educação Popular eram: o MCP – Movimento de Cultura Popular (democratização da educação e cultura) o MEB – Movimento de Educação de Base (criado pela CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), o CPC – Centro Popular de Cultura (difundido pela UNE- União Nacional dos Estudantes).



Como podemos constatar, havia todo um ambiente social e político que incitava a mudanças sociais. Pensadores e políticos da época viram uma oportunidade real de melhorar a vida do povo brasileiro. A sabedoria dos meus pais foi a de, através do Método Paulo Freire, fazê-lo unindo educação e política, educação e conscientização, educação e mudança social. De maneira sintética são essas as raízes do Método Paulo Freire.

### **Aplicação do Método**

Em Recife, no bairro Poço da Panela, ele foi aplicado pela equipe de trabalho do meu pai, pela minha mãe, minha irmã mais velha, Madalena, e também uma prima, Adozinda, professora primária na época.

Em Angicos, cidade do estado do Rio Grande do Norte, a experiência foi massiva. Foram alfabetizados 300 camponeses em 40 horas. Previa-se a aplicação do método no país todo, num amplo Programa Nacional de Alfabetização a ser desenvolvido pelo MEC, em 1964, mas ele foi cancelado em abril daquele ano, pelos militares que tomaram o poder no Brasil.

Este é um texto apresentado quando inauguramos, em sua homenagem, a Casa da Cultura Paulo Freire em Genebra, em 1999.



# Depoimento

**Terezinha A. Sebestyan**

Sou Terezinha A. Sebestyan, faço parte do coletivo Paulo Freire e quero participar, como mais uma voz, nesta importante e merecida homenagem ao grande educador Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira. Atuei por 33 anos na rede de ensino da prefeitura de São Paulo, como professora, diretora, supervisora e coordenadora pedagógica de educação infantil. Sou pós-graduada em educação e professora de História da Educação no curso de Pedagogia do ensino superior.

É com muita alegria e amorosidade que participo desta homenagem. Minha voz além de ser de educadora, é também, de permanente educanda. Paulo Freire foi meu professor na graduação e meu mestre na vida!

Minha contribuição é através deste depoimento, das lembranças que tenho em diferentes períodos. Fui aluna do Professor Paulo Freire na PUC-São Paulo, no início da década de 80. Não apenas li, “Pedagogia do Oprimido”, como dialogicamente vivenciei uma educação que humaniza, liberta e emancipa.

Na sala de aula nos sentávamos em roda, algo pouco convencional no ensino superior desta época e, às vezes, no chão, pois a sala ficava lotada de alunos de outros cursos para ver, dialogar, refletir com o grande Mestre Paulo Freire. Tínhamos aulas conjuntas do professor Paulo Freire com o professor Moacir Gadotti, e o ato educativo era uma prática da liberdade comprometida, generosa e conscientizadora. Todos podíamos falar, as aulas eram em formato de diálogos e as questões sempre partiam de nós, os educandos.

Imaginem um curso de Pedagogia com mestres tão brilhantes: Paulo Freire, Moacir Gadotti, Ana Maria Saul, Marcos Lorieri, Mário Sérgio Cortella. Todos em sintonia com uma educação humanista, libertadora, popular, de qualidade social e transformadora.

Mas foi em janeiro de 1989 que a utopia se fez presente, se fez concreta. Paulo Freire aceitou ser secretário da educação da cidade de São Paulo, com Luiza Erundina, prefeita.

Uma vez mais pude participar de perto como educanda/educadora. Trabalhei na equipe do Núcleo de Ação Educativa – NAE 4, coordenado por outra mestre brilhante, a professora Olga Kalil. Foi um período inesquecível onde projetos incríveis foram desenvolvidos. Cito dois em que estive diretamente ligada: o da Interdisciplinaridade, via tema gerador e os Grupos de Formação Permanente, com os educadores das escolas da rede municipal. Projetos até hoje aclamados pelos educadores, por sua importância e relevância educacional.

Assim, no ano do centenário de seu nascimento, eu não poderia deixar de agradecer, saudar e manifestar o meu profundo carinho por tudo o que aprendi com este GRANDE MESTRE.

PAULO FREIRE VIVE!  
VIVA PAULO FREIRE!



# Foi sorte...

**Marcelo Lellis**

Contato direto com Paulo Freire, infelizmente não tive. Apenas colaborei com alguns de seus colaboradores. Foi quando Paulo ocupou a Secretaria da Educação da cidade de São Paulo, tornando-se a inspiração do grupo que buscava construir as diretrizes para a escola pública municipal.

As diretrizes incluíam a educação matemática. Paulo poucas vezes se referiu à matemática, mas sua visão de educação se ajusta a todos os que veem no horizonte educandos curiosos, autônomos, livres.

Era assim o pessoal da educação matemática, um pessoal freiriano. Com eles tive a sorte de contribuir um pouco, aprender bastante e me aproximar do pensamento de Paulo Freire.





# Ação

Roseli Franciulli



O trabalho era árduo, mas muito prazeroso. Às vezes, dava uma vontade enorme de ter a varinha mágica da Bruxinha Zuzu (personagem de Eva Furnari), para realizar nossos sonhos de transformação da Escola Pública.

Porém, logo percebemos que uma escola séria e alegre ao mesmo tempo, como sonhávamos Paulo Freire e nós, só seria possível por meio da nossa própria ação. Então, fomos à luta, contínua e cotidianamente.



# O tempo para educar

**Antonio Batista**

Educar é trabalhar as qualidades do ser humano para que se faça no mundo e com o mundo. É um processo que se efetiva pelo fazer junto. Pelo diálogo, uma vez eleito o Norte. É pelo diálogo que descobrimos a importância de tudo e de todos, em nosso viver e conviver. É processo de dar e descobrir valores. Quem não valoriza, não respeita.

O tempo para a educação é todo e sempre. Não se faz em períodos, sem deixar de aceitar que cada período tem suas marcas e seus significados. Com as qualidades de um sábio, o Professor Paulo Freire afirmou: “Nos educamos na convivência”.

A educação é um processo que na sua efetivação requer horizontalidade: Descobrimos juntos! Quando juntos atribuímos significados aos fatos e fenômenos. Quando juntos experimentamos os mesmos sonhos para a realidade que desejamos. Paulo Freire tinha esse entendimento. Vou citar duas situações que presenciei. Sempre prestei muita atenção às suas falas. Poderia citar mais, mas respeitando os demais companheiros e companheiras, limitarei a duas.

Num certo dia, na gestão da Prefeita Luiza Erundina, gestão humana e para os humanos, democrática e centrada no respeito às ideias e iniciativas, sem perder o Norte, mas fortalecendo-o. Nesse dia o Professor Paulo Freire, tendo assumido o compromisso, com um grande jornal, para uma entrevista, telefonou e me solicitou acompanhá-lo, afirmando que a entrevista seria no grande almoxarifado da Secretaria Municipal da Educação que ficava no bairro do Jardim Aeroporto.

No almoxarifado poderia ser apresentado o compromisso da Secretaria em suprir as escolas com diferentes materiais e equipamentos. Preparamos um espaço no centro do almoxarifado - mesa, cadeiras, água e café. A responsável pela entrevista foi uma jornalista/repórter. Foi uma longa entrevista, onde o Professor Paulo Freire, respondendo às perguntas, colocou as diferentes ações e encaminhamentos em operação pela Secretaria. De tudo me chamou atenção a afirmação e a pergunta da repórter: “Professor, o senhor é respeitado em grande parte do mundo, mas aqui, em São Paulo, o senhor não está conseguindo efetivar o seu projeto” “Por quê”?

O Professor Paulo Freire levantou a cabeça, passou a mão na barba, fixou o olhar nos olhos da jornalista e respondeu: “Minha irmã, não vim para efetivar projeto algum. Tenho compromisso com a educação popular e libertadora. A educação que se faz juntos. Estou caminhando com as educadoras e educadores em São Paulo. Falando e ouvindo. Educação não se faz por decreto ou receita. Tudo que se impõe de cima para baixo, não educa. Educação é um processo que se faz através do respeito e do diálogo. Sem o respeito e sem o diálogo não se constrói significados. Esse processo se faz ao longo de todo tempo. De geração para geração. Não se faz em quatro anos. Valorizar os fatos e os fenômenos exige-se reorientar o olhar para assumir o olhar que mira a compreensão para os valores de se viver em sociedade. Compreensão da importância e da grandeza de sermos, cada um, elo na corrente humana que se faz pela libertação da ignorância que cega, quanto aos ditames do opressor”.

Outro acontecimento se deu entre mim e ele, na CONAE (Coordenadoria dos Núcleos para a Ação Educativa). Ocupei o cargo de diretor da Divisão de Prédios, Materiais e Equipamentos que tinha por responsabilidade atender às demandas das atividades pedagógicas e das carências de parte do alunado. A prefeitura de São Paulo, na gestão da prefeita Erundina, pela Secretaria da Educação, abasteceu as Escolas de modo que pudessem oferecer condições adequadas ao trabalho das educadoras e dos educadores e a aprendizagem dos alunos e alunas. Objetivando as condições necessárias a oferta de uma melhor educação, a Prefeitura adquiriu, em volume e qualidade, suficiente e diferentes materiais e equipamentos.

Dado o volume de materiais distribuídos, pensava eu: “É preciso prestar conta, os recursos são públicos”. Com essa compreensão elaborei formulários para que as diretoras das escolas prestassem conta da distribuição. Apresentei esses formulários ao Professor Paulo Freire. Em respeito à minha pessoa, ele olhou um por um. Levantou a cabeça e olhou nos meus olhos, como sempre fazia em suas conversas e disse: “Professor, o senhor está falando sério”? Tremi! Respondi: “Sim, professor, o dinheiro é do povo, devemos prestar conta” Respondeu ele:

“Não, professor, não devemos desconfiar de nossas diretoras. A honestidade nos procedimentos constitui princípio desenvolvido pela educação, não se faz por formulários. Por outro lado, não devemos e não podemos tutelar o povo. Acompanhar a aplicação dos recursos públicos é um direito do povo. Respeitamos esse direito e para facilitar parte do alunado. A prefeitura de São Paulo, na gestão da prefeita Erundina, pela Secretaria da Educação, abasteceu as Escolas de modo que pudessem oferecer condições adequadas ao trabalho das educadoras e dos educadores e a aprendizagem dos alunos e alunas. Objetivando as condições necessárias a oferta de uma melhor educação, a Prefeitura adquiriu, em volume e qualidade, suficiente e diferentes materiais e equipamentos.

Dado o volume de materiais distribuídos, pensava eu: “É preciso prestar conta, os recursos são públicos”. Com essa compreensão elaborei formulários para que as diretoras das escolas prestassem conta da distribuição. Apresentei esses formulários ao Professor Paulo Freire. Em respeito à minha pessoa, ele olhou um por um. Levantou a cabeça e olhou nos meus olhos, como sempre fazia em suas conversas e disse: “Professor, o senhor está falando sério”? Tremi! Respondi: “Sim, professor, o dinheiro é do povo, devemos prestar conta” Respondeu ele:

“Não, professor, não devemos desconfiar de nossas diretoras. A honestidade nos procedimentos constitui princípio desenvolvido pela educação, não se faz por formulários. Por outro lado, não devemos e não podemos tutelar o povo. Acompanhar a aplicação dos recursos públicos é um direito do povo. Respeitamos esse direito e para facilitar o exercício aprovamos e valorizamos os Conselhos deliberativos, nas Escolas. Se recebermos denúncias, tomaremos as providências, sempre com respeito às servidoras e servidores”



Apreendi muito com o Professor Paulo Freire. Um dos ensinamentos que mais me marcou, permitiu a mim, descobrir que inconscientemente somos autoritários, razão pela qual devemos, sempre, nos vigiar. Saudades do enorme educador! Professor Paulo Freire, hoje, se faz presente no caminho, lembrando a necessidade vital de ser com os outros.





# No centenário de Paulo Freire, ocupar a cidade com educação e cultura

## **Movimento Ocupa a Cidade**

Assim como Paulo Freire escreveu à sombra de uma mangueira, o Movimento Ocupa a Cidade foi gestado à sombra de uma árvore, onde um grupo de educadores e educadoras se reuniu no final de 2019 com o objetivo de trocar ideias, fomentar articulação de experiências curriculares exitosas e contribuir com a resistência contra os que atacavam (e ainda atacam) a Escola Pública.

Inspirados e inspiradas em Paulo Freire, sabíamos que uma articulação em defesa da educação pública para ser vitoriosa, precisa promover encontros, celebrar e festejar a vida, realizar estudos, aproximar-se das Universidades, das lutadoras e lutadores do povo, debater e praticar a boa política, denunciar, ouvir, dialogar, formular, propor e principalmente não desistir, pois como diz o poeta Sérgio Vaz “a luta é pra vida toda”.

Conscientes das tarefas acima, educadoras e educadores em estreita aliança com lideranças populares da cidade, não ficamos de braços cruzados diante da timidez das propostas curriculares oficiais da cidade de São Paulo e do autoritarismo iniciado em 2016 e aprofundado a partir de 2019, no governo federal. Também não foram capazes de nos imobilizar os ataques empresariais que visam abocanhar recursos públicos da educação, tão pouco a pandemia do coronavírus, que apesar de causar medo, angústia e muitas perdas mostrou de forma mais explícita a importância e a falta que faz a escola pública.

À conjuntura desfavorável apontada acima, o Ocupa a Cidade respondeu com um grande festival em junho de 2020, que deu nome ao Movimento, e que ao longo de uma semana reuniu virtualmente milhares de pessoas da cidade inteira para refletir e construir educação libertadora. Depois disso,

tivemos ciclos formativos, encontros reflexivos, reuniões, textos coletivos, construção de espaços e materiais virtuais, debates com candidatos ao cargo de Prefeito da cidade, etc.

Em 2021, em conjunto com outros coletivos como as Brigadas pela Vida, coletivo Paulo Freire, Intersetorialidade e outros, em parceria com a Universidade Federal de São Paulo e dialogando com a 6ª Semana Social Brasileira, decidimos comemorar os cem anos do nascimento de Paulo Freire com o que ele mais gostava de fazer: encontro, reflexão e articulação entre educadoras, educadores e aqueles e aquelas que trabalham e lutam fora dos espaços escolares.

Conforme aprendemos com Paulo Freire, esse novo ciclo, inicia a partir da escolha de temas geradores, no nosso caso: TRABALHO e TETO e se concretiza em rodas de conversa, que ao modo dos círculos de diálogos, possibilitam que todas e todos falem, ensinem, aprendam e transformem suas realidades.

Os que insistem em destruir o legado e a obra de Paulo Freire devem se convencer de que não conseguirão lograr êxito, pois as ideias e as práticas freirianas seguem atuais, vivas, sendo praticadas e gerando mobilização, ocupação, transformação e muita aprendizagem de qualidade. Seja à sombra de uma árvore ou à frente da tela de um computador, tablet ou celular “o novo sempre vem” e nos provoca a não sair das ruas, continuar ocupando e mudando o que não é bonito, não é saudável, não é justo e por isso não merece prevalecer.

Viva a Educação Pública!  
Viva Paulo Freire!



Seminário de Organização e planejamento ocorrido presencialmente no início de 2020.



Encontro com Universidades refletindo sobre as infâncias e a pandemia.



Sarau de encerramento e celebração do festival Ocupa a Cidade – junho de 2020



Encontro reflexivo sobre pandemia e retorno às atividades presenciais nas escolas. Fevereiro de 2021



2º Encontro com candidatos a Prefeito da cidade de São Paulo - Outubro de 2020.



Encontro reflexivo sobre as infâncias e a p andemia. Maio de 2021.





# Prefiro a cuíca

**Eliana Regina Salgueiro**

Em 1966, aos sete anos, iniciei minha vida escolar. No segundo ano do primário, hoje, Ciclo I, a alfabetização era através da Cartilha Caminho Suave. Cada palavra era associada ao desenho de um animal ou objeto. A professora evoluía de A a Z conforme o desempenho oral de cada aluno. Todo dia a leitura era tomada, caso o aluno encontrasse dificuldade, ela mandava estudar em casa para retomar a leitura no dia seguinte. Desenvolvi com facilidade do A ao B, mas na leitura do C (cachorro), encontrei dificuldade no texto que dizia: O cachorro bebe água na cuia. Eu lia insistentemente: O cachorro bebe água na cuíca.

Assim, passei por várias tentativas frustrantes. O nervosismo e o medo daquela professora rígida e autoritária induziam-me ainda mais ao “erro” da pronúncia. Tornei-me, aos olhos dela, u ma aluna burra.

No dia em que consegui pronunciar a palavra cuia, graças a uma estratégia da minha mãe, a professora falou em não acreditar que eu era irmã do aluno mais inteligente da escola. A partir dessa crítica, passei para os anos seguintes como uma aluna mediana, encabulada e invisível.

O milagre que despertou-me de minha apatia aconteceu no ginásio(ciclo II), com a presença de uma professora dedicada e amorosa com todos os alunos, independente das suas habilidades. A admiração pela pedagogia amorosa foi tomando meu ser. Terminei o colegial, casei e só fui cursar Pedagogia anos depois.

Na faculdade, ao ler Paulo Freire, encontrei no seu método o entrave que fazia a CUIA do cachorro ser CUÍCA para mim. Paulo Freire usava palavras geradoras, palavras do contexto e da cultura das pessoas para compreensão do alfabeto e silabação. Compreendi que, na minha infância, conforme a metodologia freireana, a leitura do meu mundo precedia a leitura da palavra. Até hoje prefiro a CUÍCA.





# Paulo Freire

**Margarida Genevois**

Paulo Freire nos ensinou tanta coisa!

Somos responsáveis uns pelos outros. Nos educamos uns aos outros.

Essas são ideias básicas dos ensinamentos de Paulo Freire, referências do trabalho da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos.

É respeitando os direitos humanos no dia a dia que vamos ter Paz e Justiça.

Saudades de Paulo Freire.







# As vozes dos (as) avós de bebês e crianças indígenas guarani Mbya: um diálogo amoroso com Paulo Freire

Luci Guidio

Certa vez, ao participar de uma celebração na opy da aldeia Kalypety, onde acontece todos os anos o Nhemogarai, momento divino em que as crianças recebem seus nomes, observei com humildade e olhos curiosos, despidos de preceitos colonizadores, o preparo do cachimbo por uma mãe indígena e seu filho, bebê de menos de dois anos. Depois de preparado com fumo de corda esmagado e com o uso de fogo era pitado por um grupo de mulheres e, em seguida, virava um brinquedo para o pequeno indígena que o manuseava entre os adultos que compartilhavam histórias tradicionais de seus ancestrais. Saberes dos mais velhos eram proclamados enquanto o menino brincava com a quentura do cachimbo. Assim que o fogo enfraquecia, o pequeno devolvia aquele brinquedo à mãe que o preparava novamente. Esse ritual de ensinamentos foi repetido noite afora. Não houve gritos. Nem choro, ninguém se queimou. Todos se aqueceram.

A leitura e análise crítica dessa vivência contribui para a desconstrução do currículo colonizador das infâncias paulistanas? Por quê?

Para esperar politicamente, escolhi trazer as crianças indígenas Guarani M'bya para ocupar as vozes freirianas que nos convocam para a relevância do conceito de amorosidade enquanto elemento fundamental de existência, sobrevivência, luta e resistência.

Embora essas crianças estejam nesse território há mais de mil anos, só foi a partir da construção do projeto CECI - Centros de Educação e Cultura Indígena, no período de 2001-2004, que pudemos reconhecer seus direitos enquanto sujeitos de histórias e lutas.

Com essa partilha , homenageio todos educadores que re-conhecem que o enfrentamento das injustiças é ponto de partida das transformações e devem ser sempre o anúncio freiriano de amorosidade, em especial as educadoras (es) da Capela do Socorro, que outrora chamávamos de Nae -6.





# Se eu pudesse...

Rosa Olívia

Aprendi muito com as leituras dos livros do Professor Paulo Freire e, muito mais, quando o vi e ouvi em reuniões dos NAEs e CONAE (1989-1992). A sua fala sobre crer nas utopias foi a que me fez sentir ser freiriana e isso não tem preço.

Hoje, se eu pudesse conversar com o Professor Paulo Freire, perguntaria como lutar pelo Meio Ambiente e pelo Planeta por meio da educação. Eu pediria orientações para trabalhar esses conteúdos, tão simples e tão complexos, mas que precisam tanto de uma inteligência como a do Professor.





# Paulo Freire e o despertar de uma nova educação

**Maria Rosa Cavalheiro Marafon**

Paulo Freire fez a leitura da educação brasileira e das metodologias de ensino com visão crítica, propôs caminhos para uma educação conscientizadora e de busca da justiça social.

Trabalhei com sua metodologia de alfabetização quando aluna do Curso de Pedagogia na década de 1960. O Centro Acadêmico da Faculdade, “Prof. Roldão Lopes de Barros”, elaborou um projeto de educação para os operários que trabalhavam na construção da cidade universitária da USP e eu assumi uma classe de alfabetização que funcionou no prédio do Centro Regional de Pesquisas Educacionais. Adotamos, após muito estudo, a metodologia inovadora proposta por Paulo Freire. Posso testemunhar efetivos resultados de uma educação humanista. Grande foi a satisfação de toda turma de dezoito alunos, quando, à exceção de um colega, após quatro meses, todos sabiam ler, escrever e compreender as leituras.

Infelizmente o emprego da metodologia freireana por diferentes grupos e com objetivos diversos nem sempre respeitou os princípios e fundamentos propostos por Paulo Freire, o que levou a errôneas interpretações de seu pensamento. Em congressos de educação, presenciei críticas à sua metodologia. Julgo que isto se dê por desconhecimento ou porque ela favorece, no processo educativo, a autonomia e a liberdade individuais, bem como o compromisso na construção de um mundo com justiça social.

Tive oportunidades várias de ouvi-lo e de com ele conversar e tenho a certeza de que nunca apregoou a luta de classes e o ateísmo. Considero que foi um verdadeiro educador que se indignava com a injustiça e tinha na educação a esperança de construir um outro mundo.



Maria Rosa e Paulo Freire.



Carlos Machado, Nita Freire, Paulo Freire e Maria Rosa.



# Homenagem a Paulo Freire

Ruth Ribas Itacarambi

Falar sobre minha vivência com as ideias de Freire é prazeroso e desafiador. Conheci Freire pelo seu método de alfabetização, em meados dos anos 70, quando fui responsabilizada a alfabetizar operários da região de Osasco e recebi um projetor e slides, comecei com a palavra “tijolo”. Com a repressão, tudo é desmontado e depois de alguns anos fui de novo participar do projeto de alfabetização do Mobral, da Secretaria da Promoção Social, agora fazendo uma adaptação para o ensino de Matemática.

Entre vários outros momentos de leituras e estudos da obra de Freire. No governo da Erundina, na prefeitura, com Paulo Freire, na Secretaria da Educação, voltei a participar agora na formação de professores da prefeitura a partir das ideias pedagógicas de Freire.

Nos últimos tempos como colaboradora da revista Comunicação & Educação da ECA ( Escola de Comunicação e Arte da USP) , sempre busco inspiração na filosofia pedagógica de Freire, uma ideia que sempre me persegue é a do diálogo:

“E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé, um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação” Freire ( 1997, p.107).

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Editora Paz e Terra, 1997 p.107





# Ao admirável Paulo Freire

**José Xavier Cortez**

Posso afirmar, com imenso orgulho, que Paulo Freire faz parte de minha biografia e da história da Cortez Editora e da Livraria Cortez.

Fui seu Editor e sou ainda, pois seus livros ainda se destacam em nosso catálogo e é com grande alegria que eu e minha família percebemos que nossa Editora é frequentemente associada à trajetória desse intelectual que marcou não somente a educação brasileira, mas a humanidade.

Pessoalmente eu o conheci assim que chegou do exílio e os projetos que deram vida às publicações de Educação e Sociedade e ao próprio Instituto Paulo Freire intensificaram no fraterno convívio.

Era frequentador contumaz da Livraria Cortez e tínhamos e temos amigos/as em comum. Por isso, posso afirmar que o amplo círculo Paulo Freire, que tem extensão acadêmica e política, é também um território de emancipação que sempre fiz questão de trilhar com ele, por ele e com a inspiração dele.

Saúdo seu centenário com gratidão e reverência.

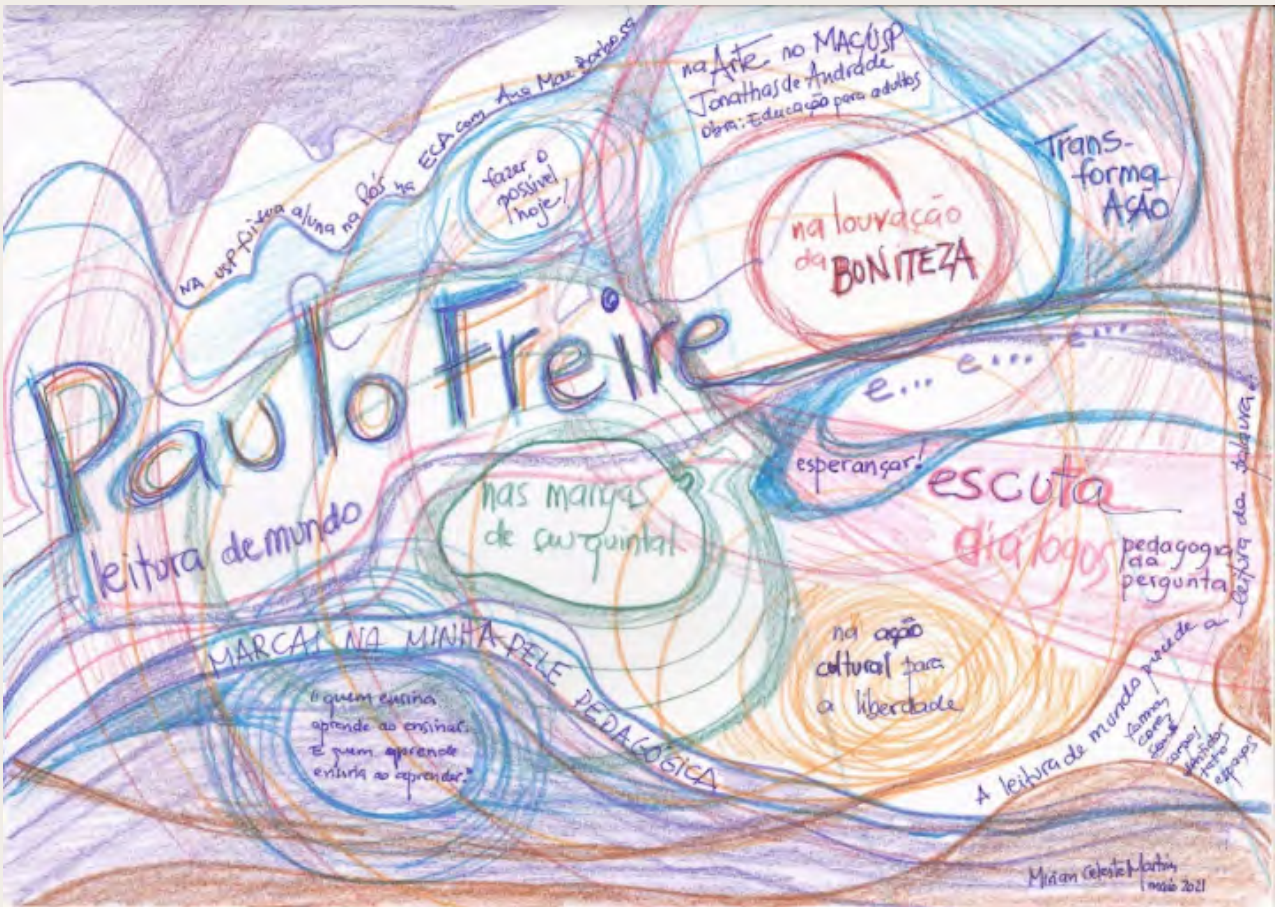
Ler, a importância do ato de ler, a obrigação de proporcionar leitura a todos/as nos aproximou, nos fez irmãos ideológicos e eu, como todos/as brasileiros/as que aprenderam com Paulo Freire o verbo “esperançar”, faço questão de preservar, divulgar e defender seu inestimável legado.





# Cartografia

Mirian Celeste Martins







# Um gigante na educação

**Maria Aparecida de Aquino**

A primeira vez que ouvi falar do Professor Paulo Freire foi, ainda, na década de 1960, em plena ditadura militar, onde se contava de sua experiência de alfabetização que havia começado a desenvolver no Brasil e que foi interrompida pelo regime autoritário em que vivíamos.

Depois fui acompanhando sua trajetória de alfabetização muito bem-sucedida em vários países do mundo, abrindo para muitos o caminho da leitura que nos coloca a todos em novo patamar e descortina um mundo antes desconhecido.

Em 1979, quando de seu retorno do exílio, fomos todos buscá-lo no aeroporto, uma multidão, com a presença de artistas, intelectuais, professores e interessados na sua figura, já, naquele momento, lendária.

Outro momento inesquecível: a Pontifícia Universidade Católica convidou-o para uma palestra. O TUCA (Teatro da Universidade Católica/SP) não deu conta da multidão que queria vê-lo e ouvi-lo. Lotado, fechou as portas e a multidão batia desesperada para poder assistir.

Depois disso, já reintegrado nas suas funções, continuou a exercer com brilhantismo sua proposta absolutamente original e que consegue alfabetizar rapidamente qualquer um basicamente a partir do que as pessoas conhecem e com o que trabalham.

Se existem pessoas que, a todo momento, precisam ser laureadas, Paulo Freire é uma delas. Sua contribuição para a cultura nacional e, diria mesmo, para a internacional é incomensurável.

Uma coisa precisa ser acentuada: a extrema incapacidade intelectual da ditadura militar que foi podando tudo aquilo que com ela não concordava. Os anos de 1950, no Brasil, foram um despertar maravilhoso na cultura que vicejou e preparou a explosão dos anos de 1960, mesmo sob o tacão da ditadura.

Hoje, passados tantos anos, vivemos um novo pesadelo. Precisamos de novos Paulo Freire para que se mantenha viva a chama da resistência.

Só conseguimos nos livrar da ditadura militar com muita luta. Urge agora recuperar aquela resistência, reunirmos todas as forças progressistas e partirmos para derrubar o descabro que se abateu sobre nós.

PAULO FREIRE VIVE!





# Uma luz para um mundo sombrio

**Marcos Paulo da Silva Conceição Bergonci**

Ele foi um farol que iluminou a escuridão da ignorância em uma sociedade tomada por ideologias políticas e crenças religiosas que navegam contra a maré do saber e buscam ferozmente impor a ignorância, Paulo Freire foi um titã!

Freire era contra o que chamava de “educação bancária” que colocava o professor como detentor do conhecimento, enquanto o aluno deveria apenas seguir o protocolo. O conhecimento não segue protocolos, ele é livre, liberdade de pensamentos, liberdade de escolhas, por isso, ambos podem se instruir, fazendo muitas descobertas juntos.

Ele ousou ir mais além e estendeu o conhecimento às experiências práticas e dinâmicas, proporcionando aos mesmos não só a alegria do conhecimento, mas também a cidadania.

Via na educação uma forma de engrandecimento do ser humano, não só por aprender a ler as letras, mas por ler o mundo, ler e escrever o que era o cotidiano de cada um.

Seu método ensinou 300 adultos a ler e escrever em 40 horas, na cidade de Angicos (RN), isso assustou a grande elite e despertou a sociedade para o fato de que talvez estivessem sendo explorados.

Esses novos cidadãos agora ganhariam conhecimento e isso lhes proporcionaria reivindicar seus direitos.

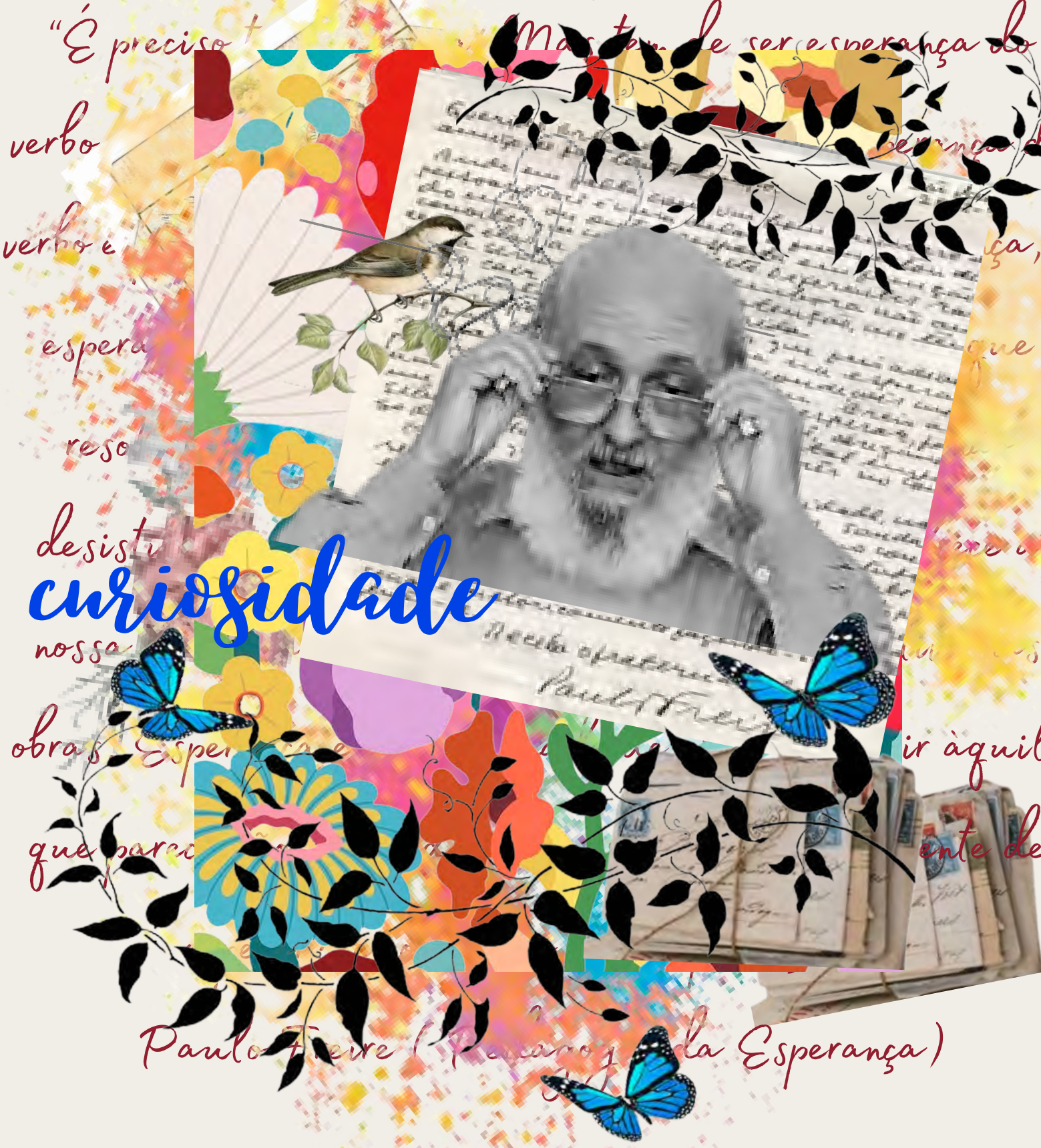
Talvez possa ser chamado de Kraken (ser mitológico do mar que apavorava marinheiros) por aqueles que planejam dominar a mente humana através da ignorância, castrando dos mais humildes o direito de saber.

Muitos países adotaram o método Paulo Freire de ensino. Entretanto nos dias atuais, devido à crescente escalada do obscurantismo no nosso país, 100 anos depois de seu nascimento, parece que temos um mundo mais obscuro.

A luz do saber não paira mais sobre nós como antes, ela está turva, se apagando, mas resiste.



# CARTAS DE ENCANTOS COM A REBELDIA



“É preciso t

... Mas tem de ser a esperança do

verbo

verbo e

espera

reso

desisti

curiosidade

nossa

obras

Esper

que parec

Paulo Freire (Pedagogia da Esperança)

# Cartas de encantos com a rebeldia

1. **Ei, Paulo!**  
*Caue Fernandes*
2. **Caríssimo Paulo Freire!**  
*Zoraide Faustinoni*
3. **Caro Professor**  
*Lucimar Bello Frange*
4. **Paulo Freire**  
*Tereza Lajolo*
5. **Querido professor Paulo Freire**  
*Silvana Canônico*
6. **Caro Mestre Paulo**  
*Irineu Tamaio*



*Ei, Paulo!*

*Tudo bem? Como está no novo plano?*

*Eu não cheguei a conhecê-lo, infelizmente. Mas conheci seu legado, conheci pessoas que foram próximas a você. O que tenho para lhe dizer é um agradecimento: sou mais um, que graças a você, se permitiu sonhar. Sonhar com um mundo melhor, um mundo nosso, onde a Educação reine e que o oprimido tenha voz ativa, decidindo pelo mundo e por ele e transformando o mundo.*

*Estou estudando pedagogias decoloniais e como não falar de você? Em uma das aulas conhecemos outras pedagogias e escolas democráticas dentro da Abya Yala (América Latina) e como não pensar nos seus ensinamentos? Já que ler criticamente o mundo é um ato político-pedagógico, então, a ação política envolve a organização de grupos e classes populares para intervir na reinvenção da sociedade.*

*Que sociedade vivemos?*

*Quais sociedades queremos?*

*A situação não ficou melhor desde que você partiu, mas nunca faltou luta e nunca faltará.*

*Nós seguimos na luta e não vamos abrir mão. Tem coisas boas acontecendo também, que, com certeza, você ficaria contente, coisas boas acontecendo nessa nossa Abya Yala (Escola democrática de Huanchaco no Peru, na Escola Livre de Mauri no Chile e até na Escola Democrática em Niterói)*

*A luta e você seguem vivos!!*

*Caue Fernandes*





## Caríssimo Paulo Freire!

Ontem, houve manifestação na Paulista. Milhares de brasileiras e brasileiros foram às ruas denunciar a triste situação em que o país se encontra. Bandeiras, faixas, cartazes, palavras de ordem, gritos indignados! E não foi só em São Paulo, foi no Brasil inteiro e até em outros países! A chamada “grande imprensa”, em sua maioria, ignorou!

Você não sabe, então preciso lhe dizer. Neste momento, lutamos contra um governo autoritário, que não se importa com milhares de vidas sendo destruídas. Vivemos uma pandemia causada por um vírus, mas pior que a doença é o desgoverno que nos ameaça o tempo todo, que mente, que ri das mortes e da fome que afligem o povo.

Querido Paulo, quando você nos deixou, o Brasil tinha acabado de sair de uma ditadura militar, voltávamos a ter democracia no país, ao menos uma democracia política. E havia uma nova Constituição que projetava um país mais justo, com mais cidadania. Havia muita esperança. Ingenuamente pensamos que o pesadelo jamais voltaria...

Enquanto lhe escrevo, lembro os versos de outro Paulo, também grande, o César Pinheiro, em **Mordaça**, década de 1970, com Eduardo Gudin: “O mesmo alento que nos conduziu debandou. Tudo que se construiu desabou”....

Tristeza, revolta, raiva! A verdade é que, por décadas, deixamos de lado tudo o que você nos ensinou, sobretudo na **Pedagogia do oprimido**. Nessa obra-prima, você nos alerta para o fato de que dentro do oprimido mora o opressor, que sem o desenvolvimento de uma consciência crítica, o oprimido se torna opressor e, mesmo ainda na condição de oprimido, apoia o opressor com quem se identifica e a quem procura imitar.

E assim, o pesadelo voltou. Faltou o diálogo corajoso com as massas, faltou a educação problematizadora e humanizadora, faltou leitura do mundo, faltou a práxis, faltou o desenvolvimento de uma consciência crítica... Em vez de círculos de cultura, igrejas fundamentalistas, em vez de educação crítico-libertadora a partir da realidade local, currículo imposto para todo o território nacional e educação bancária. Em vez de formação crítica, doutrinação.

Neste momento, denunciemos um presente intolerável. Você nos disse em seu livro **Pedagogia da esperança**: “Não há utopia fora da tensão entre a denúncia de um presente intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído por mulheres e homens.” (1992, p. 91)

É preciso retomar, construir esse futuro sabendo que ele nunca estará pronto, que o processo revolucionário requer uma relação dialógica permanente.

Mas ontem teve manifestação na Paulista!

E assim, me consolo com Drummond... “Uma flor nasceu na rua (...) Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

Vamos regar, para que se espalhe e cubra de flores as ruas do país!

Qualquer dia desses, volto a lhe escrever para dizer como andam as coisas e espero que as notícias sejam melhores.

Um grande abraço

São Paulo, 30 de maio de 2021

Zoraide Faustinoni







## Caro Professor

Estive em suas aulas na ECA-USP, São Paulo, há alguns anos. Uma alegria, uma euforia e, ao mesmo tempo, um prazer ao escutá-lo e poder olhar de perto, sua densidade, persistência, ousadia e trajetória tão particular. Um percurso como pessoa e educador que sempre me desafiou e provocou para continuidades de sendo artista visual, professora e pesquisadora. Inquieta. Continuo a ler seus escritos e mergulhar nos seus caminhos, tantos!

Guardo alguns verbos dessa aprendizagem:

**Esperançar** – viver o já, o aqui, o agora com as intensidades dos tempos anteriores e os desejos de prosseguir, ancorados nas inter-relações culturais, sociais e existenciais.

**Libertar** – voar alt os voos de re-existência. Permanentes. Coletivos. Sempre!  
**Presençar** – construir uma presença entre muitas pessoas, etnias, ecossistemas e a Terra Gaia, com ética, estética e estesias.

**Historiar** – viver a história como possibilidade, jamais como determinação.

**Re-existenciar** – insistir nas co-existências cósmicas. De cada grão de areia, de cada semente, de cada nascimento. De todos os brotamentos.

Uma carta para onde o Senhor estiver, com carinho e respeito.

Muita gratidão sempre. Sempre!

Lucimar Bello Frange





*A primeira vez que o vi - ao vivo e a cores - foi quando tivemos o primeiro encontro de Secretárias e Secretários do governo com a prefeita Luiza Erundina, em 1989.*

*Minha emoção foi imensa!!!!*

*Desde que comecei a compreender o mundo à luz da Teologia da Libertação, ainda na adolescência, e mais tarde li seu livro "Pedagogia do Oprimido", estabeleci meus princípios da minha atuação como professora e militante do movimento popular, nos anos da década de 1970.*

*Vibrava com meus alunos, presenças constantes na sala de aula de segunda à sexta, das 19 às 23h. Eles correspondiam a todas as formas de atuações e atividades que propunha para ajudar a formar seu conhecimento e compreensão da realidade.*

*Moradores da Brasilândia, bairro periférico da zona noroeste de São Paulo, muitos deles iam para a escola direto do trabalho, de ônibus, e voltavam para casa subindo um morro a pé. Só então podiam parar para jantar. Os textos que produzíamos, os jornais, os livros - quando dava para comprar - e o rádio eram nossas grandes fontes de informações.*

*Fui morar na Brasilândia em 1975. Ali, comecei a trabalhar com as mulheres nos Clubes de Mães. Ajudá-las a compreender seu significado e sua importância na sociedade, foi fantástico!!!!*

*Aprendi a fazer crochê para ensiná-las.*

*Um de nossos esforços era mostrar que as peças que faziam para enfeitar suas casas ou para usarem, tinham o mesmo valor e mereciam o mesmo capricho que outras que seriam vendidas. Elas questionavam: "Mas é só pra mim?!". Não se viam merecedoras de algo bonito e bem feito.*

*Também não enxergavam o valor de seu trabalho. Quando perguntávamos se trabalhavam, a resposta costumava ser: "Não, faço só o serviço de casa e cuidado dos filhos!!"*

*Mas, aos poucos, elas foram acreditando em seu potencial de realização e de luta no movimento social. E foram transformando suas realidades e a realidade do bairro.*

No dia em que a água finalmente brotou dos canos da casa da Maria, após anos de espera, ela deu um banho de mangueira no marido, Heleno, quando ele chegou em casa. Era o que faltava para ele também acreditar no movimento.

Outra moradora começou a pôr fogo nas fendas de uma imensa rocha que ficava dentro do terreno em que sua família morava. As lascas tiradas com o desgaste causado pelo calor eram trituradas e marteladas e os pedregulhos usados, por ela e pelos filhos, para fazer o alicerce da casa que construíram para substituir o pequeno barraco em que moravam. A participação do marido acontecia no descanso de sábado e domingo.

Organizávamos festas juninas na rua. E no outro dia, fazíamos mutirão de limpeza.

Juntas participamos das lutas no bairro, de apoio às lutas dos trabalhadores, contra o aumento do custo de vida e do famoso 21 de junho de 1980.

Naquela data, uma passeata dos moradores que se dirigia ao governo itinerante do então governador biônico, na Freguesia do Ó, foi reprimida de forma covarde por policiais à paisana, os P2.

O movimento conseguiu uma de suas reivindicações: um Pronto - Socorro, que anos depois recebeu o nome de 21 de junho de 1980, em homenagem à luta do povo da região

As mulheres do bairro também participaram da luta contra a Ditadura Militar, tendo como referência o MDB e participando da fundação do PT.

Puts, como eu gostaria de ter contado tudo isso pessoalmente!!!!

Depois que o conheci, nossos encontros foram rápidos, mas com abraços que diziam o quanto estávamos juntos havia anos!! Seus ensinamentos ajudaram a alicerçar a minha história.

Brigadão imenso pela sua existência transformadora junto de todos nós nesse mundão de meu Deus!!!!

Saudade!!!!

Tereza Lajolo





# Querido professor Paulo Freire

*Sua pedagogia me fez consciente de que era e sou sujeito político.*

*Foram as suas ideias, o seu (nosso) Projeto Político Pedagógico em SME (1989-1991) que me tiraram da militância ingênua para a militância consciente, crítica e resistente.*

*Minha indignação contra as injustiças sociais encontrou eco nas suas práticas de uma educação libertadora, minha rebeldia foi acolhida pela sua indignação em não aceitar a resignação dos oprimidos:- a nossa I ra Santa!*

*Minha existência no mundo é contra a discriminação, o autoritarismo, a opressão, a violência, a fome...*

*Estou no mundo a favor da "boniteza" da vida!*

*Com todo meu carinho*

*Silvana Canônico*





# Caro Mestre Paulo

Nestes seus 100 anos, gostaria de agradecer por ter aprendido tanto com você. Hoje estou aqui para exercitar o que nos ensinou – a fazer a denúncia, mas também o anúncio! Quero denunciar que a Amazônia e o Pantanal estão em chamas, o Cerrado invadido pelo agronegócio, o Pampa pela pecuária massiva, a Mata Atlântica em extinção e a Caatinga em processo de desertificação. Mas quero anunciar que somos milhares na defesa do meio ambiente, milhares que acreditam que o diálogo pode mudar ideias, vidas e atitudes. Nos conhecemos em 1989, você era o Secretário de Educação da cidade de São Paulo e eu o “menininho do verde”, como carinhosamente me chamou em uma reunião. Tive a honra de trabalhar na Secretaria de Educação, naquela época, como Coordenador de Educação Ambiental. Hoje sou um “senhor maduro”, porém com os mesmos sonhos transformadores. Gratidão!

Com carinho

Irineu Tamaio



AOS QUE FAZEM A EDUCAÇÃO CONOSCO EM

Assim que aceitamos a  
Secretaria de Educação  
tão assiduamente  
diálogo entre nós  
tivesse em mente subst  
realizar com vocês.

solidariedade

Hoje te  
Faz  
News France (Sa

IMAGENS  
DE SABOROSAS  
LEMBRANÇAS



# Imagens de saborosas lembranças

1. Max Ordonez Fernandes de Souza
2. Mário Sérgio Cortella
3. Adriano Pinheiro - Edição: Yasmin Sanchez.
4. Valdeck de Garanhuns
5. Carlos Giannazi
6. Meyri Venci Chieffi
7. Educadores sobre o trabalho desenvolvido entre 1989 e 1992 no NAE-4  
*Edição: Acácio Arouche. Apresentação e produção: Meg Artacho. Depoimentos de Maice Figueira, Ana Maria Guerra, Ana Elisa Siqueira, Cristina Alves, Conceição Cabrini, Esméria Lúcia Ribeiro e Marcos Luís dos Santos.*
8. Leci Brandão
9. Vitor Paro
10. Luciana Saul
11. Matheus Holesgrove
12. Marisa Serrano, *com a leitura de cartas a Paulo Freire pela professoras Roseli Alves e Karina Zucchi.*
13. Grupo CaleidoS - liderança de Isabel Marques
14. Mahatma Soares
15. Ilka Cintra
16. Edimaria - cordelista
17. Acacio Arouche

# *Narrativas permeadas de afeto:*

Um depoimento de Max Ordonez Fernandes de Souza relatando um fato ocorrido em 2008, no interior da Paraíba.



Max

- [vídeo](#)



Mário Sérgio Cortella conta um "causo" sobre Paulo Freire, do tempo em que ele era Secretário de Educação.



Mário Sérgio Cortella

- [vídeo](#)

Uma carta a Paulo Freire, por Adriano Pinheiro.  
Edição: Yasmin Sanchez.



Ao Mestre Paulo...

Esperançoso de  
encontrá-lo bem  
sento-me para lhe  
dirigir esses  
escritos...



Adriano Pinheiro

- [vídeo](#)

Depoimento de Valdeck de Garanhuns, sobre o único encontro que teve com Paulo Freire.



Valdeck de Garanhuns

- [vídeo](#)

Carlos Giannazi fala sobre a importância de Paulo Freire na sua trajetória, e aponta a necessidade do nosso grande mestre nos dias de hoje.



Carlos Giannazi

- [vídeo](#)

# *Na luta pela educação emancipadora:*

Meyri Chieffi...

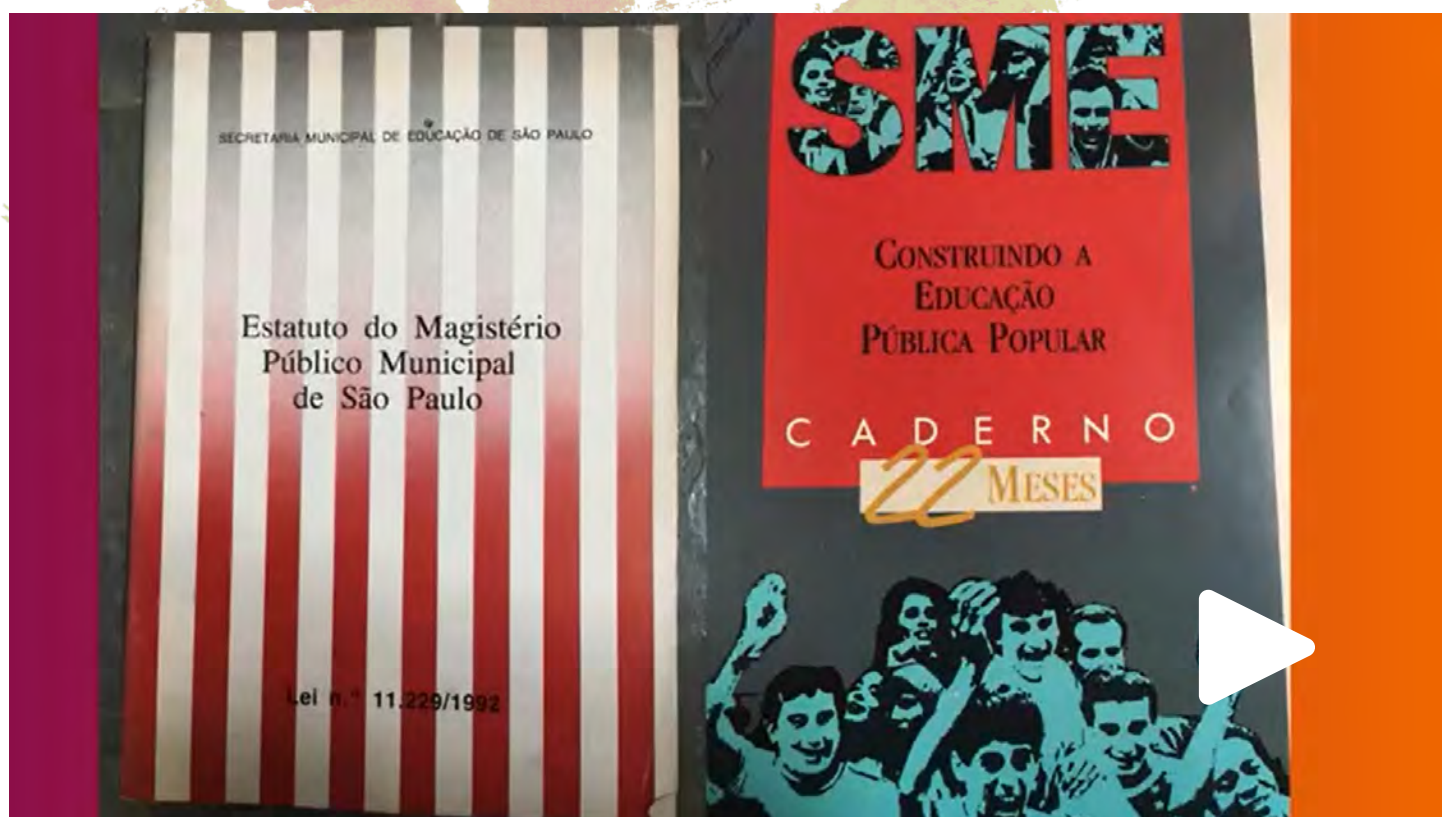


Meyri Chieffi

- [vídeo](#)

# Na luta pela educação emancipadora:

Depoimentos de educadores sobre o trabalho desenvolvido entre 1989 e 1992 no NAE-4, na gestão Paulo Freire na Secretaria de Educação. Edição: Acácio Arouche. Apresentação e produção: Meg Artacho. Depoimentos de Maice Figueira, Ana Maria Guerra, Ana Elisa Siqueira, Cristina Alves, Conceição Cabrini, Ésméria Lúcia Ribeiro e Marcos Luís dos Santos.



NAE + 30

- [vídeo](#)

"Que educação é essa?", pergunta Leci Brandão através da leitura de um trecho da obra de Paulo Freire.



Leci Brandão

- [vídeo](#)

Vitor Paro discorre sobre alguns aspectos muito importantes da obra de Paulo Freire.



Vitor Paro

- [vídeo](#)



Cena do Espetáculo "Isso não é conteúdo da minha aula", de Luciana Saul e Thomas Holesgrove. Atuação de Luciana Saul.



Luciana Saul

- [vídeo](#)

Peça teatral Vida de Rato, de Matheus Holesgrove.



Matheus Holesgrove

- [vídeo](#)

# *Narrativas com e pela arte.*

Apresentação musical de Marisa Serranno, com a leitura de cartas a Paulo Freire pela professoras Roseli Alves e Karina Zucchi.



Marisa Serranno

- [vídeo](#)

Manifesto do grupo CaleidoS através da dança, sob a liderança de Isabel Marques.



## Grupo Caleidos

- [vídeo](#)

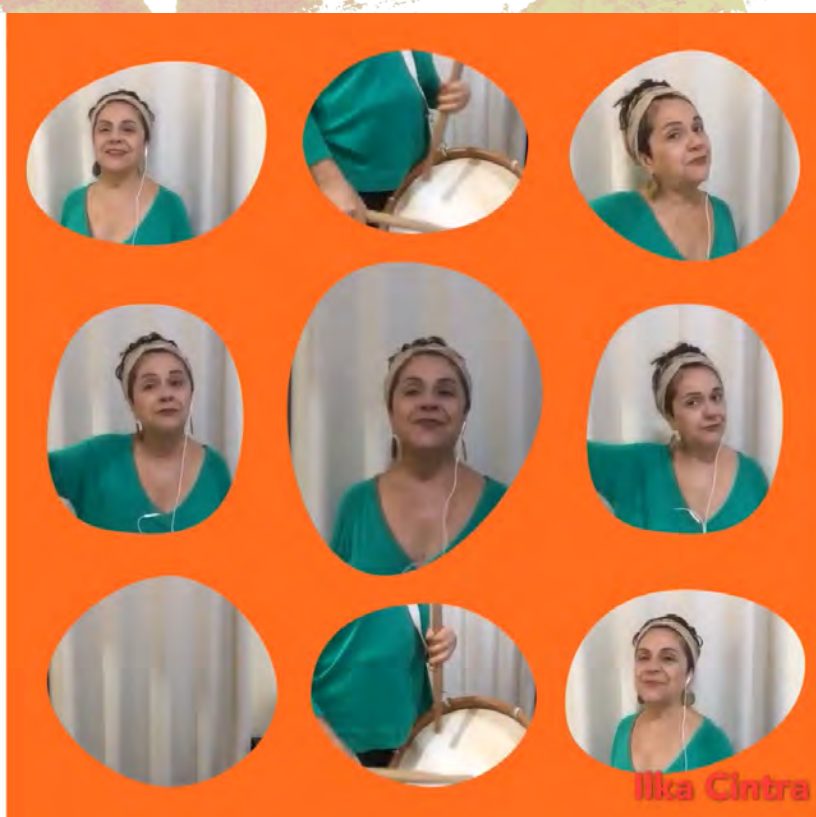
Acompanhando uma fala de Paulo Freire, o artista Mahatma Soares realiza um grafitti sobre o grande educador e a comemoração dos 100 anos.



Mahatma Soares

- [vídeo](#)

Apresentação musical sobre Paulo Freire, por Ilka Cintra.



Ilka Cintra

- [vídeo](#)

Um cordel para Paulo Freire, pela cordelista Edimaria.



Edimaria Cordel

- [vídeo](#)

"Por favor um minuto de atenção", apresentação do trabalho coletivo do NAE 4 + 30, realizada por Acacio Arouche.



Acacio Arouche

- [vídeo](#)



# CARTAS DE ELOGIO

## AO DIÁLOGO E ÀS MUDANÇAS

(companhia de Paulo Freire, e em quartel de São Paulo):

nament

domir, velho

diálogo

meus poetas, de seus músicos, de seus maestros  
Colodomir, Colodomiro, velho de guerra,  
meu irmão, sempre lembrado, agora, de longe,  
de bem longe, te mando a ti, a Célia e aos que de ambos já chegam  
uma penca enorme de abraços nossos.

Paulo

Genève, 16/01/1975

# Cartas de elogio ao diálogo e às mudanças

1. **Caro Professor Paulo Freire**  
*Elisa Manfredini*
2. **Paulo Freire**  
*Teresa Silvestre Damásio*
3. **Caro professor Paulo Freire**  
*Roseney Rita Teggi Kotait*
4. **Olá Professor Paulo Freire**  
*Isabel Batista Serrão ,  
Ângela Maria Mazzari,  
Elaine Sampaio Araújo ,  
Emiliana Pinheiro ,  
Manoel Ariosvaldo de Moura ,  
Yara Maria Matioli*
5. **Há muito para dizer**  
*Ângela Antunes*
6. **Querido Mestre**  
*Martha Sirlene Silva*
7. **Querido professor Paulo Freire**  
*Ivone Almeida*
8. **Prezado Professor Paulo Freire**  
*Christina Rizzi*
9. **Ao Mestre Paulo Freire**  
*Monja Heishin Gandra*
10. **Ao Mestre do Mundo**  
*Luiz Marine*
11. **Isto não é um nariz de anjo?**  
*Samantha Meconi*
12. **Querido Paulo**  
*Walter Omar Kohan*
13. **Caro Paulo Freire**  
*Ivan Valente*
14. **Querido Paulo**  
*Márcio D'Oliveira Campos*



## Caro Professor Paulo Freire

*Assim que fui convidada para participar da homenagem pelos seus 100 anos, logo pensei em lhe falar o quanto sou grata.*

*Grata por acreditar que todos os "meninos" são capazes de aprender, nunca desistir de nenhum deles.*

*Grata por compreender o que significa leitura de mundo e como ela é o cenário das nossas opções.*

*Grata por descobrir que é no diálogo que se constrói a complexa teia do conhecimento.*

*Grata por vivenciar, durante toda a minha vida profissional, o mantra da educação para autonomia e liberdade.*

*Grata pela sua história, pelo seu legado, pela sua humildade frente a sua grandeza.*

*Um abraço forte e carinhoso.*

*Elisa Manfredini*



*Em rápidas palavras e em primeiro lugar gratidão pelo prazer e oportunidade de ter entrado em contato com a Pedagogia do Oprimido durante o trabalho de Reorientação Curricular em 1992, junto à Rede Municipal de Ensino na gestão da prefeita Erundina.*

*É uma honra, hoje, passados 29 anos, poder dedicar uma pequena homenagem a tão grande, importante e brilhante educador.*

*Oxalá as gerações futuras possam ter acesso ao legado deixado em termos de educação libertadora e mais humanizada. Que possam refletir sobre o homem e sua relação com o mundo com mais Amor, Humildade e Fé.*

*Teresa Silvestre Damásio*



## Caro professor Paulo Freire

*Em um Centro de Acolhida de São Paulo, onde trabalho como voluntária, conheci mulheres que sofreram todo tipo de violência, muitas vivendo à margem da sociedade. Conheci também mulheres refugiadas, separadas de suas famílias e culturas, com um longo caminho de solidão e sonhos até chegarem aqui. Todas tinham em comum um filho – na barriga ou nos braços.*

*Ali, em uma pequena biblioteca transformada em sala de aula, seus ensinamentos foram meu sustento. O diálogo e o amor estiveram presentes. Sempre.*

*Trabalhamos com respeito e acolhimento as histórias e a compreensão da leitura de mundo de cada uma delas. Juntas choramos, viajamos, sonhamos... Conjugamos o verbo esperar e, creio eu, muitas o concretizaram.*

*Ah, professor! Quão certo o senhor estava quando disse: “A justiça social precisa vir antes da caridade”.*

*Um abraço fraterno*

*Roseney Rita Teggi Kotait*





## Olá, Professor Paulo Freire

Ao escrever essa carta, em um tempo em que não nos é permitido o abraço, lembrávamos dos abraços emocionados que demos em 1989.

Você se lembra? Não nos cansávamos de festejar o resultado das eleições para a prefeitura de São Paulo! Uma mulher à frente da maior cidade da América Latina! O Partido dos Trabalhadores à frente da maior capital do Brasil. Tempos de esperança! Na Secretaria Municipal de Educação, você! Sonho realizado!

Sim, abria-se um horizonte e vislumbrávamos o potencial do que poderia ser a educação pública em São Paulo nos próximos quatro anos, após um período de terror dos governos municipais anteriores.

E foi assim, guiados principalmente pelas diretrizes da qualidade de ensino, democratização da gestão e pelos princípios pedagógicos de formação humana de todos os sujeitos envolvidos na ação educativa, que se desencadearam inúmeros atos e a criação de vários coletivos.

As delegacias de ensino deixaram de existir! Em seu lugar os Núcleos de Ação Educativa (NAEs) se espalharam por dez cantos de São Paulo. A atuação dos NAEs buscava operacionalizar a política educacional de forma colegiada e participativa junto às escolas. O NAE - 5 possibilitou nosso encontro. Um encontro que marcou nossas vidas! Ele se deu pela atuação coletiva, um dos princípios pedagógicos que exercitávamos. Foram vários momentos de um movimento de formação permanente nas escolas e entre as escolas, durante a própria jornada de trabalho dos educadores e educadoras. Movimento de reflexão sobre a prática pedagógica, seus problemas, necessidades e possibilidades de atuação. A realização de oficinas de Matemática foi um deles. Ali estavam os educadores e educadoras de toda a região do Campo Limpo das escolas municipais de Educação Infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental, membros da equipe do NAE-5 responsável pelos Grupos de Formação e professores vinculados à Universidade de São Paulo. Lembra-se? Os Grupos de Formação eram compostos por todos e todas professoras e professores; coordenadores e coordenadoras pedagógicas; diretoras e diretores das escolas municipais. Formação em horário de trabalho! Luta conquistada! Os dias de encontro de formação eram dias de alegria! Reuníamos parceiros com diferentes experiências e quanta coisa bonita produzimos! E as crianças, ponto de partida e chegada do nosso fazer pedagógico, também alegres vivenciavam aquele jeito diferente de aprender matemática!

Você se lembra que, naquela época, a universidade ia até a rede pública de educação básica? Afinal, ela também é pública, não é? Assim, entendíamos que cada educador, não importava o cargo que ocupava e onde o ocupava, deveria cumprir seu papel de promover ações de formação humana para as novas gerações de maneira participativa e criadora. Tinha força transformadora!

Queríamos aprender para criar um mundo melhor! Um sonho que foi ganhando vida porque era desejo coletivo. Era política educacional! Sua política educacional!!

Foram momentos coletivos de estudo e reflexão, planejamento de situações de ensino, criação de materiais didáticos, realização e avaliação do que era planejado em conjunto e novamente estudos, reflexões, replanejamentos, criações, atuações pedagógicas e avaliações em movimentos constantes. Movimento constante de aprendizagem coletiva, como é próprio do ser humano. A inquietude da ignorância e a indignação diante da injustiça social continuaram impulsionando ações em defesa do direito ao conhecimento, à participação política não autoritária, ao exercício da educação pública da melhor qualidade para todos, todas, todes!

Éramos muitos e muitas... Alziras, Ângelas, Betes, Elaines, Emis, Lucianas, Márcias, Manoéis, Marias, Roses e Yaras! O tempo e a utopia nos levaram tanto a fortalecer os vínculos entre nós quanto a seguir diferentes veredas pela vida e pelo Brasil, nas escolas, universidades, movimentos sociais.

Desses momentos trazemos muitas lições, uma delas, uma ideia matemática. Talvez a mais linda de las, a da divisão: o todo, deve ser de todos, de forma igual!

Apesar da distância, os aprendizados do tempo em que você era o Secretário de Educação perduram! Oxalá possamos voltar a povoar as escolas com as alegrias de uma política educacional que respeita e promove o que há de melhor do ser humano em cada criança, jovem e adulto que atua na educação pública!

Esperancemos!

*Isabel Batista Serrão, Ângela Maria Mazzari,  
Elaine Sampaio Araújo, Emiliana Pinheiro,  
Manoel Oriosvaldo de Moura, Yara Maria Matioli*



## *Hã muito para dizer*

*Preencheria duas, quatro, oito... muitas laudas para expressar o quanto o admiro. Nunca tive a oportunidade de contar como o conheci e como esse fato impactou minha vida. Faço-o agora.*

*Você chegou até mim por meio da leitura de um romance de Graciliano Ramos. São Bernardo me fez saber de Paulo Freire e, desde então, seus escritos, suas reflexões, suas palavras e, mais tarde, a convivência com você, foram fonte de sentido e significado para minha própria existência.*

*Eu fazia o segundo ano do curso de Letras quando meu professor de literatura brasileira solicitou a leitura e a análise literária de São Bernardo. Entre o tempo da solicitação e a entrega do trabalho, viajei para Santa Catarina, de onde é minha família, e, na bagagem, o tal livro. Precisava lê-lo e analisá-lo no período das férias. Coincidentemente, nessa viagem, encontrei um amigo que fazia mestrado em literatura na Universidade Federal de Santa Catarina e estava se especializando em Graciliano Ramos. Comentei com ele que precisaria fazer a análise literária do romance São Bernardo. Meu amigo acabara de fazer uma monografia justamente sobre essa obra. Perguntou se eu queria ler. Aceitei prontamente a sugestão. Na época, eu estava com 18 anos, no segundo ano de faculdade, e meu amigo finalizando o mestrado. Achei fantástica a análise que ele fez e muitas de suas ideias se materializaram nas palavras que escrevi de próprio punho nas folhas de papel almaço que entreguei ao meu professor de literatura.*

*No dia da devolutiva dos trabalhos, ele chega até mim e lança a pergunta: "Ângela, você fez este trabalho sozinha?". Minha resposta foi pronta e categórica: "Claro, professor, está escrito à mão, é minha letra, eu fiz sozinha". Muito respeitosamente ele fala de uma "maturidade intelectual" presente na minha análise que não havia constatado em mim em momentos anteriores. Não estava entendendo direito a que ele se referia, mas ocorreu-me de contar que havia encontrado meu amigo nas férias e que ele me emprestara a análise que havia feito e que eu havia incorporado em meu trabalho. Logo meu professor entendeu o que havia acontecido. Aproveitou a oportunidade para me dar uma aula sobre como fazer referências aos autores que lemos e com cujas ideias concordamos. Foi um esclarecimento e uma orientação valiosa.*



*Após as considerações do professor de literatura sobre minha análise, antes de se afastar de mim, perguntou-me o que eu havia lido sobre Paulo Freire. Eu mal me lembrava deste nome. "Ângela, você afirma que Paulo Honório, um oprimido, hospedava em si o opressor e menciona Paulo Freire". O que você leu sobre este autor? Eu expliquei que apenas o que estava no trabalho do meu amigo. Aí, meu professor diz: "Ângela, do pouco que a conheço, sugiro que leia Paulo Freire, pois acho que você vai se encontrar nele". Naquela mesma semana, comprei Pedagogia do Oprimido. Foi tão impactante, que quis desistir do curso de Letras e fazer Pedagogia. Por orientação do mesmo professor, não abandonei o curso de Letras. Fui até o final e, depois, fui fazer Pedagogia na PUC de São Paulo.*

*Paulo Freire, você mudou minha trajetória profissional. Suas palavras nomearam muitas das minhas buscas. Responderam perguntas que me fazia. Colocaram-me no caminho que eu queria percorrer. Tive a felicidade de estar em sala de aula cada dia da gestão da Luiza Erundina e de viver a política educacional de quando você estava à frente da Secretaria Municipal de Educação. Quanta ousadia em direção a uma educação emancipadora, transformadora, humanizadora. Que exemplo de gestor público!*

*No Instituto Paulo Freire, onde estou há 25 anos, tive o privilégio e a felicidade de encontrá-lo e compartilhar o projeto IPF até 1997 com você, Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha, José Eustáquio Romão e tantas outras pessoas tão queridas. Neste ano de seu centenário, escrevo estas palavras para expressar a alegria deste encontro e meu profundo agradecimento por sua beleza de ser humano, por suas contribuições intelectuais, por sua generosidade, por tornar o mundo um "lugar menos difícil de amar".*

*Ângela Antunes*



*Sei que há tempos não convivemos, não tomamos café nos corredores da PUC de São Paulo, mas continuamente meus pensamentos voltam aos seus ensinamentos. Outro dia, estava lendo o livro 'Torto Arado', e a todo momento trechos da 'Pedagogia do Oprimido' eram inseridos magicamente em minha leitura da obra de Itamar Vieira Junior.*

*Já é sabido que o seu livro mudou não só a minha visão de mundo, como professora de escola municipal de periferia, mas como de toda uma nação. Mas escrevo esta carta para ir além.*

*Professor Paulo, antes de tudo, deixe-me contextualizar sobre o livro: 'Torto Arado' se passa no interior da Bahia, neste nordeste que o senhor tanto amou, denunciou e muito lutou por alfabetizar. A história é sobre as irmãs Belonisia e Bibiana que mesmo sendo oprimidas pelas mais diversas condições - geografia, seca, gênero, raça, miséria - passam por dois momentos da vida: quando se desvelam do mundo de opressão e transformam a sua realidade, entrando num processo de "permanente libertação".*

*Como não lembrar do senhor, querido Paulo.*

*As duas personagens são encantadoras, mas preciso confessar que Bibiana é minha favorita. Desde a mais tenra idade, ela percebe a injustiça que assola sua realidade, a servidão que é imposta à sua família, o desrespeito à sua terra e a essencialidade de emancipação de trabalhadores e trabalhadoras. E é assim, mesclando a sua história com as das pessoas com as quais convive e essas adversidades, que ela não apenas se torna professora, mas agente catalisador de uma mudança social.*

*Lembro-me muito bem de como o senhor sempre dizia que "não basta tomar consciência da opressão: se faz necessário conhecer a realidade social de forma crítica e se engajar na luta para superar a situação opressora". Ah, professor! Se o senhor soubesse o momento que estamos vivendo, a opressão que parece nos sugar, o retrocesso transvestido de futuro...*

*Nestes dias atuais, o seu legado se faz cada vez mais necessário. Onde quer que esteja, continue zelando e orientando as Marthas, Bibianas e outras tantas professoras que atuam e atuaram tentando diminuir a discrepância na educação através da educação e do diálogo.*

*Que os seus ensinamentos, eternizados em livros -e também em minha memória afetiva- construam pontes para um futuro mais humanizado. E que o diálogo, um bem tão precioso e escasso nesses dias, consiga finalmente se transformar em amor.*

*Uma vez um professor muito sábio disse, naquele mesmo corredor cinzento da PUC, que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo”.*

*Obrigada por dialogar, professor.*

*Grande abraço*

*Martha Sirlene Silva*





## Querido professor Paulo Freire

Com a aproximação da comemoração do centenário de seu nascimento, 19 de setembro, vem à minha memória, com muita emoção, sua trajetória de educador, pensador, autor de inúmeras obras e da sua gestão como Secretário de Educação Municipal de São Paulo.

Eu tive muito prazer e alegria em participar da equipe da DOT-1º e 2º Graus, nesse período. A convivência, estudo e reflexões com os companheiros da DOT e dos NAEs, em que eram valorizados os diferentes saberes, o trabalho coletivo e dialógico, a ação-reflexão-ação no fazer pedagógico se traduziram em experiências incríveis! Um período marcado por muita garra e vontade de fazer a diferença para os alunos, professores e para mim, como educadora e como pessoa.

Tudo isso, oportunizado por sua gestão democrática, seu jeito de ser, por suas ideias e teorias sobre uma educação popular, pública e de qualidade, com projeto pedagógico emancipador para tornar a escola alegre, bonita, um espaço vivo e democrático.

A construção desse trabalho, os seus ensinamentos e as aprendizagens realizadas permanecem bem vivos ainda em minhas lembranças, em minha prática e no meu coração, assim como também na prática, nas lembranças e no coração de muitos educadores.

Com profundo agradecimento, um abraço carinhoso.

Ivone Almeida





## Prezado Professor Paulo Freire

Meu nome é Christina Rizzi e sou uma das suas inúmeras “netas”, da parceria com Noemia Varela, na linhagem da Arte/Educação. Sou “filha” de Ana Mae Barbosa, sua aluna e minha professora. Conheci suas ideias a respeito da vida e da Educação durante minha graduação na ECA-USP, na década de 70, onde ainda leciono como professora aposentada, voluntária.

Sim, faz tempo... você é meu avô, mas eu mesma já sou avó na mesma linhagem. Tenho alunos de alunos atuando com muita qualidade e empenho na Arte/Educação. Você gostaria de conhecê-los e vê-los atuar. Pertencem a uma geração aguerrida que nos enche de esperança neste tempo de retrocessos culturais e sociais que se somam a uma nefasta pandemia. Eles são os construtores do futuro e têm condições e vontade política para isso. Acredito que tenho honrado seu legado, pois aprendi com seus escritos e também com seus exemplos.

Fui designada para trabalhar como assessora da área de Arte, representando a USP, no Projeto de Reorientação Curricular: Interdisciplinaridade via Tema Gerador desenvolvido no período de 1989 a 1992 na sua gestão e de Mário Sérgio Cortella frente à Secretaria de Educação do Município de São Paulo, no governo da admirável Luiza Erundina. Neste período pude ver, beber e exercer os seus ensinamentos em ação, sempre de forma coletiva e consequente.

Várias coisas eu poderia falar desse período e desse movimento mas, nesta breve carta, prefiro somente rememorar alguns aspectos e vivências de um ponto de vista pessoal. Esta carta é uma saudade transformada em texto... Muitos âmbitos se entrelaçavam neste Projeto: o teórico, o político, o educacional, o social, o comunitário, o pessoal, as interdisciplinaridades... Muito já foi dito sobre tudo isto em produções acadêmicas e eventos mas, com certeza, há ainda o que dizer.

Quero trazer aqui uma carta-imagem, como uma ponta de iceberg. Há muito nas profundezas e o revelado, o exposto é só uma pequena parte do todo. Qual pontinha escolho compartilhar? Exatamente a visão daquela que ao viver os processos também observa os fluxos e os remansos do conjunto de ações. Daquela que faz uma arqueologia das superfícies. O que emerge está embebido na essência e esta é composta por visão de mundo, valores, modos de viver, epistemologias e metodologias. Observar o que vemos na superfície nos permite intuir a essência.

Uma das formas de participação no Projeto de Reorientação Curricular - diga-se de passagem, projeto escolhido pelas escolas participantes e não imposto a elas - foi comparecer às reuniões de discussões entre as várias áreas de conhecimento, às reuniões de planejamentos, às reuniões de criação e sistematização teórica, de organização de publicações de documentos de gestão e eventos educacionais e culturais, sempre às sextas-feiras, no prédio do DOT. A chegada para o trabalho nesse prédio era sempre precedida por uma enorme expectativa positiva advinda das sucessivas boas experiências nesse local.

O prédio sendo sempre o mesmo não se apresentava sempre da mesma forma e nas mesmas condições. O que acontecia naquele ambiente de semana a semana? Acontecia vida! Entusiasmo, criação, determinação, curiosidade, direito à dúvida e à incerteza, respeito às diferenças e às diversidades. Havia o planejar e executar de forma dialógica estabelecendo circuitos colaborativos de mão dupla incluindo a DOT, assessorias especializadas, coordenações dos NAES, professores, alunos e comunidades.

Como isto era visualmente percebido? Pela presença cada vez maior de pessoas envolvidas e atarefadas, pela constante mutação nas ocupações dos espaços físicos para acomodar mais gente, mais equipamentos, mais projetos e subprojetos em pleno funcionamento. Pela chegada de materiais didáticos, livros e equipamentos de informática que seriam distribuídos às escolas. Pela alegria, esperança e sentimento de realização que imperavam naquele lugar.

Querido Professor Paulo Freire, sei que estou parecendo uma "Pollyanna" exagerada e ufanista. Não se trata disto, você bem sabe. Trata-se do que acontece com pessoas que se juntam com objetivos comprometidos com o bem comum, com uma escola democrática e de qualidade. Pessoas que são respeitadas nas várias dimensões. Que são bem-vindas. É o que acontece quando problemas não são considerados fatalidades trágicas, mas desafios coletivos para crescimento e atuação social responsável.

O tempero disto tudo? A importância do diálogo, da reflexão na ação, do trabalho coletivo, da alegria, da boniteza e da esperança. O que recebi deste e neste Projeto, com seus exemplos, os da sua equipe e dos colegas - referências de qualidade para mim, até hoje - é o que ofereço aos meus alunos. Desta forma, Professor Paulo Freire, você vive em nós, com muita vitalidade nestes tempos em que se completam os 100 anos do seu nascimento.

Vida longa, Professor!

Saudades !!!

Christina Rizzi





## Ao Mestre Paulo Freire

Na pequena sala da PUC, em São Paulo, repleta com tantas pessoas que o ouviam atentamente, estava eu, entre elas, com elas.

Recém-formada em Pedagogia por outra Universidade, década de 80, contemplava a sabedoria de um ser humano simples. As suas mãos afagavam lentamente a barba de seu rosto enquanto os pensamentos se delineavam em palavras e traçavam linhas desconcertantes que teciam reflexões educacionais.

Não havia tempo no tempo. Havia o pleno momento de um mestre que compartilhava sentidos.

A tranquilidade, apoiada em uma força de lucidez e coerência, nos inspirava.

Lembro-me até hoje desses momentos e que muito me ensinaram a como ser em educação.

Ler o mundo com olhar de encantamento me provocava para a necessária ação transformadora. Não havia separação entre educação e transformação.

O seu olhar ultrapassava aquelas paredes e até a nós mesmos...para não dizer, ultrapassava as paredes da ignorância...

Mestre, a lição que foi transmitida a mim, em escuta amorosa, foi de que devemos desenvolver o olhar que lê em profundidade a realidade e nela identificar conexões humanas de libertação e superação de todas as formas de violência.

E a sua presença reforçou em mim que devemos ser presença ativa nesse mundo repleto de desafios.

Ao sair da PUC, onde permaneci por apenas um ano, espaço de grandes aprendizados, segui para atuar como funcionária pública, no desenvolvimento de políticas públicas e, nesse contexto, a memória de sua presença continuava a me inspirar.

Mais de 30 anos se passaram, ainda atuando em políticas públicas, em capacitação de gestores públicos, a metodologia de meu trabalho seguia a educação de transformação, com apreciação de promover cada vez mais novas oportunidades, lendo necessidades e atuando no compartilhamento de saberes dos mais diversos segmentos sociais, institucionais, culturais.

E, nessa trajetória, me tornei monja zen budista. A convergência de processos foi enriquecendo a cada experiência, a cada escolha.

Nesse tempo do existir, continuo a seguir as linhas desconcertantes do desvelar da vida e agora me vejo embaixo de uma grande e frondosa árvore, com a brisa da tarde, continuando a ouvir as suas palavras, agora em diálogo maravilhoso<sup>1</sup> e de grande intimidade com meu mestre Xaquiamuni Buda.

Essa é a minha singela mensagem ao meu Mestre Paulo Freire, em agradecimento por aqueles raros momentos. E, além de sua presença, seus livros, especialmente *Educação como Prática da Liberdade*, foi o grande marco que definitivamente transformou a minha compreensão de mundo. Continuemos! Há muito a realizar!

Monja Heishin Candra

---

1- Escrevi um texto para o jornal da Comunidade Zen Budista Zendo Brasil onde apresento o encontro entre Xaquiamuni Buda e Paulo Freire. Nesse texto poético as afinidades se revelam e, continuam a nos inspirar.





# Ao Mestre do Mundo

As 100 vozes de Paulo Freire para  
os povos sem vozes

*Meu caro mestre Paulo, é com grande alegria e satisfação que escrevo esta carta para expressar um pouco da minha enorme gratidão pelos seus ensinamentos de leitura do mundo qualificado pela leitura da palavra resultante de uma alfabetização conscientizadora neste mundo repleto de imagens, símbolos e letras a nos desafiar a cada instante a decifrá-lo para não sermos por ele devorados nestes tempos contraditórios de tantos avanços e retrocessos.*

*Espero encontrá-lo em paz e inquieto, como você sempre foi, para mandar algumas esparsas notícias aqui da terra e solicitar suas vozes sábias para estes povos sem vozes, mas que insistem em falar, protestar e até gritar pelos quatro cantos do mundo recuperando e reinventando seu legado na esperança de um mundo mais justo, mais democrático, mais solidário e mais humano. Sempre na perspectiva de superar a relação entre oprimidos e opressores e passando à condição de seres libertos da dominação. São pessoas humildes que atuam e vivem em comunhão porque respeitam as diferenças e reconhecem o valor da diversidade, como você nos ensinou.*

*Aprendemos com você que é na relação de alteridade que cada uma de nós constitui a sua singularidade. Somos seres inacabados e plurais. Como disse Mário de Andrade: “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta”.*

*Eu morava no Recife quando li o primeiro livro escrito por você: Extensão ou Comunicação. Eu deveria ter 19 anos. Hoje, 40 anos depois, suas vozes continuam reverberando nos meus ouvidos em busca de diálogos humanizantes que ajudem a construir a subjetividade de oprimidos e opressores por meio da relação tensa da democracia que exige posicionamentos claros, muita compreensão e amorosidade entre todas e todos.*

*Em Extensão e Comunicação você analisa criticamente o valor semântico da palavra extensão, sua dimensão colaborativa, o papel da comunicação e da educação, na relação entre o agrônomo e o camponês, deixando claro que não existe saber mais nem saber menos, mas saberes diferentes. Trata-se da importância de se fazer as coisas não para nem pelas pessoas, mas com elas, reconhecendo sua autonomia e subjetividade. Porque as pessoas aprendem e se humanizam em comunhão. Lembra disso?*

Aproveito a ocasião para, mais uma vez, solicitar a sua ajuda para superarmos estes tempos terrivelmente difíceis, com rigor metódico, mas sem perder a gentileza e a amorosidade, porque sei que essas sempre foram suas marcas. Mas, quando falo de pedir a sua ajuda é força de expressão, porque todo seu legado é sua enorme colaboração para que cada um e todos nós saibamos como melhor aproveitar tudo que você construiu ao longo de sua linda vida ao lado dos esfarrapados do mundo, como um cristão coerente.

Mesmo antes de conhecê-lo, eu já o admirava como símbolo de humildade e Humanidade. E tinha ainda mais orgulho de ser pernambucano e recifense, porque você também o é. Apesar de saber que você não cabe sequer em um único país. Você é natural do Recife, mas se fez um cidadão planetário.

Em novembro de 2013, eu estava passeando em Buenos Aires e conheci uma moça da Bélgica. Começamos a conversar sobre o que fazíamos, falei que era educador e trabalhava com suas ideias. E logo a moça me disse: **“Ah, Paulo Freire!? Eu também admiro muito, gosto muito e trabalho com as ideias dele na minha organização.”** E ela nem era da educação. Você é assim, de Casa Amarela, do Recife, do Mundo.

Escrever esta carta é muito mais um gesto de reconhecimento e carinho por tudo que você fez pelos povos sem voz, e continua fazendo com toda grandeza e generosidade da sua obra. Da Pedagogia do Oprimido à Pedagogia da Esperança e da Autonomia. São as suas CEM VOZES para os POVOS SEM VOZES construindo a polifonia de uma vida plena.

Saudações fraternas, um grande, carinhoso e saudoso abraço,

São Paulo, 30 de maio de 2021.

*Luiz Marine*



Isto não é um nariz de anjo!

Tu sabes, Paulo, que muita gente bacana se uniu para concretizar uma homenagem para os teus 100 anos? Sim, muitas pessoas que te conheceram e viveram os bons ventos da prefeitura de São Paulo nos anos de 1989 até 1992. Eu não estava lá, e sentia muita saudade de um passado que eu não vivi, e que a história lembra que foi o melhor tempo que os profissionais da educação da cidade de São Paulo tiveram. Mas a oportunidade de estar com as pessoas que te conheceram, trabalharam contigo, sabiam muito sobre o teu pensamento e colocaram em prática a tua teoria, me fizeram sentir parte desse passado e viver a emoção de fazer parte de um futuro que lembra de ti com muito afeto.

Eu pude vivenciar, no período em que fiz parte do grupo do e-book, uma construção artística primorosa, a elaboração de textos costurados nos bastidores das nossas reuniões de terça, o cuidado com a revisão, o afeto e o cuidado com as pessoas, as velhas amizades, as novas amizades... Que jornada!

E que honra poder fazer parte desse grupo para te homenagear. Foram muitas mãos trabalhando, dialogando, construindo coletivamente o livro do teu Centenário.

Um sábado, enquanto estávamos em uma reunião (sim, tu sabes, Paulo, que mesmo no final de semana a gente se empenhou), a Meyri falou para não nos preocuparmos com a perfeição, porque o e-book não era um “nariz de anjo”. Rimos muito, e como ninguém conhecia essa expressão, ela nos contou que era assim que sua avó falava.

Sabes, Paulo, eu ri também, pois nossas reuniões são divertidas, mas acredito que todo mundo que faz parte da equipe de arte do teu e-book está se esforçando muito para que o trabalho seja perfeito. Até os milímetros da diagramação foram definidos.

Então, Paulo, com tanta dedicação, respeito e carinho envolvido nesse trabalho, eu tenho que discordar da Meyri: acho que o e-book do teu centenário vai ser um “nariz de anjo”

Tu mereces!

Samantha Meconi

*Verdade que faz 100 anos? Quanto tempo cabe em 100 anos? Quantos tempos? Quanta infância? Quanta curiosidade? Quanta inquietude? Quantas infâncias? Quantas perguntas? Quantos mundos?*

*Podemos escrever uma carta só com perguntas? Quantas perguntas cabem numa carta? Quantas cartas cabem numa carta? Quantas perguntas cabem numa pergunta? Quantos mundos cabem numa pergunta? Quantas perguntas suporta nosso mundo? Quantos mundos cabem num mundo?*

*Quanta dura uma vida? Quando começa uma vida? Pode uma vida continuar vivendo em outras vidas? Pode uma vida nascer em outros corpos? Pode uma vida não deixar nunca de viver? Como se mede uma vida? Quantos tempos cabem em 100 anos? Quantas vidas? Quantos mundos?*

*Onde você estava, querido Paulo, na marcha de ontem, 29 de maio - "Fora B..." (escrevo assim para não sujar a escrita)? Em Recife? Em São Paulo? Aqui no Rio de Janeiro? Foi tão bonito marcharmos, não foi (escrevo marcharmos porque sei que estava conosco em alguma das marchas... ou estava em todas?)? Para que marchamos, andarilhamos? Para recusar esse vírus que nos (des)governa? Como alguém pode ser mais vírus que um vírus? Como pode gerar tanta indignação, rejeição? Como pode alguém ser tão amigo da morte? Imaginou que estaríamos outra vez numa ditadura disfarçada de (pseudo)democracia? Marchamos só contra alguém ou também marchamos a favor de outro mundo? De qual mundo?*

*Contudo, quando penso no seu aniversário de 100 anos, pergunto-me: podemos, mesmo num momento de dor e morte, escrever afirmando uma alegria infantil para comemorar uma vida amorosamente menina criadora de vida e de mundos como a sua? Podemos escrever só perguntas que não param de chegar em nós? Quando começa o mundo a ser diferente do como ele é? Pode uma pergunta ser o começo de um outro mundo? Quando começa um mundo novo? Pode uma marcha começar outro mundo? Ou será que quando tantas pessoas marcham por outro mundo é o (novo) mundo que está já marchando?*

*Posso então lhe fazer algumas perguntas inspiradas na sua Pedagogia da Pergunta? O que é uma pergunta? Um começo? Uma infância? Um despertar? Uma curiosidade? Um sonho? As perguntas são começos para pensar? São uma infância para o pensamento? São mundos que nascem? Ensina-se a perguntar? Aprende-se a perguntar? O que se ensina quando se ensina a perguntar? O que se aprende quando se aprende a perguntar?*

*Pode, então, uma carta infantil finalizar com perguntas? Pode assim um fim ser um começo? Uma carta infantil é, portanto, uma carta que só começa? Podemos então viver de começos? Sonhar com começos seria próprio de uma vida infantil? Uma vida infantilmente educadora seria uma vida que ama começar e propiciar começos para outras vidas? Quantos começos propiciou, querido Paulo, em seus 100 anos de vida infantilmente educadora? Quantas perguntas? Quantas infâncias? Quantas perguntas cabem numa pedagogia menina da pergunta, querido Paulo? Quantos mundos? Quantas infâncias? Quantos começos? Quantos quantos?*

*Pode uma carta de perguntas testemunhar a gratidão por uma vida infantilmente educadora? Pode carta de perguntas co-rrresponder uma vida meninamente amorosa? Pode uma carta de perguntas começar outras vidas e outros mundos? Pode uma carta de perguntas ser uma emoção feitas palavras? O que pode uma pedagogia da pergunta, querido Paulo? O que pode uma pedagogia? O que pode uma pergunta? O que pode uma carta? O que pode uma emoção?*

*Com amorosidade menina*

No Rio de Janeiro, 30 de maio de 2021.

*Walter Omar Kohan*





## Caro Paulo Freire

*A radicalidade do seu pensamento se faz urgente e presente nos tempos atuais. É na convicção que a mudança é possível e que precisamos nos empenhar na transformação constante da realidade, que é necessário retomar seus escritos e ideias constantemente na luta contra uma política e um governo genocida que marca nossos tempos.*

*Hoje muitas forças tentam lhe atacar também porque sabem precisamente que seu legado está vivo, pulsante em nossos educadores e educadoras brasileiras de norte a sul, e em todos aqueles que ousam compreender a história como possibilidade. O mundo que “está sendo”, a despeito de suas dificuldades, tem também muita resistência e esperanças de superarmos as opressões que se perpetuam historicamente. É nesse sonho, necessário para mover-nos, que nos encontramos com outros que como você, mantêm-se vivos! Paulo Freire, Presente!*

*Abraço fraterno*

*Ivan Valente*



Prometo nesses escritos ainda lhe contar coisas na saudade dos nossos bons e afetuosos velhos tempos entre os anos 1980 e 90. No entanto, quero lhe dizer que por aqui as coisas andam muito mal. Desde 2019, diante desta pandemia do covid-19 que nos assola, o genocida presidente-capitão tem agido de forma negacionista contra prevenções, vacinas e ciência. Isso só faz contribuir para o aumento das mortes ocorridas que já passam de quinhentas mil, ou seja, esse número já foi bem além das 30.000 mortes “necessárias para consertar o Brasil”, como ele propunha na campanha ao final de 2018.

Sempre sinto muita falta de você e de suas sabenças, diante desse pandemônio e do agravamento do patrulhamento governista contra a educação formal e a educação não formal. Aliás, entre nossos saudosos diálogos, o que mais queria é ter você nesse momento para pensarmos como inserir, em linhas ou entrelinhas de informação e formação, uma ‘Educação para a Cidadania’. Esta parece ser fundamental para combater tudo de mal que ocorre neste querido país, agora tão maltratado, com um povo carente de recomendações mais compreensíveis sobre como se proteger desse vírus letal e de outros males causados pela reinante insanidade política, social e ambiental.

Nisso, alguns intelectuais e a mídia mostram-se incompetentes para o diálogo com as camadas populares menos escolarizadas que demandam orientação mais clara e compreensível de como pensar e agir diante dessas avalanches imobilizadoras e deseducadoras. Ainda essa semana num noticiário, uma excelente especialista e ilustre conselheira que ali estava, dizia “ser mandatório o uso da máscara”. Ora, quantos na população brasileira sabem o que significa a obrigatoriedade presente nesta frase? Por que falar simples se podemos falar complicado, né?! Por isso nem sempre sou a favor do abuso de sinônimos. Já dizia Chacrinha: “Quem não comunica se trumbica”

Da mesma forma, é recorrente o sábio conselho para “não aglomerar”. Entre a mídia e o pessoal da saúde, os que se expressam assim guardam para si o significado – talvez apenas em benefício de uma pseudo-erudição – e evitam que o povão capte que isso significa ‘manter distância de uns dois metros entre as pessoas’. Também complica um pouco o que muitos recomendam, sem mais: ‘manter distância social’. Essa ‘distância social’ e o ‘não aglomerar’, certamente, não têm boa compreensão por uma considerável parte da população.

Caro Paulo, sentindo cada vez mais a necessidade de uma educação cidadã, pondero que as pautas identitárias, que ambos concordamos serem importantes e necessárias, correm o risco de relegar a um segundo plano a possibilidade do exercício da cidadania plena neste momento de muitas crises.

Continuarei sonhando com a nossa 'Pedagogia dos sonhos possíveis'<sup>2</sup> - pedindo licença e contando com a nossa querida Nita - sobre como propor uma educação para a cidadania, esperando ainda por suas bem-vindas inspirações. Dessa forma, quem sabe convertamos esses desconhecimentos nos seus 'inéditos viáveis'<sup>3</sup> para que se concretize um amplo e significativo exercício da cidadania?

Também quero trocar ideias com você sobre algo que muito me preocupa e para o quê tenho cobrado mais rigorosidade comigo mesmo e com gente que se identifica com sua obra. Luto por uma melhor compreensão de muitos de seus termos e expressões essenciais. Insisto, sobretudo no que se relaciona com uma educação 'dialógica', 'libertadora' e de 'prática da liberdade'. Um exercício a ser realizado a partir de 'problematizações' sobre 'palavras e fenômenos geradores' capazes de potencializar os 'temas gerados ou geradores' e as subsequentes problematizações. Nós sempre esperamos que isso ocorra por toda a vida com significativas e recorrentes 'leituras e releituras do mundo'.

Agora quero trocar ideias com você sobre algo que muito me preocupa e para o qual tenho cobrado mais rigorosidade comigo e com gente que se identifica com você e sua obra. Luto por uma melhor compreensão de muitos de seus termos e expressões essenciais relacionados a uma educação 'dialógica', 'libertadora' e de 'prática da liberdade'. Isso a partir de 'problematizações' sobre 'palavras e fenômenos geradores capazes de potencializar os temas gerados ou geradores' e as subsequentes problematizações. Nós sempre esperamos que isso ocorra com significativas e recorrentes 'leituras e releituras do mundo' por toda a vida.

Tenho notado que muitas vezes seus termos são utilizados em narrativas de alguns de seus apreciadores que nem sempre revelam um conhecimento consistente dos seus significados. Ou seja, luto para que estes saibam o que significam os seus próprios e rigorosos termos e categorias de pensamento, caro Paulo.

Recentemente, numa entrevista pela internet,<sup>5</sup> ao me referir à 'leitura do mundo', Madalena<sup>6</sup> que a presenciava, me assinalou por trás da tela que eu procurasse aprofundar o significado desta expressão. Esse cuidado e a sua recorrente insistência sobre os significados das leituras do mundo, da palavra e dos números já estava assinalado<sup>7</sup> na sua primeira intervenção quando do nosso diálogo publicado em 1991:



**PAULO FREIRE.** Em nossos muitos encontros, confrontamos nossas experiências no tocante à alfabetização. As lições que você tirou de suas pesquisas em etnociência<sup>8</sup> coincidem frequentemente com minha visão de pedagogo e lançam uma luz original sobre o que chamei de "leitura do mundo".

É preciso não esquecer essa evidência: as crianças pequenas, bem antes de desenharem e traçarem letras, aprendem a falar, a manipular a linguagem oral. Por intermédio da família, leem a realidade do mundo antes de poderem escrever. Em seguida, apenas escrevem o que já aprenderam a dizer.

No dia seguinte a essa recomendação de Madá, entrei no buscador e, entre poucas coisas mais objetivas, encontrei um vídeo que partia de interessantes noções e ilustrações citando um pequeno texto seu. No entanto, logo após a boa introdução com um garoto não letrado lendo seu entorno e seu mundo, começam depoimentos de escritores e professores. Foi decepcionante. Pasmé! A maioria deles retirava um livro de sua estante e, ao abri-lo, referia-se à importância do livro para nos conduzir a ler o mundo! Ou seja, esses eruditos recorrem a uma proposta fraca de problematização e muito distante da sua com o mundo lido antes do livro. Como sabemos, mas é preciso sempre lembrar, esse nosso mundo é apenas um entre muitos, na diversidade de mundos que não são apenas os nossos, mas os muitos outros existentes sobre o Planeta, com suas diferentes soluções de organização social dentro de uma enorme diversidade de sociedades e suas culturas. Não podemos nos esquecer que esses mundos distintos compreendem as leituras das interações entre as pessoas que, por sua vez, convivem com as relações entre terras, territórios e seus céus, sempre lidos e representados tanto individual como coletivamente. Muita gente se esquece que não somente "nós", mas também outras sociedades são guardiãs de cada distinta forma de inscrição e leitura nos muitos e diversos mundos. Por estas razões, tenho insistido no uso plural de mundos.

Em março deste ano<sup>9</sup>, Nita e eu participamos à distância da 'I Jornada de Estudos Em Educação' (UEMG, Cláudio, MG), na qual esse mundo plural foi explorado. Aliás, Paulo, graças à sua consagrada importância, seu centenário tem nos ocupado com prazer, mas incessantemente.

Agora não me contenho em contar ou recontar-lhe o prazer que experimentei num ótimo caso de leitura do mundo por um garoto por volta dos anos 1990. Como você sabe, eu mantinha um projeto com professoras e estudantes das primeiras séries de uma escola municipal de Campinas (SP). Lá uma professora contou-me uma de suas interessantes memórias pedagógicas:

No início de todas as suas aulas e num mesmo horário matutino, um aluno problematizador e criativo olhava repetidamente para o teto e para o chão a fim de encontrar o bom e preciso local onde dispor sua mesinha de trabalho.

Poucos dias se passaram e a professora, incomodada, não se conteve. Indagou ao aluno o porquê dessa balbúrdia todos os dias!

Então o aluno pediu que a professora observasse um buraquinho no teto por onde a luz do Sol incidia sobre o chão da sala durante algumas horas do dia.

Continuando a explicação ele disse: “Professora. Tá vendo aquela luzinha no chão?”

A partir do círculo luminoso visto no chão, o aluno afirmou: “quando a luz chegar aqui em cima da minha mesa, vai bater o sinal do recreio.”

Pronto! Mesmo depois do acesso à escola e de se familiarizar com a leitura alfabética e numérica, esse aluno continuou suas recorrentes leituras do mundo, mesmo dentro da sala de aula.

O relato me marcou tanto que, recentemente, ao entrar numa garagem com teto de telhas coloniais, observei que de um pequeno buraco entre as telhas a luz do Sol projetava um círculo luminoso no chão e este se deslocava em função da trajetória diária e anual do Sol.<sup>10</sup> Trajetória essa observada por nós, que estamos centrados no referencial ou ponto de vista de observação, a partir do lugar onde pisamos (referencial topocêntrico). Claro que o fenômeno observado evocou a brilhante problematização e consequente solução do aluno para saber a hora do recreio. Tudo isso se reatualizou no que fotografei. Foi uma releitura do mundo evocada à luz do que leu o aluno como mostram, por analogia, as fotos da Figura 4.

Aquele aluno esperava pelo recreio enquanto raciocinava e experimentava na sua ação autoeducativa. Ele nunca esperou passivamente pelo recreio. Foi fundamental a abertura dessa professora para a relação dialógica educador-educando. Essa dupla abriu espaço para as suas respectivas estratégias e táticas<sup>11</sup> que se expressaram livremente gerando uma construção de conhecimento cheia de boniteza.<sup>12</sup>

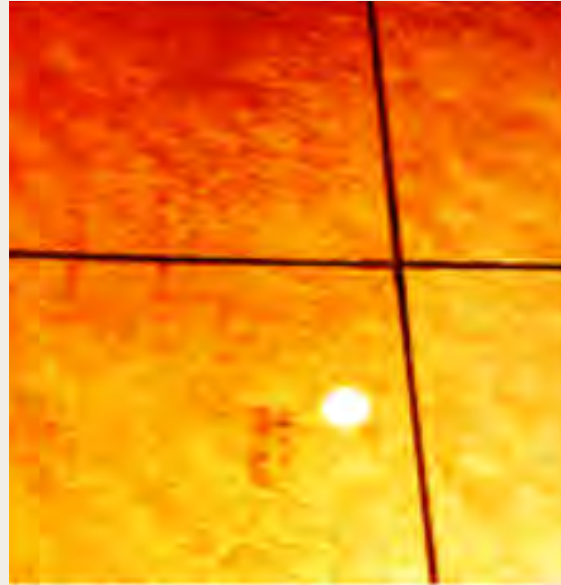


Figura 4 - Leitura do mundo na garagem (24 fev. 2021 - 10h 37m )

Quase terminando esta carta , no imenso prazer que sempre tive pelos nossos encontros, quero reforçar o quão importante foi, recentemente, ver publicado um capítulo que escrevi sobre muitas das nossas tertúlias. O livro é 'Para Sempre Paulo Freire', cujo título do meu capítulo diz muito das nossas emoções e descobertas que vivenciamos: 'Capítulo 1 - Leituras do Mundo por Veredas e Temporalidades com Paulo Freire'.<sup>13</sup> Numa das seções<sup>14</sup> do capítulo, discuto e agradeço por você ter me prestigiado ao usar e explicar o termo SULear, criado por mim em 1991, no seu livro 'Pedagogia da Esperança' de 1992.

Escrever o capítulo sobre você foi para mim uma forte emoção cujas memórias remontam aos anos 1960, quando ainda à distância, na PUC-RJ (Rio de Janeiro), você já me trazia inspiração e exemplos. A partir dos anos 1980, nos conhecemos e firmamos uma querida relação de produções e emoções. Agradeço a Ana Maria 'Nita' Araújo Freire pelas lindas referências à nossa tripla e bela amizade num dos parágrafos do prólogo desse livro - 'Para Sempre Paulo Freire'.

Nos intensos exercícios de memória para a escrita, tive fortes emoções nos diálogos com amizades marcadas pelos tempos de faculdade e ações sociopolíticas, sempre no esplendor dos primeiros anos 1960 que antecederam a repressão pós golpe militar de 1964. Reencontrei algumas dessas pessoas ainda residentes nos seus mesmos lugares onde viveram na condição de exilados, outras por aqui mesmo – sempre num mar de comoções.

*Por aqui fico, com esta carta que contém mais uma revivescência de nossas saudosas veredas e temporalidades.*

*Cheio de afeto e com você  
Para sempre Paulo Freire',  
Um forte abraço,*

*Outono em Rio Novo (MG), Zona da Mata  
Sábado, 12 de junho de 2021,  
Enamorados pelos muitos mundos e suas  
gentes que nos rodeiam*

*Márcio D'Olne Campos*




## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Marcio D'Olne. Capítulo 1 – Leituras do mundo por veredas e temporalidades com Paulo Freire. In COSTA, Antonio Carlos Figueiredo (Org.). **Para Sempre Paulo Freire**, e-book, 1a ed. Contagem, MG/Brasil: Editora Escola Cidadã, 2021a, p. 17-119. Disponível em: <<https://bit.ly/3idAR4K>>. Acesso em 10 jun. 2021.
- CAMPOS, Marcio D'Olne. Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar. In FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire**, São Paulo: Paz e Terra, 2021b, p. 199 – 235.
- CAMPOS, Marcio D'Olne. A cosmologia dos Caiapós. In Etnoastronomia, Scientific American Brasil, São Paulo, v. 14, p. 62-71, 2006. Disponível em: <<https://www.sulear.com.br/texto11.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2021.
- CAMPOS, Marcio D'Olne. Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas e Práticas? In **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**: Anais, Rio Claro, SP, 29/11 a 1/12/2001, (M. C. de M. Amorozo, L. C. Ming, S. M. P. da Silva. Orgs.), p. 47-92. Rio Claro: Coordenadoria da Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq. 2002. Disponível em: <<http://sulear.com.br/texto02.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2021. Disponível em: <<http://sulear.com.br/texto02.pdf>>. Acesso em 10 de jun. 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer, Petrópolis: Vozes, 2008. 352 p.
- FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**: Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2001, p. 301.
- FREIRE, Nita. Inédito viável. In: STRECK, D. R.; REDIN, E. ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 223 - 226.
- FREIRE, Paulo e CAMPOS, Marcio D'Olne. Leitura da Palavra... Leitura do Mundo. In o **CORREIO da UNESCO**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 4-9, fev. 1991. Disponível em: <<http://sulear.com.br/texto06.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo, SP, Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 [1974]. 222p.

- 
- 1 - José Abelardo “Chacrinha” Barbosa de Medeiros (1917-1988), comunicador de rádio e televisão.
  - 2 - Título de um livro organizado por Nita Freire com diversos textos freireanos (FREIRE, 2001).
  - 3 - Situações limites e o inédito viável são termos tratados num excelente verbete de Nita Freire. Esses termos têm sua origem no capítulo 3 da ‘Pedagogia do Oprimido’ de Paulo Freire (FREIRE, 2010; FREIRE, 1981).
  - 4 - Sobre ‘fenômenos geradores’, ver desse autor a seção “11. Das palavras geradoras aos fenômenos geradores: Leituras do mundo na educação em ciências” (CAMPOS, 2021, p. 100 a 104)
  - 5 - ‘SULear: Ler e Viver o Mundo’ - ‘Fala, Nobre’: Eder Lima recebe Marcio D’Oliveira Campos. Live "gravada em 11/02/2021, com o Físico, Antropólogo e Astrônomo Marcio D’Oliveira Campos. [1:09:40].
  - 6 - Madalena Mattos Pontes, esposa, mestra em engenharia de alimentos e nutricionista com quem tenho compartilhado pesquisas e publicações na minha investida em antropologia de hábitos alimentares, ou da comida
  - 7 - Ver (FREIRE e CAMPOS, 1991). Reproduzido no livro organizado por Nita Freire (FREIRE, 2001).
  - 8 - Sobre etnociência e etnoastronomia ver dois artigos sobre esses temas (CAMPOS, 2002; 2006).
  - 9 - I Jornada de Estudos Em Educação, UEMG Cláudio (MG) UEMG Cláudio (MG), 19 de março de 2021. As falas foram: Nita Freire (“A boniteza de dizer o sim através do não, em Paulo Freire”); Marcio D’Oliveira Campos (Paulo Freire: um legado para ler os mundos). <<https://www.youtube.com/watch?v=TL1Jmx57URA>> [1:50:48].
  - 10 - O círculo luminoso tem essa forma geométrica por ser propriamente a imagem do Sol. Com a grande distância entre a imagem no chão e o furo da telha, esse furo comporta-se como se fosse muito pequeno, um furo de alfinete (pinhole em inglês). Isso tem relação com as primitivas “pinhole cameras” sem lentes dos primórdios da fotografia. Consultar, por exemplo: ‘Câmera pinhole’ e ‘Fotografia pinhole (ideias práticas)’ nos links a seguir: 1. <[https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera\\_pinhole](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera_pinhole)>; 2. <<https://www.eba.ufmg.br/cfalieri/pinhole.html>>.
  - 11 - As noções de estratégia e tática muito bem desenvolvidas por Michel De Certeau [1998, p. 45-46 e 97-102] são muito úteis para uma reflexão sobre o contraste freireano entre as educações bancária e dialógica discutido na Pedagogia do Oprimido [CAMPOS, 2021, p. 48-52]. Note-se que o genial uruguaio Mario Benedetti apresentou, por via do amor, esses termos na linda poesia ‘Táctica y estratégia’ (<[http://www.avantel.net/~eoropesa/html/poesia/mbenedetti1.html#mbenedetti\\_4](http://www.avantel.net/~eoropesa/html/poesia/mbenedetti1.html#mbenedetti_4)>)
  - 12 - Ver o Capítulo 10: “Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar” (CAMPOS, 2021b).
  - 13 - Capítulo 1 do livro Para Sempre Paulo Freire (CAMPOS, 2021a)
  - 14 - A seção referida é “9. SULear vs NORTEar - Esperanças SULeadas por Freire a partir da ‘Pedagogia da Esperança’” (CAMPOS, 2021, p. 92-95)





amorosidade

CLASSIFICADOS  
POÉTICOS  
FREIREANOS

# Classificados poéticos freireanos

1. **Classificados da educação e esperança**  
*Ana Cristina Ribeiro Silva*  
*Ângela Mazzari Ramos*  
*Emiliana Pinheiro*  
*Janua Celi Rodrigues*  
*Lídia Léa Costa Camillo*  
*Mara Silvia Seabra*  
*Maria Isabel Batista Serrão*  
*Yara Maria Mattioli*
2. **Classificado poético existencial**  
*Edson Gabriel Garcia*
3. **Enchente**  
*Elizete Maria Dantas Rocha*
4. **Terra**  
*Geni Rosa Duarte*
5. **Eu quero estar aqui**  
*Luiz Roveran*
6. **Freire em versos**  
*Maria José Reginato*  
  
*Maria Suemi Salvador*
8. **Paulo Freire nos diz**  
*Maria Terezinha Carrara Lelis*
9. **Cem anos de Paulo Freire**  
*Melúzia Ribeiro*
10. **Palavras para Paulo Freire**  
*Milton Hatoum*
11. **Amado Mestre Paulo Freire**  
*Regina Celia Santiago Carvalho*
12. **Para o mestre, um poema sombreado**  
*Tamara Castro*



# Classificados da educação e esperança<sup>1</sup>

Ana Cristina Ribeiro Silva, Ângela Mazzari Ramos, Emilianina Pinheiro, Janua Celi Rodrigues, Lídia Léa Costa Camillo, Mara Silvia Seabra, Maria Isabel Batista Serrão e Yara Maria Mattioli.

## **ACHADOS E PERDIDOS**

*Em 1989 encontramos na maior cidade do Brasil, São Paulo, um  
secretário singular*

*que propiciou as condições para a boniteza das aprendizagens*

*que provocou o potencial criativo e contestador de todos os sujeitos  
envolvidos na ação educativa*

*que acreditou na gestão democrática*

*que promoveu a todos o acesso ao conhecimento*

*que possibilitou a construção de um estatuto que valorizasse o  
magistério*

*que recuperou a alegria nas escolas*

*que alimentou a esperança de uma educação pública de melhor  
qualidade*

*Seu nome, Paulo Freire*



## TROCA-SE

*O amargo sabor do autoritarismo pela doce participação popular*

*O conformismo por uma escola participativa*

*Condições precárias de trabalho por valorização e respeito ao magistério*

*Meritocracia por formação permanente*

*Sombras por sonhos*

*Desalento por esperança*

*Distopia por utopia*

*Tristes tempos por alegrias sem fim*

## QUERO

*Educação de qualidade para todes*

*que os olhos dos educadores voltem a brilhar*

*que a alegria das crianças ilumine as trilhas do saber*

*que a participação popular seja reanimada*

*e que sonhos sejam possíveis*

**1 As autoras, educadoras dos NAEs 5 e 6, coordenaram os Grupos de Formação na gestão Luiza Erundina/Paulo Freire, se inspiraram livremente nos Classificados poéticos de Roseana Murray.**





# Classificado poético existencial

Edson Gabriel Garcia

*Viver Paulo Freire é...*

*...soprar o pó dos sonhos dormidos*

*...desacomodar certezas endurecidas*

*...inventar futuros no presente*

*...engendrar outras postagens*

*...esticar ventos inventivos*

*...reanimar espíritos anoitados*

*...mover a roda da história*

*...desenhar uma outra geografia*

*...saborear novas esperanças*

*...bailar sobre as contradições*

*...sobretudo, ver logo ali, uma vontade de recriar utopias!*





# Enchente

Elizete Maria Dantas Rocha

*Sobre a cidade pairou  
um sonho libertador.*

*Como num sopro, surgia  
um festim de euforia.*

*A Realidade ancorou  
num Estudo abrasador.*

*Em ruas, casas, portões,  
moradores, aflições...*

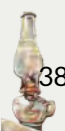
*E a "Palavra-Geradora",  
emergindo promissora,*

*Organiza o Conhecer  
Em leque, áreas, saber.*

*A Aplicação explodia:  
O Conhecer se amplia.*

*E Paulo Freire caminha  
No fluxo da entrelinha.*

*Recorte da ação educativa à luz do Pensador Paulo Freire. Voo sobre as águas da Palavra-Geradora de transformação social. "Pedagogia do Oprimido", "Pedagogia da Autonomia".*





# Terra

Geni Rosa Duarte

*As mãos são pesadas,  
calosas,  
lentas,  
com jeito  
de pegar na enxada  
e revolver a terra.*

*A terra!  
A mão no lápis,  
devagar,  
desenha letras,  
junta tudo  
e finalmente lê:*

*Terra!*

*E terra deixa de ser apenas o que a enxada mexe,  
e passa a ser a roça, o pasto, o campo, o fruto,  
o horizonte, a chuva, o brotar e o colher,  
a jornada dura do dia a dia,  
o desejo de ser mais que a extensão da enxada.*

*Terra, ele escreve.*

*Terra!*

*Minha terra.*

*Nossa terra.*

*A terra, a terra que há de ser nossa.*

*Terra!*

*(Dedicado aos companheiros do MST, para quem terra é vida).*





# Eu quero estar aqui

Luiz Roveran

*Há pestilência e ignorância  
E distância nos aparta  
De quem mora ao lado  
Há quem venda solução  
Venda olhos  
Venda patrimônio  
Eu quero estar aqui.*

*Há cartazes e mensagens  
E pessoas  
Mantra da propriedade  
Do esforço  
Do trabalho que liberta  
Oferta de quem nunca fez força  
Eu quero estar aqui.*

*Há pão para poucos  
Há mil ouvidos moucos  
E lágrimas de mercúrio  
Densas  
Argentas  
Do espúrio expurgo da terra  
Eu quero estar aqui.*

*Há violência por todos os lados  
A todas as gentes  
Em todas as partes  
Há quem arme os violentos  
E espanque os inocentes  
Pela cor de sua carne  
Eu quero estar aqui.*

*Há terras abundantes  
D'onde brota a secura  
Há tetos nas cidades  
Abrigando fantasmas  
Há brutos que tudo arrestam  
E mansos que nada herdaram  
Eu quero estar aqui.*

*Há de se estar no mundo para lê-lo  
E há de se ler o mundo  
Para que menos difícil seja amá-lo  
Eu quero estar aqui.*





# Freire em versos

Maria José Reginato

*Observando a vida de Paulo Freire, lendo sua obra  
Ou tentando fazer sua teoria acontecer,  
Quanto pude aprender!*

*Ser pacientemente impaciente,  
Na permanência ou na mudança.  
Sem nunca deixar de ser gente.*

*Ir em busca da sonhada utopia.  
Não só, mas junto com outros.  
Num diálogo sem miopia.*

*A busca pode gerar medo.  
Mas pode, também, simultaneamente,  
Gerar ousadia.*

*Educar não é depositar no outro o conhecimento.  
É ajudá-lo a ler o mundo.  
Nos seus explícitos e implícitos elementos.*

*Não há quem tudo saiba.  
Não há quem não saiba nada.  
Por isso a aprendizagem é experiência solidária.*

Mudar o mundo é tarefa difícil.  
Mudar pessoas também é.  
Mas são só elas que tornam a mudança possível!

Como mudar?  
Só tem um jeito: conhecer e dialogar.  
Outro caminho não existe, não adianta tentar.

Educar tem que ser um ato emancipador.  
Se não for assim, o oprimido de hoje,  
Amanhã será o opressor.

Não há receitas para se educar.  
O que ajuda é o lhar a própria prática.  
E ela problematizar.

Também ajuda um pouco de humildade.  
Reconhecer a crítica e o outro  
É um ato de amorosidade.

Errar? Erramos, não faz mal.  
O que não pode faltar  
É o rigor intelectual.

Sabendo-nos inconclusos, sem a verdade na mão,  
Ir atrás de conhecer mais e mais,  
É nossa obrigação.

Para encerrar, do que vivi e aprendi posso afirmar:  
Diálogo, amor e crítica tem que ser o cotidiano  
De quem por ofício educa e diz de si – sou freireano(a).







# Agradecimentos

Maria Suemi Salvador

MEU ALUNO  
NÃO É VAZIO  
DE SI.  
ELE É UM RIO  
A CORRER  
POR SI.  
MEU ALUNO  
TEM RAIZ  
QUE SE FORMOU  
NO SOLO  
DO SEU SABER  
SOLO FÉRTIL  
PELA PRÓPRIA  
VIDA.  
MEU ALUNO  
TEM HISTÓRIAS  
MEU ALUNO  
TEM AMIGOS  
TEM PARENTE  
E UM POVO  
QUE TEM CULTURA.  
MEU ALUNO  
É REPLETO  
DE SI

TEM UM UNIVERSO  
EM SUA MENTE.  
ELE SE ESFORÇA  
POR UM FUTURO  
FELIZ COM MESA FARTA.  
EU LHE DEVO  
MEU ALUNO  
UM OLHAR  
DE QUEM O VÊ  
RESPEITOSAMENTE  
POR INTEIRO.  
OBRIGADA, MEU ALUNO  
OBRIGADA, PAULO FREIRE.





# Paulo Freire nos diz

Maria Terezinha Carrara Lelis

*Paulo Freire nos diz:  
Da alienação à conscientização  
Da ignorância ao saber  
Da desumanidade à humanização.*

*A - cre - di - tar*

*Crer no dito da impotência  
É estar perto da morte  
É ter o coração roubado  
Por homens e mulheres que matam  
Por homens e mulheres que se matam.*

*Crer no não-dito  
É se a-sujeitar na privação  
É se permitir a invasão.*

*Acreditar na potência  
É sentir pensar sem medo  
É ser prenehe do outro  
É ser sujeito de sua ação.*





# Cem anos de Paulo Freire

Melúzia Ribeiro

*Prezado e saudoso, Paulo Freire.  
Orgulho de todos educadores.  
Hoje, tomei uma dose da vacina  
para voltar ao trabalho e não esquecer  
da minha sina*

*Assim como o senhor  
Sou muito amorosa.  
Cuido muito das pessoas,  
chego a ser muitas vezes  
chamada de melosa.*

*Me sentir privilegiada.  
No meio de milhões  
Querendo vacinar,  
Mas, precisam sua vez, aguardar.  
Estou no gráfico  
Dos 10 %; vacinada,  
Mas, amargurada.*

*A vacina não pode ter exclusão  
Todos e todas de qualquer idade, precisam urgente  
dessa vacinação!*

*Querido, Paulo Freire,  
Como seria se estivesses aqui?  
Nos teus 100 anos, Sem poder aglomerar?  
Nordestino, assim como eu,  
Adoram farrear!*

*Mas, como o senhor disse: "sou um intelectual  
muito amoroso com as pessoas e brigo  
para que a justiça social venha antes da  
caridade"*

*Então, caro, Paulo Freire,  
Fiques onde estás, no céu!  
Todos aqui, nunca te esquecerão!  
Nesse momento,  
leio o teu livro.  
Educação e atualidades.*

*Aqui, nunca esqueceremos de ti,  
És a nossa inspiração, o nosso legado!  
Se estivesses aqui, ficarias indignado.  
Muita fome, tristezas e teu po vo,  
os educadores, querendo ser vacinados!*

*Assim seguiriam em frente,  
para cuidar dos nossos alunos.  
Que muito nos preocupam.  
E as autoridades, aquelas de sempre,  
não nos chamariam de negligentes!  
Queremos que tudo isso passe logo,  
Pois, tudo aqui, está muito difícil.  
Até, o teu inesquecível,  
Diálogo...*





# Palavras para Paulo Freire

Milton Hatoum

**Ensinar a ler-escrever não é  
decorar o abecê,  
e sim tirar as palavras  
da sombra e do silêncio.**

**Educar com o outro alfabeto:  
d (o) ar aos que que não tinham  
(não têm) palavras para dizer:  
*Quem eu sou,*  
diante do outro que sempre bradou:  
*Não és ninguém, nunca foste nada.***

**Ensinar a palavra que pensa  
e constrói uma vida solidária:  
não as falsas letras da alforria oficial.  
Ensinar a ler-pensar a partir  
de cada ser e sua experiência:  
o corpo e a alma dilacerados por histórias  
tantas de horror e humilhação,  
no além-mar, aqui.**

**Na palavra Pão há o trabalho das mãos  
que colheram o trigo,  
e o de outras mãos  
que fermentaram a massa e deram sal ao sabor.  
Mas na palavra Pão  
fermenta também o desespero dos famintos.**

**Na palavra Tijolo há mãos  
que enformam argila e cimento,  
há paredes erguidas com fio de prumo, capricho.  
E perguntas: por que viver sob teto precário?  
Por que não uma digna morada?**

**Freire: irmão-frère dos desvalidos. É tarde demais  
para proibir a leitura dos teus textos,  
tarde demais para censurar tuas palavras.  
Nunca será tarde para ler e descobrir  
quem sou, quem somos,  
e tecer sem trégua a liberdade.**





# Amado Mestre Paulo Freire

Regina Celia Santiago Carvalho

**P**alavra dita, lavrada e vivida na relação com a leitura de mundo.  
**A**ncorada na construção de um caminho, aliado à felicidade coletiva,  
**U**ngido de coragem e ousadia pela luta social.  
**L**ouvava na cultura de cada povo: a beleza, a história e a luta na busca do  
**O**ntem esperançado no hoje, para recolher no amanhã, os frutos.  
**F**avoreceu, em sua arte de ensinar, a curiosidade epistemológica que  
**R**einventava com audácia o humano e, com ele reafirma a  
**E**sperança e a ética da rebeldia que possibilitam,  
**I**ncessantemente, a construção da justiça social e o sonho de  
**R**esgatar para todo o povo, a paixão por algo irrecusável que  
**E**ssencialmente é a necessidade de ser livre e feliz!

*Gratidão pelos ensinamentos em meu percurso de educadora que refletiu no meu  
caminho de vida.*







# Para o mestre, um poema sombreado

Tamara Castro

*À sombra desta mangueira  
não de uma mangueira qualquer  
mas da que nasce neste chão  
abro minha rede  
me rego em Paulo Freire.*

*Assim ensina o mestre:  
que o saber tem mil sabores  
cheiros, origens e cores.  
E essa é a riqueza  
de ser sempre aprendiz.*

*Pois é de incompletude  
que se faz minha humanidade,  
obra aberta à palavra-mundo  
em diálogo incessante.*

*Na alegria séria  
da lida diária  
no tecer reflexões em atos  
ações que germinam ideias  
é que nasce a práxis transformadora:  
sonhos enraizados na vida  
trama feita a muitas mãos.*

*À sombra desta mangueira  
sinto a força das raízes  
onde nasce a utopia  
de outros possíveis mundos.*

*E no abrigo de seus galhos  
alimento a sede de plantar  
a boniteza séria da palavra-ação  
esperançar.*



Caro Paulo Freire,

lamento saber que uma indisposição de saúde tenha motivado o cancelamento de sua visita a...

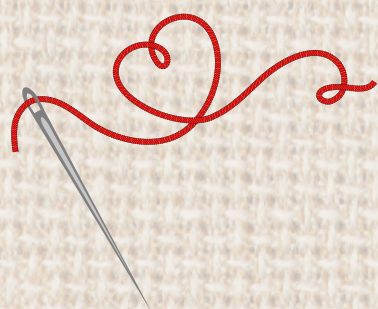
leitura de mundo

Indira Gandhi (New Delhi, 16 de maio de 1917 - 31 de outubro de 1984)

Traçados de  
mãos  
encantadoras

# Traçados de mãos encantadoras

1. Walkiria Rigolon
2. Maria José Masé Bettini dos Santos.
3. Eliana Delchiaro.
4. Linhas de Sampa
5. Sonia Aparecida Martins de Santana
6. Lenine
7. Gabriela Justine
8. Edson Pelicer

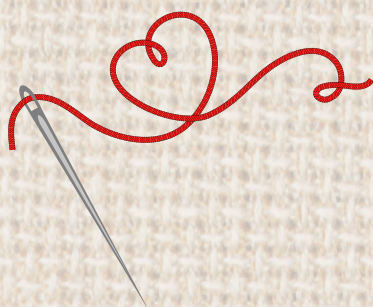


Bordado em comemoração ao centenário de Paulo Freire - Bordado 100 anos Paulo - elaborado por Walkiria Rigolon



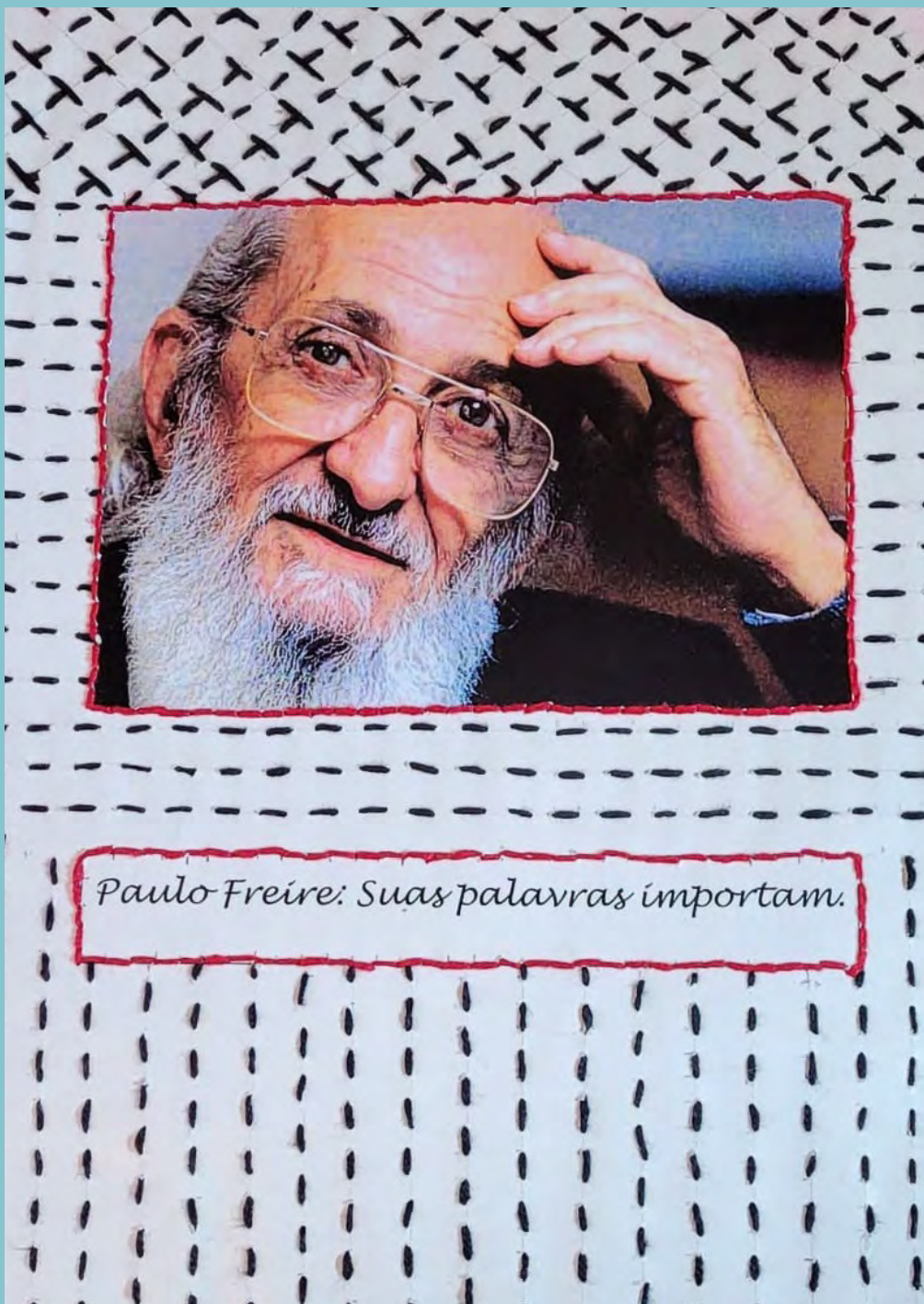


Imagem da internet e das técnicas: bordado em madeira e pirogravura tamanho 20x30cm.



Trabalho realizado por Maria José Masé Bettini dos Santos.





*Paulo Freire: Suas palavras importam.*

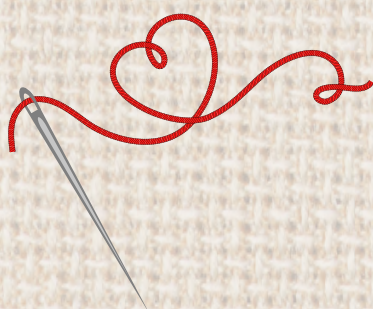
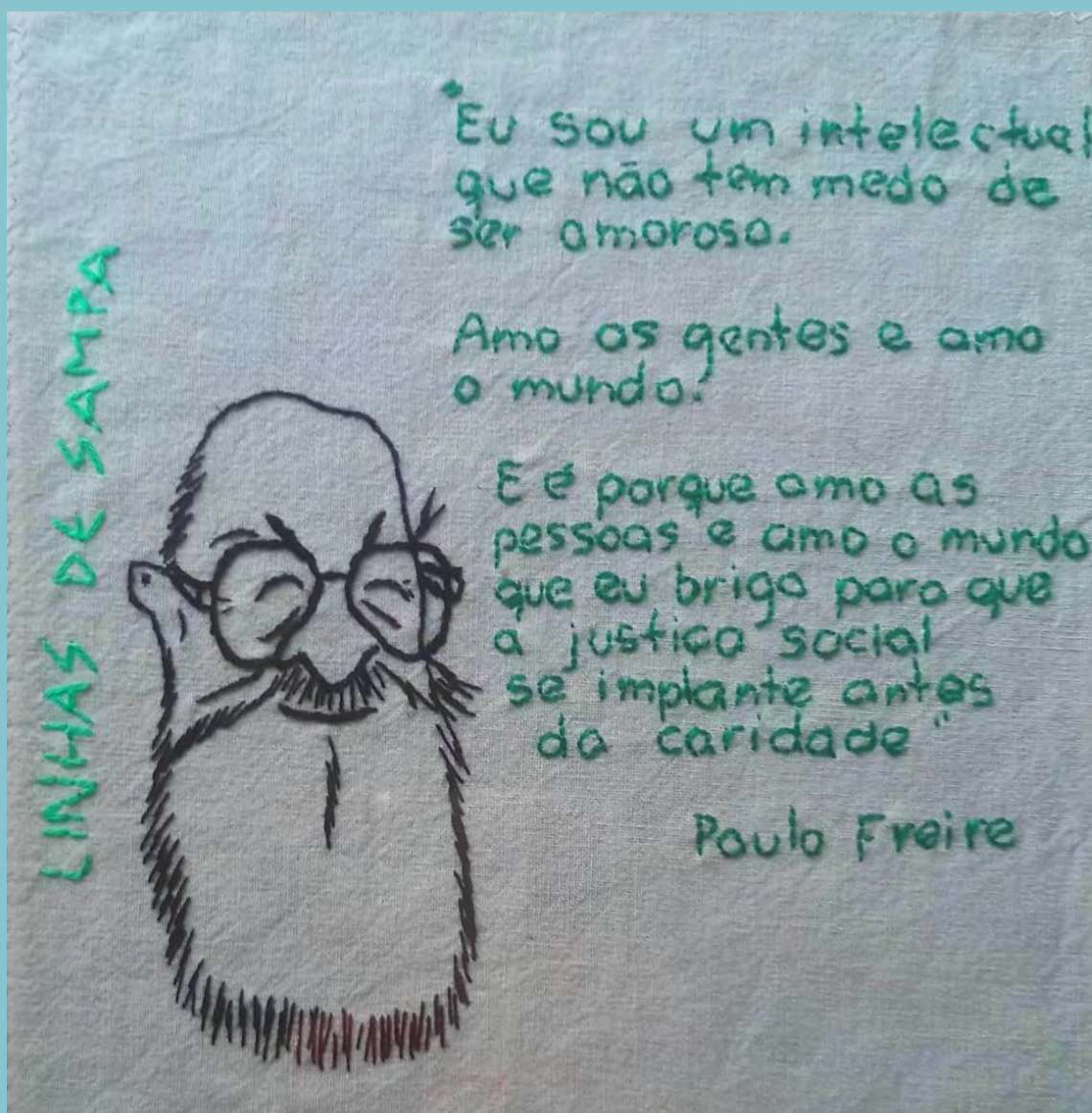


Foto bordada por Eliana Delchiaro.





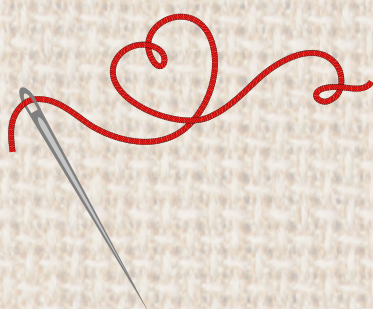
LINHAS DE SAMPA

Eu sou um intelectual  
que não tem medo de  
ser amoroso.

Amo os gentes e amo  
o mundo!

É porque amo as  
pessoas e amo o mundo  
que eu brigo para que  
a justiça social  
se implante antes  
da caridade.

Paulo Freire

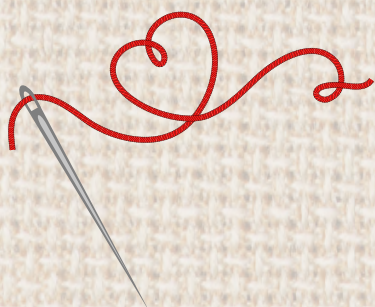


Linhas de Sampa é um grupo de esquerda, que se reúne  
para bordar política e por justiça.

*"Onde houver uma boa luta, lá estaremos."*







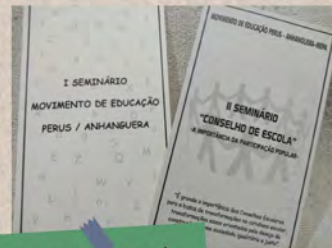
Painel - Elaboração de Sonia Aparecida Martins de Santana.



Caminhada fabrica: Escola e comunidade 1991



Paulo Freire presente, em Perus, dentro e fora da Escola na construção de Educação pública e popular!



Projeto Inter: Feira cultural 1991- EMEF Cândido Portinari

Projeto Inter: Encontro de jovens 1991- EMEF Cândido Portinari

Movimento de Educação - 1990



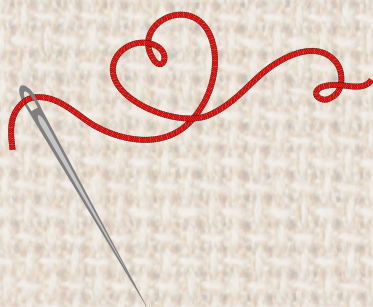
Projeto Coruja 2000-2014



Universidade Livre e Colaborativa - TICP 2012 - atual

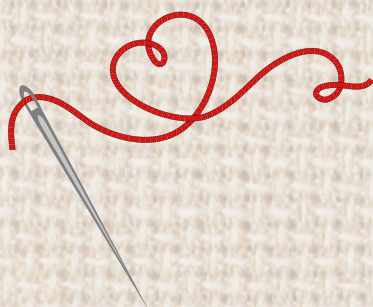
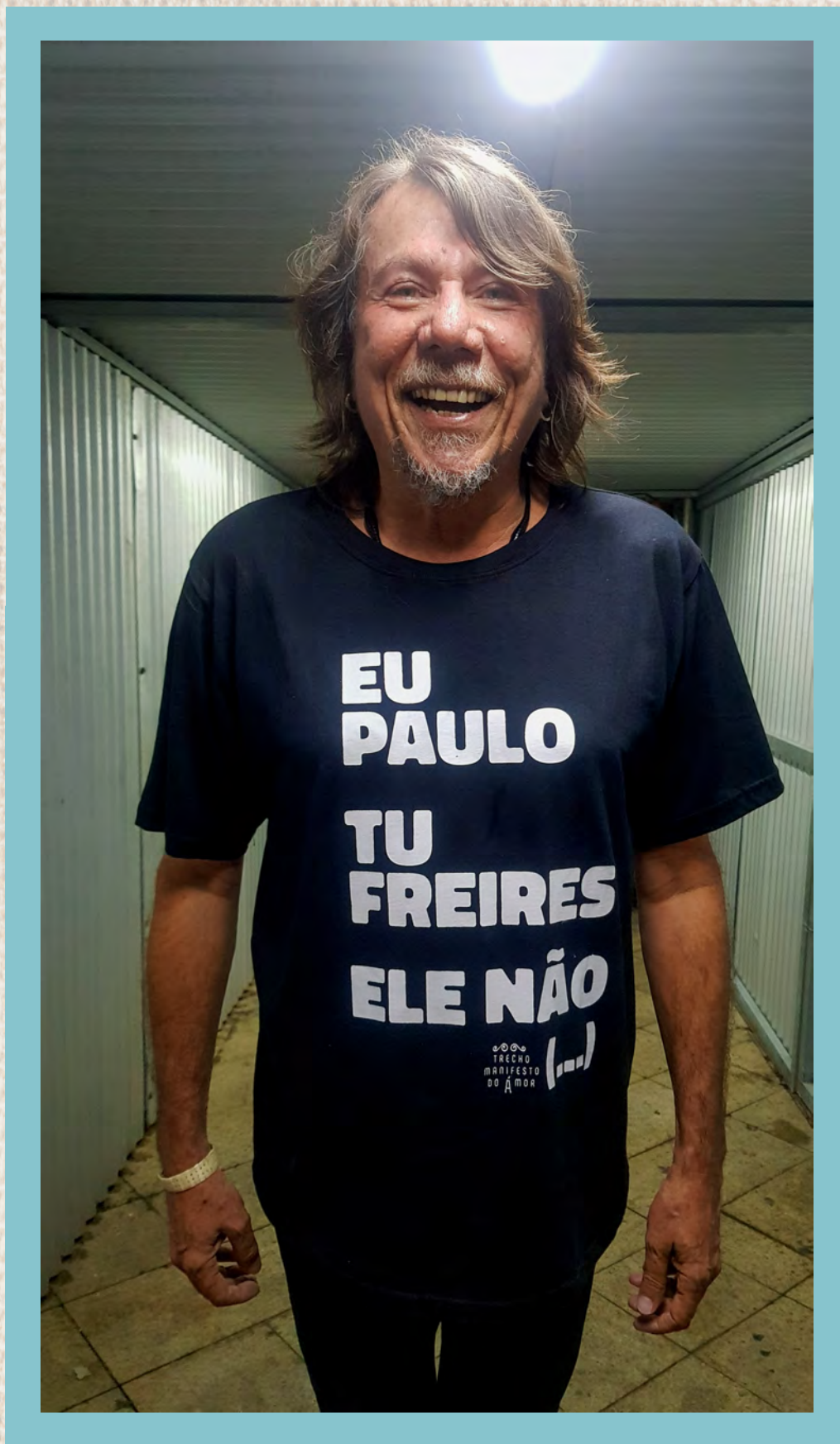


GT Educação TICP Jaraguá-Perus/ Universidade Livre e Colaborativa  
Projeto gráfico: Gabriela Justine



Painel de fotos do GT Educação TICP Jaraguá / Perus - Universidade Livre e Colaborativa. Projeto Gráfico: Gabriela Justine.





Homenagem do cantor e compositor Lenine a Paulo Freire. Acervo de Lenine.





# ANOTAÇÕES E LEMBRANÇAS DE ALCANCE TEÓRICO



Actual  
Stencil  
Design

# Anotações e lembranças de alcance teórico

- 1. Paulo Freire e a Gestão da Educação na cidade de São Paulo entre 1989 e 1992**  
*Selma Rocha*
- 2. A Pessoa de Paulo memórias – depoimentos**  
*Carlos Rodrigues Brandão*
- 3. Pelos inéditos-viáveis dos currículos nas escolas**  
*Júlio César Augusto do Valle*
- 4. E por falar em educação da pequena infância: Paulo Freire está presente...**  
*Adilson De Angelo*
- 5. Paulo Freire: uma vivência formadora**  
*Sonia M. P. Kruppa*
- 6. Pensar certo: aceita o desafio?**  
*Suzir Palhares*
- 7. Paulo Freire, cristão ou comunista? Um depoimento**  
*Dermeval Saviani*
- 8. Por que atacam Paulo Freire?**  
*Daniel Cara*
- 9. Paulo Freire e a interdisciplinaridade via tema gerador – alguns registros e reflexões**  
*Rubens Barbosa de Camargo*
- 10. Paulo Freire, somos tantos!!!**  
*Andrea Barreto e  
Fernando José de Almeida*
- 11. Paulo Freire? Presente!**  
*Luiza Helena da Silva Christov*
- 12. E agora, Freire?**  
*Cristiane Mello de Miranda Silva,  
Dayane Santana dos Reis,  
Emilly Pereira Silva,  
Nicolle Rebelo de Araújo,  
Renata Simone Vicente Bortoluzo,  
Sérgio Pereira Nogueira Júnior,  
Thábata Persinotti Martini,  
Thais Morgado dos Santos,  
Thiago Ferauche,  
Waira Aranha*
- 13. Pensar currículo com Paulo Freire: retomando a conversa sobre conhecimento**  
*Maria das Mercês Ferreira Sampaio  
Cláudia Valentina Assumpção Galian*
- 14. A Importância do Ato de Ler**  
*Lilian Lopes Martin da Silva  
Larissa de Souza Oliveira  
Luciane Moreira Oliveira*
- 15. Paulo Freire e arte/educação**  
*Ana Mae Barbosa*
- 16. Paulo Freire**  
*IR.M Gabriela Barbosa*
- 17. Por uma Didática Freiriana no Ensino Superior: reflexões iniciais**  
*Selma Garrido Pimenta  
Rosana Aparecida Ferreira Pontes*
- 18. O prove, uma reinvenção da concentração de formação do educador em Paulo Freire**  
*Olgair Gomes Garcia*



# Paulo Freire e a Gestão da Educação na cidade de São Paulo entre 1989 e 1992

Selma Rocha

O grande historiador medievalista francês, Marc Bloch, nos diz que a interpretação do passado deve se ancorar nas perguntas formuladas no presente, isto é, a partir das tramas dos acontecimentos e das relações entre os homens no tempo.

Há 32 anos quando começamos a gestão da Secretaria Municipal de Educação, estávamos imbuídos da vontade de fazer cumprir os princípios do programa de governo do PT com o qual Luiza Erundina foi eleita prefeita em São Paulo.

Vontade e compromisso construídos na atmosfera da retomada da democracia, nas lutas do processo constituinte encerrado em 1988, um ano antes da vitória eleitoral na cidade. Estava em questão a superação da profunda crise do Estado brasileiro, desatar as amarras de uma transição pactuada com as elites e tutelada pelos militares, o fim do chamado entulho autoritário, a retomada das liberdades democráticas e a garantia de direitos sociais, políticos e civis.

A educação pública foi definida como direito em meio a uma situação de complexos, intrincados e conflituosos debates. Foram muitas as conquistas se comparadas às demais constituições republicanas, ainda que não se tenha logrado impedir as determinações que permitiram o acesso de instituições privadas aos fundos públicos materializando o intento de um capitalismo sem risco. Os debates realizados, especialmente na Subcomissão de Educação, Cultura e Esportes, permitiram que a constituinte tratasse de todos os níveis e modalidades de ensino como direito, para tanto a ampla participação de diferentes segmentos da sociedade foi decisiva. Destacamos o papel desempenhado pelo Fórum Nacional na Constituinte em Defesa do Ensino Público que, com a participação de sindicatos, entidades de pesquisa e intelectuais e outras entidades da sociedade civil, apresentou um projeto para a educação brasileira, contribuindo para a qualificação do debate marcado pela apresentação de outros projetos e diversas propostas. O diálogo com os parlamentares foi intenso, especialmente com os deputados progressistas e de esquerda, entre os quais Florestan Fernandes e Gumerindo Milhomem do PT, que integravam a Subcomissão de Educação e buscavam construir formulações apoiadas das proposições do Fórum.



A manifestação de Paulo Freire nesse contexto parecia sintetizar a dignidade de todos aqueles que lutavam:

O que ouvi do testemunho desses meninos... Houve um deles, de uns 13 anos, que contou a história de um de seus companheiros que morreu no Ceasa, porque o corpo não aguentou o peso que era obrigado a carregar com um saco de batatas. Era tão grande o peso, a desproporção era tão enorme com a competência física, que a criança morreu. E ele contou essa história, assim como contou a história de amigos mortos pela Polícia, assassinados pela Polícia. Em certo momento ele parou, olhou e disse: e dizem que somos o futuro do País, mas nós não “tem” nem presente.

[...] E os meninos falaram, inclusive, muito em vocês todos na Constituinte e que gritavam que esperavam que fizessem alguma coisa por esses meninos esmagados. Realmente essa é a realidade brasileira. Agora, esse não é um fenômeno a ser revolvido pela pedagogia, mas pela política. E educação não decide [...] ela precisa de um ato político [...] Desejo felicitá-los pela luta que estão travando e pedir que lutem mais. (BRASIL, 1988b, p. 487-488)

Depois os debates sobre a Constituição Estadual, aprovada em outubro de 1989, a Lei Orgânica Municipal, aprovada em abril de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases, cuja elaboração teve início em 1988 e foi concluída em 1996. A Secretaria Municipal de Educação participou intensamente desse processo, contribuindo com formulações e propostas.

Na fecunda conjuntura de final dos anos 80 e início dos anos 90 nascia, como um ato político, na Secretaria Municipal de Educação, a proposta da Escola Pública Popular que, se pretendia, fosse “autônoma, criativa, competente, séria e alegre”. Despontava também um conceito de política pública que, buscando materializar essa escola anunciada, pretendia ter alcance, perenidade e capacidade transformadora visando assegurar que a educação deixasse de ser privilégio e se constituísse, de fato, em direito a partir das determinações constitucionais. Para tanto estava sustentada em princípios e prioridades. As prioridades que orientaram o planejamento a cada ano foram: Democratização do Acesso, Gestão Democrática, Nova Qualidade da Educação e Educação de Jovens e Adultos.

Tais prioridades se construíram tomando como referência fundamentos da epistemologia freireana. O primeiro deles refere-se a compreensão de que os homens, como seres inconclusos, devem tornar a busca pela liberdade um processo permanente, no qual a consciência crítica se constrói, razão pela qual não se poderia conceber a “imposição da opção de uma consciência sobre a outra”, isto é a consciência não é algo a ser preenchido a partir da

prescrição, cujo caráter alienante se mostra ineludível. O segundo de que os homens se educam entre si e de que “ninguém educa ninguém” a partir da transmissão que sustenta a lógica da pedagogia bancária. O terceiro de que a partir do diálogo, que favorece a observação e a interpretação, é possível e necessário ao educador compreender por meio das palavras e de diferentes formas de expressão, as representações e as diferentes leituras e interpretações sobre o mundo. Eis o sentido das relações dialógicas: favorecer a construção do conhecimento com a criança, o adolescente e o adulto, não para eles.

Assim, a relação entre teoria e prática, a ação-reflexão-ação, a partir das referências epistemológicas e axiológicas presentes na obra de Freire, tornaram possível que a resignificação dos currículos, fosse concebida a partir de um movimento, permanente e sistemático, nutrido pelo processo de formação dos educadores, que fez nascer o projeto da Interdisciplinaridade curricular (a “Inter”) entre outras propostas pedagógicas. Tornaram possível também a construção de dinâmicas de planejamento e gestão em bases democráticas.

Além dos coletivos de educadores caberia aos Conselhos de Escola, fortalecidos, discutir o projeto da Escola a partir das prioridades e princípios indicados. Mas a democratização não se referiu apenas às unidades educacionais, envolveu as salas e entidades do Mova e as instâncias de discussão e articulação da política educacional no interior da Secretaria

Municipal de Educação. O Colegiado Central, envolvendo os responsáveis dos órgãos centrais e o secretário Paulo Freire; o Colegiado Intermediário que incluía os coordenadores dos Núcleos de Ação Educativa (NAES) e o Colegiado Central; os Colegiados dos NAES; os Conselhos de Escola, os Grêmios Estudantis, o Fórum MOVA, os Conselhos dos Conselhos de Escola, tornaram possível um fluxo sistemático de discussões e decisões que permitiram lidar com as divergências, produzir sínteses a partir do livre debate, a articulação e, muitas vezes, integração de ações sem qualquer inibição de opiniões. As relações dialógicas e democráticas tornaram possível que o planejamento e a gestão se construíssem como um processo voltado à consecução de decisões racionais, sem que a demissão do pensamento forjasse pares dicotômicos, caros ao pensamento liberal: técnica versus política; saber versus ignorância; decisão versus execução formando um circuito de alienação, de rituais burocráticos e narrativas sem sentido, circulares e, por isso, sem fim.

O registro, a construção da memória, a produção, sistematização e a difusão de informações, a fundamentação teórica e a proposição de linhas de ação estiveram materializadas em publicações voltadas à formação dos professores, à avaliação anual das políticas e ao

replanejamento anual nos órgãos centrais e nos NAES. A experiência de planejamento e gestão gerou e se alimentou de fundamentos e práticas que ressignificaram à palavra competência, tornando-a abrigo e síntese de muitos saberes, de diferentes formas de articulação e participação, trabalho realizado em sinergia com outras experiências de igual orientação em governos democrático-populares pelo país.

Retomamos nossa questão inicial. As abordagens sobre planejamento e gestão, presentes nos discursos liberais que ganharam força desde a década de 90, nos convidam a revisitar e investigar a experiência de planejamento e gestão da política educacional na gestão de Freire. Um desafio necessário para a interpretação do discurso hegemônico que anuncia a neutralidade, cultiva a despolitização e sustenta o saber como a principal fonte legitimadora do poder.

Sabemos que a garantia do direito à educação democrática e de qualidade não teve e não teria nada de linear, num país onde a desigualdade, o autoritarismo, o patrimonialismo, o machismo e o racismo marcaram a cultura política e deram forma a exploração capitalista, ainda que soubéssemos que a instabilidade na garantia de direitos têm mercado

universalmente o capitalismo, sabemos que as políticas ultra liberais organizadas sob o signo da violência e da morte pretendem exilar Paulo Freire pela segunda vez, pretendem calar os professores e fazer prevalecer interesses mercantis e prescrições curriculares que narradas e narradas repetidas vezes roubam das gerações que passam pela escola o direito à cultura. Traçam o caminho de uma sociedade distópica, eis a força da violência.

Mas, em diferentes territórios, muitas escolas não apenas resistem. Instalam outras lógicas, criam alternativas para estarem em contato com seus alunos, para ouvirem e perceberem suas necessidades sociais e pedagógicas. Reúnem forças para articular as políticas de educação, cultura, saúde, esporte e assistência. Fortalecem a gestão democrática, abrem espaço para a expressão da diversidade cultural em cada lugar. Defendem o direito ao conhecimento, defendem a vida acima de tudo. A vida acima de tudo.

Eis a fragilidade da violência: a educação como prática da liberdade.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. *Atas da Subcomissão de Educação Cultura e Esportes. Anais da Assembleia Nacional Constituinte 1987-1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988b. Disponível em : [http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/constituente/8a\\_Sub\\_Educacao\\_cultura\\_e\\_esporte.pdf](http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/constituente/8a_Sub_Educacao_cultura_e_esporte.pdf)

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1992.





# A Pessoa de Paulo memórias - depoimentos

Carlos Rodrigues Brandão  
Campinas, outono de 2018



## Um homem conectivo

Em muitas ocasiões a imagem de Paulo Freire colocada na capa de seus livros, em programas de encontros e em trabalhos escritos sobre a sua obra, Paulo Freire aparece quase sempre sozinho. E, notemos bem, quase sempre o mesmo rosto de um homem já com os cabelos e as barbas brancas e com um sereno ar de profeta pensativo. São raras as fotos de Paulo Freire mais jovem. Raras também, a não ser em livros biográficos, as imagens de Paulo Freire em meio a outras pessoas.



Ora, esta desigualdade de proporções entre tipos de imagens revela uma falsa realidade. Paulo Freire gostava de dizer de si mesmo que sempre foi “um homem conectivo”. Um “homem-ponte”, um “homem-elo”.

Convivi com ele o suficiente para reconhecer que à diferença de intelectuais (categoria da qual ele nunca gostou de pertencer), solitários, ilusoriamente autossuficientes e amantes das mesas redondas com no máximo três pessoas e dos palcos solitários com focos de luzes caindo sobre uma única pessoa, Paulo sempre foi uma pessoa “ao redor de”. E o círculo de cultura sempre foi o lugar mais fecundo e feliz que ele imaginou. Assim como “estar em equipe” foi antes do exílio, durante o exílio e depois dele, até sua partida, o seu lugar de vida e trabalho preferido.

Quantas vezes convivemos situações de partilha de palavras e de ideias, e sou testemunha de que em nenhuma delas ele guardava a pose pedante de quem fica em aparente silêncio enquanto as outras pessoas falam, para então esperar o silêncio respeitoso e o foco de todas as atenções para “dizer a palavra essencial do mestre”.

Ao contrário, lembro-me de diferentes situações em que sua preocupação era muito mais a de conectar as diferentes palavras de quem partilhava um diálogo coletivo “ao redor de”, para então dizer “a sua palavra” bem mais como uma síntese do que se disse do que como a sábia e exclusiva fala de quem se guardou para afinal dizer o que todos vieram ouvir.

Assim era esse homem de quem, se eu ousasse (e eu vou ousar) sintetizar tudo o que ele disse e escreveu sobre o povo e a vocação de quem dialoga para educar, eu escreveria isto:

*Viver a sua vida  
Criar o seu destino  
Aprender o seu saber  
Partilhar o que aprende  
Pensar o que sabe  
Dizer a sua palavra  
Saber transformar-se  
Unir-se aos seus outros  
Transformar o seu mundo  
Escrever a sua história*





# Pelos inéditos-viáveis dos currículos nas escolas

Júlio César Augusto do Valle

Nos últimos anos, li muito de sua obra e estive junto de muitos e de muitas que compartilharam contigo, professor, a gestão da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, de 1989 a 1991. Compartilharam, no cotidiano intenso da administração pública, sonhos e projetos que nos aproximaram mais e mais da escola pública, popular, democrática e de qualidade social.

O erro da educação da resposta não está na resposta mas na ruptura entre ela e a pergunta. **O erro está em que a resposta é discursada independentemente da pergunta que a provocaria.** Da mesma forma a educação da pergunta estaria errada se a resposta não se soubesse parte da pergunta. Perguntar e responder são caminhos constitutivos da curiosidade. Freire em *À sombra dessa mangueira*, p. 30

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária 'intimidade' entre os saberes curriculares fundamentais aos

**alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?**

(...) Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.

Freire em *Pedagogia da Autonomia*, p. 34


O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, [todos] se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. Porque esta visão da educação parte da convicção de que **não pode sequer presentear o seu programa, mas tem de buscá-lo dialogicamente com o povo**, é que se inscreve como uma introdução à pedagogia do oprimido, **de cuja elaboração deve ele participar.**

Freire em *Pedagogia da Indignação*, p. 166

Nossa inexperiência democrática, como nos ensinou, nos faz naturalizar e aceitar a ausência completa ou, em outros casos, a presença falseada das professoras e dos professores nos processos de elaboração curricular. Dos meus grifos em teus textos e de tua experiência política, aprendi que é viável e ainda inédito construir currículos coletiva e artesanalmente, cujos significados não sejam exclusivamente aqueles atribuídos, de forma pretensiosamente universal, aos conteúdos escolares, mas, ao invés disso, que sejam buscados dialogicamente com cada comunidade escolar, em cada território onde se insere u ma escola.

Será possível, então, professor, garantir o sentido público da escola pública por meio da inversão do vetor nas políticas curriculares? Será possível substituir ou minimamente complementar, adensar e problematizar as prescrições curriculares a partir das práticas, tantas delas emancipatórias, já em curso em nossas escolas? A recusa do “programa pronto” e de um currículo fechado nos abrirá, no horizonte, outras possibilidades para construir localmente os sentidos e significados do trabalho pedagógico? Sonho contigo, a partir do teu sonho, professor, que cada vez mais e mais professoras e professores se reconheçam efetivamente como autoras e autores da criação, da curiosidade, da criticidade e da sensibilidade demandados pelo projeto utópico freireano. Afinal, “não importa em que sociedade estejamos e a que sociedade pertençamos, urge lutar com esperança e denodo” (Freire em *Pedagogia da Indignação*, p. 97).





# E por falar em educação da pequena infância: Paulo Freire está presente...

**Adilson De Angelo**

Ainda está bem vivo em minha memória aqueles primeiros encontros com as profissionais e com as crianças da Educação Infantil que me receberam para a pesquisa de campo, no início dos anos 2000. Nos meus espantos iniciais estará, justamente, uma mudança de paradigma. Explico: na universidade, entre meus colegas e professores, quando me perguntavam do que se tratava o meu estudo no doutorado, diante da minha escolha em saber das possíveis contribuições freirianas para uma leitura do mundo da Educação Infantil, era comum ouvir: mas, porquê Freire, se ele só problematiza a educação de adultos?; enquanto no centro de Educação Infantil que me acolhera como pesquisador, ao dar a mesma informação, fui surpreendido por um sonoro “Paulo Freire está presente nos quatro cantos da Educação Infantil”.

Ao longo da minha estada entre crianças e adultos nesse espaço coletivo de educação e cuidado, fui compreendendo o significado dessa afirmação. Com esses sujeitos fui confirmando que o pensamento de Paulo Freire se apresenta como fecunda contribuição para a emergência ou a consolidação de diferentes propostas de educação popular; como uma inspiração metodológica no conjunto das diferentes expressões do movimento social e político; e, sobretudo, tem desafiado a própria reinvenção nas mais diversas experiências pedagógicas desenvolvidas em conjunto com crianças, jovens, adolescentes, adultos, homens e mulheres em diferentes partes do mundo. A confiança na possibilidade de uma cidadania planetária que as suas ideias apresentam, tem sido tomada como ponto de partida para diferentes práticas educativas, escolares e não escolares.

As ideias apresentadas por Freire abrem possibilidades para uma afirmação de que a Educação Infantil, como espaço permanente de busca do ser mais, também pode ser assumida como um momento de experiência dialética da humanização dos seres humanos, de relação dialógica entre educadores e educandos. A constituição deste espaço-tempo como um espaço-tempo infantil não afasta a possibilidade do desenvolvimento de um trabalho que pretenda cultivar os

valores da solidariedade, do amor e da amizade, do respeito às diferenças, do senso crítico, do aprendizado e da defesa dos direitos humanos. Não importará com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora, a educação é sempre um processo a ser realizado com gente – pequena, crescida, homem, mulher, mas gente em permanente busca. Gente em processo de formação, e mudança, de reinvenção, capaz de sentir, de amar e de querer saber. Por tudo isto, gente que pode ser sujeito da sua própria humanização.

Dos diálogos empreendidos com as professoras era possível reunir elementos que confirmavam que em toda a obra de Freire podemos ver fundamentada a ideia de que a educação pode ser um processo que provoca a libertação, sendo a conscientização o seu processo motor. A conscientização – que requer o desvelamento das razões de ser de determinada realidade, para constituir-se em ação transformadora desta mesma realidade –, é um ato continuado de ruptura com os mitos e as realidades de opressão que, libertando e autonomizando os sujeitos por ela envolvidos, estimula a sua intervenção, tendo em vista a transformação desta realidade-mundo.

Tendo presente esta sua ideia pode-se entender que, como todo espaço educativo, a Educação Infantil também se pode constituir como lugar de ocultações ou desocultações de verdades políticas e ideológicas, e que o trabalho desenvolvido com crianças pequenas também pode se caracterizar num processo de educação que “liberta” ou “domestica”, como supõe Freire.



A sua pedagogia propõe um entendimento do sujeito humano nos seus desejos de liberdade, de autonomia, de querer saber, de poder esperar, na confluência com a sua historicidade, com a sua produção cultural e com a sua sociabilidade. Ela procura ser manifestadora de que a inexorabilidade do futuro é a negação da própria História. E por isso mesmo é também anunciadora da humanidade do ser humano, como processo que abarca as ações, os pensamentos, os desejos do sujeito humano, adulto ou criança, mulher ou homem.

É assim que a sua proposta educativa compreende o sujeito como plural, capaz de projetar novas relações sociais necessárias à construção da humanidade do ser humano. Por isso, a sua pertinência nos mais diferentes contextos, sobretudo naqueles onde imperam mecanismos de subordinação, de exclusão, de negação da vocação de ser mais. No trabalho com crianças pequenas, a proposta sugere a composição de espaço-tempo educativo onde a criança seja constituída e constituinte de suas subjetividades e de seus conhecimentos, na afirmação de um ambiente de autonomia e cooperação.

Para Freire, a vida está intrinsecamente ligada ao inacabamento, mas tão-somente entre mulheres e homens esta situação se tornou consciente. E este é, para ele, o ponto

de partida da educação dos sujeitos humanos. A dimensão de educabilidade é inaugurada no momento em que eles e elas, intervindo na sua condição de inconscientes, foram criando o mundo, inventando e aprendendo a linguagem com a qual passaram a nominar e a narrar este mesmo mundo. É também a consciência de inacabamento que nos faz ir para além dele. Por isso, o mundo da cultura que se alonga em mundo da história é mundo de busca de liberdade.

Em Freire, a ideia de infância pode ser assumida como um tempo contrário àquele que coíbe o sujeito humano na sua singularidade, negando a sua implicação na abertura ao novo, ao conhecimento a ser construído, repartido, reinventado. Muito pelo contrário, com Paulo Freire é possível afirmar a infância como um espaço e um tempo biológico e cultural, propício à experimentação, à curiosidade indagadora, à busca de uma consciência que o inscreva no movimento permanente de alicerçar a esperança.

Ousando ainda mais, posso dizer que a infância confirma o pensamento de Freire de que o ser humano está «programado», mas para aprender.

A Educação Infantil reivindica de nós – educadores, educadoras, adultos, gente adulta – um olhar que verdadeiramente a confirme como um espaço-tempo das relações dialógicas de sujeitos infantis inacabados, cuja consciência progressiva desta condição os impele à busca

de opções, de tomada de decisão, de dizerem que sabem e querem saber mais. Um olhar que permita a emergência de um projeto educativo vocacionado para uma infância viva e assumido como um projeto de vida e nunca de “preparação para a vida”.

As contribuições do pensamento de Paulo Freire podem ser importantes enquanto possibilidade de ressignificar a Educação Infantil, transformando-a em um espaço: cujo trabalho pedagógico leve em conta as diferentes dimensões do desenvolvimento humano (expressas no binômio cuidar e educar); propícia à aceitação e à vivência de uma multiculturalidade; progressista expressão e valorização das diferentes linguagens; da criatividade e da inventividade, com que fazemos leituras diversas do mundo.

A contribuição do pensamento freiriano para a educação das crianças passa, então, pelo anúncio de possibilidade de transformação do mundo. Um mundo que está sendo difícil de ser mudado, mas que, no entanto, não é impossível de ser transformado.

Foi assim, tecendo essas reflexões, naquele vivido com as educadoras e as crianças que fui percebendo que ensaiar possibilidades ou concretizar propostas de uma Educação Infantil com Paulo Freire, deverá significar a reinvenção das

suas próprias ideias, considerando as complexidades do universo infantil e as urgências nesta modalidade da educação. Uma escola promotora de cidadania - com seus educadores conscientes do seu papel enquanto mediadores do conhecimento, sensíveis, críticos, ensinantesaprendentes, construtores de sentidos cidadãos; e com seus educandos conscientes, críticos e criativos, sabendo que sabem e que podem saber mais - deve, vislumbrando o inédito-viável, pautar-se na perspectiva de uma cultura emancipatória.





# Paulo Freire: uma vivência formadora

Sonia M. P. Kruppa

Nesse depoimento, explicito algumas de minhas principais vivências com Paulo Freire, destacando experiências no contexto da gestão da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), no período de 1990 a 1991, momento no qual convivi com Freire durante, aproximadamente, oito meses de trabalho dedicado à educação da cidade de São Paulo.

## **Freire - uma trama propositiva da transformação**

Meu conhecimento de Freire é anterior à sua presença em SME-SP. Conheci Paulo Freire, pessoalmente, por conta das Equipes Docentes.

As Equipes Docentes são um movimento organizado por setores da Igreja Católica Progressista, reunindo professores católicos que consideram a importância da escola pública para transformar a realidade social, em particular, no tocante à desigualdade e à participação de professores, de estudantes e da comunidade. Esse Movimento foi criado na França, nos anos 1940. Assessorado e divulgado por Michel Duclercq<sup>1</sup>, chegou ao Brasil, por intermédio do Frei dominicano Bernardo Catão. Registros indicam que três educadoras, Heloisa Monzoni, Cecília Guaraná e Helcília deram início à organização do Movimento, em fins de 1964<sup>2</sup>. Heloisa<sup>3</sup> foi professora no Instituto de Educação “Caetano de Campos” – a Escola Normal da Praça da República, em São Paulo, e nesse momento, ela rapidamente articula um grupo de educadoras, que se tornam algumas multiplicadoras do Movimento. Além de organizar o Movimento das Equipes Docentes, Heloísa esteve no início das atividades do movimento da Ação Católica no Brasil, ainda nos anos de 1940, sendo, também participante/organizadora da Juventude Universitária Católica (JUC). Ela trazia para o Movimento das Equipes Docentes o método: “ver, julgar e agir”, utilizado pelos jovens “jucistas” em sua atuação. Com isso, desejo me referir ao papel social/transformador da grande educadora Heloisa.

<sup>1</sup> “Um homem que fez a síntese entre o cérebro e o coração” (entrevista de Balduino Andreola a Revista Agir e Calar, Revista da Província Brasileira Josefinos de Murialdo, edição 113, ju lho de 2020).

<sup>2</sup> Manuscritos de Heloisa Prestes Monzoni, cedidos à autora por Cristina Monzoni.

<sup>3</sup> Sem filiação partidária, mas atuante junto aos setores progressistas da Igreja Católica, a preocupação de Heloisa com o Brasil, naqueles anos, não se dirigia apenas à educação pública, mas ao país como um todo, a sua urgente democratização e à classe trabalhadora: sou moradora de São Bernardo do Campo/SP e esse fato me fez mensageira de recursos recolhidos por Heloisa Monzoni para o fundo de greve dos metalúrgicos, nos anos de 1978 e 1980. Heloísa participou da organização do sindicato das empregadas domésticas em São Paulo.

Assim, nos anos de 1967-68, na mesma “Caetano de Campos”, fui aluna da “professora equipista”, Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro, que marca minha opção pela Sociologia e que, na época, trouxe para discussão dos estudantes, que se envolviam nos movimentos estudantis na Praça da República, a Encíclica *Populorum Progressio*: o direito de insurgência dos povos contra a opressão e o subdesenvolvimento. Como normalista e com outros estudantes secundaristas, integro o movimento de equipes docentes da “Caetano de Campos”. Sylvia pratica Paulo Freire, pois o diálogo reflexivo é sua pedagogia. Posteriormente, Sylvia volta-se ao estudo mais detalhado de Paulo Freire, numa perspectiva comparativa a Célestin Freinet<sup>1</sup> e continua até hoje com um trabalho formador que, desde o final dos anos de 1970, é desenvolvido de forma democrática e participativa junto à população ribeirinha do Amazonas<sup>2</sup>.

Uma parte das professoras “equipistas” tinha um grupo de estudo com Heloisa Monzoni. Dentre as educadoras que tinham Heloisa Monzoni como referência intelectual, encontrava-se Maria Nilde Mascelani, coordenadora do Serviço do Ensino Vocacional da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, sob o qual estavam os Ginásios Vocacionais, referência de qualidade na educação até hoje<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. Em busca de uma Metodologia para uma Educação Libertadora. Dissertação de Mestrado. PUC-São Paulo, 27/06/1977.

<sup>2</sup> RIBEIRO, Sylvia Aranha de Oliveira. Vida e morte no Amazonas. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

<sup>3</sup> Maria Nilde foi colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, onde Paulo Freire atua por dez anos, fundando, com um grupo de exilados, o IDAC (Instituto de Ação Cultural), mencionado mais à frente.

Convidada para integrar esse grupo nos anos de 1970, conheci outra educadora de referência do Movimento, Cecília Guaraná, que também trabalhou na gestão Paulo Freire na Secretaria Municipal de São Paulo. Cecília Guaraná foi uma das diretoras de escola estadual punidas pelo então governador Paulo Maluf, porque se recusou a cortar o ponto de professores na greve de 1979. Cecília Guaraná também dirigiu os Ginásio Estadual Vocacional Cândido Portinari, em Batatais/SP, e o Ginásio Vocacional João XXIII, em Americana/SP. A experiência dos Ginásios Vocacionais nos anos 1960, no Estado de São Paulo, é referência de qualidade na educação até hoje. Outros professores dos Ginásios Vocacionais também compunham as Equipes Docentes. Cecília continuou animando o Movimento das Equipes Docentes, com apoio de outros professores, como Mansur Lutfi, de Química, Eulina Pacheco Lutfi, de Língua Portuguesa, Nídia Nacib Pontuschka de Geografia e Circe Bittencourt, de História, professores atuantes na E.E. Prof. Architiclino Santos, que teve uma experiência inovadora e democrática por muitos anos no Parque Continental, em São Paulo. Interessante pontuar o apoio de outra “equipista” a essa experiência: Mabel de Oliveira e Silva foi Supervisora de Ensino e participou intensamente da experiência pedagógica no curso noturno do Architiclino. Pontuschka assessorou a



Divisão de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo na gestão de Paulo Freire<sup>1</sup>. Ainda, participavam, ativamente do Movimento, Maria Yvonne Rabelo, diretora da E.E. Prof. Alves Cruz, em Pinheiros/SP, e a Equipe Docente coordenada por Vera M. Siqueira Furtado, na E.E. Instituto Maria Imaculada, em Itapevicirica/SP. As Equipes Docentes se constituíram como uma trama educacional que, a partir da França, espalhou-se para o Brasil (estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), e para alguns países da América Latina e da África.

A Anistia Política é lei em 1979 e Paulo Freire retorna ao Brasil. Neste depoimento, quero reafirmar o acerto de Paulo Freire em participar, por cerca de dois anos, das reuniões das Equipes Docentes, que traziam para a reflexão de todos os participantes a experiência realizada em escolas públicas de São Paulo<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Ver essa belíssima experiência nos relatos por ela organizados em: PONTUSCHKA, N. N. (Org.). Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

<sup>2</sup> Nos mesmos termos utilizados por Eder Sader ao discutir os novos personagens do sindicalismo do ABC, as Equipes docentes e as lembranças dos Ginásios Vocacionais funcionaram como uma “matriz discursiva”, que encontrou Paulo Freire, ampliando os horizontes do magistério paulista nos anos de 1980. (SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988).

Um segundo momento com Paulo Freire, nos anos de 1980, deu-se junto ao curso de mestrado na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Nos anos de 1970 e 1980, a PUC-SP foi um espaço fértil de propostas comprometidas com o enfrentamento da desigualdade social e com a luta por liberdades democráticas, para onde retornaram professores que tinham sido aposentados compulsoriamente e/ou exilados do país, durante a ditadura, como Paulo Freire e Florestan Fernandes. Frequentei algumas aulas da disciplina ministrada por Paulo Freire e Ana Maria Saul. Mas foi um tempo curto de um semestre bem difícil, ano em que Paulo Freire perdeu sua esposa, Elza Freire, e as aulas eram recortadas por essa perda.

Nessa época, eu também sabia de Paulo Freire por trabalhar com professoras ligadas ao IDAC-SP (Instituto de Ação Cultural). Marilena Nakano e Marli Ancassuerd eram docentes, como eu, da Fundação Santo André. Essas professoras tinham uma atuação na África, onde Paulo Freire esteve presente por meio das ações desenvolvidas ao longo dos dez anos em que esteve no Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas . Eram professoras muito engajadas. Com elas realizei várias ações, ligadas ao movimento da educação na cidade de Santo André, envolvendo a criação de um Sistema Municipal de Educação, a luta por uma Universidade Pública no ABC e pela manutenção do caráter público da Fundação Santo André (criada por Lei Municipal).

Influenciada por esse conjunto de movimentos, filio-me ao PT nos anos 80. É importante mencionar esses fatos porque eles se relacionam à minha indicação como Secretária de Educação, Cultura e Esporte, na primeira gestão do prefeito Celso Daniel (1989-1992), sucedendo a Marilena Nakano, que ocupou o posto nos primeiros meses. À época, de forma muito atuante, a Comissão Ampliada de Educação (CAED) do PT discutiu a implementação das políticas educacionais em vários municípios, nos quais o PT havia vencido as eleições. São Paulo e Santo André eram dois desses muitos municípios. As reuniões da CAED eram frequentes e muito animadas, reunindo educadores de todo o Brasil. Os eixos da política educacional – gestão democrática, democratização do acesso, nova qualidade de Ensino e a educação de jovens e adultos - eram fios condutores importantes que orientavam também as questões de financiamento da educação pública.

### **Importância de Freire nos processos decisórios e nas ações coletivas da Secretaria Municipal de São Paulo**

Fiquei nove meses no cargo de Secretária de Educação em Santo André e saí do governo, apoiada pela CAEd, em 1990. Fui demitida por divergências com o Prefeito Celso Daniel no encaminhamento das políticas educacionais (orçamento e uso de recursos vinculados à educação em ações extra escolas, o

que, admito, era de ordenamento complexo numa Secretaria que congregava ações de três áreas públicas, muitas vezes, realizadas em mesmo espaço, tal como ocorria nos “Centros Comunitários” (construções voltadas à educação, ao esporte e à cultura). Mas a razão mais importante de minha saída esteve relacionada ao Estatuto do Magistério, que se encontrava em fase de elaboração, e à defesa da eleição como forma de escolha dos diretores escolares. Celso Daniel era favorável à indicação centralizada pelo prefeito para preenchimento deste cargo, da mesma forma como ocorria na indicação do Diretor das Unidades Básicas de Saúde. Os motivos de minha saída da Prefeitura Municipal de Santo André me trouxeram de volta a Paulo Freire, pois fui convidada a integrar a equipe central da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, onde este grande educador estava como Secretário. Primeiro, trabalhei junto ao setor de planejamento e acompanhei a elaboração do Estatuto do Magistério, depois, fui indicada para chefia de gabinete, exatamente por entender da execução orçamentária da educação.

É impossível esquecer minha primeira reunião com o Secretário Paulo Freire, quando conversamos sobre o Partido dos Trabalhadores, as situações de conflito e a política educacional defendida pelo PT. Não foi fácil o trabalho de

Paulo Freire no início da gestão. Paulo Freire teve problemas com alguns segmentos partidários que cobravam posturas diretivas, incompatíveis com o diálogo freireano. Com certeza, as marcas principais da gestão de Freire foram o diálogo e as questões da democracia na gestão das escolas e dos órgãos intermediários e central da Secretaria.

À época, as escolas municipais de ensino de São Paulo se encontravam em situação precária (infraestrutura sem qualquer manutenção, mobiliário insuficiente e danificado, inexistência de formação dos professores, ausência de direitos profissionais assegurados, etc) e Paulo Freire era cobrado quanto ao que deveria ser feito em termos da proposta curricular. Paulo Freire queria revitalizar as escolas, mas numa perspectiva de baixo (da base/das escolas) para cima (órgãos intermediários e Central de SME), em que houvesse diálogo e participação de todos na definição e na execução das ações. Ele era contrário ao método do “faça isso” ou “faça aquilo”. Ele jamais assumiria essa conduta. Alguns militantes e/ou educadores, infelizmente, queriam dele uma diretividade ou uma receita. Contrário a essa postura, Paulo Freire deu cobertura à equipe da SME-SP para a realização de um planejamento democrático e ascendente (da escola para o gabinete), inclusive nas questões de definição orçamentária, que progressivamente passou a ser

feita tendo como referência as propostas das escolas, sistematizadas nos Núcleos de Ação Educativas (NAEs) e, finalmente, organizadas e consolidadas em SME -SP/gabinete.

Uma das vivências mais importantes que tive com Freire, nesse momento, refere-se às questões do Estatuto do Magistério, que, como disse, estava sendo elaborado. Fui indicada para acompanhar, junto à empresa Toledo Associados, a formulação e a aplicação de uma pesquisa qualificada sobre as questões polêmicas desse Estatuto. Uma delas, a eleição de diretores. Defensora que sou da eleição como forma de provimento para este cargo, foi uma grande aprendizagem compreender a postura do Educador Paulo Freire sobre acatar a posição da rede pela alternativa do concurso como forma de provimento, proposta vencedora na pesquisa qualificada<sup>1</sup>, mas não recuar quanto à composição paritária e o caráter deliberativo do Conselho de Escola, órgão auxiliar da gestão, em que a comunidade de fora da escola (famílias e estudantes) deveria ter igualdade de condição em relação aos de dentro (professores e demais funcionários) nas decisões tomadas a esse nível.

<sup>1</sup> SME/SP. Estatuto do Magistério Municipal. Minuta do Anteprojeto de Lei. São Paulo, março de 1991, art. 18. Esta minuta foi enviada a todas as escolas que tiveram suspensas suas atividades, para que seus profissionais pudessem se dedicar à leitura do documento e, posteriormente, à resposta da pesquisa qualificada.

## **Freire no cotidiano da Secretaria – a implantação do diálogo e da democracia**

Era muito positiva a relação de Paulo Freire com todos os funcionários na Secretaria. O gabinete ocupava três andares de um prédio localizado na Av. Paulista. Paulo Freire andava por esses andares e fazia questão de cumprimentar a todos que neles trabalhavam. Tinha uma relação de respeito e de diálogo com os trabalhadores. A postura de Paulo Freire fortalecia a organização coletiva e democrática. Ele sustentava as decisões coletivas.

Quero dizer, ainda, que Paulo Freire sempre esteve além do nosso tempo. Ele “vai discutir”, no contexto da Secretaria, a temática das religiões, criando uma espécie de Conselho Ecumênico para pensar essas questões no âmbito da educação e das escolas, que não ferisse a questão do ensino laico.

Paulo Freire teve papel fundamental como viabilizador de uma política pública democrática da educação na cidade de São Paulo. Houve coerência entre o que escrevia e o que foi efetivamente implementado na rede. A formação de estruturas colegiadas para tomada de decisão e avaliação das medidas encaminhadas no gabinete da Secretaria e nos NAEs

é outra constatação do vigor que o diálogo teve em sua gestão. Ele provou que a dialogicidade e a autonomia podem assegurar uma forma adequada de gestão, que produzem mudanças positivas na qualidade social da escola pública. O tamanho da rede municipal não foi impedimento para o incentivo a projetos próprios de cada escola, que puderam, dessa forma, vivenciar o direito à diferença na produção de propostas curriculares significativas (considerando a realidade da escola e indo ao encontro de suas necessidades)

Em tempos tão difíceis como os que vivemos hoje, com as administrações públicas ameaçadas pelo projeto de Reforma Administrativa do governo Bolsonaro (PEC 32/2020), que tramita no Congresso Nacional, é muito esperançoso ver como a SME, à época de Freire, encaminhou junto ao governo municipal a representação e a discussão a ser levada pelo Grupo Executivo da Reforma Administrativa (GERA), proposta feita, em 1990, do qual participavam, como representantes dos funcionários, os indicados por seus respectivos Sindicatos e Associações, com participação das escolas nos diagnósticos críticos iniciais ao funcionamento da SME, processo que se esperava levar ao conjunto da rede, pois, para Paulo Freire, o administrativo não deveria se separar do pedagógico e, assim:



Na medida em que cada Conselho de Escola, e a escola como um todo, puder discutir não só seu funcionamento, mas a organização da administração pública na cidade, visando a um melhor atendimento à população usuária dos serviços educacionais, sem dúvida a nova escola sonhada estará sendo gestada. A participação de todos, portanto, será fundamental na determinação de como será gerida e organizada a educação no município de São Paulo<sup>1</sup>.

Paulo Freire deixa a Secretaria da Educação em 1991. Com sua força propositiva e esperançosa, e como da vida, saiu como quem quer ficar - “apenas mudou de esquina” - continuando a fortalecer a luta dos que persistem no diálogo freireano que supere as desigualdades da escola e da sociedade, sem anular o direito à diferença de cada sujeito participante e de cada escola na construção de um projeto próprio e significativo para sua comunidade. Paulo Freire é um elo catalisador dos que acreditam na força transformadora da Educação.

<sup>1</sup> SME. Construindo a educação pública popular. Ano 2, 1990, p. 31.





## “Pensar certo: aceita o desafio?”

*Suzir Palhares,*

É uma honra participar de tal homenagem e poder compartilhar este singelo estudo sobre o PENSAR CERTO, que fiz (inicie) quando trabalhei o livro Pedagogia da Autonomia com alunos do curso de pedagogia da FIZO, instituição que foi “engolida” pela Anhanguera, lá pelo início dos anos 2000...

Considerarei tal estudo significativo pois, como Paulo Freire sempre defendeu uma educação democrática, parece estranho, até incoerente, que ele defenda um “pensar certo”. No entanto, e esse, acredito, é um dos encantos do nosso mestre: ele jamais abandona o princípio de relações democráticas e que respeitam o outro incondicionalmente, como tampouco abandona a importância da rigorosidade metódica. A prova está aí.

Deixo aqui meu agradecimento por sua contribuição inestimável à minha formação e minha atuação profissional. Gratidão eterna, querido Paulo Freire!





# Paulo Freire, cristão ou comunista? Um depoimento

Dermeval Saviani

Participando dessa original e oportuna homenagem ao centenário de nascimento de Paulo Freire e considerando as absurdas declarações do atual presidente da República e de membros de seu governo contra o Patrono da Educação Brasileira, apresento um depoimento que se contrapõe diametralmente às referidas declarações.

Em uma longa conversa da qual participei com Paulo Freire em sua casa, em São Paulo, juntamente com o Professor Adriano Nogueira poucos meses antes de sua morte, quando introduzi a questão relativa a “como refletir criticamente sobre o atual capitalismo”, Paulo assim respondeu:

“Isto que tu dizes me desafia, Dermeval. Veja que interessante. Perguntaram-me, recentemente, num debate: Paulo, tu te definirias como sendo marxista? E eu comentava: eu lhes digo que, por respeito a Marx, eu não me defino marxista. Um teórico que aceite algum 'a priori' da História ou na História não é marxista... Iguamente, se eu aceito Deus

como 'a priori' e não admito ouvir perguntas e questões sobre: como é este deus?, como ele age?, ele é homem, é mulher ou é um fluido? ele mora aqui ou acolá?... Se eu não souber explicitar isto historicamente eu não estarei sendo marxista. Mesmo sobre a natureza do Homem, ela não existe como 'a priori'. Ou seja: eu sou Homem porque me fiz e ainda me faço Homem; inexistente algo no meu ser Homem que se constitui fora da História. Nós nos fazemos Homens e Mulheres através da experiência. Agora, reflitam comigo, meus amigos, penso que isto (de não aceitar 'a prioris') não significa que eu desvalorize a contribuição de Marx. Ele não é apenas moda. Justamente porque é a análise dele que me permite desmontar criticamente essa concepção neoliberal que está aí, na pós-modernidade. Algo disso eu tenho experimentado em minha trajetória: conheço intelectuais que me criticaram, nos anos 70, dizendo Paulo Freire não cita Marx explicitamente e, portanto, não tem a visão marxista da luta de classes. Hoje, década de 90, vejo alguns destes mesmos intelectuais comodamente adaptados ao pragmatismo realista dos neoliberais e, a partir dali, me criticam dizendo Paulo Freire é um retrógrado, ele ainda se vale de categorias marxistas superadas...". E Paulo Freire deu sequência ao seu comentário:

"Uma de minhas cobranças a nós, de esquerda, é um movimento de *retornar a Marx*. Estudá-lo, buscando adivinhar aquilo que Marx não pode ter visto. É uma certa petulância,

eu sei. Para adivinhar o *que e como* Marx veria, hoje, o que não pôde ter visto é necessário assumi-lo. Em parte, ao menos. E sem divinizá-lo, claro. O socialismo que se perdeu, nós sabemos, foi uma tentativa de socialismo dentro de uma moldura autoritária. Isso prejudicou bastante. Prejudicou o quê? Na memória política dos Homens do século XX, ficou má impressão sobre o socialismo. Por outro lado, a moldura democrática em que surgiu o capitalismo o favoreceu, ele solidificou elementos a seu favor; na imaginação política desse século, o capitalismo apresentou-se como o *mundo livre*. Livre do quê? Livre das más imagens socialistas. Não que ele, capitalismo, tenha fertilizado sua moldura de berço. O capitalismo apenas favorece a si mesmo. Ele só se modifica para fortalecer sua permanência. O que houve no Leste Europeu... e que foi feito contra aquela forma de socialismo foi, segundo minha forma de pensar, um passo de liberdade. Dentro daquela moldura institucional autoritária havia uma espécie de gosto pela liberdade. Pois é sem perdermos isso de vista que nós iremos retornar e retomar Marx...".

Eis aí o depoimento de um intelectual admiravelmente coerente, crítico e transparente que desmonta inteiramente as falsas afirmações dos membros do atual governo federal e de seus apoiadores.





# Por que atacam Paulo Freire?

Daniel Cara

É consenso mundial que Paulo Freire (1921-1997) foi um dos grandes pensadores do século XX. “Pedagogia do Oprimido”, sua *obra prima*, é considerado um texto fundamental para a humanidade. Diante do centenário de seu nascimento, é inevitável respondermos a uma pergunta incômoda: respeitado no mundo todo, por que Paulo Freire é tão atacado no Brasil? Em outras palavras, por que alguns brasileiros desrespeitam a memória de seu mais proeminente educador?

*Via de regra*, as respostas ao ultraje invocam e reivindicam as inegáveis conquistas intelectuais de Paulo Freire. Contudo, embora prático, esse também é um percurso pouco pedagógico: ainda que resulte em um discurso forte, não elabora uma explicação.

Neste texto proponho um caminho diferente. Para obtermos uma nova resposta, vamos percorrer três temas centrais do pensamento freireano: a oposição entre o radical e o sectário, a importância do diálogo e da palavra na obra de Paulo Freire e a questão da educação bancária *versus* a educação problematizadora e libertadora. Com isso, teremos um entendimento suficiente para compreender três motivos de obstrução à pedagogia freireana, de ordem econômica, histórica e pedagógica.

Defendo a tese de que Paulo Freire é atacado pelo poder de sua obra.

## **Ser freireano é ser radical, jamais sectário**

Logo nas “Primeiras palavras”, anteriores ao primeiro capítulo de “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire desenvolve a oposição entre o radical (revolucionário) e o sectário (reacionário). Essencialmente, o que diferencia ambos é a prática pedagógica. Sobre os sectários de direita e de esquerda, o educador afirma:

A sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens.

(...) [Sectários de direita e de esquerda] fechando-se em um “círculo de segurança”, do qual não podem sair, estabelecem ambos a sua verdade. E esta não é a dos homens na luta para construir o futuro, correndo o risco desta própria construção. Não é a dos homens lutando e aprendendo, uns com os outros, a edificar este futuro, que ainda não está dado, como se fosse destino, como se devesse ser recebido pelos homens e não criado por eles.

(...) girando em torno de ‘sua’ verdade, sentem-se abalados na sua segurança, se alguém a discute. Daí que lhes seja necessário considerar como mentira tudo o que não seja a sua verdade. ‘Sofrem ambos da falta de dúvida’.



O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar.

Tão longas quanto necessárias, as citações revelam o princípio fundamental da prática pedagógica freireana: o diálogo. Em outras palavras, para Paulo Freire, radical é quem se dispõe ao diálogo, dialoga e, dialogando, constrói. Sectário é quem, ao se considerar proprietário da verdade, obstrui o diálogo e, conseqüentemente, coíbe a emancipação.

O sectário, portanto, é um opressor. Contudo, o radical não é, em si, um libertador. Para Paulo Freire, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. E a comunhão se dá por meio da ação dialógica.

## **A importância do diálogo e da palavra**

Em termos pedagógicos, para ser real, o diálogo deve ser franco. Ou seja, dialogar é tomar posição. Na “Pedagogia da Autonomia”, no tópico “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, Paulo Freire ensina:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim uma escolha entre isso e aquilo.

E na “Pedagogia da Esperança”, complementa:

O que não é possível, na prática democrática, é que o professor ou professora, sub-repticiamente, ou não, imponha aos seus alunos ‘sua leitura de mundo’, em cujo marco situa o ensino do conteúdo. Combater o autoritarismo de direita ou de esquerda não me leva, contudo, à impossível neutralidade que não é outra coisa senão a maneira manhosa com que se procura esconder a opção.

Para Paulo Freire, a concretude do diálogo é feita por meio da palavra. No prefácio de “Pedagogia do Oprimido”, intitulado “Aprenda a dizer a sua palavra”, o professor Ernani Maria Fiori sintetiza: “com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana.”

A educação, portanto, é libertadora quando mulheres e homens conseguem dizer a sua palavra, expressando sua própria leitura do mundo. Ou seja, superando o papel de meros reprodutores da palavra do outro.

Consequentemente, para ser educadora ou educador, é preciso saber dizer a própria palavra sem, contudo, impô-la. Ocorre que educandas e educandos não são uma *tábula rasa*, uma folha de papel em branco, ou uma conta bancária vazia na qual professores “depositam” conteúdos.

## **A educação bancária versus a educação problematizadora e libertadora**

Como visto, para Paulo Freire, a palavra é a expressão da humanidade. Dito de outro modo, é a manifestação da personalidade viva de cada uma ou de cada um. Ou seja, é a palavra que concretiza a leitura própria e emancipada do mundo.

Já o diálogo é a materialização do encontro com o outro. Dialogar é um ato de reciprocidade e de franqueza entre seres humanos iguais, mas com trajetórias e experiências diferentes. Diante das diferenças, dialogar (e educar) compreende a disposição para o enfrentamento de conflitos.

Segundo Paulo Freire, para ser pedagógico, o diálogo não pode ser uma simples troca de ideias. Ele precisa se realizar na *práxis* (ação + reflexão), que é ao mesmo tempo uma postura dialógica durante o processo pedagógico somada ao compromisso de educadores e educandos em transformar a sociedade, a partir da consciência sobre as injustiças.

Contudo, a prática dialógica não combina com nossa tradição pedagógica. Ao contrário, o tradicionalismo pedagógico promove uma educação rígida, autoritária e antidialógica, baseada em uma suposta superioridade natural mestre (professor ou professora), detentor de uma posição social e do domínio de um conjunto legitimado – e privilegiado – de saberes.

Diante disso, as educandas e os educandos são intimidados em um processo pedagógico vertical, no qual eles devem receber passivamente os conteúdos, sendo desestimulados a realizar uma leitura própria de mundo. Por consequência, seja por vergonha ou por desalento, acabam silenciados, desenvolvendo a desumana prática de censurar suas ideias e calar suas próprias palavras.

Como alternativa a essa educação bancária, que trata os estudantes como seres passivos e vazios, Paulo Freire propõe a educação problematizadora e libertadora, na qual educadoras ou educadores e educandas e educandos se educam em comunhão, por meio do diálogo, mediatizados

pelo mundo e a partir de suas leituras próprias de mundo. Diferente da educação bancária, ambos têm saberes e se tornam sujeitos do processo de aprendizagem, em interlocução com o processo do ensino, este conduzido pelo educador ou pela educadora.

O diálogo freireano, fundamento da educação problematizadora e libertadora, pressupõe cinco condições frequentemente elencadas por José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti, dois estudiosos da obra de Paulo Freire, seguidos por trechos de “Pedagogia do Oprimido”:

1. Amor: “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante”;
2. Humildade: “A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais”;
3. Fé: “Sem esta fé nos homens, o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista. Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia.”
4. Esperança: “No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar-se na superação das “situações-limites”;
5. Pensamento crítico: “Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.

## **Por que tentam desqualificar Paulo Freire?**

No dia 3 de maio de 2017, em um desserviço editorial, a Folha de S. Paulo publicou o artigo “Os trechos mais constrangedores da obra de Paulo Freire”, dando elementos à injusta perseguição promovida pelo astrólogo Olavo de Carvalho contra o educador.

Escrito por Leandro Narloch, o texto foi excessivamente utilizado pelo movimento “Escola ‘sem’ Partido”, pela família Bolsonaro e por outras figuras da ultradireita brasileira para detratar Paulo Freire.

Seguindo o mesmo método utilizado no lamentável “Guia politicamente incorreto da História do Brasil”, Narloch recortou trechos descontextualizados da “Pedagogia do Oprimido” e da “Pedagogia da Autonomia” e promoveu a desinformação e o preconceito. Em uma passagem afirmou: “alguns trechos de ‘Pedagogia do Oprimido’ dão a impressão de que Paulo Freire foi professor de Dilma Rousseff. São tão incompreensíveis quanto os discursos da ex-presidente”.

Após a publicação do texto, durante alguns meses, as redes sociais foram inundadas com *fake news* e injúrias contra Paulo Freire. Rapidamente, os detratores articularam uma iniciativa legislativa, via sistema participativo do Senado Federal, para retirar do educador o título de Patrono da Educação Brasileira, legado por meio da lei 12.612/2012.

Como resposta, uma ação coletiva coordenada por Luiza Erundina, Nita Freire e por mim foi capaz de barrar a tentativa. Não obstante, a experiência tornou possível a compreensão do fenômeno.

Embora tenha colaborado, evidentemente, não foi o artigo mal-intencionado, publicado em um jornal, que mobilizou a enxurrada de ataques desferidos contra o mais reconhecido educador brasileiro. O que sempre esteve em jogo foi o sentido das políticas educacionais.

Infelizmente no Brasil, embora seja verdade que poucos sistemas públicos de ensino produziram políticas educacionais freireanas, a obra de Paulo Freire possui um enorme caráter mobilizador e inspirador.

Diante desse fato, é possível elencar três motivos de obstrução para a pedagogia freireana, de ordem econômica, histórica e pedagógica.

### ***A obstrução econômica***

Para se realizar, a pedagogia de Paulo Freire, que é radical, problematizadora e libertadora, é preciso garantir condições adequadas de trabalho para educadoras e educadores. Isso significa boa formação (inicial e continuada), remuneração adequada para os profissionais da educação, política de



carreira atrativa, jornada de trabalho justa e condições satisfatórias de infraestrutura nas unidades escolares.

No ensaio “Brasil: uma biografia não-autorizada”, Francisco de Oliveira afirma que se “o padrão da crise do desenvolvimentismo tornou-se o padrão normal do período neoliberal, (...) a educação se tornou não funcional para a melhoria do mercado de trabalho”. Ou seja, não há disposição econômica de investimento em políticas educacionais.

A cristalização dessa perspectiva foi materializada pela promulgação da Emenda à Constituição (EC) 95/2016, proposta por Michel Temer e por Henrique Meirelles. Nomeada como “teto dos gastos públicos federais” ou “novo regime fiscal”, esta política estabelece que – até 2036 – o Governo Federal não investirá um centavo novo em educação, saúde, assistência social, pesquisa e desenvolvimento, etc.

As conquistas recentes de financiamento da educação, como a constitucionalização do novo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) é uma exceção, fruto de intensa luta social, em especial da Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

### ***A obstrução histórica***

A obstrução histórica se deve ao fato de que a pedagogia freireana, dialógica, problematizadora e libertadora, é um instrumento fundamental para mudar os rumos das estruturas de poder, abalando as relações econômicas, políticas e sociais de dominação. É temerário para a burguesia nacional a conscientização dos oprimidos sobre o atraso permanente do país, ainda alimentado pelos nefastos efeitos da abominável experiência de escravidão, que se expressa na forma do racismo estrutural.

### ***A obstrução pedagógica: ultrarreacionária e ultraliberal***

A obstrução pedagógica é particularmente complexa. A educação promovida pelos opressores sempre será uma educação bancária. Nos dias de hoje, seja na vertente ultrarreacionária, seja na perspectiva neoliberal ou ultraliberal.

No âmbito ultrarreacionário, a “Escola ‘sem’ Partido” (ESP) é caracterizada pelo depósito limitado de conteúdos nos estudantes, por um professor com a palavra censurada, impossibilitado de dialogar e se comunicar com os educandos. O ESP impossibilita a educação ao cercear a palavra, o diálogo, a comunicação e, portanto, a comunhão dos sujeitos educativos: educadores e educandos.

A militarização de escolas opõe a pedagogia à disciplina autoritária, ao mesmo tempo em que intimida os estudantes – que se tornam mero reprodutores da cultura fardada, reiterando a lógica do depósito de conteúdo e, também, de valores antipedagógicos. Ao destituir o papel dos professores, por meio da legitimação da ideia de que um soldado é melhor educador do que um professor, colabora para a deslegitimação de toda a área de educação.

A educação domiciliar opõe a casa à escola, rotulando absurdamente a última como um espaço de desvio e a primeira como um lugar sagrado. A educação bancária sequer é promovida por profissionais: a tarefa fica circunscrita à família, que aprisiona os horizontes das crianças e adolescentes ao repertório inexoravelmente limitado dos pais. Nessas condições, não há espaço para a práxis dialógica.

Contudo, a pedagogia freireana também é obstruída pela pedagogia neoliberal. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também elaborada e aprovada pelo governo ilegítimo de Michel Temer – tanto quanto a EC 95/2016 –, nada mais é do que a institucionalização da educação bancária.

Irônica e curiosamente promovida por instituições lideradas por bancos, herdeiros ou empresários que possuem operações ou fizeram carreira no mercado financeiro (Fundação Lemann, Instituto Unibanco, Instituto Itaú Social, Instituto Natura, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, ONG empresarial Todos pela Educação, etc), a BNCC é a

perpetuação da educação bancária, cuja eficácia dos depósitos de conteúdo nos alunos é mensurada por avaliações de larga escala descontextualizadas e mal utilizadas.

Christian Laval e Pierre Dardot afirmam em seus livros recentes que o objetivo da atual escola é formar o indivíduo neoliberal, aquele que acredita ser empreendedor de si mesmo, imerso em processos incessantes de competição, organizados por uma racionalidade econômica e moral angustiante.

Em termos de políticas educacionais, os processos brasileiros de materialização da pedagogia neoliberal são evidentes: claramente, a BNCC – já tratada aqui – atende a isso, bem como a Reforma do Ensino Médio, também aprovada na ilegítima presidência de Michel Temer, cuja missão pedagógica é preparar os jovens brasileiros para um mercado de trabalho desregulamentado pela Reforma Trabalhista – novamente temerista – e para a Reforma da Previdência, aprovada nos primeiros meses do governo de Jair Messias Bolsonaro, uma continuidade neofascista do golpe de 2016.

É necessário dizer que tanto a BNCC quanto a Reforma do Ensino Médio não pressionam o teto dos gastos públicos federais. Bem como é importante destacar que as políticas educacionais ultrarreacionárias também não pressionam o “novo regime fiscal” concretizado na EC 95/2016. A dominação econômica sempre se sobrepõe à cidadania e a pedagogia freireana é, claramente, um obstáculo aos seus interesses e intenções.

### **A esperança freireana**

Os obstáculos à pedagogia freireana não podem nos desanimar, pelo contrário: é a força e a justiça das ideias de Paulo Freire que amedrontam e levam seus opositores à covardia da detração.

No primeiro capítulo da “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire diz que “seria uma contradição se os opressores, não só defendessem, mas praticassem uma educação libertadora”.

Isso nos ensina que a pedagogia do oprimido é também uma pedagogia da práxis, da esperança e da luta contra a opressão. Assim, para nós, educadoras e educadores, cidadãs e cidadãos, o que não pode é cruzarmos os braços.

Paulo Freire nos ensinou que a humanidade se materializa pelas palavras. Dito isso, que últimas escritas por ele para concluir sua obra prima, a “Pedagogia do Oprimido”, nos inspirem sempre:

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.





# Paulo Freire e a interdisciplinaridade via tema gerador – alguns registros e reflexões (versão curta)

Rubens Barbosa de Camargo

O termo “interdisciplinaridade” aparece no Brasil com a publicação dos trabalhos de Hilton Japiassu (1976) e , Ivani Fazenda e Paulo Freire<sup>1</sup>, nas décadas de 1960-70. Na mesma época, um modelo tecnicista proveniente de orientação ministerial buscou realizar uma perspectiva de trabalho pedagógico pautado na ideia de *integração*<sup>2</sup>, sem que fossem possibilitadas realmente as condições materiais, políticas e educacionais para que tal ideia se concretizasse. Tal perspectiva, proposta no período da ditadura militar, tinha um caráter claramente ideológico conservador ao invés de político-humanizador-emancipador que sugere a perspectiva interdisciplinar.

<sup>1</sup>Paulo Freire, na obra “Pedagogia do Oprimido”, faz referência ao imprescindível trabalho interdisciplinar, quando se está procurando desenvolver a percepção das situações significativas de uma comunidade, realizando a investigação temática ou a seleção de possíveis temas geradores (ou palavras geradoras) mais adequados, assim como construindo a redução temática dos temas escolhidos. Nestas fases, o autor defende que não se deve “abrir mão” do papel dos especialistas de determinadas áreas de conhecimento, apesar de se estar considerando e, muitas vezes, contando com a própria participação da comunidade em cada fase do processo educativo proposto por ele.

Embora Paulo Freire faça referências ao termo interdisciplinaridade em suas experiências de alfabetização no início da década de 60, a publicação de suas principais obras no Brasil, por causa de seu exílio político, só começou a ser feita a partir de 1967. Pedagogia do Oprimido, considerada como sua maior obra, é um manuscrito de 1968, feito no Chile, e teve a sua 1ª edição no Brasil em 1974. Nela encontra-se substantiva referência ao termo interdisciplinaridade, geralmente ligado à questão temática, especialmente no capítulo III.

<sup>2</sup>A respeito da perspectiva da integração e da interdisciplinaridade ver, entre outros, Japiassu (1976), Fazenda (1992) e Januzzi (1979)

Paulo Freire, na obra “Pedagogia do Oprimido”, faz referência ao imprescindível trabalho interdisciplinar, quando se está procurando desenvolver a percepção das situações significativas de uma comunidade, realizando a investigação temática ou a seleção de possíveis temas geradores (ou palavras geradoras) mais adequados, assim como construindo a redução temática dos temas escolhidos. Nestas fases, o autor defende que não se deve “abrir mão” do papel dos especialistas de determinadas áreas de conhecimento, apesar de se estar considerando e, muitas vezes, contando com a própria participação da comunidade em cada fase do processo educativo proposto por ele.

Marta Pernambuco apresenta, em sua tese de doutorado, de 1994, a importância do trabalho interdisciplinar junto à rede municipal de São Paulo. Amparou seu trabalho em referenciais que vêm sendo construídos em longa trajetória na área de ensino de Ciências, com especial enfoque transformador no modo de tratamento da questão científico-tecnológica. A autora apresenta a necessidade de se buscar uma nova pedagogia, onde o conhecimento e a cultura, o conhecimento de grupos específicos e as díades fragmentos & totalidades e continuidades & rupturas estejam presentes no sentido de uma dimensão mais dinâmica para a compreensão do processo educacional, numa perspectiva emancipadora. Nesta busca, a autora encontra em Paulo Freire, Snyders, Bachelard entre outros, uma dimensão epistemológica ligada



Educação e à Ciência; e em Angotti, Dal Pian, Delizoicov, Menezes e Zanetic outra dimensão epistemológica ligada especificamente ao Ensino de Ciências e ao Ensino de Física, ambas fundamentais para a consecução de seu projeto maior.

Marta Pernambuco, Demétrio Delizoicov, João Zanetic, Luís Carlos de Menezes, Alice Pierson, entre outros, com base na teoria freireana, foram os primeiros propositores à Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo, do projeto da “Interdisciplinaridade via Tema Gerador” implementado pela rede municipal de ensino, na gestão de 1989 a 1992, com Paulo Freire e Mário Sérgio Cortela à frente, vindo a compor parte da assessoria da universidade, com a incumbência de auxiliar o desenvolvimento do projeto.

O projeto da Interdisciplinaridade via Tema Gerador (Inter-TG) insere-se num movimento maior, que foi o Movimento de Reorientação Curricular (MRC), proposto para dar conta da prioridade “Nova Qualidade de Ensino” da política educacional da Secretaria Municipal de Educação (SME), no período de 1989 a 1992.

A ideia de “Movimento” apareceu naquele momento, por se considerar que o que ocorre no interior da escola, da estrutura da SME e do próprio processo pedagógico como um todo é algo histórico e, portanto, passível de mudanças; de que não existem certezas absolutas a respeito dos resultados

dos processos engendrados; por poderem ser feitas alterações no próprio processo de desenvolvimento das propostas e por contar com a colaboração de diversas pessoas em diferentes níveis de escolarização (de pais de alunos às diferentes assessorias especializadas da Universidade).

O currículo neste processo é entendido como algo mais profundo do que a simples disposição da grade de disciplinas, ou a organização de seus programas escolares, mas especialmente a relação existente entre o universo escolar, com as contradições que o caracterizam, e as condições determinantes das relações éticas, sociais, econômicas, políticas e culturais que caracterizam o mundo contemporâneo.

A reorientação curricular ' proposta visava sempre à perspectiva de se garantir:

- “- o respeito à identidade cultural do aluno;
- a apropriação e produção de conhecimentos relevantes e significativos para o aluno, de modo crítico, na perspectiva de compreensão e transformação da realidade social;
- a mudança de compreensão do que é ensinar e aprender;
- o estímulo à curiosidade e à criatividade do aluno;
- o desenvolvimento do trabalho coletivo na escola;
- o resgate da identidade do educador;
- a integração comunidade-escola como espaço e recriação da cultura popular.” (SAUL, 1993, p.64).

A reorientação curricular passou a se realizar na rede municipal de ensino por meio de uma problematização realizada junto a toda a comunidade escolar (educadores, pais e alunos foram os participantes da ação da problematização implementada); de um processo de formação permanente envolvendo quase a totalidade da rede; de projetos próprios das UEs (em 1992, considerando-se EMEIs, EMPGs e EMEDAs havia 1.563 projetos sendo desenvolvidos na rede) e do projeto da “Interdisciplinaridade via Tema Gerador” apresentado pela SME.

O projeto de ação pedagógica Inter-TG (aqui apresentado de modo sucinto) teve seu início em 10 escolas-piloto em 1990 e terminou o ano de 1992 com mais de 180 escolas participantes. Tinha como critérios iniciais para a participação a aceitação e o envolvimento da equipe técnica (direção e coordenação pedagógica) e do grupo de professores (com adesão de, no mínimo, 70%), assim como a admissão e predisposição ao trabalho coletivo que seria realizado em seu desenvolvimento.

O projeto INTER-TG teve embasamento numa:

- indissociabilidade do pedagógico com o político;
- revisão crítica do conhecimento a serviço de quem o utiliza;
  - perspectiva dialógica;
- perspectiva emancipatória e, portanto, transformadora da sociedade;
  - visão curricular mais ampla;
- possibilidade da escola construir o seu próprio currículo.

Segundo Paulo Freire, ao estabelecer uma abordagem temática para a organização dos diferentes conteúdos para uma ação pedagógica mais crítica e emancipadora, existem três momentos para esta construção. São eles: o “levantamento preliminar da realidade”, a “investigação temática” e a “redução temática”.

No levantamento preliminar da realidade, faz-se um estudo da realidade local, levantando-se uma série de dados objetivos e subjetivos que dizem respeito a toda a dimensão social, cultural, política, econômica que caracteriza certa comunidade. Trata-se da busca de dados que permitam uma ampla fotografia da realidade onde está inserida a escola, montando-se em seguida uma espécie de dossiê da escola e da comunidade.

No processo da investigação temática procura-se realizar um levantamento de categorias de análise e das possíveis situações significativas para a comunidade e para a escola de forma a:

- aparecer com maior frequência;
- ser percebida por ao menos um segmento da comunidade escolar;
- ser representativa para a comunidade;
- apontar contradições explícitas ou implícitas;
- conter circunstâncias relevantes que estavam implícitas na investigação;

No entrelaçamento destas categorias com a relevância vivencial, com a dimensão sócio-política e com a demanda de conhecimento das diferentes interpretações das áreas de conhecimento é que se seleciona, num processo problematizador, o tema gerador. Neste sentido, segundo Freire, o tema gerador (TG) tem duas dimensões, uma semântica “o que ele pode fazer aparecer, desvelar, possibilitar...” e outra política “o que ele pode provocar, incentivar, transformar...” (Freire, 1980, p. 110).

A redução temática insere-se no contexto explícito de procurar “reduzir” o tema em suas possibilidades de trabalho, uma vez que se abrem inúmeras alternativas de trabalho sobre qualquer tema. Por isso é necessário que se delimite o que se quer trabalhar através de questões geradoras que orientam a formulação do programa. Estas questões geradoras podem ser elaboradas tanto para a escola como um todo, quanto para determinados estágios do curso do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio de forma que o conhecimento historicamente acumulado possa ser mais adequadamente previsto, do ponto de vista didático, psicológico, cultural e científico para dar conta do que foi proposto. Ao conseguir vislumbrar claramente o tema, as questões geradoras que ele possibilita e a organização adequada de uma programação crítica é que se pode realmente denominá-lo de “gerador”

Na sala de aula, segundo Pernambuco<sup>1</sup>, o processo de ensino-aprendizagem deveria ser orientado no sentido de se estruturar em três importantes momentos pedagógicos para o trabalho: o *estudo da realidade* (ER), a *organização do conhecimento* (OC) e a *aplicação do conhecimento* (AC). Estes momentos revelam o processo de construção de conhecimento estabelecido e, respectivamente, procuram garantir a “fala do aluno”, a “fala do professor” e uma “ampliação do conhecimento, uma nova interpretação, uma síntese ou uma ação coletiva e consciente sobre o assunto abordado”.

Em cada um destes momentos é importante o registro das informações, dos conceitos apresentados, das dúvidas surgidas, das “descobertas” feitas pelos envolvidos no processo, isto é, tanto o professor quanto os alunos devem ter claro que, somente com os registros organizados e plenamente à disposição de todos, podem ter as dimensões dos saltos qualitativos de compreensão e busca de transformação de uma dada realidade efetuados num determinado trabalho.

<sup>1</sup> É importante a leitura da tese de Marta Pernambuco “Educação e escola como movimento – do ensino de Ciências à transformação da escola pública”, em que a autora apresenta interessantes “situações vivenciais” seguidas de análise dos diferentes momentos do trabalho da interdisciplinaridade via tema gerador, onde os três momentos pedagógicos estão bem descritos e exemplificados. Tal metodologia também está presente em DELIZOICOV, 1982.

Tal forma de ação pedagógica altera profundamente a relação professor-aluno, pois ambos passam a ser os responsáveis pela construção mais eficaz e eficiente do conhecimento. Ambos passam a buscar respostas de modo dialogado e problematizador às questões propostas, além de se envolverem em processo crescente de busca de conhecimento, sem que haja desprezo ou desconsideração aos saberes adquiridos pela própria vivência de ambos. Não há como ignorar que existem dificuldades para a execução de uma ação interdisciplinar, entre elas, o entendimento da complexa realidade eivada de inúmeras questões diferentes, relacionadas ou não, mas talvez a mais sensível seja a excessiva fragmentação da própria formação do educador. Percebe-se nitidamente esta dificuldade quando se trabalha a questão de uma compreensão mais aprofundada acerca de determinada realidade local e de uma leitura mais crítica elaborada sobre a realidade mais ampla. No entanto, apesar das dificuldades, a ação pedagógica da Interdisciplinaridade via Tema Gerador parece ser mais rica e prazerosa, porque provoca discussões, vivências, leituras e experiências diversas em busca do conhecimento e de sua aplicação transformadora na realidade vivida, o que a torna muito diferente do papel de professor-reprodutor e aluno-receptor de uma programação estabelecida a priori, seja ela a do livro didático, a de apostilas de “sistemas educacionais” ou a dos Guias e Propostas Curriculares Oficiais...





# Paulo Freire, somos tantos!!!

Andrea Barreto  
Fernando José de Almeida

Esse breve artigo, comemorando a vida de Paulo Freire, vai relatar algumas experiências dos autores e as de outros atores sociais e educacionais que conviveram com ele e nele se inspiraram em suas ações.

No caso, vamos trazer aqui cinco pessoas que tocaram na vida do nosso centenário educador e foram marcadas por ele assim como deixaram marcas nos territórios físicos e nos valores que atravessaram o século XX e desaguam no XXI.

As pessoas? Vera Barreto e José Carlos Barreto, casal de fundadores do Centro de Estudos Vereda, foram nossas inspirações iniciais, mas outros companheiros como Pedro Pontual e Marisa Darezzo e Maria Alice Paula Santos<sup>1</sup>, completam essa breve lista. Sem eles ficaria mais difícil entender como Paulo Freire vive entre nós e até onde marcou a sociedade, por meio de outros corações, sonhos, práticas e mentes.

Como surgiu a ideia deste ensaio?

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2007), professora universitária aposentada e consultora em políticas públicas de EJA.



Eu conhecia bastante o casal Barreto, não só pelo reconhecimento de seus trabalhos com a educação popular, nas Comunidades Eclesiais de Base, como porque eles eram pais de João Carlos Barreto<sup>1</sup>, meu aluno no “colegial” na escola que eu dava aula e dirigia à época. O João Carlos morreu cedíssimo, de grave doença. Um trauma para todos nós. Continuei amigo do casal pelos tantos laços que temos.

Quando fui chamado para ser Secretário de Educação, em início de 2001, ainda no mês de janeiro, eles me procuraram. Nossa conversa foi sobre a extinção do MOVA na prefeitura de S. Paulo, violentamente cortadas nas duas gestões que nos antecederam – Maluf e Pitta (1993-2000). Os oito anos de paralisação do MOVA perseguido como se fosse uma ação nefasta, era o tema de nossa conversa: como retomá-lo?

A síntese da conversa foi: vamos retomá-lo com a maior urgência possível. Para isso, os conhecimentos de Vera e José Carlos eram fundamentais. Eles sabiam retomar os traços deixados, vestígios, contatos dos principais atores e as condições políticas e educacionais para fazer um novo desenho do Programa. Uma semana após, já estavam mobilizados centenas de grupos que, mesmo durante os oito anos de seca do governo do PPB, continuaram a trabalhar e a operar o MOVA com pouquíssimas condições materiais superadas pela vontade política e pelo reconhecimento da relevância da educação popular sobretudo a alfabetização crítica dos adultos e jovens.

<sup>1</sup> Os Barreto, tinham outros dois filhos. Uma delas é a Andréia Barreto que também escreve esse artigo e a quem devemos a pesquisa feita para gerar dados consistentes para análise. O outro é Marcos Barreto, que na gestão do PT, de Marta Suplicy, vai ser um dos secretários de Habitação do Município.

O que mais me impressionou de toda a retomada do projeto foi a agilidade e a articulação existentes na periferia como a força motora das ideias de Paulo Freire.

Centenas de grupos MOVA estavam ainda formados, como que esperando novas primaveras. Percebi nesse momento o que é a Política: ela se constitui de ideias fortes, de muito diálogo e de tempo de realização. Há muitos que se pretendem políticos que têm ideias mas não têm tempo, não dialogam e por isso seus projetos não se realizam – no fundo não são políticos, são oportunistas. Há outros que têm tempo e não têm projeto nem ideias fortes para a organização da vida social – também não são políticos. No Brasil temos muitos falsos políticos nos dois campos. O campo de ideias poderosas, dialógicas, organicamente ligadas aos interesses da maioria são poucos, poucos. Paulo Freire foi um desses. A sua longa trajetória – de tantos anos no Brasil e fora dele - construindo ideias, dialogando, aprendendo com os outros, deu-lhe a estatura de um político. Por isso, veremos nesse artigo a dimensão de continuidade apesar das adversidades das suas ideias que “milagrosamente” reacendem oito anos depois como se nunca tivessem se apagado no coração das pessoas.

Os dados abaixo são resultados da documentação existente e guardada nos arquivos dos Barreto, que com sopro suave de sua filha, volta a se acender no momento dos 100 anos de aniversário de Paulo Freire.

O sentido de apresentarmos parte do movimento, e de sua constituição na história de São Paulo, se deve ao princípio enunciado acima: política se faz com ideias fortes e muito trabalho de duração, diálogo e sustentação das ideias. O Centro de Estudos Vereda, o casal Barreto encontram-se nas entrelinhas dessa história e dessas políticas.

## **Parte da história de um MOVIMENTO que contém a vida de Paulo Freire**

A eleição da Luiza Erundina se insere em um contexto de redemocratização do Brasil, que pode ser ilustrado, na proclamação da Constituição de 1988, um ano antes, e que contou, inclusive, com a participação do Paulo Freire em comissões que discutiam a educação pública e popular. Estávamos “sedentos” por democracia e mudanças no rumo da história.

Em 1989, quando Paulo Freire deixa a presidência do Vereda para assumir a Secretaria Municipal de Educação escreve uma carta institucional dirigida aos amigos explicando sua decisão:

“Como vocês sabem, o Brasil atravessa um momento muito especial em que é necessário todo o esforço possível para tentar superar situações sociais injustas que se acumulam a séculos ... Nossa companheira Luiza Erundina foi eleita prefeita da maior cidade brasileira, com perto de 11 milhões de habitantes. Trata-se de um acontecimento político da maior importância dadas as repercussões que esta administração poderá ter no quadro político nacional.

Assim, não pude me negar, quando a prefeita eleita convidou-me para assumir a Secretaria de Educação do Município. Eu teria que recolher todos os livros que já escrevi e me sentiria impedido de continuar a divulgar minhas ideias se, no momento de contribuir para que estas ideias se concretizem, eu encontrasse justificativas para me omitir. Aceitei o desafio, embora esteja muito consciente das dificuldades que ele representa. ... “

A vinda do Paulo Freire para a Secretaria, consistiu em marco importante. Ações a parte, o que ele representava e, sua obra, criaram uma efervescência entre todos aqueles que atuavam na educação. As pessoas estavam extremamente animadas, haviam muitos espaços de discussão e muitos Projetos nasceram da vontade de participar e construir, coletivamente, novas práticas. Os Conselhos de Escola e a criação de orçamentos próprio para que as escolas desenvolvessem Projetos Especiais são bons exemplos desta disposição e da autonomia que foi sendo conquistada. Sem engajamento, seria impossível, mesmo com vontade política.

Este engajamento, alimentado pelas ações da Secretaria certamente produziram relações e experiências realmente formativas, capazes de alimentar o fogo mesmo nos tempos de retrocesso que vieram depois. O Vereda, por exemplo, em 94, reuniu uma equipe cujos laços se fortaleceram durante a gestão e criou o GIZ, um tabloide produzido mensalmente para a formação de professores, cuja produção era sempre precedida de muito escuta, debate e compromisso em fazer sentido para quem estava no front.

O MOVA (Movimento de Alfabetização de Adultos) surgiu em 1989 na gestão de Paulo Freire e tinha como proposta reunir Estado e Organizações da Sociedade Civil no combate ao analfabetismo entre jovens e adultos, uma dívida histórica em todo Brasil.

Luiza Erundina e Paulo Freire declararam no lançamento do MOVA-SP, os objetivos: 1º. desenvolver um processo de alfabetização que possibilitasse uma leitura crítica da realidade; 2º. por meio do Movimento de Alfabetização, contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos e dos educadores envolvidos; 3º. reforçar o incentivo à participação popular e à luta pelos direitos sociais do cidadão, ressaltando o direito básico à educação pública e popular; 4º. reforçar e ampliar a atuação dos grupos populares que já trabalhassem com alfabetização de adultos na periferia da cidade.

Diferente de uma campanha ou programa, propunha um Movimento, permanente e participativo e reunia três condições básicas para que pudesse ter êxito: vontade política da administração, empenho e organização dos movimentos sociais e populares e apoio da sociedade. Pedro Pontual, educador popular e um idealizadores do movimento, assim descreve a proposta:

“Um dos primeiros aspectos a resgatar e sublinhar é a dimensão de movimento presente na proposta do MOVA é que tem nos atores da sociedade civil os principais responsáveis pela sua vitalização. É preciso recuperar a ideia de que o MOVA é um movimento social que, em parceria com o Estado, toma a questão da alfabetização e da pós-alfabetização como uma tarefa inicial na luta pelo direito à educação ao longo de toda a vida dos jovens e dos adultos. Esta dimensão coloca o desafio para os atores da sociedade civil que ingressam no MOVA a partir da prática da sala de aula e para além da mesma organizarem-se como movimento social que trabalha pela garantia à educação, que sabemos indissociável do conjunto dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais. Esta compreensão do papel do MOVA vincula-o ao campo das práticas de construção de uma cidadania ativa e, ao mesmo tempo, coloca o referencial da Educação Popular como aquele mais coerente para a consecução de seus objetivos. A Educação de Adultos é melhor percebida quando a situamos como Educação Popular”.

Os núcleos de alfabetização e pós-alfabetização do MOVA-SP ficavam em equipamentos da própria comunidade e eram centralizados na cultura local que incluía a história do mobilização popular da região, o que favorecia a leitura crítica da realidade local. Por meio desse processo de tomada de consciência de sua realidade, de apropriação e criação de conhecimentos novos, os educandos tinham acesso, de forma sistemática e progressiva, a conhecimentos cada vez mais elaborados, constituindo-se, assim, em sujeitos da ação transformadora da sua própria realidade. Os educadores do MOVA, em sua maior parte, pertenciam à comunidade onde atuavam. Estavam comprometidos com as lutas que ali se desenvolviam e eram capacitados por meio de um percurso formativo promovido pela Secretaria através de convênio com organizações sociais historicamente comprometidas com a educação popular.

Com o propósito de assegurar uma relação de parceria bem-sucedida entre a prefeitura e os movimentos sociais e populares, criou-se o Fórum dos Movimentos Populares de Educação de Adultos da Cidade de São Paulo que se reunia mensalmente com o intuito de compartilhar experiências e ampliá-las, tendo em vista o compromisso daquela administração com as causas populares.

“Organizar-se como movimento requer, entre outras ações, a criação de fóruns próprios dos atores da sociedade civil, aonde se podem consolidar capacidades e proposições que possibilitem uma autonomia efetiva destes atores na construção de uma relação de parceria com o Estado. A prática tem demonstrado que, quando isto não acontece, prevalece uma relação de dependência e dificilmente se asseguram condições de continuidade do programa diante da alternância de governos e das mudanças de orientação que estas provocam nas prioridades de ação do Estado. Cabe aos sujeitos partícipes do MOVA (educadores, educandos, coordenadores, gestores) combinarem a necessária competência político-pedagógica da sala de aula com a ação igualmente competente como militantes pela educação como direito” ( PONTUAL, 2005).

Ao citarmos os Fóruns e a centralidade dos territórios para o MOVA exemplificamos a dinâmica de planejamento e gestão que tinha como suposto a interação e o fortalecimento da experiência coletiva. A descentralização do poder e a ampliação da participação. Promoviam-se espaços de construção intelectual, que impunham a todos os envolvidos a necessidade de ouvir, fazer resistência a cultura autoritária do silêncio e aprender a fazer escolhas. Durante a gestão, segundo as palavras do seu chefe de gabinete, Paulo Freire dizia que o que plantassem no gabinete não ficaria nada, mas, o que acontecesse nos diferentes espaços formativos ficaria e daria frutos.



Paulo Freire via na descentralização sua forma de fazer política pública: compreendia que a Política Pública não é técnica, o planejamento é social, político e técnico.

As gestões do Maluf e do Pitta não renovaram a parceria, mas, os grupos continuaram ativos, aproximadamente 800 salas espalhadas por todas as regiões da cidade, alguns delas, com ajuda da Alfabetização Solidária, mas, a grande maioria, mobilizando recursos, humanos e financeiros próprios, a maior parte eram grupos da igreja. A educação acontecia nos locais onde eles moravam. Então, utilizaram-se associações e espaços comunitários para que líderes comunitários pudessem ser formados e efetivar essa alfabetização

Em 2001, durante a gestão da Marta Suplicy a parceria foi retomada através do compromisso político manifestado no decreto N° 41.109, 06 de setembro de 2001.

Aquelas entidades que haviam participado da primeira experiência do MOVA-SP voltaram a se articular.

“Primeiro nós começamos a ser chamados lá em Ermelindo Matarazzo pelo padre Ticão para começar a discutir o MOVA. Fazíamos reuniões sistemáticas com todo mundo da região. Foi a Luiza Erundina que iniciou a conversa. Convidamos a Selma Rocha – chefe de gabinete do secretário da educação – para participar e fizemos reuniões com ela para apresentar, e

perguntar sobre o MOVA, porque queríamos o MOVA. Foram muitas conversas, muitas reuniões. Ai, o Secretário Fernando José de Almeida marcou uma reunião conosco e fomos, o grupo da zona leste com a Ação Educativa. Fizemos uma reunião com ele, falando que queríamos o MOVA. Ele sinalizou que tinha interesse, fizemos uma plenária em que ele esteve presente e se comprometeu a retomar o MOVA. Uma plenária grande na Câmara, no 8º andar, estava lotada e foi um debate interessante. Pois a gente fez uma reunião e começou a discussão com a Secretaria. Foi a partir daí que a secretaria começou a nos chamar para discutir como seria o MOVA. Ela não chamou as ONGs, ela chamou quem estava na discussão.” (Maria Alice Paula Santos, IPF<sup>1</sup>)

Marisa Darezzo, Coordenadora da Divisão Técnica, DOT<sup>2</sup> – EJA, nos conta:

“Quando eu assumi a diretoria da Educação de Jovens e Adultos, o prof. Fernando Almeida já começou a fazer essa ponte, ou seja, trazer essas entidades que já vinham procurando essa parceria para elaborar um projeto conjunto e já encaminhou para o setor. Encaminhando para o setor, para a divisão de EJA, nós começamos as primeiras reuniões”.

<sup>2</sup> IPF – Instituto Paulo Freire é uma associação civil, sem fins lucrativos, criada em 1991 uma das instituições que tem a finalidade de dar continuidade ao legado de Paulo Freire, aproximando pessoas e instituições.

<sup>3</sup> DOT – divisão de orientação técnica da SME, era encarregada de todo o planejamento curricular, formação dos educadores e dos sistemas de avaliação dos diferentes graus de ensino. A partir de 2015 se chama COPED – Coordenadoria Pedagógica e Educacional.

Nossa história termina aqui, muito resumidamente, mas a suficiente para comprovar parte do que falamos: Paulo Freire teve ideias no interior de um contexto de equipes que operaram a transformação da realidade política e cultural da época.

Sua evolução? Os meandros da história e da luta para hegemonia das políticas aplicadas à educação, não estão claros para nós, nesses momentos das várias modalidades de pandemia, as dos corpos e as do espírito político e educacional.

## **OS MUITOS PAULO FREIRE**

Esse é um cenário rico e dialógico em que a figura de Paulo Freire emerge como um organizador e inspirador que prevê um grande grupo de pensadores e gestores desse conjunto de ideias de cunho político e educacional de amplo espectro. Sem a adesão de milhares e milhares de pessoas imbuídas de profundo senso de democracia e justiça um projeto desse porte não se realiza.

Paulo Freire foi ele e suas equipes. Ele e seus inspiradores. Ele e a sedução mútua que havia entre seus companheiros de trabalho pelos quais também ele foi seduzido.

Esse breve caso de compromisso mútuo, duradouro e poderoso foi um ato profundamente político do legado de Paulo Freire e de tantos de seus amigos profissionais educadores cujo símbolo aqui retratado se manifesta nas figuras de Vera Barreto, José Carlos Barreto, Pedro Pontual, Marisa Darezzo e Maria Alice Paula Santos em nome dos quais revivemos aqui a obra de Paulo Freire.





# Paulo Freire? Presente!

Luiza Helena da Silva Christov

Meu primeiro encontro com Paulo Freire aconteceu mediado pelo livro *Pedagogia do Oprimido*, lido como quem respira, como quem procura colar-se à vida. E isso aconteceu lá no meio dos anos setenta, cursava eu a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e começava a dar aulas de alfabetização de adultos. Eram anos duros, ditadura horrenda, os livros como *Pedagogia do Oprimido* eram encontrados em guetos muito especiais de oxigenação como as livrarias das universidades perseguidas, negadas e violentadas pela ditadura militar.

Eu vi meu corpo e a alma que nela habita comovidos, sobretudo pelo capítulo 3 de *Pedagogia do Oprimido*, o capítulo da Dialogicidade. Pensei pela primeira vez como seria o cuidado das conversas com meus estudantes. Não poderia tratar de suas situações de trabalhadores oprimidos – era tema proibido e não se sabia se havia espiões da ditadura em sala de aula, sendo que em algumas salas havia, inclusive, gravador para garantir a ausência de conversa/pensamento/reflexão/escrita sobre opressão política, social e econômica. Decidimos conversar em ambientes considerados neutros, ou seja, uma casa ou outra que pudesse abrigar meu interesse em conhecer melhor a vida de meus estudantes e o interesse deles em narrar e aprender a escrever a própria história. Paulo Freire? Presente! Presença que oferecia ar com suas palavras.

O segundo contato que tive com Paulo Freire foi em 1980, dia maravilhoso de sua volta ao Brasil, vindo do exílio a que foi obrigado pela ditadura militar, após a anistia de 1979. Lembro em detalhes a espera no Aeroporto de Congonhas. E sinto muito orgulho de ter estado por lá no momento dessa vitória.

Nunca o conheci pessoalmente e de corpos em mãos dadas. Ele nunca soube quem sou eu e que eu inspirava o ar de suas palavras. Mas o conheci. Ainda bem. Conheci todos os seus livros e todas as suas ações lutando pelo direito de todos lerem, dizerem e criarem o mundo. Uso e abuso dessa expressão.

Minha terceira aproximação a Paulo Freire foi, então, no processo de mestrado que cursei na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nos anos oitenta.

Os anos oitenta, juntamente com as vitórias das oposições em diversos Estados do Brasil, trouxeram a oportunidade de educadores, dentre os quais muitos pesquisadores, assumirem a gestão de diferentes secretarias estaduais ou municipais de educação. A presença de educadores nos órgãos centrais favoreceu a instalação de um amplo processo de reformulações curriculares que foram acompanhadas por diferentes ações para educação em serviço dos profissionais da área, sobretudo para os professores.

No plano teórico, consolidava-se a Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos, sobretudo por meio dos estudos de Dermeval Saviani, Guiomar Namó de Mello, José Carlos Libâneo e Carlos Jamil Cury. O grupo liderado por Saviani entendia a educação escolar como oportunidade de transformação social e preparo das classes populares, sobretudo por meio das escolas públicas e gratuitas, para enfrentamento das relações de opressão que vivem em sociedade de classes. O currículo escolar deve viabilizar a oportunidade de acesso aos conhecimentos científicos e filosóficos elaborados historicamente, daí a valorização dos conteúdos escolares como direito de todos os cidadãos. A função social da escola incluía, segundo essa teoria, a visão política de que a emancipação das classes populares exigia a socialização dos conhecimentos sistematizados pela burguesia, via experiência escolar.

Mas foi com outro grupo que me identifiquei. Outra corrente, inspirada na contribuição de Paulo Freire, comparecia nas discussões curriculares no Brasil dos anos oitenta. Igualmente preocupada com dimensões sociais e políticas e com a construção de uma escola capaz de oferecer condições para transformação social e emancipação das classes populares, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Miguel Arroyo, Ana Maria Saul, Carlos Rodrigues Brandão transferem as abordagens pedagógicas elaboradas no âmbito dos movimentos populares e da educação não formal dos anos

cinquenta e início dos sessenta para as políticas curriculares das escolas públicas. Freire e aliados valorizaram temas reivindicados como subjetividade, significação e sentido, além das categorias de análise macro social, como poder, dominação, classes sociais.

Paulo Freire chega a ser Secretário Municipal de Educação em São Paulo, promovendo intenso debate a respeito do currículo para educação fundamental junto aos educadores da rede municipal, marcados até nossos dias de 2021, por processos democráticos, dialógicos, comprometidos com o combate à desigualdade que faz padecer tantas crianças, jovens, adultos e idosos.

Não cabe nesse texto a recuperação dos acalorados debates travados pelos seguidores dos dois grupos nos anos oitenta, sobretudo em São Paulo. Fato é, porém, que em suas práticas como propositores de currículo e de formadores de educadores nenhum dos grupos menosprezou o valor dos conhecimentos científicos e filosóficos a serem trabalhados na escola básica e também nenhum dos grupos desvalorizou a dimensão política e social nas reflexões sobre escola.

Quero destacar, então, a diferença que me cativou à contribuição de Paulo Freire. Para sempre.

Em 1985, eu havia ingressado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Educação, criado em 1971. Atualmente, o programa chama-se Educação: História, Política e Sociedade. Nos anos oitenta, esse Programa contava com



grupo de pesquisadores alinhados ao pensamento de Dermeval Saviani. Era considerado o melhor Programa em Educação do país, segundo avaliação conceito A da CAPES, órgão vinculado ao Ministério da Educação que coordenava todos os programas de pós-graduação estrito senso do país. Propus um projeto de mestrado para estudar o processo de coordenação pedagógica em dois programas de Educação de Jovens e Adultos nos quais atuei. Queria fazer uma crítica sobre minha experiência de coordenadora e de minha equipe.

Ao mesmo tempo em que fui acolhida ao ser aprovada no processo seletivo, ao cursar o primeiro semestre comecei a mergulhar em uma experiência de não acolhimento de meu projeto, não havia orientador ou orientadora que se interessasse por meu projeto ou que me orientasse a mudar de rumo. A postura dos professores era de questionamento, fazendo com que eu me sentisse um peixe fora d'água, uma estranha no ninho e, o mais perverso, uma incapaz.

Certa tarde, após uma entrevista com uma das professoras, na qual ela usou o conhecimento como escudo defensivo de quem se considera com inteligência superior, eu só queria chorar. Concordo que minha experiência de linguagem pudesse estar fragilizada, concordo que eu precisaria aperfeiçoar meu projeto, concordo que eu teria muito trabalho a fazer, mas ninguém me perguntou o que eu pretendia ou qual era minha história. Ao contrário, sempre

fizeram questão de repetir o quanto precisamos estar prontos para o mestrado. Imersa no pranto que resultou daquele massacre de interdição de minha palavra, atravessei o corredor do “quarto andar do prédio novo” da Rua Monte Alegre e não é que encontrei por acaso, lendo em uma das salas do corredor, o professor Moacir Gadotti? Ele dava aulas, juntamente com Paulo Freire, em outro Programa daquele corredor. Eu perguntei se poderia conversar com ele e aquele momento foi a magia necessária para eu me tornar professora pesquisadora da UNESP e comemoro que faço isso há 33 anos, no momento em que escrevo esse texto. Ele me ouviu, perguntou sobre minha vontade de pesquisar, falamos sobre Paulo Freire. Ele sugeriu que poderia me orientar. A gratidão ainda explode no meu coração. E alguma lágrima. Fiz meu mestrado...escrevi uma dissertação que se chama “Fazer e aprender no trabalho, o trabalho de todo dia”. Gadotti não pôde seguir meu orientador até o fim porque, como diz Camões, “ um valor mais alto se alevantou” e Paulo Freire, uma vez Secretário de Educação da gestão Luiza Erundina, em 1990 o chamou para auxiliar na tarefa nobre de contribuir para a educação da cidade de São Paulo. Eu segui orientada por Celso Ferretti, querida companhia que permitiu o encontro com minha palavra.

Indiretamente, por meio dos dois, Paulo Freire se fez presença. Na postura que não hierarquiza saberes, na valorização do saber e da palavra que vem da nossa vida, na busca por um saber que é de todos para todos, eu segui e sigo inspirada e respirando Paulo Freire. Esforço-me por acolher quem me procura querendo escrever, ler, dizer e criar o mundo. Tenho em minha história do aprendizado de acolher que é freireano a coleção de mais de 120 escritas de dissertações, teses e trabalhos de graduação e lato senso orientados; tenho uma história de colaboração e aprendizado forte junto ao Instituto Paulo Freire; tenho um doutorado realizado também na PUC-SP sob a orientação de Vera Placco, querida, querida. Tenho um coletivo de pesquisa comigo desde 2006 com 5 livros publicados; tenho a invenção coletiva de uma coleção para coordenadores pedagógicos que já leva 20 anos de estrada. Tenho amor pelo mundo e gratidão por um mestre que me oferece o mantra: “ninguém educa ninguém, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Paulo Freire? Presente!





## E agora, Freire?

**Cristiane Mello de Miranda  
Silva, Dayane Santana dos Reis, Emily  
Pereira Silva, Nicolle Rebelo de Araújo,  
Renata Simone Vicente Bortoluzo,  
Sérgio Pereira Nogueira Júnior,  
Thábata Persinotti Martini, Thais  
Morgado dos Santos, Thiago  
Ferauche, Waira Aranha**

E agora, Freire? O vírus chegou, a sala de aula virtualizou, do educando nos separou, o educador se reinventou. Nos caminhos e descaminhos, milhares se foram sem poder dizer adeus. E agora, Freire? Você que tanto amou, que tanto ensinou, aprendeu, transformou... Você demonstrou, que quem aprende, aprende coletivamente. E agora, Freire?

Na busca por respostas, nós, que fazemos parte da Cátedra Paulo Freire<sup>1</sup>, assim como do Grupo de Pesquisa Currículo e Formação de Professores: Diálogo, Conhecimento e Justiça Social, ambos liderados pelo Prof. Dr. Alexandre Saul<sup>2</sup> da Universidade Católica de Santos, construímos indagações em conjunto.

Como todos os educadores neste país, fomos surpreendidos não só com a pandemia, mas também com o descaso de nossos governantes, principalmente no âmbito Federal, pela forma como tratam a Educação neste momento crítico em que vivemos (CERICATO et al., 2020).

A chegada de um vírus virou a nossa rotina de ponta cabeça. Entre tantas privações, nos distanciamos do contexto escolar presencial, "das dores e das delícias" de estarmos juntos, aprendendo, ensinando e transformando nossas realidades. Nesse cenário, pensando com Paulo Freire, patrono da educação brasileira e cidadão do mundo, questionamos: "Quais seriam as suas reflexões, seus sonhos e utopias na direção de uma educação crítico-emancipatória, neste tempo tão caótico?".

<sup>1</sup> <https://www.unisantos.br/pesquisa/catedras/catedra-paulo-freire/>

<sup>2</sup> <http://lattes.cnpq.br/6664628457125646>

Inspirados por essas inquietudes, apesar dos medos, nós ousamos formular perguntas ao nosso mestre, a partir de encontros esperançosos dos pesquisadores que aqui escrevem, mergulhando nas seguintes obras do educador: “Pedagogia do Oprimido”, “Educação na Cidade”, “Pedagogia da Pergunta”, “Medo e Ousadia” (dentre outras), as quais nos levaram a unidos refletir e constatar:

De fato, “fala”, um livro a dois, a três, em lugar de escrevê-lo a sós, rompe um pouco, pelo menos, com a uma certa tradição individualista na criação e tirando-nos da identidade gostosa - porque não dizê-lo? - do nosso quarto de trabalho, nos põe abertos um ao outro, na aventura de pensar criticamente. (FREIRE, p. 6, 1985)

Sendo assim, nos aventuramos a compartilhar sentimentos, reflexões, ideais no palco das telas de nossos celulares e computadores. Valendo-nos da criatividade, pois a "visão crítica da realidade precisa, penso eu [e nós também], de um componente de imaginação onde alunos e professores pratiquem a antecipação de uma nova realidade social" (FREIRE, 2013, p. 215).

Fez-se presente, no decorrer destas linhas, a confiança e a fé uns nos outros, usando nossa imaginação criativa, esperamos que:

*Se nada ficar destas palavras, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.*

(FREIRE, 1981, p. 218)

## Perguntas ao Mestre:

1. Caro Paulo, a tecnologia da informação, através da Internet, permite hoje que as pessoas tenham acesso às informações em segundos, conversem por áudio e vídeo em questão de minutos, porém ela sozinha não muda a educação, nem tão pouco o mundo. O que nos falta para tornar a tecnologia uma ferramenta de transformação na educação, e conseqüentemente transformar o mundo? Falta nos apropriarmos, nos sentirmos confortáveis com a tecnologia? Falta termos tecnologias independentes dos monopólios atuais (GAFAM - Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft), que permitam educando e educador refletirem e pensarem novas possibilidades?

2. Caro Freire, vivemos momentos difíceis, onde estamos distanciados, por causa de um vírus letal. Nossas escolas, mandadas para casa e nossos professores mais uma vez foram tidos como heróis. Sabemos que essa falsa tranquilidade gerada pelo poder público e também pelos meios de comunicação, faz com que o povo vá se acostumando com esse novo modelo de educação bancária on-line. Neste panorama, lhe pergunto: como ter uma educação emancipadora e libertadora em tempo de virtualidade?

3. Querido professor, o Brasil e o mundo vêm assistindo a ascensão de movimentos neofascistas, penso que já avançamos muito na discussão racial, no entanto gostaria de saber do senhor qual o papel da escola e do professor no combate aos preconceitos raciais e de gênero ?

4. Querido Freire, nesse momento pandêmico a evasão escolar tem crescido a cada dia, o desemprego, a fome, o luto, a falta de acesso a internet são alguns dos fatores que afastam os educandos das escolas. Minha pergunta é como ajudar essas pessoas a esperar em tempos tão sombrios? Como ser ousados nesse período de tanto o medo?

5. Oh, mestre, de fato, estamos experimentando na pele um certo tipo de exílio, pois nos foi tirada a liberdade de ir, vir e permanecer onde desejamos. Essa sensação de frustração constante nos aflige, bem como as ações opressoras nas diversas esferas governamentais brasileiras, assim nos aproximando do que vivera particularmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Será que os educadores vindouros terão ousadia semelhante a nós?

6. Estimado professor Freire, partindo desse contexto pandêmico que vivenciamos e da necessidade de “pensarmos certo” de acordo com a leitura da realidade, como o senhor aproxima as famílias das escolas para a construção conjunta de uma educação mais humanizadora e transformadora?



7. Professor Paulo Freire, estamos cada vez tomando mais distância da perspectiva crítico-emancipatória no Brasil, o ensino remoto emergencial e a desigualdade entre as escolas públicas e privadas encontra-se em estado alarmante. Pergunto quais as práticas que nós, educadoras e educadores, podemos assumir diante dos sistemas apostilados e das imposições da Base Nacional Comum Curricular? Quais seriam os espaços da atualidade que acarretam maiores mudanças e transformações, isto é, onde nós com compromisso firmado com a educação libertadora devemos estar para prover maiores mudanças?

8. Caro professor Freire, atualmente a tecnologia mostra-se uma importante ferramenta de informação permitindo o acesso de múltiplos grupos a temas antes inacessíveis e tornando-se um grande facilitador da comunicação, todavia, a passo em que esse instrumento aproxima indivíduos fisicamente distantes, promove o afastamento daqueles que se posicionam e possuem uma compreensão diferente sobre o mundo, interferindo assim no processo de diálogo. Por isso, querido Paulo, pergunto, como podemos propiciar o desenvolvimento do diálogo em um mundo tão polarizado?

9. Caro Professor Freire, nessa realidade tecnológica em que vivemos, na qual o corpo se virtualiza, os sujeitos se expressam através de redes sociais com o objetivo de sempre mostrar o que tem, mas nem sempre o que são; e as crianças e adolescentes sendo bombardeados com vídeos nem sempre educativos como forma de lazer, pergunto: como pensar no desenvolvimento humano em todas as suas dimensões quando o toque e o contato corporal estão proibidos? Será que o diálogo, como tem acontecido atualmente, sem olho no olho, é realmente eficaz? Será que a expressão corporal, tão importante na evolução humana, conseguirá manter a ética e estética?

10. Amado Professor, o direito à educação para pessoas com deficiência vem garantido em termos normativos, desde o nível constitucional, passando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 até a recente Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência de 2015, dentre outros regramentos. Quando se trata do direito das pessoas com deficiência intelectual à cultura escrita, ainda temos tanto o que aprimorar, em especial quando nos deparamos com a atual Política Nacional de Alfabetização, instituída em 2019, que sequer fez menção explícita a este público. No campo prático, no chão da escola já era desafiador promover a inclusão, hoje com o ensino remoto chega a ser desesperador, parece que estamos de mãos e pés atados. Será que conseguiremos, de fato, alfabetizar alunos

em uma classe heterogênea com características e necessidades tão diversas, na frieza de telas de celulares e computadores (isso para quem os tem)? Será que chegou a hora de pensarmos numa possibilidade de alfabetização individualizada, de modo a estarmos mais próximos, ainda que virtualmente, da aluna, do aluno, respeitando seus saberes, características, interesses e necessidades de aprendizagem, e promovendo vivências de construção do conhecimento condizentes com sua realidade, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais?

Sabemos que as respostas dessas perguntas podem ser encontradas nas obras vivas de Paulo Freire, na medida em que são por nós reinventadas, nas leituras e releituras de mundo que fazemos, sempre compromissados com o inédito viável<sup>1</sup>, afinal de contas:

“Sendo os homens [e mulheres] seres em “situação”, se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela.” (FREIRE, p. 141)

<sup>1</sup> A tendência então, dos primeiros, é vislumbrar no inédito viável, ainda como inédito viável, uma “situação-limite” ameaçadora que, por isto mesmo, precisa não concretizar-se. Daí que atuem no sentido de manterem a “situação-limite” que lhes é favorável. Desta forma, se impõe à ação libertadora[...]” (FREIRE, 1981, p. 111)

Agora, mais do que nunca, precisamos ter clareza de qual sociedade nós queremos construir. O horizonte da pedagogia freireana é a construção de um mundo outro, onde as pessoas possam, verdadeiramente, ser mais. É preciso portanto ter esperança de que “mudar é difícil, mas é possível e urgente”. Nossa união, certamente, fará diferença nessa construção.

### Referências Bibliográficas

CERICATO, Itale Luciane; SILVA, Jorge Luiz Barcellos da; SILVESTRE, Magali Aparecida. Educação e formação em tempos e cenários de pandemia: entrevista com Magali Aparecida Silvestre. Revista Olhares, v. 8, n. 2, p. 3-14, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 69ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.


\_\_\_\_\_. A educação na cidade, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005

\_\_\_\_\_. Por uma Pedagogia da Pergunta / Paulo Freire, Antonio Faundez - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15)

\_\_\_\_\_. 1921-1997. Medo e ousadia [recurso eletrônico] : o cotidiano do professor / Paulo Freire, Ira Shor ; tradução Adriana Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

PRETTO, Nelson De Lucca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivênia Paula Freitas de Souza. Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador, 2020. Licença CC - Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias - GEC. UFBA. Disponível em: <[https://blog.ufba.br/gec/files/2020/05/GEC\\_livro\\_final\\_imprensa.pdf](https://blog.ufba.br/gec/files/2020/05/GEC_livro_final_imprensa.pdf)>. Acesso em: 17/05/2021.





# Pensar currículo com Paulo Freire: retomando a conversa sobre conhecimento

**Maria das Mercês Ferreira Sampaio  
Cláudia Valentina Assumpção  
Galian**

Como Paulo Freire se faz presente em nossa caminhada profissional?

Na defesa da escola pública de qualidade, nossos estudos e pesquisas são sempre marcados pela discussão do currículo numa perspectiva crítica, priorizando o conhecimento a que todas as crianças e jovens têm direito, especialmente aqueles atendidos na rede pública de ensino, oriundos das camadas mais pobres e desatendidas da população, os que mais precisam fortalecer-se para entender este mundo e lutar por seus direitos e pela eliminação da desigualdade social e econômica que caracteriza nossa sociedade.

Acompanhando, há algumas décadas, redes estaduais e municipais, escolas e professores, especialmente do estado de São Paulo, identificamos a dificuldade de construção e desenvolvimento de uma proposta curricular que considere e integre o conhecimento sistematizado e o que os estudantes trazem de sua cultura e de suas condições de vida. Também é difícil justificar a seleção curricular por sua relevância para que avancem na compreensão da realidade e na inserção social, num sentido crítico e transformador. Esse movimento exige, ainda, rever práticas sedimentadas e costumeiras, o que não é fácil no processo pedagógico.

Cruzando essas questões, é frequente encontrar educadores que se posicionam contra o ensino de conteúdos que denominam “tradicionais”, desvalorizando-os como um saber externo e alienante e considerando o seu ensino como imposição autoritária de conhecimentos sem sentido e de normas domesticadoras e associadas à submissão. De fato, muitos estudos nos fizeram entender e criticar essa prática perversa, que sempre deve ser combatida, de considerar os conhecimentos selecionados para o ensino indiscutíveis e absolutos, e de aceitar modelos impostos, receitas prontas e soluções meramente técnicas, diante da complexidade do processo educativo. Contudo, isso não significa rejeitar o conhecimento e a busca de um currículo vivo, crítico e abrangente, assentado na direção de integrar o saber prático e cotidiano ao núcleo do conhecimento sistematizado nas várias áreas curriculares e necessário para a formação dos estudantes.

Uma outra dimensão dessa rejeição à definição de um conjunto de conhecimentos "tradicionais" a serem ensinados a todos, bastante preocupante, vem de justificativas muitas vezes apresentadas, como as que se sustentam em afirmações recorrentemente presentes nos debates sobre a educação escolar: ninguém ensina ninguém, só o sujeito constrói conhecimento, o conhecimento de valor é somente aquele que organiza a cultura do grupo social a que pertence o estudante etc. São afirmações que se legitimam muitas vezes, de modo superficial e equivocado, em fragmentos de citações referidas a Paulo Freire.

Essas posições também evidenciam distorções na compreensão do construtivismo, de presença forte entre os educadores, principalmente na década de 1980. Foi uma chamada incisiva, no contexto do final da ditadura, num momento de buscas contra a imposição de modelos e regras, de criação de alternativas, de uma proposta nova e autônoma para educadores e escolas. Cresceu o entendimento do aluno como sujeito do conhecimento, mas tal valorização muitas vezes traduziu-se – e traduz-se – em negação do papel do professor como condutor do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que muitos afirmavam que tudo viria de dentro do sujeito que aprende – conhecimento, aprendizagem – como resultado do desenvolvimento das crianças e jovens. Nessa perspectiva, a aprendizagem ocorreria sem obstáculos externos, bastando criar um ambiente motivador, favorável.

Nesse quadro, ao final dessa década, cresceu o contato com a pedagogia de Paulo Freire, e, numa leitura simplista de suas ideias, foi se encontrando solo fértil para uma compreensão ligeira e equivocada, na confirmação do espontaneísmo e do relativismo do conhecimento, na defesa de que todo conhecimento é válido, desde que venha dos estudantes e de sua realidade, nunca de ou tras fontes.

Vários formadores de professores e pesquisadores da área do currículo, defensores da importância do conhecimento como instrumento para fortalecer as camadas populares, não queriam mais prender-se aos equívocos do construtivismo e do grande guarda-chuva freiriano, em que cabiam todas as escolhas de professores e decisores, inclusive aquelas sem consistente fundamentação. Daí decorreu um certo afastamento deste grupo das concepções de Paulo Freire.

Mas, no cruzamento dos problemas e buscas de soluções, crescia o prestígio de Paulo Freire fora do Brasil e, particularmente, no município de São Paulo, como secretário de educação na gestão de Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores, como prefeita no período de 1989 a 1992. Foi uma administração notável, que enfrentou de modo radical os problemas da cidade, em todas as áreas, inclusive na educação. Período de atuação transformadora, revirou a rede municipal em seu funcionamento, priorizando as escolas e os professores, em sua formação, direitos trabalhistas, e condições de trabalho. Uma das frentes dessa atuação foi a reorientação curricular. Segundo pesquisa desenvolvida na década de 1990 (SAMPALHO et al., 1993), todas as escolas



foram atingidas, de modo a respeitar sua autonomia e propiciando caminhos para a construção de seus currículos e seus projetos pedagógicos. A Secretaria Municipal de Educação (SME) ofereceu um dos projetos, o da interdisciplinaridade, para escolha das escolas, garantindo-lhes sustentação e recursos, assessoria de universidades, e acompanhamento em grupos de formação.

Esse projeto é exemplar para que se compreenda a concepção de escola, currículo, ensino e aprendizagem e formação de professores do grupo coordenado por Paulo Freire. Na leitura da pesquisa, é relevante conhecer e descobrir as diretrizes e os detalhes desse projeto, de seu acompanhamento, suas buscas, conquistas e mesmo as suas dificuldades. Considerando a complexidade da rede municipal, é notável o cuidado, o esforço concentrado e, por que negar, o respeito e a delicadeza no trato com os envolvidos – professores, comunidade escolar, estudantes e suas famílias – durante todo o processo. Focalizando a questão do conhecimento, é nítida a defesa e centralidade do conhecimento local, das famílias e habitantes da região, evidenciando a forte relação dos propositores com os movimentos de educação popular. Mas, é também explícita a insistência na relação com o conhecimento sistematizado, com o conteúdo mais específico dos componentes curriculares na ampliação do entendimento dos dados da realidade. Não há aligeiramento na proposta de conhecimento, mas uma sofisticação certamente difícil de operacionalizar.

A interdisciplinaridade a partir do tema gerador é proposta complexa em todas as fases: propõe o estudo da localidade, a escolha dos pontos mais relevantes para estudo, a discussão desses pontos e escolha do tema gerador que conduz o levantamento de dados, a organização e exposição das informações e – o momento mais difícil – a articulação com as diferentes áreas, de modo integrado, em busca do conhecimento sistematizado para ampliar a compreensão da realidade. Essa seleção e organização dos conteúdos dos vários componentes, não mais segundo a lógica das disciplinas, mas em torno dos problemas estudados, não foi nada simples para os professores, conforme o relato da pesquisa consultada (SAMPAIO et al., 1993).

Fica nítida a ousadia da proposta, a sofisticação do trabalho de conhecimento, assim como a possível saída para soluções mais simples, em torno apenas dos conhecimentos já dominados pelos estudantes, justificando essa resposta pela valorização da cultura local e da comunidade. A defesa dessa restrição ao já conhecido pelos estudantes, que indica relação com os movimentos de educação popular, muitas vezes é afirmada como posição aprovada por Paulo Freire, quando, na verdade, sua perspectiva é muito mais complexa e abrangente, em relação à escola e seu trabalho formador, explicando a educação como política de fortalecimento da população mais desprotegida e de transformação social.

Partindo de algumas de suas declarações, pode-se confirmar a complexidade de sua proposta. Sua posição a respeito da qualidade que considerava fundamental para um educador diz respeito à vida, a gostar da vida, como indica Vera Barreto, 1998, p. 11: "É exatamente a vida, que aguçando nossa curiosidade, nos leva ao conhecimento; é o direito de todos à vida que nos faz solidários; é a opção pela vida que nos torna éticos".

Paulo Freire entende que, na sua vida, o ser humano busca ser mais, e essa vocação se realiza pela educação, pela humanização, que se torna impossível numa estrutura social de dominação, injusta e opressora. Em muitas passagens de seus textos, declara que a educação pode contribuir para que as pessoas se acomodem ao mundo em que vivem ou se envolvam em sua transformação. Daí a sua ligação com os oprimidos, sua opção por uma educação política, de denúncia e de anúncio em busca da construção de uma sociedade justa, em que seja possível a vida mais plena, a alegria e a felicidade.

Na direção da educação política, segundo Barreto (1998, p 68-69), Freire afirma, em prefácio que escreveu para um livro de Ira Shor, de 1986, a importância da competência necessária ao professor. Para ele,

Há uma dimensão, de que participa todo professor, que diz respeito a seu papel, independentemente de sua opção política. Um fazer comum ao professor progressista e ao professor reacionário. Esse fazer é o ato de ensinar o que tem de ser ensinado. Mas, se os dois se identificam na obrigação de ensinar, os dois se distinguem quanto à compreensão de ensinar, e se separam, se coerentes consigo mesmos, na prática de ensinar. A competência científica necessária, indispensável ao ato de ensinar, jamais é entendida pelo professor progressista como algo neutro. Temos de nos indagar a favor de quem e de que se acha nossa competência científica e técnica. Se o professor progressista, ao contrário de reacionário, deve esforçar-se por "desopacizar" a realidade e "desmiopizar" os alunos, ele não pode, jamais, deixar de lado o ensino do conteúdo, em favor apenas da politização dos alunos. Do ponto de vista do professor progressista, nem a compreensão mágica do conteúdo, segundo a qual, em si mesmo, ele é libertador, nem tampouco o descaso por ele, como se a claridade política trabalhasse sozinha. A claridade política é necessária, indispensável mesmo, mas não é suficiente.

É relevante ainda, pensar sobre o conhecimento, na sua visão, como sublinha Barreto. Paulo Freire defende que o conhecimento é produto das relações dos seres humanos entre si e com o mundo. Nesse sentido, quando são desafiados a encontrar soluções para situações que necessitam de enfrentamento, precisam compreender a situação e criar respostas ou soluções; "Essas respostas e suas consequências representam experiência adquirida e constituem o conhecimento das pessoas" (BARRETO, 1998, p. 60).

Em sua concepção, as pessoas são sujeitos do processo, e não realizam o esforço de aprendizagem de forma isolada, porque o conhecimento é social. Além disso, todas as pessoas têm conhecimentos e aprendem mais, de acordo com o que já sabem. Nas relações que estabelecem com o espaço, consigo mesmos e com os outros, os seres humanos, juntos, operam transformações, levando o ambiente da condição de suporte à de mundo; da vida, como nos outros grupos animais, avançam à existência, nos termos de Paulo Freire (1996, p. 52):

No momento em que os seres humanos, intervindo no *suporte*, foram criando o *mundo*, inventando a linguagem com que passaram a dar nome às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que foram se habilitando a inteligir o mundo e criaram por consequência a necessária comunicabilidade do inteligido, já não foi possível *existir* a não ser disponível à tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiúra do mundo.

O processo coletivo de construção do conhecimento implica, portanto, posicionar-se frente à tensão radical mencionada no excerto, fazer escolhas, fazer política. Entender as escolhas já feitas e as por fazer, tomar distância e analisá-las, representa para os homens questão urgente e inadiável, que ao mesmo tempo os responsabiliza na tomada de decisões que sustentam o mundo conhecido e abre possibilidades de vislumbrar caminhos ainda não trilhados.

Reside aí a importância e a potência que Freire reconhece na educação, processo que visa à compreensão da construção da presença do homem no mundo, "que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente" (FREIRE, 1996, p. 53).

Desenvolver essa compreensão da presença humana no mundo, que supõe posicionar-se eticamente em relação a ele, a si mesmo e aos outros, implica cuidados a serem tomados para a condução do encontro entre educador e educandos, aspecto enfatizado por Paulo Freire em seus escritos. Reforçam-se neles as ideias de respeito, dialogicidade, liberdade, alegria, autonomia, humildade, tolerância, esperança. Mas também são sublinhados pelo autor elementos que apontam para o acesso a conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento da curiosidade e a conscientização, que levam os homens a não apenas estar no mundo, mas com o mundo e com os outros.

Na relação com os movimentos de educação de adultos e outras formas de educação popular, entendemos que essa concepção ganha destaque, especialmente na consideração de todos como sujeitos e na busca da organização e aprofundamento dos conhecimentos já consolidados. Na direção da educação política, da conscientização, tomam força as afirmações: ninguém ensina ninguém, ninguém se educa

sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Entendemos que as aprendizagens seriam conduzidas pelos alunos, em busca de respostas para situações vivenciadas. Do ponto de vista dos conteúdos do ensino, trata-se de mobilizar conhecimentos que permitam:

desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação concreta não é destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudado (FREIRE, 1996, p. 80).

Já na educação escolar, a organização curricular não é conduzida pelos alunos; ainda que guarde relações estreitas com os conhecimentos prévios, ainda que se considere alunos e professores como sujeitos do processo pedagógico, a dinâmica é outra, diferente das discussões e reflexões dos círculos de cultura, por exemplo. Assim, alguns procedimentos não podem ser iguais nas situações escolares e nas modalidades de educação popular. Parece, então, que por uma certa incompatibilidade entre os apontamentos voltados à educação popular e as especificidades da educação escolar, se esclareça a dificuldade dos professores, no desenvolvimento do projeto da interdisciplinaridade na SME/SP na gestão de Paulo Freire, para integrar os conteúdos das disciplinas aos conhecimentos construídos na experiência do trabalho com os temas geradores (SAMPAIO et al., 1993).

Essa dificuldade, no entanto, não desmereceu o projeto em seus princípios e na prática de estudos instalada nas escolas. As marcas da perspectiva dialógica, o respeito aos saberes dos alunos, a busca por renovação da escola num sentido de vida, entusiasmo, a relação estreita do currículo com a realidade se fazem presentes entre os professores da rede municipal de São Paulo até hoje. Por outro lado, o olhar de respeito e confiança na aprendizagem dos alunos e em seu potencial transformador, nem sempre são bem aceitos pelos decisores das políticas públicas de educação.

O certo é que a relevância da perspectiva política defendida nas propostas de Paulo Freire se fortaleceu, à medida que o tempo evidenciou os problemas não solucionados na educação pública, especialmente neste período de ataques à escola pública e a qualquer proposta de educação assentada na defesa dos direitos de todos ao conhecimento e à compreensão do mundo, buscando caminhos para a transformação desta sociedade desigual, preconceituosa e exploradora dos mais fracos. Nesse sentido, urge aprofundar os debates sobre o equilíbrio necessário na educação escolar, e mais especificamente no currículo, entre as questões da realidade mais imediata dos estudantes e os conhecimentos considerados como essenciais para a compreensão desta realidade e da sua articulação com outros contextos – sempre entendidos como escolhas temporárias a serem objeto de reflexões. Em outras palavras, é preciso avançar na leitura de



Paulo Freire, para além do que se refere às questões de forma de abordagem do conhecimento na relação educador-educando, enfrentando o desafio que ele nos deixa de, ao mesmo tempo em que valorizamos os estudantes e suas culturas, não permitir que o relativismo reduza o potencial do currículo escolar de apoiá-los no difícil movimento de estar no mundo e com o mundo.

É tempo de redescoberta de Paulo Freire, de alargar seu espaço em nossa memória e reflexão. Atacado pelos algozes que destroem conquistas, que são totalmente indiferentes à vida ameaçada por terrível pandemia, Paulo Freire é inspiração para a resistência e reinvenção de nosso trabalho.

#### Referências

BARRETO, V. Paulo Freire para educadores. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. In: \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1996, p. 47-90.

SAMPAIO, M. M. F., PIMENTEL, Z. P., QUADRADO, A. D. Interdisciplinaridade no município de São Paulo. São Paulo: INEP, CENPEC, 1993.





# A Importância do Ato de

# Ler

Lilian Lopes Martin da Silva

Larissa de Souza Oliveira

Luciane Moreira Oliveira<sup>1</sup>

Escutar para Paulo Freire, não é um simples ouvir. Pode-se ouvir e esquecer, e o ato de Paulo Freire não era ouvir para simplesmente escutar. Era ouvir e trazer isso para o coração, para a sua sensibilidade, para a sua inteligência, para a sua reflexão teórica. Elaborar, sistematizar e devolver “isso” sistematizado ao povo. (Ana Maria Freire in: Paulo Freire: sua vida, sua obra, 2001, p. 7)<sup>2</sup>

## 1

Era novembro de 1981, em Campinas-SP, no auditório do Centro de Convivência Cultural, teria início o 3º Congresso de Leitura do Brasil - 3º COLE. Com o tema “Lutas pela democratização da leitura no Brasil” o evento tinha em sua programação o professor Paulo Freire com a conferência de abertura - A importância do ato de ler. Naquele evento também seria fundada a Associação de Leitura do Brasil - ALB, que hoje, aos 40 anos, realiza em junho deste ano de 2021, o 22º COLE.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Todas as autoras são pesquisadoras do grupo de pesquisa ‘Alfabetização, leitura e escrita/Trabalho docente e formação inicial’ da Faculdade de Educação- Unicamp <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/>

<sup>2</sup> FREIRE, A. M. A. (2001). Paulo Freire: Sua vida, sua obra. In: Educação em Revista, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP: Marília, SP. Volume 2, número 1. 2-13. 2001. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/663> Acesso em 01 fev. 2021

<sup>3</sup> Associação de Leitura do Brasil: <http://alb.org.br>

Cerca de 550 inscritos – entre professores, bibliotecários, estudantes e pesquisadores – lotavam o auditório. A expectativa era enorme. Afinal, o professor Paulo Freire estava há pouco tempo no Brasil, recém-chegado de seu longo exílio, e trazia com ele um legado no campo da alfabetização, reconhecido no mundo inteiro. Durante quinze anos havia se dedicado à educação de adultos em regiões empobrecidas urbanas e rurais de Pernambuco, criando e desenvolvendo um método de alfabetização, cujos bons resultados o levaram a assumir o cargo de coordenador do recém-criado Programa Nacional de Alfabetização, no governo João Goulart. Utilizando seu método, pretendia-se alfabetizar 5 milhões de adultos em mais de 20 mil Círculos de Cultura. Mas o Plano foi extinto pela Ditadura Militar, logo depois do golpe.

As conferências e palestras dos COLEs eram (e ainda são) gravadas. Todos esses registros compõem o acervo do congresso, atualmente sob a guarda do Centro de Memória da Educação da FE/Unicamp.<sup>1</sup> Desde o ano de 2009, temos nos dedicado à pesquisa e organização deste acervo, composto de vários tipos de documentos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Centro de Memória da Educação: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/institucional/centro-de-memoria-da-educacao>

<sup>2</sup> Projeto ALB: memórias <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/grupos-de-pesquisas/pesquisa-alb-memorias>

O acesso ao áudio do 3º COLE nos permitiu conhecer não só o contexto imediato da enunciação do professor Paulo Freire, como também os momentos que não fazem parte do texto impresso. A importância do ato de ler, feitos de uma fala espontânea, pensamentos instantâneos e não planejados. O documento sonoro que registra sua conferência naquela manhã fria de novembro de 1981 dialoga com a versão escrita e impressa, publicada inúmeras vezes, por tantas editoras diferentes, acompanhada de tantos outros textos, ao longo de tanto tempo...

## 2

Foi com uma espécie de confissão que o professor iniciou sua fala: a satisfação pelo encontro, o estranhamento de vir a ler um texto em público; um “certo medo” de usar a palavra abertura naquele momento; suas condições de produção da conferência. Todos esses comentários nos auxiliam na leitura da situação em que o texto foi gerado e na percepção de seus sentidos:

Em primeiro lugar, além de uma certa especial alegria que eu tenho de estar aqui principalmente pela sensibilidade que o problema da leitura sempre me provocou, desde faz muito tempo, eu quero também dizer da satisfação de [me]encontrar nesta manhã com professores e professoras do país. Mas apenas eu preciso pedir desculpas antecipadamente pelo fato de que terminando de fazer uma coisa raríssima na minha vida que é ler um texto, eu sempre escrevo textos que viram livros, mas nunca leio os textos assim para todos. Terminada a leitura possivelmente eu fico cinco minutos no máximo, que é tempo suficiente pra sair, porque eu tenho que voltar imediatamente pra São Paulo. (...) E então de fato a minha presença aqui assim não é formal, mas realmente é de uma abertura ou de uma semiabertura, eu tenho até medo de usar essa palavra sem que eu seja punido já, já. Agora a Unicamp acreditou nessa história e está sendo punida severamente (...) Então outra coisa que eu agora diria também é o seguinte: eu escrevi aqui algumas páginas no tempo que fui dispendo e inventando pra mim e sem ter muito tempo desde o momento que o Ezequiel me colocou, e de uma maneira muito compreensiva que ele já admitia ao colocar a possibilidade de que eu não pudesse vir, mas eu aceitei imediatamente, mas vocês imaginam que eu terminei as últimas palavrinhas deste pequeno texto que eu vou ler à 1h30min da manhã de hoje. :

Sua “fala-leitura” do texto durou, exatamente, 01h13min18s, e, por várias vezes, foi interrompida por comentários, memórias e reflexões. Logo após os três parágrafos iniciais do texto, Freire faz sua primeira pausa para explicar parte muito importante de como se constitui sua teoria da leitura, do conhecimento:

Eu gostaria agora de sair um pouquinho do texto escrito. Em lugar de, por exemplo, tomar a compreensão, a importância da leitura, do ato de ler, que foi o tema que me propuseram, em lugar de tomar isso de um ponto de vista, por exemplo, linguístico, psicolinguístico, pedagógico. Em lugar de me emaranhar, por exemplo, numa série de reflexões em torno de certas teorias em torno da leitura. Em lugar de ficar ou com os semanticistas ou com os sintaxistas para a compreensão do texto, eu não fico nem com um, nem com outro, apenas. Me pareceu muito melhor, a mim, pelo menos, refletir sobre como em mim se vem constituindo historicamente a minha compreensão da necessidade da leitura. Eu espero que não frustrate vocês porque eu não falo desses autores todos, desses especialistas, mas eu falo da minha prática e como nela se veio constituindo a minha compreensão crítica da importância do ato de ler.

A importância do ato de ler não é essencialmente um texto autobiográfico, mas traz memórias do professor de quando se formava leitor, no processo de compreender seu mundo, de quando atuava (e se formava) enquanto professor, na formação de outros leitores e em uma forma de pensar o ato de ler. Como ele mesmo afirma nessa ocasião:

É como se eu estivesse agora fazendo a “arqueologia” de minha compreensão do complexo ato de ler, ao longo de minha experiência existencial. Daí que tenha falado de momentos de minha infância, de minha adolescência, dos começos de minha mocidade e termine agora revendo, em traços gerais, alguns dos aspectos centrais da proposta que fiz no campo da alfabetização de adultos, há alguns anos passados. (Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil, 1981, p. 5)<sup>1</sup>

Há uma clara e proposital relação direta entre a vida de Freire e sua teoria. Vida e obra se interpelam, se compreendem, se leem. Freire observa seu mundo, num movimento de compreensão mútua (ele e seu mundo), fala e escreve sobre isso.

<sup>1</sup> Disponível em <https://p.esquisaalbmemoira.wixsite.com/cartografiasmemoria->

Não é a leitura da palavra “mundo”, mas a leitura da “palavramundo”, uma palavra só.

Em muitos momentos de sua conferência no COLE, as palavras escritas no texto que lê se deixaram invadir por esse mundo. Seja pela memória da infância e de situações vividas, seja por críticas ao momento, seja por exemplos que o ajudavam em suas convicções. Ao final daquela conferência, Paulo Freire permaneceu por algum tempo conosco, naquele auditório lotado, e pôde ouvir do coordenador do congresso, o professor Ezequiel Theodoro da Silva...

A Comissão Organizadora gostaria de agradecer ao professor Paulo Freire por essas palavras maravilhosas (...) há três anos, quando realizamos o primeiro Congresso de Leitura [1978] nós fizemos uma mesa redonda sobre o método Paulo Freire. Naquela época, a gente não tinha o Paulo Freire aqui no Brasil (...) mas hoje a gente está repetindo com o Paulo Freire em pessoa. Paulo, muito obrigado.

Convidamos a todos os leitores para a audição da conferência A importância do ato de ler, realizada por Paulo Freire no 3º COLE em 1 de novembro de 1981, disponível no site

Cartografias da Memória

(<https://pesquisaalbmemoira.wixsite.com/cartografiasmemoria->).





Os dois mais importantes educadores brasileiros, Anísio Teixeira (1900-1971) e Paulo Freire (1921-1997) embora de gerações diferentes, coexistiram 29 anos no mesmo país e sofreram duras perseguições, coincidências infelizes em suas vidas.

Ambos católicos foram acusados de comunistas e perseguidos por governos ditatoriais duas vezes. Anísio, no Estado Novo, (1937-1945), ditadura comandada por Getúlio Vargas, teve que se exilar internamente, e posteriormente na Ditadura Militar/Empresarial foi novamente perseguido e sua morte, embora oficialmente declarada como acidente, é por muitos, até hoje, considerada obra da Operação Condor, que matava opositores seja lá onde se escondessem. Anísio era considerado importante e nacionalmente conhecido. Paulo Freire, internacionalmente influente, foi perseguido e preso pela Ditadura Militar/Empresarial. Asilado na Embaixada do Chile, viveu fora do Brasil de 1964 a 1980 e agora no Governo Bolsonaro/Empresarial voltou a ser perseguido, sua imagem agredida, suas ideias condenadas.

Saliento a coincidência de vida de nossos heróis educacionais para demonstrar a resistência estrutural da política de classes no Brasil em não implantar uma educação pública de qualidade para todos. A elite brasileira, educada no exterior, usa a palavra educação como joguete nas eleições, mas boicota como pode o desenvolvimento da Educação no Brasil. É incrível, mas nos países desenvolvidos as famílias milionárias financiam projetos de educação pública como a Getty Foundation, enquanto no Brasil os mais ricos criam projetos públicos para restringir a educação ao mínimo: escrever, ler e contar, nada de pensar, e ainda incluem no currículo instrumentos para levar os pobres a serem empreendedores. Portanto livram as empresas e o Governo da preocupação de gerar empregos. Também estimulam como educação emocional a resiliência para quando o pequeno empreendedor fracassar, se acomodar e não protestar.

Protestar é preciso. Vejo a comemoração dos 100 anos de Paulo Freire como ato de resistência contra a resiliência e a covardia.

É comum ouvir dizer que Paulo Freire não escreveu sobre Arte/Educação, mas a obra dele está cheia de pistas que iluminam o caminho dos professores de Arte.

Em vários escritos associa a estética à ética, da mesma maneira que seu conceito de beleza revela uma influência

bem-vinda do conceito de experiência completa e estética de John Dewey. Quando fui aluna dele, em 1955, ele era um leitor de John Dewey. O primeiro livro de Dewey que li me foi emprestado por ele.

Não esqueçam também que ele foi professor de Filosofia da Escola de Belas Artes da Universidade de Pernambuco. Belezura é processo e beleza é critério de valor normativo. A chamada Estética do cotidiano nos faz reconhecer o processo de busca da beleza, da belezura, no modo como são arranjadas frutas na barraca de feira, no modo como um vendedor de balas dá realce a sua banca pintando-a, no modo como se vestem as pessoas do povo nas ruas ou no modo como as pessoas arranjam suas casas. Há uma tendência inelutável dos organismos sadios para agirem em busca da belezura das coisas. A belezura na ação humana aparece quando colocamos todo nosso potencial em busca de uma solução positiva, isto é, o potencial intelectual, o potencial emocional, afetivo e a própria intuição juntos. Mesmo que o resultado não seja positivo nós temos ali uma experiência completa, uma experiência estética, somos capazes de contemplar a belezura de nossa ação, o que nos dá coragem de aproveitar os destroços em outras ações positivas.

Por isso Paulo Freire em suas obras fala constantemente da Educação como Arte e na belezura do processo

ensino/aprendizagem. Como fui por três anos alfabetizadora de crianças dos alagados de Recife, orientada por Paulo Freire, naquele prédio que serviu de cenário ao filme Amarelo Manga sem ter sequer um pátio para recreio, lembro-me da beleza que era ver um aluno ler pela primeira vez uma palavra ou uma frase, da sensação de completude que aquilo me provocava.

Enquanto ele estava no exílio eu fui duas vezes visitá-lo e a D. Elza em Genebra. A primeira vez em 1970, fiquei hospedada no apartamento deles. Ele ficou preocupado em me fazer conhecer a Suíça, pois era minha primeira ida à Europa. Na cidade encarregou Fátima de me ciceronear. Consegui me incluir numa viagem que um casal, amigos dele também brasileiros e exilados, estavam fazendo pelo país. Da segunda vez em 1978, fui com a família toda, meu marido e meus dois filhos e ficamos em um hotel delicioso que ele nos arranhou, mas estávamos diariamente com ele ou D. Elza. Nunca deixei de chamá-la de Dona Elza apesar dela reclamar e de eu sentir um afeto filial por ela.

Eu reconheço que cito pouco Paulo Freire, mas suas ideias sobre educação me conquistaram e me formaram profissionalmente. A Abordagem Triangular, que trata de processos mentais envolvidos na aprendizagem da Arte, o ver, o fazer e o contextualizar, demorei a declarar como freiriana para que não pensassem que estava buscando legitimação ou

aprovação. Ela precisou ser apropriada pelos Arte/Educadores por 30 anos para que eu hoje me sentisse à vontade fazendo esta declaração óbvia, pois o CONTEXTUALIZAR é a base do diálogo conscientizador de Paulo Freire. A Contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade, para a leitura do social e para o combate à colonização cultural sistêmica.

Paulo Freire foi a primeira pessoa a ler meu livro *A imagem no Ensino da Arte* (1991) no qual lancei a *Abordagem Triangular*, pois apresentei o texto como tese de Livre Docência na USP e me orgulho de ele me haver dado nota dez nas cinco provas que tínhamos que fazer naquela época para obter aquele título acadêmico. Pelas conversas que tivemos depois sei que ele se reconheceu no livro.

Sempre fui muito tímida ao me associar profissionalmente a Paulo Freire, sempre com medo de parecer que queria me aproveitar de seu prestígio.

Quando estava produzindo meu primeiro livro *Teoria e Prática da Educação*, escrevi a ele perguntando se ele faria o prefácio e incluí o bilhete de concordância dele, na mesma cor de tinta com a qual o escreveu, mas quando o livro ficou pronto não tive coragem de enviá-lo para o prefácio.

## BILHETE

Prezada Ana Mary: Oxford, 3.7.77.

Devo, inicialmente, pedir-lhe desculpas por somente hoje estar respondendo às suas duas cartas. É que entre maio e junho e este pedacinho de julho Dei um bom número de viagens que me deslocaram por um dia a correspondência. Para você ter uma ideia, neste período, estive em Manchester, Varsovia, Beikite, E.U.A. (Cornell) Friburgo - Alemanha - Paris e agora aqui.

Terei um enorme prazer em escrever o prefácio de seu livro. Ao remeter-me o exemplar, diga-me o limite de tempo que terá para enviar o prefácio a fim de que me organize, espero que não seja até Setembro, pois Setembro, até lá, me concluirá três textos.

Em casa vamos bem, com saudades, naturalmente, de todos e de todos.

Com um abraço para você e João, bem maternal, bem grande.

Luís

Engraçado é que ele nunca deixou de escrever meu nome da maneira que era escrito quando eu tinha 18 anos e fui sua aluna de português e de teoria da educação num curso de preparação para concurso público de magistério em Recife.

O nome Anna Mae me foi dado por meu pai, que morreu quando eu tinha três anos de idade. Meu pai estudou e começou a vida profissional nos Estados Unidos, onde este nome na década de 30 era muito usado. É o nome verdadeiro da cantora Tina Turner, que nasceu como eu em 1936. Quando eu tinha 6 anos, depois da morte de minha mãe, fui viver com minha avó materna que resolveu mudar meu nome para Ana May e tirar o sobrenome de meu pai, que havia me registrado sem o sobrenome de minha mãe. Minha avó via mais sentido no “May” que significava maio e era o mês de aniversário dela. O resto eram divergências políticas entre famílias. Até hoje tenho problemas com meu nome em bancos, universidades, CNPq, etc.

Quando Paulo Freire e D. Elza voltaram do exílio foram recebidos merecidamente como heróis. Uma multidão os esperava no aeroporto.





Recebido por amigos e familiares, o educador Paulo Freire volta com dois convites para lecionar em São Paulo.

## Freire volta, para “reaprender o Brasil”

Na reunião de criação da Escola da Vila, na qual esteve envolvida Madalena, sua filha, que fizera junto comigo a Escolinha de Arte de São Paulo (1968 à 1971) e minha grande amiga, eu pedi a ele para abrir a Semana de Arte e Ensino.





Paulo Freire e Ana Mae Barbosa na inauguração da Escola da Vila. Foto do jornalista Samuel Iavelberg que também foi exilado político durante a ditadura de 1964. Acervo Ana Mae Barbosa

Naquele ano de 1980, eu estava organizando um congresso de Arte Educação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Convidei-o para abrir a Semana de Arte e Ensino, nome do evento que reuniu 3.000 pessoas no campus da USP, mas guardei segredo sobre quem abriria o encontro, como sempre, para não parecer que estava explorando seu sucesso. Queria com toda sinceridade que ele fosse ouvido por aquela geração de Arte/Educadores que crescera sem a voz dele ressoando entre nós e uma publicidade de seu nome poderia despertar dúvidas quanto às minhas reais intenções.

Naquele dia ele estava com labirintite e pediu a meu marido, João Alexandre Barbosa da FFLCH/USP e também amigo dele, para acompanhá-lo e ficar com ele na mesa, pois se sentia tonto.



Paulo Freire e João Alexandre Barbosa subindo as escadas do palco do auditório da FAU/USP. Fonte: arquivos de Ana Mae Barbosa



Paulo Freire na abertura da Semana de Arte e Ensino (com Ana Mae Barbosa e João Alexandre Barbosa). Fonte: Arquivos de Ana Mae Barbosa

Mesmo tonto e com labirintite foi uma apoteose sua palestra.

Paulo Freire nunca recusou um pedido meu para palestras e até para dar um curso de Pós-Graduação na ECA/USP, no qual se inscreveram 120 alunos de quase todas as áreas de conhecimento da universidade, inclusive Direito e Medicina que funcionam até hoje fora do Campus Universitário da USP/SP.

Quando foi Secretário de Educação da cidade de São Paulo, me convidou para organizar e coordenar o Grupo de Artes para Reorientação Curricular. Era o grupo mais numeroso porque convidei representantes de todas as áreas de Artes, inclusive Cinema, que foi o saudoso e grande mestre Eduardo Peñuela. Também convidei professores de Artes da rede municipal para integrarem a comissão. Como na época era diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP e Presidente da International Society of Education Through Art (UNESCO), logo negociei com Paulo Freire, passar a coordenação para Regina Machado. Depois Joana Lopes a substituiu e por fim quem ficou mais tempo e até o fim do mandato de Mário Sérgio Cortella foi Maria Christina Rizzi. Ela era minha orientanda e arte/educadora do MAC. Fez um trabalho maravilhoso e todas/os as/os professores/as de Artes do Município foram atualizados através de cursos e encontros.

O último encontro se deu no auditório da USP e a energia movimentada era de animar até aqueles que pensam que Arte é enfeite para colocar na parede.

Mesmo muitos anos depois, os professores de Artes da cidade de São Paulo ainda eram considerados os mais conscientes politicamente e os mais bem preparados profissionalmente entre aqueles das redes públicas do Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae. Teoria e Prática da Educação Artística SP: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no Ensino da Arte. SP: Editora Perspectiva, 1991

ECA-USP. Programa da Semana de Arte e Ensino, setembro, 15/19 de 1980

FINKELPEARL, Tom (Org.). Dialogues in Public Art. Cambridge: MIT Press, 1999, 25 artistas (livro dedicado a Paulo Freire)

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). A pedagogia da libertação em Paulo Freire. SP: Editora Unesp, 2001, 38 colaboradores.

LEITE, Álvaro Pantoja. Paulo Freire e Arte Educação: considerações sobre a estética freiriana e a arte na educação/formação. Revista Educação Sociedade e Culturas. Pags. 85 a 103 [https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC54\\_ALeite.pdf](https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC54_ALeite.pdf) Consulta em 1/6/2021.

LIMA, Sidiney Peterson F. de. Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história. IA-UNESP, (Dissertação de Mestrado). 2014.





# Paulo Freire

IR.M Gabriela Barbosa

Paulo Freire rompeu com toda concepção romântica, autoritária e burguesa, com suas regras pré-fabricadas, dando-nos uma imagem mais objetiva da sociedade brasileira e de suas contradições.

Paulo Freire nos deixou um legado incontestável – que o homem, a mulher não se tornem completamente alienados, vazios e isso só pode acontecer pela educação libertadora e democrática.

Os homens e mulheres contemporâneos perderam a fé na possibilidade de viverem uma vida plena de sentido ... Paulo Freire se contrapõe a esse pessimismo latente nos presenteando com a possibilidade de uma educação democrática, amorosa e esperançosa.





# Por uma Didática Freiriana no Ensino Superior: reflexões iniciais

Selma Garrido Pimenta  
Rosana Aparecida Ferreira Pontes

Os princípios da pedagogia freiriana estão vividamente presentes em nossa práxis didática, enquanto professoras universitárias. Defendemos a urgência de reivindicarmos para a Didática no Ensino Superior o caráter de campo de estudos voltado para a perspectiva do sujeito aprendente, cujos modos de produção de conhecimento são pautados pelo diálogo, pela problematização e pelo ensino com pesquisa, na direção do inédito viável.

Compreendemos que o inédito viável representa nosso destino ontológico de ser mais, quando superamos as situações limites de nossa existência, negando a visão fatalista da realidade opressora. Assim, ratificamos a compreensão de história como devir, uma possibilidade real de transformação do sujeito que se liberta, por meio da consciência crítica desenvolvida em processo educativo.

Em busca do inédito viável, nosso desafio é estudar a teoria de Freire no campo da Didática no Ensino Superior, superando a concepção academicista de transmissão de conhecimento pronto e aprendizagem passiva (educação bancária), em prol de uma didática freiriana e uma postura ativa dos sujeitos.

Por conseguinte, consideramos que o ensino se caracteriza como uma prática social viva e complexa que, dialeticamente, transforma os sujeitos do ato didático – professor e estudantes – e é permanentemente transformado por eles. Nesse sentido, a relação professor, estudante e conhecimento só pode ser apreendida em sua multidimensionalidade e quando situado nos mais diversos contextos históricos, institucionais, culturais, espaciais, temporais, sociais, políticos.

Isto posto, trazemos um recorte da pesquisa-formação<sup>1</sup> que desenvolvemos com professorandos e professorandas, no curso de Pedagogia da Universidade Católica de Santos, durante as aulas das disciplinas relacionadas à Didática da Alfabetização, cujo objeto de estudo foi o ato de ensinar com pesquisa na perspectiva do inédito viável. O trabalho didático foi desenvolvido sob a lógica dialética da pesquisa, com a seguinte sistematização:

<sup>1</sup> PONTES, R. A. F. *Didática no Ensino Superior: o ato de ensinar com pesquisa na perspectiva do inédito viável*. Orientadora: Selma Garrido Pimenta. 2020. 629f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação, Universidade Católica de Santos, Santos, 2020. Versão eletrônica.



- *tematização da prática de alfabetização* – seleção de textos e vídeos que recortaram a realidade da sala de aula – momento para transformar em temas de investigação os conteúdos de ensino;
- *problematização* – o momento das perguntas, das indagações que as tematizações da prática suscitavam, e da descodificação dos temas relacionados à Didática específica da alfabetização, por meio das aulas dialogadas, das reflexões no coletivo, leitura e análise dos textos científicos selecionados, reflexões socializadas via registros das aulas, apresentações de trabalhos –, assim, os estudantes se aproximavam de suas realidades concretas, desenvolviam compreensões críticas e se sentiam mais motivados a lutar pela transformação da educação;
- *o diálogo*, como fio condutor da práxis didática e do processo dialético-problematizador, permeou todos os momentos da pesquisa-formação – dialogar significou dizer e transformar o mundo, conforme a concepção freiriana;
- *experiência síntese* – um estudo exploratório com professoras de escolas públicas e privadas que ganhou configuração de pesquisa empírica.

Desse modo, a pesquisa como metodologia para o ensino estava implícita em cada um desses momentos. Destacamos, então, a experiência síntese que denominamos Cartas Freirianas.

A carta é um gênero textual de cunho dialógico que nosso autor adotava em seus escritos com muita frequência. Por meio das inúmeras cartas que escreveu, praticou o diálogo e a reflexão dialeticamente, em coerência com sua práxis.

Após uma sequência de aulas, em que os estudantes estudaram o método Paulo Freire, por meio de livros do autor e de documentários, propusemos um estudo exploratório, utilizando o método Paulo Freire: levantamento nas escolas em que trabalhavam ou estagiavam dos temas de interesse da alfabetização, por meio de entrevistas com professoras alfabetizadoras e pela observação das práticas nas escolas. Deveriam trazer as informações codificadas, em fotos ou textos, para podermos descodificá-las em aula, a fim de identificarmos os possíveis temas geradores das cartas pedagógicas que seriam entregues às professoras entrevistadas. Cada estudante leu sua codificação e, em seguida, o grupo-classe as problematizou/descodificou, até identificar os temas significativos.

Essa investigação temática foi realizada, de acordo com o método Paulo Freire, em situação, ou seja, em condições tempo-espaciais, em que a prática de alfabetização acontece formalmente, nas escolas. Isso implicou refletir sobre o ato didático, sua situacionalidade, seus condicionantes, mas também sobre suas potencialidades.

Os resultados da atividade foram muito satisfatórios, considerando a qualidade dos textos produzidos e o nível das reflexões. A partir dessa experiência com pesquisa, Freire entrou em nossas aulas de Conteúdo e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, bem como os estudantes foram incorporando em suas atitudes e discursos os conceitos freirianos. Ademais, foi possível constatar que houve compreensão da teoria de Paulo Freire e dos princípios pedagógicos que podem subsidiar a práxis didática da alfabetização.

Essa pesquisa-formação, em que pudemos construir aulas com nossos estudantes, por meio do ensino com pesquisa, mobilizando teoria e prática como uma unidade dialética, ajudou-nos a esperar que é possível alcançarmos o inédito viável na Didática no Ensino Superior. Por certo, os condicionantes são muitos e a tendência agora é a graduação de pronta entrega que a ideologia neoliberal tenta vender à população brasileira como um produto de mercado. Contudo, há espaço para resistência, em prol de uma educação mais justa e igualitária.

Finalizamos estas reflexões iniciais, defendendo que, para além das situações limites, quando não vemos saída e o desânimo e a aceitação tomam conta, está o inédito viável, o sonho, a utopia realizável, o esperar que só poderá ser alcançado em comunhão, pela luta consciente em prol da humanização da educação.

Sendo assim, comemoramos os cem anos do nascimento de Paulo Freire com alegria no coração, convictas de que seus princípios pedagógicos vivem e se renovam em cada canto deste país, em que professores e professoras resistem à ideologia neocapitalista.

Nunca precisamos tanto dos ideais freirianos para que possamos superar este momento histórico de pandemia, com milhares de mortes, em que a educação é brutalmente atacada e o povo sofre desgovernado pela ignorância e pela ganância desprovidas de compromisso político humanizado. Mais do que nunca, viva Paulo Freire em cada espaço educativo deste país!





# O prove, uma reivenção da concepção de formação do educador em Paulo Freire

**Olgair Gomes Garcia**

Depois de alguns anos de trabalho como docente no ensino médio e superior e como coordenadora pedagógica em escolas privadas, quando surgiu a oportunidade prestei concurso público para coordenadora pedagógica e com isso, meu desejo de trabalhar na coordenação em uma escola pública ia se realizar. Escolhi uma escola na periferia da zona sul de São Paulo, a EMEF Mauro Faccio Gonçalves- Zacaria, região do M'Boi Mirim, DRE Campo Limpo, onde permaneci durante 15 anos.

Como já era esperado por mim, os primeiros anos foram muito difíceis e desafiadores, mas, por outro lado, as dificuldades inúmeras que encontrei e o desespero que me atormentava por ter de encarar de frente a situação bastante precária do nível de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento escolar deficitário e a falta absoluta de condições para um trabalho de qualidade, eram inacreditáveis mas extremamente instigantes. Literalmente me via numa situação de apesar de já ter concluído o Mestrado e ter uma experiência de trabalho bem sucedida com professores e professoras na educação básica, me deparei tendo que enfrentar meu próprio não saber numa realidade que eu começava a conhecer e experimentar ativamente minha própria competência e sonhos para encontrar soluções adequadas na superação e solução de uma infinidade de situações novas e de difícil encaminhamento, avançar e conseguir bons resultados de aprendizagem dos estudantes e com boa parceria com os educadores e educadoras. Neste contexto impactante, e em meio às descobertas e possibilidades que fui vislumbrando e colocando em prática, me enveredei para tomar a formação do educador em serviço como um projeto viável.

Era o ano de 1996, Paulo Freire ainda era vivo, e com ele, em algumas oportunidades de encontro informal em situações de reuniões de amigos comuns, pudemos ir conversando sobre minhas dificuldades e descobertas e minha intenção cada vez mais forte para tomar a formação do educador em serviço como um projeto viável. Numa atitude muito pertinente dele, me ouvia com muita atenção, sugerindo ideias e argumentos que me alimentavam sobremaneira para continuar o sonho e a empreitada que me chamava cada vez com mais intensidade. No início de 1997, Nita me convidou para passar o domingo com eles no sítio e tive então oportunidade de lhe contar como estava o encaminhamento do projeto já que, o ano escolar havia começado e retomamos a discussão sobre a intenção do projeto de formação, chamando a equipe gestora de uma escola próxima e ficou acertado elaborarmos o projeto para ser apresentado às outras escolas vizinhas para discussão da proposta.

Ouviu-me com atenção e na medida em que me perguntava sobre o grupo de escolas, se enchia de entusiasmo. Ao final de nossa conversa, acertamos que em setembro ou outubro marcaríamos uma ida dele à EMEF Zacaria para uma conversa com todo o grupo, incluindo professores e professoras. Para nossa infelicidade ele faleceu no início de maio daquele ano e perdemos a oportunidade de ouvir dele o entusiasmo e o

apreço pela nossa iniciativa. Mas até pelo endosso dele à nossa iniciativa, continuamos arrumando o projeto e começamos a discuti-lo com as equipes de outras escolas. O entusiasmo foi grande mas, na hora de fecharmos a participação, ficamos reduzidas a quatro escolas. Ainda em março daquele ano, iniciamos os cursos que seriam oferecidos aos docentes e de livre escolha deles.

O PROVE ( Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino), que hoje ( 2021) envolve cinco escolas da zona sul de São Paulo ( região do M'Boi Mirim) completa, neste ano, 24 anos de muita luta, muitos desafios mas também de muitas conquistas e resultados muito satisfatórios, em meio a muita ousadia, teimosia, falta de dinheiro, colaboração, reconhecimento e apreciação de muitos. Além dos cursos oferecidos aos professores e professoras ao longo do ano ( no início 9 encontros anuais e atualmente 7 encontros), inclui também a realização de um Seminário Inter-Escolas no final do ano (normalmente em novembro) organizado com palestras e realização de oficinas desenvolvidas pelos participantes dos cursos ao longo do ano. O Seminário, desde o início do projeto, tem sido um momento muito encantador de confraternização, trocas, alegria e prazer por fazer parte das escolas e do trabalho junto aos estudantes da rede pública. A partir de 2001, começamos



a publicar a Revista PROVE que já está no nº 19, com registro na Biblioteca Nacional. A revista se propõe a recompor o que aconteceu ao longo do ano nos cursos e nas escolas e 7 números do Prove LIVROS que por falta de subsídio paramos no nº 7 ( todos os exemplares da **Revista PROVE** podem ser acessados através do **blog blogando no ZACA** ). Fazendo coro com uma professora de uma das escolas “temos muito orgulho de participar de uma escola do PROVE que nos une , nos valoriza, nos ensina a superar as dificuldades, nos apoia, nos ajuda a descobrir a beleza de ser professor ou professora, de ser educador ou educadora de escolas públicas de periferia, de viver o encantamento de participar da formação das crianças e jovens e alimentar seus sonhos na busca de projetos de u ma vida com dignidade.”

Enquanto me preparava ( 2004) para concluir minha tese de doutorado ( UM ESTUDO CRÍTICO E ANALÍTICO DO PROVE) tendo nas mãos o livro “A educação na cidade” de Paulo Freire, na página 81 encontrei a seguinte frase “Será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores ou com grupos ampliados, resultante do agrupamento das escolas próximas”. Minha emoção foi imensa, era como se ele estivesse me mostrando a frase e nos dizendo para seguirmos em frente na ousadia que naquele ano já completava 8 anos de su cesso.

O PROVE é um projeto de iniciativa de um grupo de escolas e em que, para sua realização a Secretaria Municipal de Educação nunca se opôs , mas também nunca ofereceu um apoio financeiro efetivo para sua manutenção. No início ,como as escolas recebiam uma quantia em dinheiro que podia ser utilizada para pagar palestras, conseguíamos organizar no grupo de escolas uma forma de utilização do dinheiro obedecendo os dispositivos para sua utilização. A partir do quarto ano de desenvolvimento do projeto este dinheiro não mais podia ser utilizado e este fato nos ocasionou muitas dificuldades para o pagamento dos formadores mas, para nossa alegria, muitos se adaptaram à situação e não nos deixaram por esta razão.

São muitos os professores e professoras das Universidades como USP, PUC-SP, UNICAMP entre outras, que têm reconhecido publicamente o valor e importância do PROVE .

**Por que o PROVE é um projeto tão bem avaliado pelos que fazem parte dele e os que não fazem parte dele mas o conhecem por outros meios?**

Este questionamento sugere que se esclareçam os seguintes aspectos que se destacam no PROVE:

1. A escolha dos formadores e formadoras pressupõe que valorizem e gostem da escola pública, seus professores/as, os estudantes e respeitem as condições tanto físicas como de recursos humanos à disposição como também conheçam bem o “chão da sala de aula”, tenham experiência como docentes da educação básica, tenham “paixão” pela educação.

Tenham respeito, compreensão e consideração pelos professores e professoras das escolas públicas, nos seus saberes / dificuldades / questionamentos / interesses / habilidades / disponibilidade para aprender, mudar e se expor.

Tomar como eixo do trabalho de formação a reflexão e análise da prática na abordagem dos conteúdos e procedimentos.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que o sucesso do PROVE se deve em grande parte ao grupo de formadores e formadoras que estão conosco, alguns desde o início do PROVE.

2. A questão da autoria e da autonomia, no processo, tem sido algo muito importante sendo desenvolvido. A título de exemplo, pode-se citar a questão das oficinas coordenadas pelos próprios professores e professoras no Seminário. No início, no dia do planejamento dessas oficinas era o momento de grande aflição e sofrimento, muitos até nem vinham aos cursos neste dia. Atualmente, percebe-se como se sentem mais confiantes e muito à vontade para propor conteúdos e atividades nas oficinas e o prazer e alegria manifestadas no dia das oficinas. E também na montagem da revista, atualmente é muito tranquilo a escrita dos artigos e relatos, a coleta de trabalhos e atividades dos estudantes para o miolo da revista como também da produção da capa. Eu diria até que, em termos de movimento e expressão corporal, mostram-se mais à vontade, confiantes e dispostos para o trabalho, apesar de muitas vezes ser difícil e sofrido. Acredito que o PROVE tem despertado no grupo docente o prazer de ensinar, aprender, criar e produzir.

3. O fato de o PROVE se constituir num projeto que envolve educadores e educadoras de várias escolas e um grupo em cada escola que faz opções diferentes de formação, faz pressupor que cada escola se organize como um coletivo onde todos podem ter o direito de participar de um projeto de formação, o compromisso e a responsabilidade que muitas vezes são considerados como pressupostos, passam a ser condição ou seja, **o compromisso em relação ao outro no próprio trabalho que desenvolve com os estudantes no processo de ensinar e aprender, no projeto pedagógico da escola, no poder participar de projetos e atividades de escolha pessoal, às vezes fora da escola promovidas pela administração, a troca de informações e trabalhos em desenvolvimento com os colegas no grupo-escola, enfim a própria constituição do grupo-escola, pressupõe vínculos de colaboração e confiança no outro, partilha e respeito em relação às diferenças individuais.** A participação no PROVE é uma escolha de cada um e algumas vezes a escolha individual pressupõe sair da escola para se dirigir a outra escola para fazer o curso escolhido. A ausência não precisa necessariamente se constituir num problema pois pressupõe organização prévia , assumir outras responsabilidades para colaborar com o coletivo, etc. A título de exemplo, os cursos do PROVE preferencialmente

são planejados para acontecer no horário de JEIF e algumas vezes ocupam parte da JEIF e nestes casos o professor que vai se ausentar para participar do curso do PROVE tem o compromisso de planejar uma atividade para ser desenvolvida na ausência do docente e neste caso a escola se organiza para dar assistência aos alunos, se houver necessidade. Cada professor ou professora sabe e assume que se ausentar da escola não é dispensa, quando termina o encontro do PROVE, deve retornar para a escola e seguir com suas atividades normalmente. Ou seja, o que muitas vezes é visto como empecilho ou provocador de desordem pode significar relacionamento interpessoal e colaboração intergrupar de alto nível. A desconfiança no outro, a vigilância decorrente da falta de confiança, a simulação, medidas autoritárias são formas impeditivas para se promover uma organização do trabalho escolar saudável, responsável, em constante mudança e transformação qualitativa superior. Uma proposta de formação não tem condições de se desenvolver se o respeito e a consideração pelo outro não se constituir em pressupostos fundamentais.

Para finalizar, a formação do educador no próprio ambiente onde a educação escolar acontece, mostra-se não apenas necessária do ponto de vista da compreensão e apropriação do conhecimento mas, sobretudo, como um apoio necessário já que as exigências no plano de relacionamento interpessoal são intensas e difíceis, inusitadas, necessitam ser discutidas e refletidas no coletivo para encontrar jeitos de enfrentamento e superação que levem à inclusão e aceitação do outro e não à discriminação, ao preconceito, à violência e exclusão. O afeto, o querer bem ao outro, a amorosidade, a compreensão são os ingredientes que não podem faltar para dar equilíbrio no enfrentamento das dificuldades e descoberta de formas eficazes de garantia de crescimento, de qualidade nos resultados, de melhoria e revalorização de uma escola para todos. Atualmente, sem sombra de dúvida, fazer o cruzamento do PROVE com a escolaridade dos estudantes das escolas que participam do PROVE além de ser muito instigante é uma ótima oportunidade para poder desvelar as questões e os problemas que tem tornado o Ensino Fundamental ao mesmo tempo sujeito a inúmeras críticas pelos resultados que tem apresentado e, por outro lado, ser caracterizado como um território mal compreendido e envolto em incompreensões e

“determinações” inadequadas, ultrapassadas, sem consistência teórica e que não se ajustam aos sujeitos que constituem o universo dos estudantes que compõem o universo das escolas.

Mais que nunca necessitamos cada vez mais a necessidade de buscar apoio nos ensinamentos de Paulo Freire para nos iluminar, nos orientar, nos sugerir gestos de ousadia que não nos permitam sentar à beira do caminho, assistindo o tempo passar é, sem dúvida, a melhor opção.

#### **Referência Bibliográfica**

1. FREIRE, Paulo A educação na cidade São Paulo, Ed Cortez 1991
2. \_\_\_\_\_ e S HOR, Ira Medo e Ousadia São Paulo, Paz e Terra, 1987
3. GARCIA, Olgair A formação do Educador em Paulo Freire :A constituição do educador-sujeito numa prática em processo. Tese de Doutorado, PUCSP, 2004
4. Vários autores PROVE 10 ANOS , São Paulo, 2007







## PAULO FREIRE: AGORA E SEMPRE!

*Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, em 19 de setembro de 1921, filho do Capitão da PM Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire. Recebeu o pomposo nome de Paulo Reglus Neves Freire. Estudou com muita dificuldade, superando muitos e tantos obstáculos, econômicos, geográficos e sociais. Foi cidadão do mundo, viveu aqui e ali, em terras quentes e frias, em climas temperados, em meio a gentes que o receberam e acolheram suas ideias e reflexões com ternura, democraticamente e com o entusiasmo que as mentes abertas têm.*

*Seguem pequenas notas de sua passagem gloriosa e ntre nós.*

### Infância

**1927** – Entrou, já alfabetizado, para a escolinha particular da Professora Eunice Vasconcelos.

**1929**- Viveu momentos de pobreza e de fome durante a depressão econômica do período.

**1931** – Mudou-se para Jaboatão de Guararapes/PE

**1934** – Morte de seu pai quando tinha 13 anos.

### Juventude e Universidade

**1937 a 1942** – Cursou o ensino secundário no Colégio Osvaldo Cruz, de Recife, onde teve seu primeiro emprego, tornando-se, em 1942, professor de Língua Portuguesa, nesse mesmo colégio, que pertencia ao pai de Nita Freire.

**1943** – Ingressou na Faculdade de Direito de Pernambuco (que deu origem à UFPE em 1965), na qual também esteve em contato com os estudos de Filosofia da Linguagem. Nunca exerceu a advocacia ou atuou na área de Direito.

**1944** – Casou-se com a professora Elza Maia Costa de Oliveira, falecida em 1986, sua colega de trabalho na época.

**1947** - Formou-se bacharel em Direito. Assumiu a Diretoria da Divisão de Educação e Cultura do SESI, no Estado de Pernambuco, onde iniciou o trabalho com analfabetos pobres.

**1952** - Foi nomeado Professor Catedrático da Faculdade de Belas Artes, da Universidade de Recife.

**1954** - Foi nomeado Diretor Superintendente do Departamento Regional do SESI - PE, cargo que ocupou até outubro de 1956.

**1955** - Junto com outros educadores fundou, no Recife, o Instituto Capibaribe, uma escola inovadora que atraiu muitos intelectuais da época e continua em atividade até os dias de hoje.

**1959** - Paulo Freire concorreu à cátedra de História e Filosofia da Educação na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Recife.

**1961**- Recebeu o título de Livre Docente da Faculdade de Belas Artes de Recife. Foi nomeado professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife. Criou e foi o primeiro diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife. Também, neste ano, realizou as primeiras experiências de alfabetização popular mais amplas, que culminaram na experiência de Angicos.

**1963** - Realizou a experiência de alfabetização de Angicos- RN, onde, com sua equipe, alfabetizou 300 adultos, cortadores de cana, em 40 horas.

*O Sertão Central do Rio Grande do Norte vivenciava, assim, a experiência pioneira na alfabetização de jovens e adultos com o Projeto 40 Horas de Angicos.*

*Criou a base do Programa Nacional de Alfabetização do Governo João Goulart, que aprovou a multiplicação dessa experiência, constituindo assim o Plano Nacional de Alfabetização. Paulo Freire foi convidado a coordená-lo. Poucos meses depois do início da implantação do Plano, o golpe militar extinguiu totalmente a iniciativa.*

*Foi nomeado pelo governador de Pernambuco, Miguel Arraes, um dos conselheiros pioneiros do Conselho Estadual de Educação, responsável pela elaboração do primeiro regimento do órgão, finalizado em março de 1964.*

**1964** – Foi preso como traidor, passando 70 dias em uma cadeia do quartel de Olinda – PE. Ao saber que era professor, um dos oficiais responsáveis solicitou que ele alfabetizasse alguns recrutas e o educador explicou que havia sido preso justamente porque queria alfabetizar.

*Asilou-se na embaixada da Bolívia, no Rio de Janeiro. Em setembro, partiu para La Paz/Bolívia. Permaneceu lá somente até o mês de novembro. Devido ao golpe militar na Bolívia, ele seguiu, então, para Santiago do Chile, onde firmou residência.*

### **Atividades de seu exílio no Chile (1964 a 1969)**

- .Assessor do Instituto do Desenvolvimento Agropecuário e do Ministério da Educação do Chile.
- Consultor da Unesco junto ao Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária do Chile.

**1967** – Publicou seu primeiro livro “Educação como prática da Liberdade” a partir de sua tese Educação e Atualidade Brasileira.

**1967 a 1968** – Escreveu o livro “Pedagogia do Oprimido”.

**1969** - Devido a boa repercussão de seu primeiro livro, foi convidado para ser professor visitante na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Mudando-se para Cambridge (EUA), onde trabalhou com suas ideias e reflexões.

**1970** - O livro "Pedagogia do Oprimido" foi publicado em espanhol e em inglês.

Freire seguiu para exílio em Genebra, na Suíça.

## **Atividades de seu exílio na Suíça (1970 a 1980)**

**1970** - Transferiu-se para Genebra, Suíça, para trabalhar como Conselheiro Educacional de Governos do Terceiro Mundo, no Conselho Mundial das Igrejas. Passou a "andarilhar" pelos cinco continentes.

**1971** - Fundou, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural (IDAC), em Genebra. Dedicou-se, de modo especial, ao trabalho de educação em alguns países africanos, como Guiné Bissau, Cabo Verde entre outros.

**1974** - "Pedagogia do Oprimido" foi publicado no Brasil somente neste ano, devido a repressão e perseguição da ditadura militar.

**1976** - Foi publicado o livro "Ação Cultural para a liberdade e outros escritos".

**1977** - Foi publicado o livro "Cartas à Guiné Bissau".

**1979** - Obteve seu primeiro passaporte e visitou São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

- Foi publicado o livro "Educação e Mudança".

## **O retorno ao Brasil**

**1979/1980** - Com a anistia, em 1979, Paulo Freire retornou ao Brasil em 1980.

**1980** - começou a lecionar na PUC/SP e UNICAMP.

**1981** - Participou da fundação do VEREDA - Centro de Estudos em Educação, em São Paulo.

**1982**- Foi publicado “A Importância do ato de ler” em três artigos que se completam, livro que mereceu em julho de 1990, o diploma de Mérito Internacional, concedido pela International Reading Association, na Suécia.

**1982 a 1992** - escreveu “os livros falados”, isto é, livros, nos quais, estimulado por outros educadores, narrava sua vida e explicitava as suas reflexões.

**1986** – Recebeu o prêmio UNESCO da Educação para a Paz.

- No dia 24 de outubro morreu sua primeira esposa , Elza Maia Costa de Oliveira.

**1987** - Passou a integrar o júri internacional da UNESCO, que escolhe e premia as melhores experiências de alfabetização do mundo.

**1988**- No dia 27 de março, casou-se, em cerimônia religiosa, em Recife, com Ana Maria Araújo Hasche, em 19 de agosto, em cerimônia civil, quando ela passou a assinar Freire.

**1988 a 1992** – Voltou, depois de 10 anos, a escrever livros autorais: “Pedagogia da Esperança”, “Cartas a Cristina, reflexões sobre minha vida e minha práxis”, “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, “Política e Educação”, “A Sombra desta Mangueira” e “Pedagogia da Autonomia”, além de outros, com diversos educadores e inúmeros artigos e conferências.

**1889** – Assumiu o cargo de Secretário de Educação da Cidade de São Paulo.

**1991** – Afastou-se de SME/SP para escrever livros. Retornando a lecionar na PUC/SP. Demitiu-se da UNICAMP.

**1997**- Faleceu no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, no dia 02 de maio, vítima de um infarto agudo do miocárdio. Deixou 5 filhos e viúva.

Paulo Freire participou durante sua vida de fóruns e debates. Realizou milhares de palestras e conferências. Deu pareceres sobre os mais diversos assuntos. Concedeu entrevistas para jornais, revistas e televisão. Envolveu-se em movimentos sociais progressistas, entre muitas outras atividades como militante e fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) e como intelectual. Recebeu prêmios, títulos e homenagens em todo o mundo, dentre estes, 39 títulos de Doutor Honoris Causa, dos quais 5 foram entregues a sua viúva.

A partir de 2000, a sua viúva, Ana Maria Araújo Freire, na qualidade de sucessora legal da obra de Paulo Freire, organizou seus textos inéditos, nomeou-os e publicou-os na Série Paulo Freire, da qual é diretora. São eles: “Pedagogia da Indignação”, “Pedagogia dos Sonhos Possíveis” e “Pedagogia da Tolerância”.

Paulo Freire vive entre nós. Fez questão de não nos deixar. Sua obra e seu pensamento continuam a iluminar nossos caminhos, nossas invenções, nossas lutas e nossos comportamentos.

Somos Paulo Freire e temos um compromisso com o mundo de levar adiante sua palavra de esperança e de luta.

**PAULO FREIRE VIVE, AQUI, ALI, EM TODO O LUGAR ONDE  
COUBEREM SUA VOZ E SUA MENTE. ESTAREMOS E FICAREMOS  
TODOS PRONTOS PARA CONTINUAR SEU LEGADO, QUE VOA  
TÃO SUSTENTÁVEL POR CONTA DE NOSSOS SOPROS DE  
CORAGEM E FORÇA.  
AGORA E SEMPRE!**

# CURRÍCULOS





## Currículos

### **Acácio Arouche de Aquino**

Realizou o seminário do Prof. Paulo Freire no curso - Especialização em Arte-Educação II - ECA -USP – 1987. Professor de Arte na Secretaria Municipal de Educação São Paulo, inclusive trabalhou no NAE-4 em 1992.

### **Adilson De Angelo**

Professor do Departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - FAED/UEDESC, onde também integra o “Laboratório de Educação e Infância – LABOREI”, o “Coletivo Ciranda - Grupo de Pesquisa Infância, Cidadania e Redes Educativas” e o Programa de Extensão "Girândola de saberes e práticas: infância, cidadania e formação docente".

### **Adilson Odair Citelli**

Professor titular junto à Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo. Atua junto aos cursos de graduação e pós-graduação. No caminho, escreveu alguns livros e artigos que buscam pensar as relações entre a comunicação e a educação. Em boa medida, tal roteiro foi animado pelo pensamento de Paulo Freire.

### **Adriano José Pinheiro**

Doutorando em Educação pela Unicamp, coordenador pedagógico na Prefeitura Municipal de SP, membro do coletivo Paulo Freire Noroeste e do grupo de pesquisa Laborarte (Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação).

### **Alex Trajano**

Pedagogo e Doutor Honoris Causa em Educação. Atualmente é Presidente e Professor Alfabetizador da Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos. Membro do Conselho Municipal de Cultura de Mauá. Membro Fundador e atual Presidente da Academia Mauaense de Letras e Artes Paulo Freire/AMLAPF. Comendador do Mérito Cívico e Cultural pela Sociedade Brasileira de Heráldica.

### **Alexandre Saul**

Doutor em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É docente da Universidade Católica de Santos (UniSantos), e Coordena a Cátedra Paulo Freire dessa Instituição, desde 2018. É membro da Rede Freireana de Pesquisadores e do grupo de pesquisa: O pensamento de Paulo Freire na educação brasileira, na PUC-SP.

***América dos Anjos Costa Marinho***

Professora de Língua Portuguesa e Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Membro da equipe de Educação Infantil e Alfabetização da SME (gestão Luiza Erundina). Formadora de educadores/as pelo CENPEC.

***Ana Cristina Ribeiro da Silva***

Pedagoga (PUC/SP). Coordenadora Pedagógica aposentada da rede municipal de ensino da PMSP. Formadora de professores na área de Língua Portuguesa pelo Centro de Estudos da Escola da Vila . Participou das ações do Programa de Formação Permanente na SME, na administração de Luiza Erundina (de 1989 - 1992. Trabalha na equipe de formadoras da Maple Bear, acompanhando a implementação de programas nas escolas.

***Ana Luiza Chieffi***

Farmacêutica. Doutora em Medicina Preventiva e mestre em Saúde Coletiva. Funcionária da Secretaria Estadual de Saúde, desde 2003.

***Ana Mae Barbosa***

Professora da Universidade de São Paulo (USP), atuando no Doutorado em Ensino-Aprendizagem de Arte que implantou na Escola de Comunicações e Artes e no Mestrado/ Doutorado em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Publicou 23 livros sobre Arte e Arte- Educação. Recebeu vários prêmios, entre eles a Ordem Nacional do Mérito Científico (Brasil, 2004) e o Prêmio Internacional Herbert Read. Ensinou em universidades inglesas e americanas.

***Ana Maria Saul***

Doutora em Educação. Docente e pesquisadora dos Programas de Pós-Graduação em Educação: Currículo e do Mestrado Profissional: Formação de Formadores da PUC-SP. Atuou como Diretora de Orientação Técnica da SME , na gestão Paulo Freire. Desde o ano de 1998, coordena a Cátedra Paulo Freire.

***Ana Maria Valente Roveran***

Professora, Coordenadora PMSP, Assistente Técnica Educacional, Formadora de Gestores e Professores, Supervisora.

***Andréia Barreto***

Pedagoga, tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Adultos. Participou do Vereda Centro de Estudos em Educação, atuando na produção de materiais e na formação de professores. Atualmente, é Coordenadora Pedagógica da Vocação e professora da EJA no colégio Santa Cruz.

***Ângela Biz Antunes***

Doutora e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP. É autora dos livros *Aceita um conselho: como organizar os colegiados escolares e Educação Cidadã*, *Educação Integral: fundamentos e práticas*. Foi professora efetiva da Rede Estadual e Municipal de Ensino de São Paulo. Atualmente, é Diretora Pedagógica do Instituto Paulo Freire.

***Ângela Maria Mazzari Ramos***

Participou das ações do Programa de Formação Permanente vinculado à Secretaria da Educação do Município de São Paulo na gestão da Prefeita Luiza Erundina/1989 - 1992. Hoje continua a compartilhar nas escolas, universidades e movimentos sociais os belos aprendizados dessa experiência histórica de política educacional brasileira.

***Anna Helena Altenfelder***

Presidente do Conselho de Administração do CENPEC Educação. Foi Professora e Coordenadora Pedagógica da educação básica. Mestre e Doutora em Psicologia da Educação. Especialista em alfabetização, currículo, formação de professores e políticas públicas educacionais.

***Anna Maria Bozzo***

Pedagoga licenciada em Supervisão Escolar- FEUSP. Diretora de Escola aposentada da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. Professora Aposentada do Ensino Fundamental da Rede Municipal do Estado de São Paulo. Coordenadora do NAE 5 de 1989-1992 na gestão da Prefeita Luíza Erundina, tendo como Secretário da Educação Professor Paulo Freire.

***Antonio Batista***

Professor aposentado. Atuou em algumas escolas municipais na cidade de São Paulo, em algumas escolas estaduais e privadas. 38 anos de lutas.

***Antonio Carlos Machado***

Professor de Ensino Fundamental I, de Educação Artística e Artes Industriais e Diretor de escola. Atuou nas Redes Municipal e Estadual. Foi Coordenador dos NAES 2 e 3 e Coordenador Geral da CONAE na gestão Luiza Erundina.

***Antonio Carlos Ribeiro Fester***

Educador. Mestre em Letras pela USP (1986). Bolsista do Instituto Interamericano de Direitos Humanos (1988). Membro da Comissão Justiça e Paz de São Paulo e da União Brasileira de Escritores. Tesoureiro da PMSP (1966-1995). Autor de três livros, coautor de nove, organizador de quatro e tradutor de um. Ministra palestras e cursos s/ D.H e afins.

***Antonio Gil Neto***

Nasceu no interior, mudou-se para São Paulo onde construiu a carreira em Educação. Atuou na formação de educadores e em obras didáticas. Autor de “A flor da pele”, “Cartas Marcadas” e “A memória brinca: ciranda de histórias do ensino municipal paulistano”. No “Brado Retumbante” recebeu mais que amorosas palavras de Paulo Freire.

***Antônio João Thozzi***

Professor aposentado da Rede Municipal desde 2004. Militante dos movimentos de saúde e educação da zona leste desde os anos 1970. Coordenador Regional de Educação, nas administrações de Luiza Erundina e Marta Suplicy. Presidente da Fundação Paulistana de Ciência e Tecnologia na Administração Marta Suplicy.

***Aparecida B. Soler Huet***

Pedagoga pela FFCL de São José do Rio Preto, SP – Professora de Educação, Coordenadora Pedagógica de Ensino Vocacional, Diretora de Escola e Supervisora de Ensino no Magistério Oficial do Estado de São Paulo. Professora Adjunta na UFSCAR. Mestre e Doutora em educação pela PUC-SP.

***Bernadete Benetti***

Docente e pesquisadora, atuando na UNESP, ex-professora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, atuou no Setor de Educação Ambiental de 1990 a 1991.

***Bruno Neves Sampaio***

Professor de Geografia na Rede Privada de Ensino de São Paulo, foi educador e coordenador durante cinco anos no Cursinho Popular Florestan Fernandes e é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo.

***Camilo José dos Santos Neto***

Professor Ensino Fundamental II PMSP e Estado SP, 1978 a 2020; Diretor de Escola Estado SP, 1989 a 1996; Diretor de Escola PMSP, 1996 a 2016; Assistente Técnico Educacional, NAE- 8 PMSP, 1991 a 1992; Supervisor de Ensino Estado SP, 1993 a 1994; Coordenador de Educação - Itaquera PMSP, 2001 a 2004; Diretor de Planejamento DRE Penha PMSP, 2014 a 2016.

***Carlos Giannazi***

Carlos Giannazi é deputado estadual pelo PSOL. Foi vereador na Câmara Municipal de São Paulo por dois mandatos. É diretor de escola pública afastado. Mestre em Educação e Doutor em História, pela USP, e autor de livros.

***Carlos Rodrigues Brandão***

Doutor em Ciências Sociais pela USP; Livre Docente em Antropologia do Simbolismo pela UNICAMP. Possui experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular.

***Carmem Silvia Rotondano Taverna***

Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade São Marcos/SP, Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP. Psicóloga na PMSP de 1978 a 1994. Professora de Psicologia da Universidade São Marcos de 1984 a 2008.

***Cassiano Alves Macedo***

Licenciado em História e em Tecnologias na Educação, é Professor aposentado da Rede Municipal, tendo trabalhado no Projeto da Interdisciplinaridade no NAE -10. Atuou na Diretoria Regional de Ensino Municipal da Penha /SP, em projetos, dentre eles: Nas Ondas do Rádio. É radialista e pesquisador da História do rádio.

***Caue Fernandes***

Licenciado em Física pela UNESP Rio Claro e atualmente pós- graduando em Educação em Ciências e em Matemática pela UFPR

***Cecília Vasconcellos Lacerda Guaraná***

Pedagoga. cursou Pós-graduação em Psicologia Educacional. Foi professora, diretora e supervisora de ensino na rede estadual de São Paulo. Participou da experiência dos ginásios vocacionais de São Paulo como diretora de escola. Integrou a Equipe Educacional em Diadema, na gestão de José de Felipe Jr e em São Paulo, na gestão de Luiza Erundina.

***Celina Benedetti***

Professora de História da Rede Municipal de Ensino e da rede particular. Atuou no Projeto de Interdisciplinaridade Via Tema Gerador no NAE-8, na gestão do professor Paulo Freire na Secretaria de Educação Municipal de São Paulo.

***Celso dos Santos Vasconcellos***

Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, pesquisador, escritor, conferencista, professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação, responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica.

***Celso Giannazi***

Celso Giannazi é vereador por São Paulo, em segundo mandato. É engenheiro e advogado, mestre em direito. Auditor Fiscal do município e ex-presidente do Sindicato dos Auditores Fiscais de São Paulo.

***Celso João Carminati***

Professor e Diretor-Geral do Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), gestão 2021-2025. É licenciado em Filosofia pela Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

***Circe Fernandes Bittencourt***

Foi assessora no projeto da Interdisciplinaridade via Tema Gerador na gestão Paulo Freire. Historiadora, com mestrado e doutorado em História Social pela USP. Foi professora de Metodologia do Ensino de História na FE USP, onde desenvolve projetos de pesquisa sobre história de livros didáticos brasileiros desde 1810 até nossos dias.

***Cláudia Valentina Assumpção Galian***

Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Orienta e desenvolve pesquisas no campo do currículo. É editora-chefe da revista Educação e Pesquisa da Feusp.

***Cleide Cabral Alvares***

Pedagoga com especialização em EDAC - Educação do Deficiente da Audiocomunicação. Pós graduada em Didática Geral, Distúrbios do Comportamento Escolar e Pedagogia Terapêutica. Trabalhou como: Professora; Coordenadora Pedagógica; Assistente Técnico Educacional na PMSP. Atualmente trabalha como Assessora Pedagógica do Colégio Nacional na cidade de Uberlândia, MG.

***Coletivo Linhas de Sampa***

Coletivo político que tem nos bordados seu instrumento de ação. Bordam por democracia, justiça, liberdade e por políticas públicas de qualidade para todos. Acompanham a conjuntura, a luta democrática, comparecem aos mais diversos e justos atos públicos, além de promover oficinas de bordados a convite ou por iniciativa própria.

***Crispina Gomes***

Doutora em Ciências Sociológicas. Especialista de gênero e autora do livro "Mulher e Poder, o caso de Cabo Verde". Foi Embaixadora de Cabo Verde em Cuba; Deputada Nacional; Vice- Presidente do Parlamento e do Partido Africano para a Independência de Cabo Verde; Presidente da Organização das Mulheres de Cabo Verde. É membro da Fundação Amílcar Cabral. Participou no processo de alfabetização de mulheres no país.

***Cristiane Mello de Miranda Silva***

Possui graduação em Direito e Mestrado em Direito pela Universidade Gama Filho (RJ), Mestranda em Educação pela Universidade Católica de Santos. Integra o grupo de pesquisa Currículo e Formação de professores: diálogo, conhecimento e justiça social na Universidade Católica de Santos, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Saul.

***Cristina Freire Heiniger***

Filha do educador Paulo Freire. Fez os estudos primário e secundário em Recife, o ginásio em Santiago-Chile. Estudos universitários: Serviço Social - 1 ano : Santiago Chile; Faculdade de Letras - 2 anos : Universidade de Genebra. Durante 30 anos foi professora de Português para estrangeiros em Genebra e por 5 anos professora de Português para crianças clandestinas em Genebra.

***Daniel Cara***

Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Dirigente da Campanha Nacional pelo Direito à Educação

***Daniel Ferraz Chiozzini***

Doutor em História pela UNICAMP-SP e Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: história, política e sociedade da PUC-SP. Integra a Linha de Pesquisa Educação Brasileira: produção, circulação e apropriação cultural e é um dos líderes do Grupo de Pesquisa História das Instituições e dos Intelectuais da Educação Brasileira.

***Dayane Santana dos Reis***

Licenciada no 5º semestre de Pedagogia na Universidade Católica de Santos. Membro da Cátedra Paulo Freire na Universidade Católica de Santos (UniSantos), desde 2020. (Texto informado pelo autor)

***Demétrio Delizoicov Neto***

Licenciado em Física pela USP. Doutor em Didática pela USP. Professor voluntário do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC.

***Dermeval Saviani***

Professor emérito da UNICAMP e pesquisador emérito do CNPq; doutor "honoris causa" pelas Universidades Tiradentes de Sergipe, Federal da Paraíba e Federal de Santa Maria; coordenador geral do HISTEDBR e Professor Titular Colaborador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP.

***Douglas Mansur***

Jornalista e historiador. Acompanha o Movimento dos Trabalhadores sem Terra, desde 1984. Foi fotógrafo oficial do Cardeal Evaristo Arns, tendo tirado fotos icônicas como as do rosto dele colado ao do professor Paulo Freire em evento da PUC sobre o Diabólico e o Simbólico. Foi membro da Comissão Justiça e Paz e documentou o então presidente Marco Barbosa recebendo Paulo Freire com Margarida Genevois, em 1988.

***Edna Domenica Merola***

É licenciada em Letras e Pedagogia. Exerceu as funções de Professora de Português, Coordenadora Pedagógica e de Supervisora de Ensino, na Prefeitura Municipal de SP. Psicóloga, psicodramatista, Mestre em Educação e Comunicação. Escritora.

***Edson Gabriel Garcia***

Diretor de escola aposentado. Criador de Programas de Salas de Leitura. Autor de livros de literatura infantil e juvenil, didáticos e paradidáticos. Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo.



***Edson Pelicer (em memória)***

Artista e educador popular inconformado com o rumo que esse país tomou, se dedica ao propagar da cultura das histórias em quadrinhos através de oficinas e da produção de fanzines. Com larga experiência no atendimento a pessoas em situação de rua, adolescentes em conflito com a lei e a infância e juventudes periféricas, trabalhou em diversas frentes, como na Fundação Projeto Travessia, CAPS AD Centro e no CENPEC, onde atuou como Arte-educador e Coordenador Regional em diversos centros de internação da Fundação CASA. É criador do DESCOLADO, o ECA em quadrinhos, 200.000 exemplares distribuídos gratuitamente neste projeto financiado pelo CMDCA.

***Elaine Sampaio Araújo***

Foi professora da prefeitura de São Paulo e atualmente é Professora Associada da Universidade de São Paulo, no curso de Pedagogia e de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. É vice - líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica – GEPAPE e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino e Aprendizagem de Matemática na Infância- GEPEAMI.

***Eliana Chiavone Delchiaro***

Mestre em Educação, Pedagoga com Especialização em Gestão Escolar e em Artes Manuais e a Educação. Aposentada da Rede Municipal de São Paulo como Diretora de Escola. Atualmente é Docente do Ensino Superior da UNIP-SP no Curso de Pedagogia Presencial e na Educação à Distância. Atuou como Professora de Gestão Escolar no Programa PARFOR pela PUC-SP.

***Eliana Regina Salgueiro***

Formada em Pedagogia e Gestão Escolar. Atualmente atua na área do Meio Ambiente/Coleta e Reciclagem de Resíduos Líquidos . A Educação tem um significado afetivo e de interesse pessoal e constante na sua vida. Acompanha com preocupação os movimentos da desconstrução de Paulo Freire na atual gestão da Pasta da Educação.

***Elisa Maria Grossi Manfredini***

Coordenadora Pedagógica aposentada da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Vice - Presidente da organização “Aldeias Infantis SOS”.

***Elizabeth Castellão Martins***

Professora de História e alfabetizadora, depois Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino/SP. Atualmente aposentada, mas realizando atividades de formação de professores com a metodologia do Ensino do Meio e princípios freireanos.

***Elizete Maria Dantas Rocha***

Letras: Português e Francês (USP). Participação no Projeto Inter - à luz de Paulo Freire. Membro do Grupo de Estudos Lígia Chiappini " Visão de Área em Língua Portuguesa e Literatura". Helena N Brandão, o professor como trabalho dialógico em sala de aula na perspectiva da Análise do Discurso. João W. Geraldi - teorias linguísticas e sala de aula.

***Elvira de Souza Lima***

Pesquisadora, musicista, com formação em ciências do cérebro, antropologia, música, psicologia e linguística. Experiência junto a redes públicas de educação, universidades, movimentos sociais e educação indígena, sempre na condição de colaboradora com o conhecimento teórico e a pesquisa.

***Emiliana Pinheiro***

Formada em Pedagogia e Psicopedagogia. Atuou em creches da Prefeitura de São Paulo. Foi professora e coordenadora pedagógica na Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo - SME. Participou da gestão do governo de Luiza Erundina na Diretoria de Orientação Técnica – DOT e no Núcleo de Ação Educativa – NAE 5, como coordenadora de Grupos de Formação de trabalhador@s da Educação Infantil.

***Emilly Pereira Silva***

Formada em Licenciatura em História e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos (UniSantos) na linha de pesquisa políticas e práticas de formação de professores. Membro da Cátedra Paulo Freire também da UniSantos. Docente do colégio Liceu São Paulo em Santos-SP

***Eugenio Maria de França Ramos***

Docente e pesquisador na UNESP e ex-professor da Educação Básica na década de 1980 nas redes de ensino da Prefeitura de São Paulo, do Estado de São Paulo e do Colégio Nossa Senhora dos Remédios. De 1990 a 1991 atuou em trabalho técnico junto à CONAE, na computação e no Centro de Multimeios.

***Eulina Pacheco Lutfi***

Professora de Português aposentada. Rede pública. Mestre pela FE-UNICAMP. Doutora pela FE-USP. Trabalhou como convidada do Laboratório de Pesquisa em Ensino e Ciências Humanas da FE-USP, 18 anos, em projetos de formação de professores, inclusive os da administração Erundina.

***Ezequiel Theodoro da Silva***

Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1979). Livre Docência em Metodologia de Ensino pela Faculdade de Educação da Unicamp (1994). Atua como professor convidado junto ao Grupo de Pesquisa ALLE-AULA (Alfabetização, Leitura e Escrita, Trabalho Docente e Formação Inicial), da Faculdade de Educação, Unicamp.

***Fabiane Lopes de Oliveira***

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora do curso de Pedagogia na UFG, na área de Didática e Estágio. Foi professora e Coordenadora/Supervisora Escolar na educação básica. Apresenta uma live intitulada Educação e Atualidades, inspirada em Paulo Freire. No ano de 2021, as lives estão sendo realizadas em homenagem ao seu Centenário.

***Fernanda da Silva Ribeiro***

Formada em Psicologia pela PUC-SP, com Pós-Graduação em Psicologia Analítica e em Teorias e Práticas na Comunicação e Mestrado em Comunicação Digital. Atua há 18 anos como Comunicadora na área da Educação, em ambientes virtuais, sites e portais. Atualmente é Coordenadora de Comunicação de Projetos no CENPEC.

***Fernando José de Almeida***

Pedagogo e filósofo, Secretário de Educação da cidade de São Paulo (2001-2002) na gestão Marta Suplicy e professor na PUC-SP, no mesmo programa de Pós-graduação em que trabalhava Paulo Freire.

***Geni Rosa Duarte***

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professora aposentada da rede municipal de ensino de São Paulo e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Participou da gestão Paulo Freire - Luiza Erundina na Divisão de Orientação Técnica.

***Helena Bertolini Bezerra***

Socióloga, com mestrado e doutorado em Educação pela PUC/SP com concentração em História da Educação, doutorado em Educação. Foi professora da escola básica nas redes estadual e municipal de São Paulo e professora aposentada do ensino superior. Atuou como Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso da Unifesp e UAB (Universidade Aberta do Brasil).

***Helenice Maria Sbrogio Muramoto***

Nasceu em S.José do Rio Preto. cursou Pedagogia na FFCL de lá (Sistema Isolado da USP, em 1963 e 1964, e, de 1965 a 1967, na FEUSP, S. Paulo, onde fez Mestrado (1989) e Doutorado (1999) em Educação. Fez carreira no Magistério Público Estadual (1966 a 1993) e foi docente no curso de Pedagogia do UNUFIEO, de 1997 a 2020, e em ações de Formação Continuada de Educadores.

***Ilka Cintra***

Educadora aposentada da prefeitura de SP, cantora/compositora. Integrou o Vésper Vocal, grupo feminino a capela. Seu cd ENCANTOS E TRUQUES/CANÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL está nas plataformas digitais. Escreveu/compôs o musical infantil DE NOVO ESSA CONVERSA? (baseado na Carta da Terra), montado pela Sonora Trupe, onde é produtora/cantora/atriz.

***Ir. M. Gabriela Barbosa***

Curso superior em Ciências Sociais pela PUC-PR, Mestrado em Ciências da Religião. : Vice Diretora da Escola N.Sra.Aparecida, Curitiba-PR.

***Iraci Ferreira Leite***

Mulher negra, educadora popular, formada em Pedagogia, aposentada das redes Estadual e Municipal de São Paulo. Formadora de educadoras/es das redes e movimentos.

***Irineu Tamaio***

Pós-doutor em Educação, atualmente é professor de Educação Ambiental da Universidade de Brasília (UnB). Foi Coordenador de Educação Ambiental da Secretaria de Educação da cidade de São Paulo de março de 1989 a dezembro de 1992.

***Isabel Maria Meirelles de Azevedo Marques:***

Artista/docente, escritora e pesquisadora na área de dança. Dirige com Fábio Brazil o Instituto Caleidos e o Caleidos Cia. de Dança, em São Paulo/SP. Foi assessora de dança na gestão Paulo Freire da SME/SP. Luta pela escola pública e pelo direito à Arte como forma de conhecimento e transformação social.

### ***Ivan Valente***

Ivan Valente é um engenheiro, professor e político brasileiro, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade. Exerceu o cargo de presidente nacional do PSOL, partido pelo qual é Deputado Federal no Estado de São Paulo. Na década de 1960, tornou-se líder comunitário, estudantil e militante do movimento sindical.

### ***Ivone do Canto Almeida***

Professora e Coordenadora Pedagógica aposentada da Rede Municipal de Ensino de São Paulo; formadora de formadores na DOT (SME-SP), na gestão do prof. Paulo Freire (1989 a 1992). Atuou também como formadora no Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

### ***Janua Celi Rodrigues***

Psicopedagoga. Participou das ações do Programa de Formação Permanente vinculado à Secretaria da Educação do Município de São Paulo na gestão da Prefeita Luiza Erundina/1989 - 1992. Professora na Faculdade Mozarteum de São Paulo.

### ***Jeanny Meiry Sombra Silva***

Doutora em Psicologia da Educação na PUC-SP. Atualmente é Professora de pós-graduação e de educação básica. Desde 2015, faz parte do grupo de pesquisa CNPQ "O Discurso pedagógico de Paulo Freire e sua presença na contemporaneidade" na Universidade Mackenzie.

### ***João Carlos de Souza***

Professor de História das redes públicas de São Paulo. Coordenador de uma equipe do Projeto de Interdisciplinaridade, de concepção freiriana, da SME-SP (1989-91). Professor de História da Universidade Federal da Grande Dourados. Pesquisador de movimentos sociais, cidade, economia solidária. Mestre em História - PUC-SP; Doutor em História Social - USP e Pós-Doutorado - UFRJ.

### ***Josafá Rehem Nascimento Vieira***

Professor da Rede Pública Estadual desde 1989, concursado desde o ano 2000. Professor Adjunto da Rede Pública Municipal (1995-1998). Professor Titular da Rede Pública Municipal(1998-2005), Diretor de Escola da Rede Pública Municipal desde 2005. Responsável pelo setor de Programas Especiais da DRE São Miguel (2002 -2004).

***José Xavier Cortez***

Formado em Economia pela PUC SP em 1969. Livreiro desde os anos sessenta.. Editor (fundador da Cortez Editora) e autor de livros de memórias biográficas e memórias recentes.

***Júlio César Augusto do Valle***

Professor do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP). Mestre e Doutor em Educação pela mesma universidade. Especialista em Políticas para a Igualdade Social pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Ex-Secretário Municipal de Educação e Cultura de Pindamonhangaba (SP), 2017-2020.

***Karina Barreto Zucchi***

Formação em Direito. Iniciou seu contato com Pedagogia ao ministrar aulas de inglês em escola particular. Em 2010, passou a trabalhar em creche do município de Santo André, como auxiliar de desenvolvimento infantil.

***Lara Santos Rocha***

Professora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, foi por oito anos educadora e coordenadora no Cursinho Popular Florestan Fernandes e é mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH - USP).

***Larissa de Souza Oliveira***

Professora pesquisadora do grupo de pesquisa 'Alfabetização, leitura e escrita/Trabalho docente e formação inicial' da Faculdade de Educação– Unicamp <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/>

***Laura Cymbalista***

Formada em Pedagogia pela USP, foi do Centro Acadêmico Paulo Freire e DCE livre. Hoje é Professora da Rede Municipal de Ensino, atua na Coordenação Pedagógica do CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano, militante do SINPEEM e participa do setorial de educação do PSOL.

***Laurinda Ramalho de Almeida***

Cursou Pedagogia e Especialização em Orientação Educacional na USP; Mestrado e Doutorado em Psicologia da Educação na PUC-SP. Atualmente é Professora dos Programas de pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação e do Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores da PUC-SP.

***Laurizete Ferragut Passos***

Possui graduação em Pedagogia, mestrado e doutorado em Educação. Professora aposentada da UNESP. Atualmente é professora assistente da Pontifícia Universidade Católica de SP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação e no Programa de Estudos Pós-Graduados Mestrado Profissional Formação de Formadores, onde é coordenadora.

***Leci Brandão da Silva***

Leci Brandão é uma das mais importantes intérpretes da música popular brasileira, tendo se destacado no samba. Tem 46 anos de carreira, gravou 25 álbuns, entre eles, três compactos e 2 DVDs. Leci é deputada estadual pelo estado de São Paulo pelo terceiro mandato consecutivo, tendo se destacado como voz das minorias no Parlamento paulista.

***Lenine***

Nascido em Recife, se diz um cantautor: o artista que canta suas próprias composições, ou – como faziam os trovadores do século 12 – transforma em versos as questões, os amores e as sagas de seu tempo.

***Lídia Léa Costa Camillo***

Graduação: Psicologia e Pedagogia; Coordenadora Pedagógica aposentada da PMSP; Formadora de Professores: PROFA/ SME/ Centros de Estudos da Escola da Vila.

***Lilian Contreira***

Licenciada em letras português-espanhol, especializada em alfabetização de jovens e adultos - Método Paulo Freire - é prof<sup>a</sup>. de língua espanhola, língua portuguesa para estrangeiros, é pedagoga social e também tradutora. Professora universitária e professora de formação de tradutores. Curadora do Café Paulo Freire em São Paulo. Foi a última secretária do Prof. Paulo Freire.

***Lilian Lopes Martins da Silva***

Professora aposentada e colaboradora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, junto ao Grupo de Pesquisa “Alfabetização, leitura, escrita e trabalho docente na formação inicial” (ALLE/AULA). <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/>

***Lisete Regina Gomes Arelaro***

Professora sênior da Faculdade de Educação da USP. Trabalhou na equipe de Paulo Freire na gestão Luiza Erundina (1989-92) e na educação pública em todos os níveis e etapas de ensino.

***Louvercy Lima Olival***

Licenciada em Pedagogia pela Unesp – São José Rio Preto; Mestrado em Psicologia Social pela Universidade São Marcos; Supervisora de Ensino da Secretaria Estadual da Educação Estado de São Paulo, aposentada.

***Luci Aparecida Guidio Godinho***

Pedagoga. Pós em Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas na Educ. Pesquisadora. Atua na formação continuada de educadoras/ educadores e gestores/gestoras educacionais em diferentes unidades educativas, com foco nas áreas de Educação Infantil e questões étnico raciais.

***Lúcia Regina Gomes da Rocha Makena***

Formada em Pedagogia pela USP, Especialização em Formação de Professores pelo IFSP. Lecionou por 20 anos em escolas públicas; atualmente leciona na FEDUC - Faculdade do Educador, no curso de Pedagogia. Tem uma micro empresa - MEI, "Bonecas Makena", onde faz a criação, confecção das bonecas e projetos culturais de arte educação e contação de histórias.

***Luciana Saul***

Luciana Saul é Mestre em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Atriz e Diretora Teatral pela Escola de Arte Dramática (EAD/ECA/USP). Bacharel em psicologia e psicóloga, pela Universidade de São Paulo (IP/USP). Atua como arte-educadora, diretora teatral, pesquisadora, atriz e dramaturga no Teatro da Praça Instituto de Artes Cênicas.

***Luciana Vitor Cury***

A experiência profissional como pedagoga reflete suas crenças. Acredita que a educação tem potencial para mudar a história de vida de qualquer pessoa. Acredito que a educação pública é um direito e que a qualidade desta é característica inegociável...

***Luciane Moreira Oliveira***

Professora pesquisadora do grupo de pesquisa 'Alfabetização, leitura e escrita/Trabalho docente e formação inicial' da Faculdade de Educação– Unicamp <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/>

***Lucimar Bello Pereira Frange***

Artista visual, professora, pesquisadora. Vive e trabalha em São Paulo. Mestre e Doutora em Arte Educação pela ECA/USP/SP. Aposentada pela UFU/MG.



***Luís Carlos de Menezes***

Físico e educador, é Professor Sênior do Instituto de Física e Coordenador Acadêmico da Cátedra de Educação Básica da Universidade de São Paulo, tendo como preocupação atual a concepção de uma educação para a sociedade pós- industrial.

***Luiz Gonzaga de Oliveira Pinto***

Diretor de Escola aposentado, ex Presidente e atual Secretário Geral da Udemo – Sindicato de Especialista da Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo.

***Luiz Marine José do Nascimento***

Professor Doutor em Linguística -PUC SP. Membro da equipe MOVA - SME (administração Luiza Erundina) Membro da equipe SEJA -Educação Municipal de Jovens e Adultos de Diadema (1993-1995) Assessor Pedagógico da Fundação Dorina Nowill (2018\2019) Professor da Universidade Mackenzie (2000\2009) e Mogi das Cruzes(Atualmente).

***Luiz Roveran***

Músico, professor e pesquisador, além de poeta metido a besta. Compositor e guitarrista, atua nas áreas de trilha sonora, pesquisa e educação — onde tenta incutir mais perguntas do que respostas na vida de seus alunos.

***Luiza Erundina de Sousa***

Luiza Erundina já foi vereadora, deputada estadual, prefeita da cidade de São Paulo (1989-1992), ministra da Administração Federal (governo Itamar Franco, 1992-1994). Atualmente exerce o 6º mandato pelo PSOL-SP. São mais de 1700 proposições em defesa da Mulher, das Crianças e Adolescentes, da Cultura e Educação, dos Direitos Humanos e da Classe Trabalhadora. Nove delas se tornaram Leis, e uma em Emenda à Constituição, que incluiu o transporte na lista de direitos sociais na Constituição Federal. É a única parlamentar premiada em todas as edições do “Prêmio Congresso em Foco”.

***Luiza Helena da Silva Christov***

Doutora e Mestre em Educação (PUC-SP). É professora e pesquisadora aposentada do Instituto de Artes da UNESP, atuando no mestrado e doutorado. Lidera o grupo de pesquisa Arte e Formação de Educadores, do CNPq. Colaborou com o Instituto Paulo Freire e colabora com escolas públicas de ensino.

***Luzia Suely Bernardi***

Pedagoga, professora e coordenadora pedagógica aposentada da Rede Municipal de Ensino de São Paulo; formadora de formadores na DOT (SME-SP), na gestão (1989 a 1992). Técnica e coordenadora de projetos no CENPEC

***Mahatma Soares de Moura Silva***

*Mahá nasceu em Minas Gerais e se mudou para o Acre em 2008 para estudar arquitetura, iniciou sua trajetória na arte urbana em 2011 com a temática indígena, desde então realiza murais com o tema indígena em festivais de grafite por todo país e exterior.*

***Manoel Oriosvaldo de Moura***

Assessorou atividades de formação de trabalhador@s da Educação na gestão Luiza Erundina. Atualmente é Professor titular aposentado da Universidade de São Paulo – USP; líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica – GEPAPe, vinculado à Faculdade de Educação – FEUSP; docente do Programa de Pós-Graduação em Educação/FEUSP e participa de outras inúmeras atividades acadêmicas.

***Manoel Romão de Souza***

Formado em Química pela USP. Coordenador do projeto Interdisciplinaridade no NAE-10 do governo da Luiza Erundina. Membro da diretoria do SINPEEM. Diretor regional de educação no governo de Marta Suplicy, na Cidade Tiradentes. Diretor regional de educação no governo Fernando Haddad, em São Miguel Paulista.

***Mansur Lutfi***

Doutorado em Educação, Pós-doutorado pela Universidade Paris VI (1994-1995). Atualmente é aposentado da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação do Ensino Médio, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de química, ensino de ciências, formação de professores, aditivos em alimentos, escola pública.

***Mara Silvia Seabra***

Pedagoga, participou das ações do Programa de Formação Permanente vinculado à Secretaria da Educação do Município de São Paulo na gestão da Prefeita Luiza Erundina/1989 - 1992.

***Marcelo Cestari Terra Lellis***

Bacharel em Matemática (USP), mestre em Educação Matemática (PUC - SP). Trabalhou como Professor no ensino fundamental, médio e superior. Nos últimos 30 anos, trabalha como autor de livros didáticos na área de Matemática.

***Marcio D’Oliveira Campos***

Doutor em Física de Sólidos (1972, FR). Na UNICAMP pertenceu aos departamentos de Física e Antropologia (1972-93-98). Pesquisas: etnografia das relações sociedades-humanos-natureza, saberes locais, ritmos e temporalidades. Interlocutores: Kayapó, caiçaras e descendentes italianos (ES e MG). Criou o termo e a Proposta SULear (1991).

***Marcos Barreto***

Economista, foi Secretário Municipal de Habitação (gestão Marta Suplicy), subprefeito da Sé (gestão Fernando Haddad). Atualmente é Coordenador do Instituto Equipe Cultura e Cidadania e Chefe de Gabinete da Escola de Gestão e Contas do TCMSP. Sobretudo, é filho de Vera e Barreto e irmão de Andréia e João Carlos.

***Marcos José de Castro Guerra***

Nasceu em Natal, RN. Foi jornalista e formou-se advogado pela UFRN, em 1965. Ex-dirigente do setor de Alfabetização de Jovens e Adultos na Secretaria de Educação do RN, atuou como Coordenador das “40 horas de Angicos” e da implantação do Método Paulo Freire no RN em 1963 e 1964. Ex-Secretário da Educação do RN. Durante os 23 anos de exílio atuou na Cooperação Internacional na França e na África Negra.

***Marcos Paulo da Silva Conceição Bergonci***

Formado em Teologia pela FABAT-RJ. Estudante de Relações Internacionais pela PUC-RJ e Tecnologia da Informação pela VUNESP. Amante de artes, literatura e sociologia.

***Margarete Artacho de Ayra Mendes***

Professora de Ciências e Biologia da Rede Pública e Privada. Coordenadora Pedagógica do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Santa Cruz. Aposentada.

***Margarida Genevois***

Desenvolveu o Projeto Educação em Direitos Humanos da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, baseado nas ideias de Paulo Freire e da Teologia da Libertação. Margarida fundou e preside a Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, sendo também Presidente honorária da Comissão Arns.

***Maria Aparecida de Aquino***

Professora Doutora Sênior, com Pós-Doutorado, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

***Maria Christina de Souza Lima Rizzi***

Graduada em Educação Artística Artes Cênicas, Mestre em Artes e Doutora em Artes. Atuou nos seguintes museus do estado: Pinacoteca do Estado e Museu da Casa Brasileira. Foi docente do MAC e do MAE e vice-diretora do MC. Coordenou a Licenciatura em Artes Visuais de 2006 a 2016. É Professora Sênior do CAP da ECA. Atividades exercidas na USP.

***Maria Cristina de Campos Pires***

Professora pesquisadora, Arte-educadora, Professora de Educação Infantil, Mestre em Educação pela UNICAMP/SP. Formadora de professoras em música e educação infantil. Idealizadora do projeto Parques Sonoros aplicado na Rede Municipal SME/SP na gestão Haddad.

***Maria das Mercês Ferreira Sampaio***

Docente do ensino superior aposentada. Atuou como professora e coordenadora pedagógica em escolas da rede estadual de São Paulo. Desenvolve assessorias no campo do currículo.

***Maria Edineide da Silva***

EdiMaria, cordelista, compositora, com o Cd autoral Anjos da Seca escritora de livros infantis, fisioterapeuta, pós graduada em contação de histórias e Direção Teatral pela Faculdade Paulista de Artes, membro dos coletivos SPCordel, Teodoras do Cordel SP.

***Maria Eunice Campanha (em memória)***

Formada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo, Professora titular de Ensino Fundamental 1 e de Educação Infantil na rede municipal de São Paulo. Atuou como Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental, até 2007.

***Maria Helena Bertolini Bezerra***

Socióloga, com mestrado e doutorado em Educação pela PUC-SP com concentração em História da Educação, doutorado em Educação. Foi professora da escola básica nas redes estadual e municipal de São Paulo e professora aposentada do ensino superior. Atuou como Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso da Unifesp e UAB (Universidade Aberta do Brasil).

***Maria Isabel Batista Serrão***

Foi professora e coordenadora pedagógica da Prefeitura de São Paulo. Atuou na gestão do governo de Luiza Erundina na Diretoria de Orientação Técnica – DOT e no Núcleo de Ação Educativa – NAE 5, como coordenadora de Grupos de Formação. Atualmente é Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina e participa das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica – GEPAPe.

***Maria José Masé Bettini dos Santos***

Mestre em Educação pela UNICAMP. Licenciatura em Pedagogia e História. Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino – Região de Bauru pertencente à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional – GREPPE da Unicamp.

***Maria José Reginato***

Professora e coordenadora pedagógica aposentada da Rede Municipal de Ensino de São Paulo; formadora de formadores na DOT (SME-SP), na gestão do prof. Paulo Freire (1989 a 1992). Técnica colaboradora do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

***Maria José Santos Silva***

Graduada em História Natural pela UFBA. Professora aposentada da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Na gestão Paulo Freire, trabalhou no Núcleo de Ação Educativa/Campo Limpo-NAE-5 – Equipe Acesso e Permanência na Escola.

***Maria Lúcia Peviane Jacob***

*Professora, Coordenadora, Diretora e Supervisora de SME de 1970 a 1996. Em 1997, assumiu a direção do “Colégio Aldeia Dos Pandavas” que exerce até a presente data. “Educação é a minha vida. Aprender e ensinar é o meu caminho! Agradeço muito por tudo o que tenho vivido!”*

***Maria Rosa Cavalheiro Marafon***

Nascida em Espírito Santo do Pinhal-SP.(194040).Graduada em Pedagogia(USP), Mestra em educação (PUCCAMP),Doutora em Educação(UNICAMP).Foi professora, orientadora educacional e diretora na rede pública. Na PUCCAMP foi professora, diretora da Faculdade de Educação e Vice-Reitora para Assuntos Acadêmicos.

***Maria Suemi Salvador***

Formada na Faculdade de Geografia da Universidade de São Paulo (USP). Licenciatura em Geografia. Mestrado em Educação de adultos.

***Maria Terezinha Carrara Lelis***

Formada em Psicologia pela USP-RP, em Psicopedagogia pela EPsiBA-Argentina, e Mestre em Educação pela UFU.

***Marina Célia Moraes Dias***

Bacharel em História pela USP (1973), Mestre em Educação pela UC Berkeley (1983), Doutora em Educação (1997) e professora da FEUSP (1992-2017). Assessora de projetos municipais, estaduais e federais voltados à Educação Infantil. Membro da Equipe do DEPLAN-Educação Infantil e Alfabetização da Gestão Paulo Freire da SMESP.

***Mario Bonciani***

Médico, especialista em Medicina do Trabalho pela Associação Nacional de Medicina do Trabalho; Auditor Fiscal do Trabalho no Ministério do Trabalho e Emprego; Coordenador do Departamento de Saúde e Segurança do Trabalhador do Sindicato dos Trabalhadores da Saúde de São Paulo.

***Mario Sergio Cortella***

Mario Sergio Cortella é filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro. É autor de vários livros. Foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo no governo de Luiza Erundina.

***Marisa Garcia***

Doutora em Educação pela PUC-SP. Pedagoga, Professora universitária, Coordenadora do curso de Pedagogia - modalidade EAD e Professora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Assessora pedagógica em redes privadas e públicas como formadora de professores e coordenadores pedagógicos.

***Marisa Serranno Triviño***

Marisa Serranno, pianista, cantora, compositora, produtora musical e cultural com formação em piano clássico, letras e língua espanhola. Divide seu lado artista com a arte-educadora há 35 anos, utilizando a música como recurso para o desenvolvimento sócio cultural dirigido à crianças, jovens e adultos

***Marivaldo Costa Moreira***

Formado em Geografia pela PUC-SP, Pós Graduação "Lato-sensu" em Geografia pela Universidade de Guarulhos, Pedagogia F.F.C.L "José Olympio", Formado em História pela F.F.C.L de Tupã, Presidente do Instituto de Estudos Geográficos da PUC em 71 e 72, Professor, Vice-Diretor e Diretor da EEPSP "Infante Dom Henrique", Coordenador Regional de Educação NAE 9.

***Martha Sirlene da Silva***

Mestre em Educação pela UMESP Aposentada como Coordenadora Pedagógica da SME/ SP Coautora do livro: Textos em contextos – Reflexões sobre o ensino da Língua Portuguesa; (org ) Silvia M. G. Colello, São Paulo, Summus, 2011.

***Matheus Holesgrove***

Matheus Holesgrove é ator e dramaturgo. Realiza cursos de interpretação teatral no Teatro da Praça, Instituto de Artes, desde 2017. Participou de inúmeras montagens teatrais, desde então, onde atua e escreve a dramaturgia.

***Max Ordonez Fernandes de Souza***

Formação : - Licenciatura em Ciências e Matemática; Biologia e Pedagogia Atuação profissional: professor; diretor; coordenador de Nucleo de Ação Educativa (NAE) no ensino municipal de São Paulo. Também foi consultor junto ao MEC.

***Melúzia Ribeiro Luz Kiryu***

Brasileira, parda e nordestina. Formada em Pedagogia com especialização em Psicologia, Direitos Humanos e Gestão Pública. Professora da rede Municipal de São Paulo, representante de Sindicatos e Gestora em CEU, onde aprendeu a valorizar mais o trabalho em equipe e humanizado defendido pelo saudoso Paulo Freire.

### ***Meyri Venci Chieffi***

Pedagoga com pós-graduação em Supervisão e Currículo na PUC. Professora e coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Diretora do Ensino de 1º e 2º Graus da Secretaria de Educação da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, na gestão do Prof. Paulo Freire e de Luiza Erundina, prefeita. Trabalhou no Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

### ***Milton Hatoum***

Nasceu em Manaus (1952). É autor dos romances Relato de um certo Oriente, Dois irmãos, Cinzas do Norte, Órfãos do Eldorado, A noite da espera, Pontos de fuga, e do livro de contos A cidade ilhada. Sua obra, publicada em catorze países, recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior.

### ***Miriam Santos***

Pedagoga pela PUC-SP, com pós-graduação em Alfabetização e Letramento. Coordenadora aposentada da RMESP. Atua como formadora de educadores, em especial na área da alfabetização. Prestou serviços em várias instituições, entre elas CENP, CENPEC, PLURAL, e ONGs.

### ***Mirian Celeste Martins***

Docente do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi docente do Instituto de Artes-UNESP. E sócia do Espaço Pedagógico. Mestre pela ECA-USP e doutora pela FE-USP. [www.mirianceleste.com.br](http://www.mirianceleste.com.br)

### ***Moacyr da Silva***

Doutor em Psicologia da Educação. Professor, Coordenador Pedagógico, Diretor e Supervisor da Rede Estadual de São Paulo.

### ***Monja Heishin Gandra***

Monja zen budista. Nome civil: Maria de Lourdes Ribeiro Gandra. Pedagoga de formação e com atuação na área pública do governo do estado de São Paulo e, na área religiosa, como monja. Tem 63 anos de idade.

### ***Movimento Ocupa a Cidade***

Grupo de professores e gestores de escolas públicas, artistas e ativistas, construindo novas experiências e compartilhando conhecimento em diferentes territórios da cidade de São Paulo. Os coletivos que integram o Ocupa a Cidade apresentam potencialidades de cada território na construção de um projeto de ocupação de uma cidade em cultura e educação. Realiza vários eventos, entre eles: lives; saraus; edições anuais.



**Muna Zeyn**

Assistente Social . Membro do comitê estadual de vigilância e mortalidade materna do estado de São Paulo. Faz parte do mandato da Deputada Luiza Erundina. É autora da campanha” Rompa o silêncio e denuncie a violência, quem se cala compactua,” pelo conselho estadual da condição feminina.

**Natalia Figueiredo Goncharenco**

Professora de Língua Portuguesa, do ensino Fundamental, desde 2005. Começou a lecionar nas escolas públicas do Estado de São Paulo e hoje leciona em uma escola particular na região de Pirituba. Fez Pedagogia e se formou em 2013. Faz pós em Psicopedagogia.

**Nicolle Rebelo de Araujo**

Possui graduação bacharelado em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero(2016). Atualmente é Estagiária de Pedagogia da Escola Municipal Gladston Jafet.

**Nita Freire**

Ana Maria Araújo Freire, também conhecida como Nita Freire, é graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Moema (1975), é mestra em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC/SP (1980) e doutora em Educação ( Currículo) pela PUC/SP. Atualmente se dedica a organizar, publicar e divulgar a obra de Paulo Freire, como sucessora legal do educador. É Doutora Honoris causa pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas.

**Olga Kalil Figueiredo**

Pedagoga. Professora aposentada da rede municipal de São Paulo Coordenadora do NAE-4 de 1989 a 1992, durante o governo de Luiza Erundina/Paulo Freire secretário da educação.

**Olgair Gomes Garcia**

Pedagoga com Mestrado em Currículo e Doutorado em Psicologia da Educação. Foi professora de Didática e Prática de Ensino no Ensino Médio e no Ensino Superior, e Didática do Ensino Superior. Foi Coordenadora Pedagógica e participa como idealizadora do PROVE.

***Pedro de Carvalho Pontual***

Mestre e Doutor em Educação pela PUC-SP, colaborador da Cátedra Paulo Freire do Programa de Pós-Graduação Educação e Currículo. Tem experiência na área de educação, com ênfase na área de educação popular, atuando em temas como educação para a cidadania, políticas públicas, gestão democrática e participação social.

***Pedro Paulo Chieffi***

Médico formado pela Faculdade de Medicina da USP, em 1969; Mestre em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP; Doutor em Ciências (opção Parasitologia) pelo Instituto de Ciências Biomédicas da USP, em 1985. Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Parasitologia, desde 2014; Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, desde 2019.

***Regina Célia Santiago do Amaral Carvalho***

Mestra em História da Ciência e Educação Matemática - Licenciatura e Bacharelado em Filosofia da Ciência e Matemática - Pedagoga - Trabalhou na DOT (Diretoria de Orientação Técnica) em Currículo, na administração da Prefeitura Erundina e Paulo Freire- Nos projetos de Orientação Curricular via Interdisciplinaridade e no projeto da 5ª série.

***Regina Célia Soares Bortoto***

Aposentada como diretora de escola, da Rede Municipal de Ensino de SP. Integrante do Movimento pela Reapropriação da Fábrica de Cimento Portland Perus, do Movimento Território de Interesse da Cultura e da Paisagem Perus, Anhanguera e Jaraguá, da Universidade Livre e Colaborativa e da REPEP, Rede Paulista de Educação Patrimonial.

***Regina Inês Villas Bôas Estima***

Pedagoga e Geógrafa formada pela USP. Mestre em Educação formada na FEUSP. Foi Professora, Coordenadora Pedagógica e Diretora de escola na Rede Municipal de Ensino de São Paulo e Professora de Geografia do ensino médio.

***Renata Cristina Dias Oliveira***

Pedagoga e Mestre em Educação. Trabalha desde 1994 na Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo onde na atualidade é Coordenadora Pedagógica de um Centro de Educação Infantil. Membro do Grupo Gestor do Fórum Paulista de Educação Infantil.

***Rosa Olivia Rios Herane***

Professora e Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de São Paulo desde 1981. Trabalhou no NAE 3 de 1989 a 1992. Continua na ativa como Coordenadora Pedagógica na EMEF Ruy Barbosa, DRE J-T.

***Rosana Aparecido Ferreira Pontes***

Licenciada em Letras, Pedagogia e Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Santos, sob orientação da Profa. Dra. Selma Garrido Pimenta. Atualmente, é professora do curso de Pedagogia e bolsista Capes, como professora formadora pesquisadora do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Programa PARFOR), na Universidade Católica de Santos.

***Rosaura Aparecida De Almeida***

Formada em Pedagogia, com habilitação em Educação Especial, pela PUC Campinas; Especialista em Gestão de Redes Públicas, pela USP- Ribeirão Preto. Foi Professora na Educação Básica (de 1985 a 2001), Diretora de Escola (2002 a 2004) e Supervisora de Ensino desde 2004. Atualmente é Diretora Presidente do Sindicato APASE.

***Rosaura Soligo***

Formação em Psicologia e Pedagogia, mestrado e doutorado em Educação pela Unicamp. Integrou a equipe de formação de professores alfabetizadores na Gestão Paulo Freire na Secretaria Municipal da Educação de São Paulo. Atualmente coordena grupos de formação independentes e presta assessoria a instituições educativas públicas e privadas. Site: <https://rosaurasoligositeoficial.wordpress.com/>

***Roseli Franciulli***

Formada em Pedagogia. Atuou na PMSP de 1973 a 1997. Aposentou-se e foi trabalhar no CENPEC como formadora de professores, gestores de escolas e equipes de Secretarias de Educação. Hoje, aposentada.

***Roseney Rita Teggi Kotait***

Professora aposentada da Prefeitura Municipal de São Paulo. Trabalhos na Divisão de Orientação Técnica - DOT 2: Membro da equipe de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Participação nos projetos: Interdisciplinaridade; Visão de Área (Língua Portuguesa e Inglesa); 5a série - Curso Piloto - NAE-10; Cursos de Capacitação para Professores.

***Rubens Barbosa de Camargo***

Possui graduação e Licenciatura em Física, Mestrado e Doutorado em Educação. Foi professor da Educação Básica na rede pública e privada em São Paulo (1978 a 1992). Atuou na gestão da Secretaria Municipal de Educação do Município (SME) de São Paulo de 1989 a 1992.

***Rui Alves Grilo***

Professor aposentado. Mestre em educação. Deu aulas em 1971 no MOBRAL e na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Integrou a equipe da Divisão de Orientação Técnica - DOT na gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação.

***Ruth Ribas Itacarambi***

Bacharelado e Licenciatura em Matemática, no IME- USP. Realizou Mestrado e Doutorado na área de Didática em Educação Matemática na FEUSP. Foi professora da Escola de Aplicação da FEUSP e professora efetiva da SME de SP. Educadora do CAEM e coordenadora do GCIEM (Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática).

***Samantha Meconi***

Atua na rede pública da PMSP há 16 anos. Foi Diretora de Escola e desde 2017 é Supervisora Escolar na Diretoria Regional de Pirituba/Jaraguá. Mestre em Educação e Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. Integra o Movimento Ocupa a Cidade, os Coletivos Paulo Freire Noroeste e Intersetorial e o Coletivo da Supervisão Taipas-Perus, no qual coordena com outras três supervisoras os “Diálogos no Território Noroeste”.

***Sandra Greco da Fonseca***

Pedagoga. Atuou na Rede Municipal de Ensino de São Paulo de 1982 a 2005. Participou da construção do NAE 3 na gestão Luiza Erundina. Prestou serviços em SME/Gabinete na Gestão Marta Suplicy. Militante na área de Direitos Humanos da Criança e Adolescente; ex - conselheira militante do CNDH.

***Selma Garrido Pimenta***

Pedagoga com Mestrado e Doutorado em Educação: Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FE - USP. Coordena (em parceria) o GEPEFE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação do Educador, junto ao programa de Pós-Graduação em Educação – FEUSP. É Pesquisador Sênior CNPq.

**Selma Rocha**

Professora temporária da Faculdade de Educação da USP. Foi membro do Conselho Municipal de Educação (2014-2020), Secretária Municipal de Educação de Santo André (1997-2000) e Assessora do Gabinete da Secretária Municipal de Educação da SME-SP (1989-1992).

**Sérgio Haddad**

Educador, pesquisador e ativista social, formado em economia e pedagogia, doutor em Educação pela USP, Coordenador da ONG Ação Educativa, ex-professor da PUC-SP.

**Sérgio Pereira Nogueira Júnior**

Doutorando no programa de Pós-Graduação da UNISANTOS, integra o grupo de pesquisa "Currículo e Formação de professores: diálogo, conhecimento e justiça social", coordenado pelo Professor Dr. Alexandre Saul. Atualmente é coordenador de Pastoral e Ensino Religioso no Liceu Santista, na cidade de Santos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino Religioso e Pastoral.

**Sidnei Dalmo Rodrigues**

Professor de História aposentado (1985-2019) da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Na Rede Municipal, trabalhou na Gestão Luiza Erundina (1992); Marta Suplicy (2001-2004); Fernando Haddad (2013-2016).

**Silvana Canônico**

Coordenadora pedagógica aposentada da PMSP. Trabalhou no NAE 05 na gestão de Luiza Erundina e do Prof. Paulo Freire em SME. Atualmente assessora da rede Maple Bear.

**Simone Vicente Bortoluzo**

Educadora colaboradora do Grupo de Pesquisa sobre Educação e Justiça Social (UNISANTOS SP) Voluntária no cuidado do idoso institucionalizado e na alfabetização de adultos no projeto Soletre - TRE/MT. Mestre em Estudos sobre Envelhecimento pelo Programa de Antropologia Social/UFMT. Especialista no Ensino e Aprendizagem da Língua Inglesa e no Ensino de Inglês Instrumental pela UFMT. Graduada em Letras - Português-Inglês pela UFMT

***Solange Oliveira Ferreira***

Especialização em “Gênero e Diversidade na Escola” UNIFESP. Formação em Orientação Sexual ministrado “GTPOS” em parceria com PMSP. Estágio de Formação no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos em Sévres. Curso Tecendo Gênero e Sexualidade nos Currículos da Educação Infantil pela USP. Mestre em Educação pela UNIFESP. Diretora de escola na PMSP

***Sonia A. Martins de Santana***

Arte - educadora e pedagoga, professora na prefeitura de São Paulo. Foi Integrante do NAE 10, equipe Inter. Diretora na EE Madre Paulina/1998. Lecionou na Universidade Cruzeiro do Sul, em 1998. Participou da equipe pedagógica da Coordenadoria de Educação de São Miguel/2001. Gestora do CEU Pq. São Carlos/2003.

***Sonia Maria Portella Kruppa***

Licenciatura em Ciências Sociais e Pedagogia , Mestrado em Educação (1994) e Doutorado (2001). Trabalhou em administrações públicas municipais e federal nas áreas da educação e trabalho. Atualmente, é Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

***Suzir Palhares***

Professora, Coordenadora Pedagógica, Supervisora, teve sempre a Formação (professores, CPs, Diretores - e a minha) como centro de seu trabalho, e foi na gestão Paulo Freire, ao coordenar Grupos de Formação, que aprendeu o valor de tal prática, discutindo aspectos da prática político-pedagógica. Cabe mencionar FEUSP, Escola Cooperativa, Sidarta, Singularidades, Fizo.

***Tamara Castro***

Bacharel em Letras e mestre em Cultura, Organização e Educação (USP). Editora de textos e curadora de materiais jornalísticos e pedagógicos voltados à educação básica no Cenpec. Tem poemas publicados nas antologias Mar selvagem (Santos: Imaginário Coletivo, 2017), Promessas de primavera e Apenas mais um livro de amor (São Paulo: Jogo de palavras, 2018). Blog: [camisadevento.blogspot.com](http://camisadevento.blogspot.com)

***Teresa Silvestre Damasio***

Pedagoga e Formada em Artes

***Tereza Beatriz Ribeiro Herling***

Arquiteta urbanista, Doutora pela FAUUSP, com longa trajetória na área de implementação de políticas públicas. Como Secretária Adjunta de Desenvolvimento Urbano de São Paulo (2013-2016), participou da elaboração do Plano Diretor e coordenou o Programa Território CEU. É professora da FAU-Mackenzie e consultora em políticas públicas.

***Tereza Lajolo***

Ex-vereadora (1982-1995). Foi Secretária de Transporte em 1989, no Governo do PT- Luiza Erundina. Relatora da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Vala de Perus em 1990. Fez parte em 2016 da Comissão da Memória e da Verdade da Prefeitura de São Paulo no governo do PT - Fernando Haddad. Formada em Geografia pela USP/SP e Professora aposentada da Rede Estadual de São Paulo.

***Terezinha A. Sebestyian***

Coordenadora Pedagógica aposentada da PMSP, Pós graduada em educação, Professora de História da Educação no curso de Pedagogia do ensino superior. Participou dos governos Luíza Erundina (NAE-4); Marta Suplicy (SME e Coordenadoria da Lapa); Haddad (DRE Pirituba/Jaraguá).

***Thábata Persintti Martini***

Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Física. Integra o Grupo de Pesquisa Currículo e Formação de Professores: diálogo, conhecimento e justiça social. Pedagoga. Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas e Mestranda em Educação, na Universidade Católica de Santos, sob a orientação do Professor Dr. Alexandre Saul.

***Thais Morgado dos Santos***

Pesquisadora mestre pela Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação pela Universidade Católica de Santos. Graduada em Letras Português-Inglês pela UNISANTOS. Atuante como professora de Língua. Integrante do grupo de pesquisa Currículo e formação de professores na perspectiva crítico-libertadora e membro da Cátedra Paulo Freire UNISANTOS.

***Thiago Ferauche***

Doutorando em Educação na Universidade Católica de Santos, Mestre em Tecnologia da Informação Aplicada - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Atualmente é Agente de Tecnologia da Informação no Tribunal Regional do Trabalho, atuando como assistente na Coordenadoria de Sistemas de TIC e professor nos cursos de Sistemas de Informação e Ciência da Computação da Universidade Católica de Santos.

***Valdeck de Garanhuns***

Pedagogo e artista polivalente, que faz de sua arte um instrumento de educação e divulgação da nossa cultura. Mamulengueiro, poeta, compositor, ator, artista plástico e contador de histórias. Suas obras integram inúmeras coleções particulares e o acervo do Museum für Völkerkunde em Frankfurt na Alemanha, America's Chamber of Commerce de New York e Brazilian American Cultural Institute de Washington - EUA.

***Valter de Almeida Costa***

Doutor em Educação Currículo pela PUC/SP; Mestre em Educação pela FEUSP; Licenciatura em História pela U.M.C. Atuou como professor de História, Coordenador Pedagógico e Supervisor Escolar. Em 1992, integrou a equipe multidisciplinar do NAE 9, da SME. Entre 2013 e 2016 foi Diretor Regional de Educação da DRE - Itaquera.

***Vânia de Azevedo Lage***

Diretora de Escola, integrante da ONG Interludium Centro de Estudos do Movimento Operário.

***Vera Lúcia Trevisan de Souza***

Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, mestre e doutora em educação: psicologia da educação pela PUC-SP, bolsista produtividade CNPq.

***Vera Lúcia Vieira***

Professora aposentada. Técnica em planejamento de políticas públicas em Educação. Professora Doutora em História. Coordenadora do Centro de Estudos de História da América Latina, Presidente da Associação dos Docentes de História da América Latina e Caribe, Coordenadora do Observatório da Violência Policial e Direitos Humanos.



***Vera Maria Nigro de Souza Placco***

Pedagoga e Orientadora Educacional pela USP. Mestre e Doutora pela PUC-SP. Professora titular dos Programas de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação e Educação: Formação de Formadores – PUC-SP. Formadora de Professores e Gestores da Educação Básica. Autora de artigos e livros sobre Formação de Professores e Coordenação Pedagógica.

***Vitor Henrique Paro***

Professor titular (colaborador sênior) na Faculdade de Educação da USP, onde exerce a docência e a pesquisa, e coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar - Gepae. Foi pesquisador sênior na Fundação Carlos Chagas e professor titular na PUC-SP. É autor de vários livros.

***Waira Aranha***

Graduação e mestrado em DIREITO. Especialista em: Metodologia do Ensino Superior; Direito Eleitoral e Processo Eleitoral. Experiência didática e de consultoria na área de Direito, com ênfase em Direito Público. Doutoranda em Educação da Unisantos. Integra o Grupo de Pesquisa "Currículo e formação de professores: diálogo, conhecimento e justiça social", coordenado pelo Professor Doutor Alexandre Saul.

***Walkiria de Oliveira Rigolon***

Pedagoga, Mestre em Educação pelo Programa de Psicologia da Educação da PUC/SP e Doutora em Educação pela Unicamp. Professora dos anos iniciais da rede pública estadual paulista, do Ensino Superior e atua como formadora de professores e gestores.

***Walter Omar Kohan***

Professor titular da do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pesquisador da Universidade - CNPq e da FAPERJ. Pós-doutor pelas Universidades de Paris 8 (Francia) e British Columbia (Canada), é autor, entre outros livros, de "Paulo Freire, mais do que nunca" (Vestígio, 2019), traduzido ao castelhano (CLACSO, 2020) e inglês (Bloomsbury, 2021).

***Yara Maria Mattioli***

É pedagoga, com especialização no Desenvolvimento da Linguagem oral e escrita e na Abordagem psicológica do cotidiano escolar. Foi Professora e Coordenadora Pedagógica; prestou Serviços Técnicos no Núcleo de Ação Educativa - Campo Limpo e foi Diretora de Orientação Técnica da SME -São Paulo, onde coordenou o processo de elaboração de orientações curriculares. Foi membro do Conselho Municipal de Educação - São Paulo.

***Yasmin Sanchez***

Imprensa Jovem na Escola- ex-aluna da EMEF Júlio de Oliveira.

***Yves Joel Jean Marie Rodolphe De La Taille***

Professor Titular aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. É especialista em Psicologia do Desenvolvimento e realiza pesquisas na área da psicologia moral, publicou diversos artigos e livros sobre o tema. Seu livro Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas recebeu o prêmio Jabuti em 2007.

***Zoraide Inês Faustinoni da Silva***

Mestre em Filosofia da Educação pela PUC/SP. Professora e coordenadora pedagógica aposentada da rede municipal de ensino de São Paulo. Foi coordenadora da Divisão de Orientação Técnica de Educação Infantil e Alfabetização na gestão Paulo Freire/Luiza Erundina. Integra, atualmente, o Coletivo Paulo Freire em São Paulo.